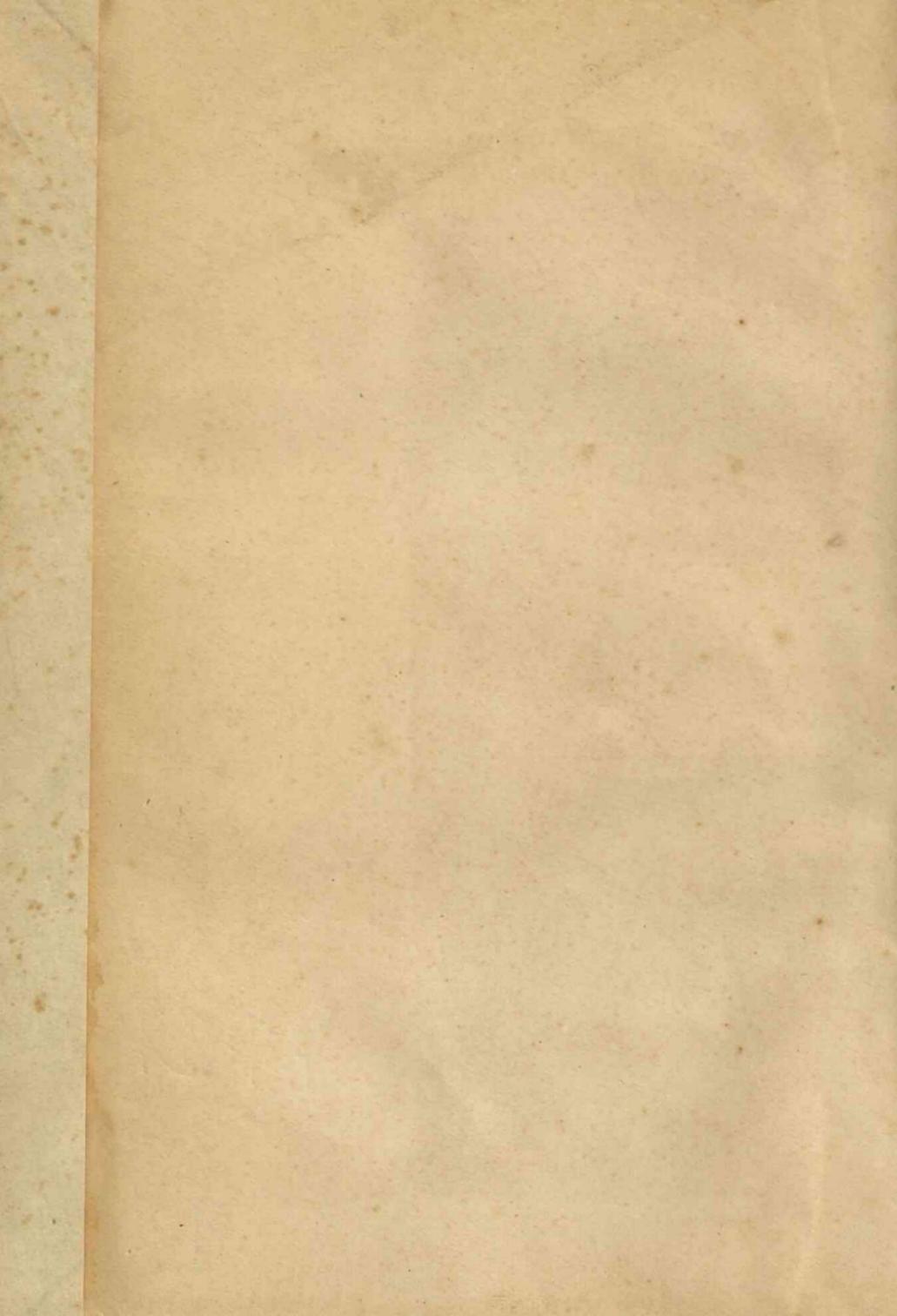


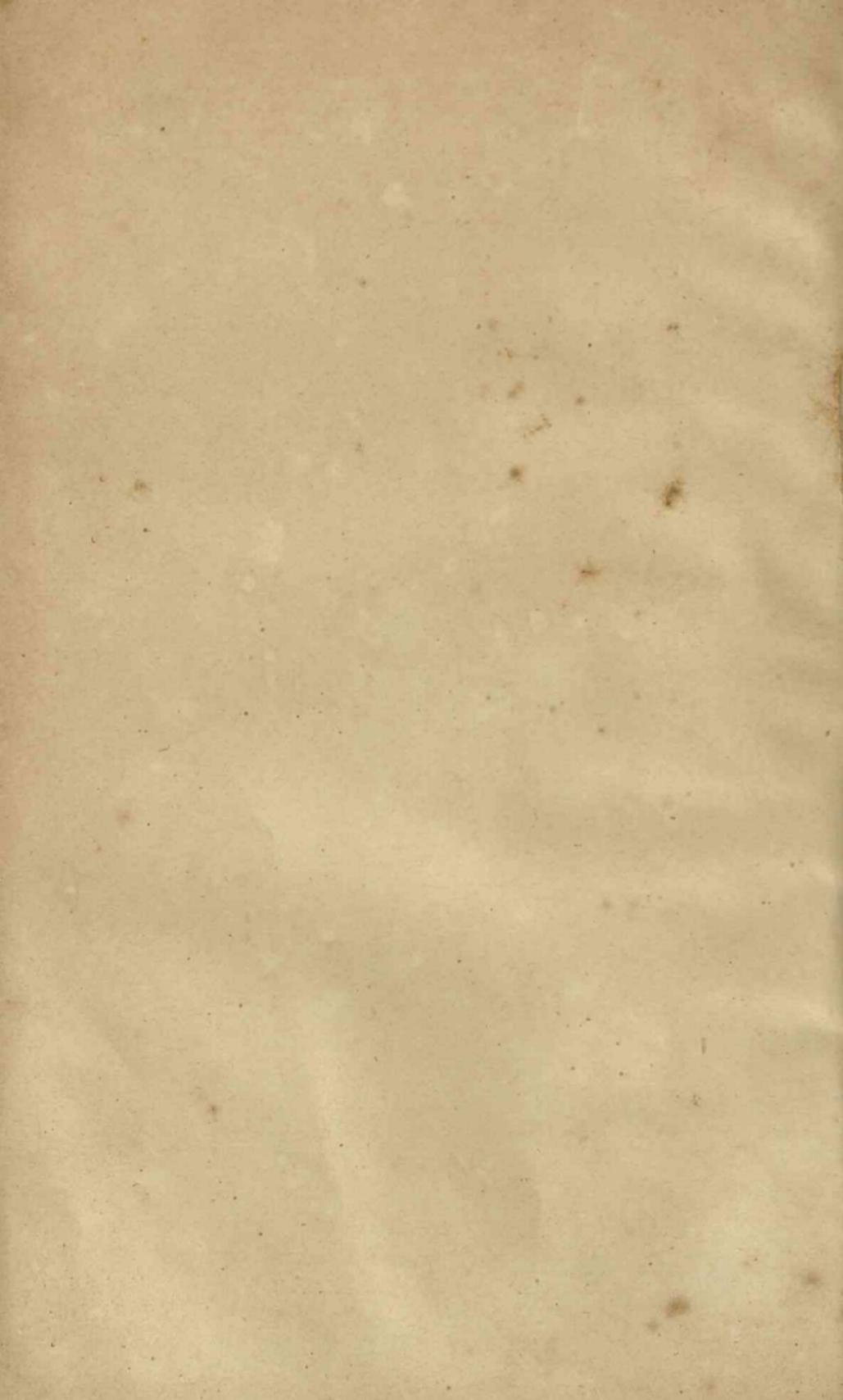


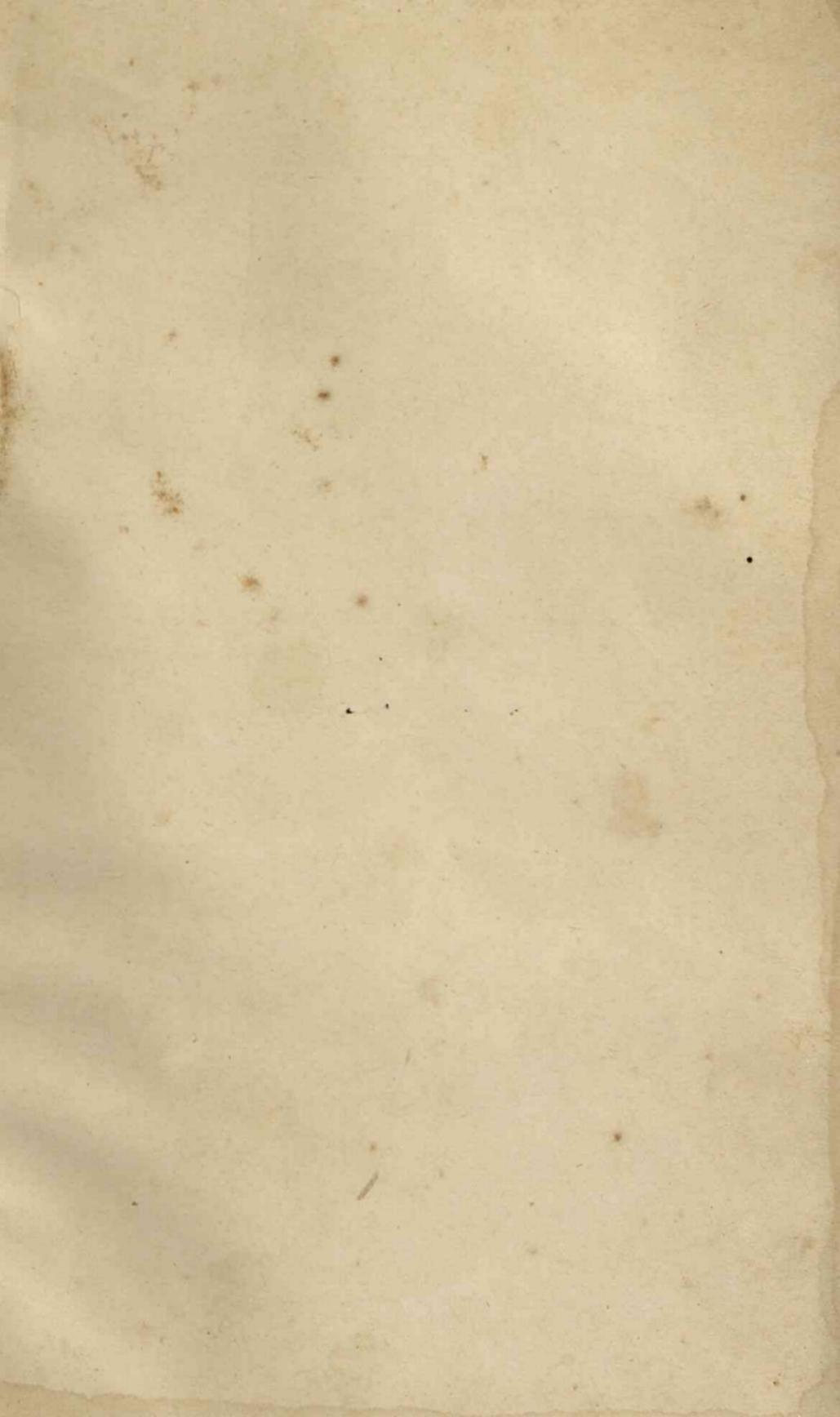
47-31
of
92

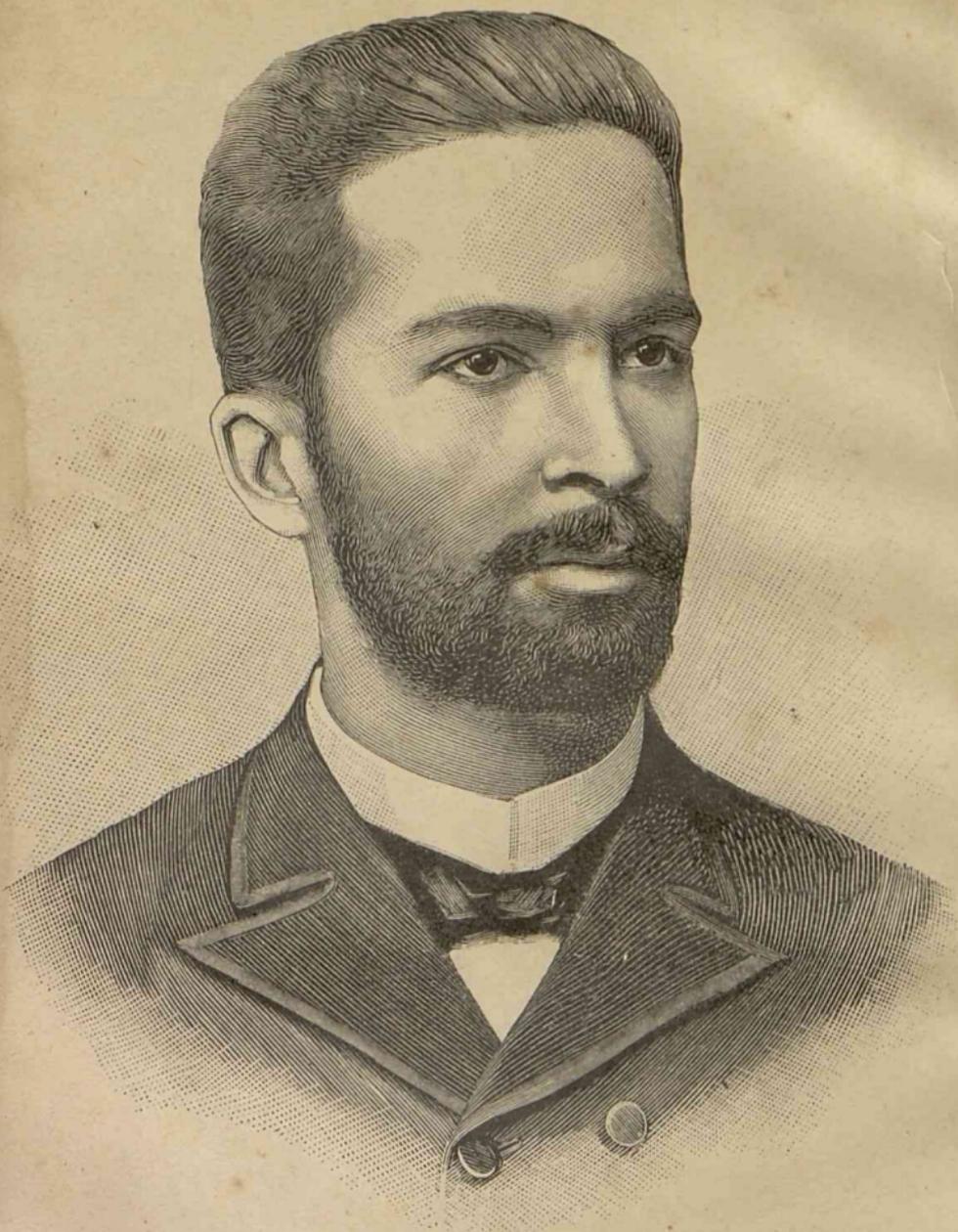


S41

MEMORIAS E VIAGENS







Dr. Silva Jardim

SILVA JARDIM

MEMORIAS E VIAGENS

I

CAMPANHA

DE

UM PROPAGANDISTA

(1887-1890)



1891

IMP. DA COMPANHIA NACIONAL EDITORA

50, Largo do Conde Barão, 50.

LISBOA



A idea republicana teve no Brazil dois grandes servidores: Benjamim Constant que a nossa constituição com tanta justiça cognominou o fundador da Republica, e Silva Jardim de quem se pode dizer não com menos razão, que foi o seu precursor.

Estes dois patriotas, que se tinham devotado ao triumpho da mesma causa, viveram entretanto quasi estranhos um ao outro embora se conhecessem e se estimassem. Filhos da mesma escola philosophica, tinham repellido igualmente as aberrações que alguns quizeram fazer passar no Brazil pela verdadeira expressão do pensamento do Mestre; animados do mesmo amor da patria queriam servir a ambos por meios identicos; visando um mesmo ideal, esforçaram-se em realizal-o quasi ao mesmo tempo. Mas a differença

de annos, as circumstancias e os meios em que viveram impediram uma intimidade que teria sido sem duvida altamente proveitosa á republica e ao paiz.

Benjamim Constant realisou o que Silva Jardim tinha annuciado, o advento da republica pela revolução. Aquelle foi a alma do movimento de que este foi o messias. Ambos desapareceram antes de ter podido executar tudo o que promettia o seu saber e o seu grande amor da patria.

Silva Jardim foi d'estes homens que representam em uma epocha dada a expressão viva de todo um povo. Consubstanciou na sua personalidade a idea republicana no momento historico em que essa idea era a aspiração vehemente do Brazil inteiro, fez-se o apóstolo d'ella e pode quasi dizer-se que foi o seu martyr.

Era em 1888; a propaganda em favor da abolição da escravatura tinha attingido o seu auge. O triumpho dos abolicionistas estava proximo. O throno até alli recalcitrante ia ceder, decretando a abolição immediata e sem restricções. O impulso revolucionario que esta propaganda dera ao paiz não se acalmaria porém por

tão pouco. A monarchia hesitara muito em sancionar a liberdade dos escravos, a agitação prolongara-se por um espaço de tempo demasiadamente longo para poder cessar repentinamente. A lei de 13 de maio era tão tardia que os propagandistas já não ficariam reconhecidos á coroa, porque sabiam que ella só cedia deante do perigo da propria salvação, e os interesses feridos nem por isso se mostrariam menos irritados. Tornava-se necessario; aproveitar esta crise em favor da Republica; recolher o esforço de todo o apostolado republicano que vinha desde de 1870 prégando a boa nova para identifical-o com a emoção que agitava o paiz; justificar a continuação da campanha por meio de todos os incidentes da marcha de um regimen que se compromettera para sempre na opinião, formulando explicitamente a aspiração nacional pela republica. Eis a situação em que surgiu Silva Jardim. Eis a missão que elle a si mesmo se impoz.

O mau estar do paiz era evidente, os symptomas precursores da tempestade que ia arrastar as instituições estavam-se precipitando com incrivel rapidez. Descontentamento da lavoura lesada nos seus interes-

ses materiaes pela abolição, desamor do exercito constantemente esquecido e até systematicamente desconsiderado, aversão popular pelo proximo advento de uma princeza beata e pouco sympathica, tudo eram elementos de desorganisação e de ruina que de ha muito vinham minando a monarchia. Silva Jardim tomou sobre os seus hombros a tarefa herculea de coordenar todos estes elementos diversos para mais precipitar a queda do throno, derramando na alma popular o ideal republicano, levan'lo-o com a sua palavra eloquente até ás camadas mais profundas da nossa sociedade atravez de todo o paiz, fallando aos sertanejos de Minas e aos proletarios de Pernambuco, aos caipiras de São Paulo e aos cidadãos do Rio de Janeiro, a capital.

Filiado á doutrina philosophica de Augusto Comte, guardara sobretudo dos seus ensinamentos as grandes concepções sociaes, do seu culto o amor da patria, da sua pratica o ardor civico, e como no Brazil a republica fosse a base de todo o progresso foi á realisação d'ella que consagrou todo o seu talento, todos os seus esforços, toda a sua vida emfim.

Formara o character na lucta com as difficuldades da existencia. A pobreza ensinara-lhe a não desprezar os problemas praticos da vida, preservando-o das aberrações do pedantismo academico, salvando-o da vã fatuidade dos nossos bachareis.

Dotado de aptidões pouco communs, que muito novo revelara e que a idade e o estudo desenvolveram atravez dos constantes esforços que tivera de empregar para vencer o caminho da vida; preparado assim pela experiencia propria e pela lição dos mestres, o seu temperamento e a sua educação levaram-o a entrar na arena onde se travara o combate das ideas novas contra o tradicionalismo monarchico occasionalmente implantado no nosso paiz e já agora em vespers de desaparecer desacreditado por cincoenta e tantos annos de uma experiencia desastrosa.

Surge o brado patriotico dos vereadores de São Borja, pedindo ás camaras que se consultasse o paiz sobre a oportunidade de pronunciar desde logo a destituição da monarchia pela morte de D. Pedro, visto, como diziam elles, a herdeira do throno era uma princeza fanatica, casada com um principe estrangeiro.

A emoção produzida pela iniciativa audaz da modesta camara municipal de provincia que o telegrapho se encarregava de transmittir aos quatro cantos do Brazil é enorme. O governo resolve castigal-a, os jornaes tomam a si o incidente e discutem a legalidade do acto dos vereadores de São Borja. Silva Jardim aproveita-se da occasião e enceta a campanha que resolvera emprehender, realizando em Santos o seu primeiro meeting republicano, e revelando-se o que sempre foi, orador eloquente, cheio de fogo ao mesmo tempo que politico habil para conduzir e arrastar a multidão. O seu meeting a que o governo não ousa oppor-se é um triumpho.

Desde logo começa essa campanha ingente de meetings, de conferencias, de manifestos, de artigos de jornal, em que se empenha toda a sua actividade e que subsistira como um exemplo do que pode um animo generoso ao serviço de uma nobre causa. E desde logo começa tambem a celeuma que se levanta contra elle. Os nossos adversarios politicos comprehenderam que estavam em frente de um homem capaz de arrigimentar as forças do partido republicano, insprimir-

lhe a cohesão e unidade que lhe faltava para dar o assalto regular e definitivo às instituições monarchicas. Também recorreram a todos os meios para impedir a execução d'esta campanha; ameaças de morte, assaltos á mão armada, desordens provocadas nos meetings, todos os processos em uma palavra de que lançam mão em taes occasiões os governos baldos de prestigio na opinião publica.

No espaço de pouco mais de anno e meio, Silva Jardim achou meio de percorrer provincias inteiras, levando de villa em villa a boa nova, animando os cor-religionarios, convertendo os indecisos, e algumas vezes mesmo os adversarios.

Ouviram-n'o os povos de Rio Claro, Limeira, S. Carlos do Pinhal, Campinas, Jacarehy, Taubaté, Pindamonhangaba, Guaratinguetá, Lorena, Rezende, Barra Mansa, Barra do Pirahy, Vassouras, Valença, Parahyba do Sul, Petropolis, Friburgo, Cantagallo, S. Fidelis, Campos, Macahé, Barra de S. João, Capivary, Rio Bonito, Itaboraby, Nitheroy, Juiz de Fóra, Mar de Hespanha, Pomba, Rio Novo, Ubá, Rio Branco, Ponte Nova, Cataguazes, Leopoldina, Santa Luzia, Caxambú, Prados,

S. João d'El-rei, Queluz, Ouro-Preto, Carandaby, Bahia, Recife, Nazareth, Timbauva, Goyana, Iguarassu, Olinda, Palmares, Escada e Victoria; mais de sessenta cidades disseminadas sobre uma area extensissima. Venceu toda a sorte de fadigas, toda a especie de difficuldades, todos os generos de perigos; nem as distancias, nem a má vontade de uma certa fracção do publico, nem as ameaças dos monarchistas, nem as violencias da policia puderam detel-o.

No dia 15 de novembro de 1889 Silva Jardim foi com José do Patrocinio e Annibal Falcão dos que salvaram a revolução das hesitações da ultima hora, proclamando solememente a republica na Camara Municipal e levando essa proclamação ao chefe do movimento militar.

O propagandista teve pois a satisfação de ver fundada a Republica no Brazil, mas não alcançou o triumpho das suas ideas na medida do que lhe promettia a somma de energia que puzera ao seu serviço.

Affastado momentaneamente do Brazil, pelos acasos da politica, Silva Jardim procurava na sociedade dos republicanos francezes e na recapitulação intima da sua

vida publica dar ao seu animo a nova tempera que as novas circumstancias da patria exigiam. Revigorava o espirito com a experiencia alheia e servia o seu paiz e a sua causa no estrangeiro. Desprezando a erudição banal dos visitantes dos museus e dos *touristes* do boulevard colhia na convivencia dos homens eminentes de França a lição pratica da vida politica e intellectual d'este grande povo, iniciador da idea republicana no mundo. E enquanto, ia rememorando dia a dia no livro que deixou escripto a historia das suas luctas dos seus dissabores e das suas esperanças.

Silva Jardim não conheceu a descrença que só acomette os fracos como não conheceu o desanimo que é privilegio dos pusilanimes. Ao contrario d'isto a sua fé ia até á illusão e a sua coragem até á temeridade, e uma temeridade roubou-o á patria e aos seus.

A sua acção foi certamente decisiva e o effeito da sua palavra entra por muito no desenvolvimento do pensamento republicano na nossa patria. Basta lèr os seus discursos para avaliar quanto foi immenso o seu alcance. N'elles encontramos o cunho positivista e a prova do papel que teve a religião da Huma-

nidade na transformação politica porque passou o Brazil.

Com effeito, Silva Jardim soube tomar ao Positivismo mais do que as suas formulas, o seu espirito sociologico para applical-o á solução do caso concreto que tinha a considerar.

Por todos estes titulos o seu nome, um dos mais populares da Republica, se perpetuará como um modelo de coragem civica, como uma tradição do mais puro patriotismo, como um exemplo de dedicação á causa publica.

A cada passo, ao percorrer as paginas repassadas do mais accrisolado amor da patria d'esta *Campanha de um propagandista*, se descobre a sinceridade das convicções e a dedicação inexcedivel pela republica aliadas a uma profunda intuição da nossa situação politica. Ha n'ellas ensinamentos que todos os brasileiros devemos meditar.

Paris, 15 de agosto de 1891.

OSCAR D'ARAÚJO.

CAMPANHA DE UM PROPAGANDISTA



Mas, afinal, para que isto? Talvez o pergunte o leitor ao abrir este livro. Que me importam a mim os episodios de uma campanha de propaganda das idéas republicanas, quando essas idéas já triumpharam, ao menos de direito, no local em que eram prégadas? Historia? Mas essa propaganda não passará de uma pagina na historia inteira de um paiz e de um capitulo na da sua installação democratica. E a mim que me importam, demais, os episodios da vida do propagandista, as difficuldades em que se viu na agitação em que interveio, as apreciações que fará sobre os homens e as cousas, recordações historicas de mistura com tantas outras: anedotas, caracteres rapidamente traçados, fracas paizagens, descripções de logares a vôo de passaro, affirmações e juizos ás vezes a meio? Pretensão e vaidade do auctor, em resumo.

Não tanto assim, amigo leitor, que certo não és compatriota nem correligionario benigno, e muito menos eleitor amigo. Pensas que só ha agora agir para melhorar a sorte da Republica e te esqueces de que na visão das luctas que tiveram os que trabalharam para estabelecê-la encontrarás alentos para o teu combate de homem e de cidadão, combate a que não podes fugir, a menos que desejes ter vindo ao mundo apenas para augmentar o adubo das terras com o teu corpo. E te esqueces ainda de que d'aquella installação na patria que agora habitas foi essa propaganda a nota decisiva como preparação definitiva dos espiritos a um certo fim, que tu applaudiste com muito juizo no dia 15 de novembro de 1889, dizendo que já eras o que todos queriamos de longa data que fôsses.

Pensas inuteis os detalhes da vida de um homem e olvidas que todo o homem é um documento social, como todo o cadaver é um depoimento da morte para a vida, e que, para comprehendê-lo e julgá-lo, a esse homem, é mistér saber, por elle ou por outrem narrado, um pouco da sua existencia, um bocadinho util, emfim, desde que trabalhou para alguma cousa justa. Tens opiniões exactas sobre os homens e as cousas que elles determinam, mas, da mesma sorte que te regosijaras em ouvir falar da vida alheia, bem ou mal, embora prefiras

sempre isto áquillo, rogo-te te comprazas tambem em ouvir um pouco, bem pelo mais das vezes, quasi sempre mesmo, de alguns que são em verdade bons, porque trabalharam pelos teus interesses e dos teus semelhantes, passando ás vezes aos teus olhos por loucos, se fora do poder, ou delapidadores dos cofres publicos, se n'elles, felizes por não os collocares no Hospicio Nacional, então de Pedro II, ou á disposição da policia, n'esse tempo ás ordens de um terrivel senhor Basson. . .

Não haverá muita historia ou philosophia a resultar d'estas paginas, mas, com franqueza, dize depois de lêl-as, se o espirito que a ellas presidiu não é philosophicamente um nada superior ao dos pontos que decoraste para um exame rapido de bacharel ou ao das simples noticias de jornal que lêste por desfastio . . Emfim, as paizagens serão fracas e resumidissimas, os logares mal descriptos, os individuos mal estudados, mas, que diabo! tambem não te tens mostrado muito exigente em materia de gôsto e de criterio, e, de resto, — os meus criticos dirão que tambem te prometto gallicismos — tudo será feito para contentar-te o mais possivel.

Memorias chamo este primeiro volume. São memorias de cousas recentes; que importa? Já pertencem á Historia. A situação é já tão outra, e

mesmo tão outros os homens! que já teem seu grande passado as cousas de agora. Parece-me que este documento pessoal, este depoimento de testemunha ás vezes protagonista não é de desprezar. Nem tudo podem dizer as chronicas officiaes ou officiosas, e nem mesmo as do jornalismo; aqui vae alguma cousa a mais ou a menos que o que n'ellas se encontra, util entretanto ao historiador, ao philosopho ou ao politico; por que é preciso irmo'-nos habituando a pensar, e convidando os outros a fazelo tambem, que as nossas cousas já teem sua historia, sua philosophia e sua politica...

Talvez lendo estas paginas apprendas um pouco a conhecer um grande paiz pela sua face a mais importante e a mais desconhecida ou negada—a do seu civismo; talvez mesmo apprendas a fazer melhor justiça a muitos dos seus filhos.

Não esperes entretanto documentos, peças officiaes; espera uma narração ligeira sem leviandade, mais litteraria que outra cousa. Achal-a-has pueril? Só te responderei que do mesmo modo que poderias ler um máu romance sem historia nem verdade, ou uma descripção de viagem que não passasse de um guia annunciador, tambem podes ler estas paginas, em que ao menos encontrarás sinceridade. E não lhe permittirias afinal este consôlo, de lembrar em terra extranha o seu passado e o da sua

terra, no semi-exilio a que o destinaste, a quem para ti trabalha, sem encommenda tua, o que lhe não diminue o merito, e que só te deseje a maior somma de prosperidade a ti e aos teus? Quero crê-lo, e conto com a tua rectidão e benevolencia.

Vale.

Paris, Avenue Villiers, 68,
27 de novembro de 1890.

SILVA JARDIM.

I

Muito pouco de uma casa e de seus habitantes. — Alguma cousa de uma situação social e pessoal. — Autobiographia n'uma época — Sobre um homem de merito — Um partido, seu melo e seus homens. — A ilha Porchat — Um meeting e seus effeitos.

26 de janeiro de 1888. Na modesta sala da frente, ao mesmo tempo de receber e gabinete de estudo, de uma casa, em Santos, conversavamos, Martim e eu.

Casa modesta, situada em uma das praças da cidade commercial de S. Paulo, a praça Mauá; terrea, porta e duas janellas, ligeiramente assobradada, duas salas, tres aposentos de dormida e mais tres peças, tudo pequeno e simples, pouco papel na parede, bastante cal, tapeçaria resumida, meia duzia de quadros, mobilia ligeira, livros em quantidade, ordem regular, asseio e algum confôrto.

Martim: Martim Francisco Filho.

Todas as tardes, recostado cada um de nós no seu ligeiro sofá de palha respectivamente collocado em dois lados da sala, o meu austriaco, genovez o d'elle, — cosmopolitismo e variedade de móveis, como vêem — e mais apenas quatro

cadeiras compatriotas do sofá d'elle, e duas das do meu, canapés que se não eram precisamente o de Bocage, podiam lembral-o por um esforço de imaginação;—todas as tardes era alli que, um em frente do outro, conversavamos sobre a nossa vida, tão intimamente ligada pelo parentesco, pela sympathia e pela amizade, pelo apreço e estima mutua, e até pelo interesse da profissão.

Mas o que alli principalmente discutiamos—por que não seremos justos para nós mesmos?—eram as cousas das letras, da historia, da sciencia e da politica, sem que, de resto, nenhum encargo d'isso tivéssemos, a não ser o que nos dava o nosso patriotismo, elle, afastado dos negocios publicos activos, em cujos dolorosos mysterios eu ainda não havia penetrado.

Vinhamos do nosso escriptorio de advocacia da rua de S. Bento, no centro do commercio, recentemente aberto mas mui favoravelmente presagiado, e depois de jantar cahiamos n'aquelle cavaco ora arrastado e pontuado pelo silencio, ora vivo e movimentado pelo espirito negativista e argumentador d'elle, mais que pelo meu, dogmaticamente contestador.

Havia muito—respondo por nós ambos—que não tinhamos encontrado na vida a hora vaga bastante para a palestra bôa, sã e despreocupada, esse prazer indefinivel de conversar sem assumpto marcado, nem hora limitada, sobre tudo e sobre todos, atravessando os tempos e os logares, indo da Zululandia ao planeta Venus, como de Aristoteles ao vendeiro da esquina: e não era, pois, de admirar, que muitas vezes, á simples vista de um jornal, de um quadro á parede, a uma palavra sôlta ou a uma recordação dispersa,

fôssemos até deshoras na conversa illustrada com a busca que elle fazia dos seus livros ainda encaixotados no seu aposento, e com a minha consulta a um modesto e resumido, mas, garanto-o, succulento armario-bibliotheca, que enfrentava a janella da rua, demonstrando aos transeuntes morar alli um doutor... de poucos livros.

De mim confesso que jamais gosara de contínuo uma tão dôce convivencia com um tão excellente espirito. Moravamos juntos provisoriamente, com as nossas familias, n'esse mesmo prédio. Eu resolvêra o meu cunhado e amigo a vir folhear autos, de sociedade commigo, e havia algum tempo que assim nos haviamos installado. Senhora e um cunhado, verdadeiro filho adoptivo, elle. Senhora e dois pequenos, eu; afora creados.

Podia ser que maïs tarde vivessemos, ou anteriormente tivessemos vivido com maior commodidade; com tanta felicidade, não. Aquella modestissima mobilia era ainda o legado que a sorte das mudanças me deixara, desde uma pequena mesa do tempo de estudante, até uma secretária que recordava o meu segundo anno de casamento, e os restantes da minha installação particular e pedagogica em Santos. Aquella casa era mantida de parceria, para que combinassemos a nossa amizade com os nossos habitos de independencia .. e de economia... Aquella vida era de advogados pobres, de uma bolsa como a d'elle exausta pelas leis eleitoraes, inclusivé a do sr. Saraiva, e de uma carteira, a minha, resumida, como de professor, a quem até ahi pertencêra, profissão que não é a mais apta ao accumulo dos milhões... Era a vida dos que, affrontando honesta e simplesmente a existencia, se se limitavam á cer-

veja nacional ao jantar—salvo um ou outro excesso do ex-deputado e politico mal acostumado—eram illimitados no exacto cumprimento dos deveres para com o Diario e o Razão do sr. Albano, o fornecedor...

*

* *

N'aquelle dia o que nos occupava, preoccupando-nos mesmo, era o dia seguinte. Estava largamente annunciado o meu primeiro *meeting* republicano: aquelle em que se devia protestar contra o acto pelo qual o governo mandara suspender e processar a camara municipal de São Borja, no Rio Grande do Sul. Nas circumstancias em que se achava o paiz, o passo era arriscado.

A agitação abolicionista, com fundas raizes no passado, augmentada por muitos esforços desde Pombal, José Bonifacio e Eusebio até Rio Branco, e desde este até a campanha de então, chegara ao seu periodo critico e decisivo, e esse bello movimento que apaixonara todos os corações bons e todos os espiritos clarividentes, tocava a um termo certamente triumphante. A luçta de propaganda fôra grande, pelo trabalho dos Patrocínio, Bocayuva, Joaquim Serra, Ruy, Nicolau Moreira, V. de Sousa, Clapp, João Cordeiro, João Ramos, Antonio Bento, e ainda o estadista Dantas, os oradores José Bonifacio e Joaquim Nabuco, e os philosophos do Centro Positivista.

Os retardatarios no desistirem do que se chamava a propriedade servil faziam acto de contricção, e a abolição da

escravidão era o anseio e a certeza de proxima realisação para quasi todos.

Mas não para o gabinete que governava, o gabinete Cotegipe. Fizera-se orgam do pensamento reaccionario, capitaneado pelo conselheiro Paulino de Sousa, tendo como elemento de fôrça publica o chefe de policia desembargador Coelho Bastos. Resolvêra reprimir o movimento abolicionista e para isso tinha tolhido o direito de reunião, depois de haver feito dissolver a pata de cavallo um *meeting* no Rio de Janeiro.

O Imperador estava enfermo na Europa, inteiramente alheio aos negocios publicos, e occupava o throno como regente a princeza Isabel. Ella não gosava de sympathias, pelas suas preocupações religiosas levadas ao excesso, e pelo seu casamento com o conde d'Eu, Gastão de Orléans, neto do expatriado rei de França, Luiz Philippe, e julgado geralmente ambicioso de poder e de fortuna, sem trato social, nem condições de um governo que fatalmente exercia como esposo da futura imperatriz.

Na occasião em que o governo cahia com mão forte sobre o movimento libertador, que fizera obscurecer, embora temporariamente, o movimento directamente republicano, surgia o primeiro signal d'este de modo inopinado. A camara municipal de S. Borja, no Rio Grande do Sul, votava uma representação á assembléa provincial, para que a seu turno representasse á geral, sobre a conveniencia de um plebiscito em que se consultasse a nação se convinha aos seus interesses o terceiro reinado "sendo a herdeira do throno uma princeza fanatica casada com um principe estrangeiro."

A' questão abolicionista juntavam-se duas outras: — a republicana, encetada com o manifesto de 3 de dezembro de 1870, á luz da direcção e da propaganda dos Saldanha Marinho, Bocayuva, Aristides Lobo, Lopes Trovão, Vicente de Sousa, José do Patrocínio, Ubaldino do Amaral, M. Lemos e T. Mendes, Rangel Pestana, Americo Braziliense, Francisco Glicerio, Campos Salles, Alberto Salles, Assis Brazil, Julio de Castilhos, Annibal Falcão, Martins Junior, e tantos outros; movimento por sua vez filho da tradição dos revolucionarios, desde 1720 com Philippe dos Santos, até 1848, Nunes Machado, através dos Tiradentes, Domingos Martins, Frei Caneca, Bento Gonçalves e tantas outras sombras gloriosas; — e juntava-se ainda á questão da abolição a questão religiosa, que tivera em Saldanha Marinho o apóstolo da separação entre a Igreja e o Estado, a um tempo chefe da maçonaria e do partido republicano.

A noticia do acto de S. Borja, transmittida pelo telegrapho, produziu uma commoção de alegria intima entre os republicanos santistas. No grosso da população pensante, commerciantes e membros dos diversos partidos, achou-se graça n'essa idéa feliz e audaz da obscura municipalidade de uma pequena povoação. Como acontece a quasi todas as idéas no Brazil, riram-se d'ella, a principio; mas alguns espiritos tomaram-n'a a sério. Esta não podia furtar-se a esse riso que é uma das notas do character brasileiro, que o applica mesmo ás concepções que chegaram ao seu maior gráu de madureza, e com que é preciso contar em todas as empresas e propagandas; riso, ás vezes sadio, outras meramente destruidor: o riso de um povo novo, mas já de posse do espirito de critica que a corróe

civilização occidental, eivado de boa dóse de scepticismo, mas desassombrado deante dos maiores perigos sociaes e politicos, porque tem a consciencia da sua fôrça e dos seus recursos e da bôa estrella do seu viver. A noticia da repressão do governo revelou, porém, que o gabinete tomava essa idéa ao grave, e no seu verdadeiro character, como um symptoma profundo de repulsa ao throno, e como uma suggestão perigosa e communicativa, não sendo, aliás, um facto isolado, embora sem ligação apparente, mas cujas affinidades elle percebia em tórno de si mesmo, na capital do paiz. A discussão começava de fazer-se na imprensa do Rio, sustentando alguns o protesto de virilidade e autonomia municipal, considerando-o outros nonada, e combatendo-o como rebelde e perverso os partidarios da situação dominante.

Entretanto, uma sympathia electrica communicava-se a todos que commungavam identico credo politico. Mais possuido talvez que outros d'essa sympathia, veiu-me a idéa de exprimil-a e augmental-a.

*

* *

Interrompêra a conversação com Martim e retirara-me por alguns minutos, a passear pela casa e a reflectir. Já repararam que é um bom habito fazer ás vezes de toda uma habitação, uma rua, parte de uma cidade mesmo, um gabinete de trabalho e de meditação? Ao passo que a gente se move, como que o cerebro, possuido de um pensamento, torna-se tambem mais activo e mais lucido. Um largo passeio de um ponto a outro, indo e vindo, seguido de uma

pausa de cuidadosa meditação, resolve ás vezes problemas importantes da vida particular ou da vida publica.

Voltava, e ao entrar na sala, senti um farfalhar de vestidos de alguém, que, erguendo-se do sofá, ia a retirar-se. Percebi que uma conversação rapida tivera logar. Era Guida, minha mulher, que consultava o irmão.

— Acaba de perguntar-me, communicou-me Martim, se não haverá receio de ser você prêso amanhã. Disse-lhe que não posso dar uma opinião sobre o passo que você vae dar, e muito menos dar um conselho. A realisação de um *meeting* nas condições do que você deseja, n'este momento, pode não ter consequencia alguma pessoal, como pode tê-las das mais graves. Nós estamos habituados a não fazer caso das leis, e tem-se gosado de uma certa liberdade de opinião, á fôrça de conquistal-a ao governo; mas o gabinete parece estar resolvido a não consentir que o desautorem. Eu conheço o Cotegipe: é um homem têso. Mas cada um de nós é o melhor juiz de seus actos, e melhor pode avaliar da sua situação.

— Certamente, e as nossas condições não são as mesmas. Tu estás arredado da politica, descrente do futuro do Brazil como uma só nação, e rompeste compromissos de partido. Eu não descreio do futuro, estou mais môço, com o ardor social mais excitado, e sou republicano que pensa dever trabalhar em partido. De resto, nossas ligações de qualquer genero não devem tirar-nos a independencia pessoal.

— Mas estou prompto a prestar-te todo o auxilio, atalhou. Se te prenderem, reagiremos, e se te perseguirem estou cá fora em ultimo caso para defender-te, e cuidar de tua mulher e de teus filhos.

— Obrigado . . . Tua mana tem razão em estar apprehensiva porque é bastante intelligente para comprehender a situação, que um passo traz outro, e que este acto acarretará naturalmente uma serie d'elles. Por outro lado, conhece-me bastante para saber que não sou homem que recue de um caminho depois de n'elle enveredar. Mas, como já te disse, affirmei-lhe que não estou propriamente resolvido a uma campanha de propaganda, e sim a um acto de protesto isolado, que outros repercutirão, se quizerem e puderem. Quero apenas cumprir o meu dever de cidadão. Realmente, receio, como Guida, nem chegar a falar, e da reunião ir parar á cadeia; mas tambem não creio que haja coragem para tanto. Como quer que seja, o *meeting* está annuciado; e já não ha recuar. *Aleu jacta est.*

*

* *

Meia noite. Tinha acabado de architectar o meu discurso. Pensava no seu exordio, na peroração, nas diversas partes, um pouco á classica, um pouco á moderna, tomava mesmo nota de uma ou outra phrase bem inspirada, e fizera uma especie de summario dos assumptos a tratar.

Dividira-o em theses, que escrevêra; mas guardara-me bem de decorar uma oração. Este processo empreguei-o sempre e com o melhor exito; jámais falar sem preparo, mesmo momentaneo; jámais decorar palavras; saber de principio a fim os argumentos a empregar e deixar a forma á espontaneidade da occasião.

Pretendia occupar-me dos Braganças e dos Orléans, sem ferir directamente a questão da forma do governo; mas

sem duvida que nem por isso ficaria menos contundida a monarchia.

Tinha passado em rapida, mas segura revista mental, os meus estudos de philosophia e de politica positiva, e procurado inspirar-me o mais possivel na impressão profunda e serena que me tinha deixado a admiravel systematisação do maior dos philosophos, impressão que sentira mesmo desde que lêra algumas palavras da *Sciencia* de Emilio Littré, e os preliminares que contém a *Doutrina do Real*, de Próspero Pichard, e que se tinham accentuado á meditação dos trabalhos de Teixeira Mendes e de Miguel Lemos, os seus folhetos cheios de unção e verdade, e á leitura cuidadosa que fizera da *Politica Positiva*, desenvolvida pelos trabalhos de Robinet, Pierre Laffitte, e dos demais escriptores da eschola. Parecia-me seguro de que se a emancipação que adquirira de todo o regimen de ficções, pelo estudo das leis naturaes nos phenomenos das sciencias inferiores, o que fizera tanto quanto o permittia a educação academica e a falta de ensino especial, se essa emancipação dava-me a possibilidade de raciocinar sem as illusões nem os erros grosseiros do espirito theologico ou metaphysico, as meditações que realisava sobre a sociologia geral e abstracta applicada á nação brazileira levavam á necessidade da Republica e portanto ao dever de todo o cidadão de approximar o seu advento. Havia alguns mezes que meditava especialmente sobre a historia do meu paiz; tinha mesmo organizado o plano de um livro sobre essa historia, e minha natureza de si ardente, tinha sido muito favorecida pelos estudos que havia feito, o meio em que havia vivido, e a profissão que havia adoptado.

De idéa em idéa, era levado a uma meditação geral sobre minha vida.

Formara-me em Direito, em S. Paulo, em 82, casara-me, e começara a advogar, sendo das primeiras causas que me tinham vindo ao escriptorio as de liberdade de escravizados, das quaes me desempenhara como podia, e com uma completa generosidade. Fôra o caso que o cidadão Archanjo, escrevente de cartorio muito habilitado em cousas de direito positivo, e que trabalhava em frente ao meu escriptorio, abolicionista enraivado que era, me pedira tomasse o encargo de libertar aquelles infelizes; e mais ainda que eram elles justamente *propriedade* de um enriquecido não sem prestigio financeiro e obsequente, o qual se queixara a meu sogro de que eu parecia desejar prejudical-o. Recordava-me de passagem que n'aquelle tempo para nós outros abolicionistas e philosophos a avaliação dos pretos devia fazer-se sempre por uma insignificancia qualquer. Certa vez, cabia a Godofredo Furtado, o digno maranhense, presidente da Sociedade Positivista de S. Paulo e lente de Eschola Normal, o avaliar um d'elles.

— Para mim, disse elle, não vale cinco tostões; por muito favor posso avalial-o em dez mil réis.

Grande espanto, muitas contestações e pedidos.

— Bem, vá lá; fica em vinte. E d'ahi não sahiu.

Continuara a leccionar, já na minha nova cadeira da Eschola Normal, onde antes exercitara na aula primaria os habitos de moderação e paciencia ensinando a creanças durante tres annos, já particularmente, já dirigindo uma eschola; demittira-me d'aquelle cargo, e mudara-me para

Santos, depois da morte de meu sogro, em 1886, e estabeleceu um instituto de instrucção primaria e secundaria, que havia pouco tinha passado a um outro professor, resolvido como estava a exercer exclusivamente a advocacia, embora ainda occupasse ahi algumas cadeiras, licções que realisava todas as manhãs...

Inglez de Sousa — um nome que appareceu e reaparecerá certamente na politica, como Luiz Dolzani — a mesma pessoa — appareceu e apparecerá na litteratura — Inglez de Sousa, velho amigo, ex-redactor da *Tribuna Liberal*, onde eu pelejara lettras e criticas — auxiliara-me na installação d'essa eschola, com o apoio do seu prestigio, da sua animação e das suas relações de advogado já excellentemente gravado de causas. Porque não hei de dizer que desgostos de mais de um genero tendo-me feito, após a morte de meu sogro, e a de uma adoravel filhinha, a minha suave Clotilde Sophia — tendo-me feito abandonar S. Paulo, e me resolvido a pedir demissão do meu cargo de professor vitalicio que era, foi com muita difficuldade em Santos com escassissimos recursos, que comecei ahi meu ensino? E porque não manifestaria o quanto, até onde podia o seu desenvolvimento mental, protegeu a população o meu estabelecimento, permitindo-lhe tornar-se mesmo notavel na provincia pelo completo da casa, ensino, mestres e apparatus? Mas uma grave molestia de minha senhora, o accumululo de serviço que sobre mim pesava, a um tempo director, professor que leccionava a diversas classes diarias, e economo — fatigara-me, além do cansaço e desalento que tristemente a ingrata profissão do magisterio inspira... e, quem sabe? o desejo ancioso

de sahir a um mundo mais largo, onde a actividade maior fôsse tambem melhor aproveitada?... Em compensação, estudara muito, um pouco tambem a guisa do professor de Gil Blas: a falta de professores obrigava-me a manejar os dictionarios, a realisar cursos de inglez e de latim, além dos que fazia completos da lingua materna e franceza, e obrigava-me ao estudo, embora elementar, das mathematicas, da astronomia, da physica e da geologia, etc., que tudo era mistér para corresponder aos compromissos que assumira perante o publico.

Tinha dois filhos; Antonio Alfredo, nascido em janeiro de 83, assim chamado em recordação do typo sacerdotal do santo d'aquelle nome, o meu nome, e do typo politico de Alfredo o Grande, de Inglaterra; e Danton Condorcet, nascido a 14 de julho de 87, depois de uma conferencia republicana em que fôra orador, recordando dois grandes homens da revolução franceza.

Vivia modesta mas desafogadamente, tendo até então abraçado uma profissão difficil, mas em que uma habilitade já hereditaria dava-me o necessario á subsistencia, e mesmo a algumas economias.

Fôra sempre republicano. Quando estudante de preparatorios, no Rio de Janeiro — meu primeiro artigo politico de um jornal de rapazes fôra sobre Tiradentes.

O velho, — velho é um modo de dizer; bem moço que é meu Pae, sómente dezenove annos mais edoso que eu — zangara-se e escrevêra-me a respeito. Eu respondêra que me desculpasse... mas que eram as minhas convicções. Convicções de dezeseis annos: felizmente ficaram para a vida inteira.

Coincidencia curiosa que eu relembra — contra esse mesmo senhor Barão de Cotegipe que obrigava o meu ardor civico ao *meeting* do dia seguinte, escrevêra eu por aquelle tempo uma correspondencia para uma folha de provincia, na celebre questão das *popelines*... Tambem, ao reler o meu artigo publicado, admirei-me de que o homem não tivesse immediatamente deixado o governo...

Formara meu espirito democratico no ouvir os oradores republicanos mais afamados do tempo — Lopes Troyão, José do Patrocinio, Vicente de Sousa; inclinara-me ás letras; pertencêra a diversas associações; ensaiara-me na oratoria: saudara em certa occasião e com exito a Osorio, o vencedor do Paraguay. Isto foi de um modo inteiramente accidental.

Ia passando a procissão popular, que se dirigia ao hotel em que se hospedava o invicto general, como lhe chamavam então, e eu seguia pacificamente pela rua do Ouvidor. Era á tarde.

Mal me vira, Octaviano Hudson, que certamente era um homem bom, tomara-me do braço, a mim, menino quasi, e dissera-me:

— Vamos ao Osorio. Quero que você fale n'esta manifestação.

Foi assim que eu fui e falei.

Matriculara-me em S. Paulo, fôra socio do Club Republicano Academico, de que me afastara pela intolerancia dos que conservavam prejuizos de educação coimbrã, de differenças entre caloiros e veteranos. Queriam negar-me a palavra. E' bem de vêr que protestei... Manhães de Campos, que presidia á reunião — escrevia bem, elle — sorriu

da audacia do caloiro, e consentiu que elle falasse. Porém Theophilo Dias gritara antes que eu estava no meu direito... Afastara-me do club, mas continuara a manter o meu ideal de republicano, que se expandia nas correspondencias para dois periodicos do Rio Grande do Sul, ao contacto de Assis Brazil, Julio de Castilhos, Pereira da Costa, Antonio Mercado, e muitos outros. E mantinha-o, esse ideal, não obstante a convivencia n'uma folha monarchica, a *Tribuna Liberal* em que era apenas revisor e redactor litterario, coagido pela difficuldade de vida, e o meu desejo de diplomar-me, pelo amor á filha de um prócere illustre do regimen de então.

Percebem que me refiro a Martim Francisco, o conselheiro Martim Francisco, lente de S. Paulo, deputado geral, ex-ministro.

Antes e depois de minha união com sua filha, mantivera os meus pontos de vista philosophicos e politicos. Elle sabia, como poucos, respeitar as convicções alheias.

— Se alguma vez teu marido, por si, entender que deve fazer carreira politica, dizia a minha mulher, tem todo o meu apoio; será o que eu puder...

Estimava-me. Como meu coração de apaixonado sentira-se feliz quando n'uma manifestação que a academia lhe fizera, respondêra a um discurso meu com os maiores elogios!

Mas apreciava muito a coherencia nos homens.

— Nunca são bem explicaveis essas mutações, disse-me certa noite, no theatro S. José, referindo-se a um proximo que mudara de vestimenta partidaria. Já eu estava noivo da filha d'elle.

Sempre mantivera a minha independencia politica. De

uma vez fôramos no mesmo dia votar á mesma parochia — cada um na sua *chapa*. Por signal que eu votara em Rangel Pestana, e em outros, creio, não sei mesmo mais para que... se para deputado geral ou provincial... certo que para a Republica.

Meia noite, muito mais de meia noite. Eu revia esse passado inteiro, suas luctas e revéses, a minha adhesão á philosophia comtista no meu quarto anno de estudos, em 81, a minha disciplina de vida, o ardor social que ella me des-envolvêra, relacionando-o á vida privada, e orientando-o convenientemente, as minhas conferencias publicas no sentido de applical-a, e o meu ensino da didactica e da lingua materna n'essa direcção, e ainda o meu afastamento recente do grupo philosophico e religioso de Miguel Lemos, por uma exigencia de disciplina que me parecêra sobre dura, injusta, e com a qual não pudera concordar. Estudava em consciencia o que ia fazer. E depois de haver perguntado a mim mesmo se o acto que ia praticar era filho de uma vaidade pessoal de exhibição ou uma inspiração de patriotismo, concluia que, ainda que n'elle existisse qualquer impulso egoista de amor á gloria, não o havia de exorbitante ambição politica, e era nobre, principalmente por que era arriscado, e nenhuma razão má me assistia, com encargos de familia, tranquillo no meu lar, para dar um passo de agitação perigosa. E na minha modesta sala, a um tempo de receber e gabinete de trabalho, sentado á minha mesa de estudo, livros em frente, em frente o busto do mestre immortal que o escôpro de Lagarrigue havia gravado, o quadro da nomenclatura dos grandes typos da Humanidade no seu calendario a um lado, pela sala

as figuras de Tiradentes, de José Bonifacio em grande quadro a oleo, feito em vida, de Camarão e Henrique Dias, de Nunes Machado, de minha Mãe distante, e de minha filha para todo o sempre ausente, decidi que o compromisso tomado com o publico era um compromisso de honra, e que cumpriria o meu dever, acontecesse o que acontecesse... Comprehendia bem que seria difficil talvez parar depois de lançado ao combate por uma causa que certamente interessaria o paiz; mas a imagem da Patria ainda sujeita á escravidão civil, victima da escravidão politica fazia-me perder todas as hesitações. Não queria mais olhar o futuro, e sim partir com a cegueira do civismo para a arena publica, a pugnar pelas liberdades. Estava resolvido.

Martim retirara-se havia muito. Na rua e na praça tudo era silencio, e nos aposentos as creanças semi-despidas pelo calor de janeiro tinham um sorriso dôce no seu dormir despreoccupado.

*

* *

Martim Francisco Ribeiro de Andrada, ainda hoje advogado em Santos, era um homem de mérito.

Havia n'aquelle rapaz extremamente alto, extremamente magro, cabeça pequena já um pouco grisalha, physionomia angulosa e energica, nariz recto, olhar grande e dôce, bigode semi-farto, e curvado sobre si mesmo no andar, os traços de um homem de bõa raça. Nervoso de movimentos, aspecto apparentemente melancholico, de uma jovialidade sarcastica, prompto na réplica, mas meigo como uma creança ou uma môça, sua presença impunha-se desde logo para o mais ligeiro

observador como a de um espirito de escolha, inspirando uma grande sympathia, embora em seguida os temperamentos tranquillos extranhassem aquella viveza de modos, aquella habito de contestar e corrigir, aquella tendencia pouco grave de zombar com satira fria e aguda de tudo e de todos.

Filho de Martim Francisco, neto de José Bonifacio, o passado dos seus não o orgulhava a ponto de envaidecel-o, inutilizando-o, e fizera-se por sua vez um nome. Na Academia fôra jornalista e poeta, creio mesmo que lyrico... Estudara principalmente historia e publicara um trabalho de conscienciosa erudição, infelizmente não concluido — *Os Precursores da independencia*. Bacharelado em Direito, seguira a advocacia e a politica... liberal, por submissão paterna, máu grado um latente espirito de revolta contra tudo o constituido, que se revelara desde o internato do Collegio de Pedro II, d'onde o haviam expulso por querer um dia pôr fogo ao estabelecimento...

Fôra deputado em duas legislaturas, antes e depois do censo alto, quando ser deputado trazia ainda um pouco de gloria, e fôra presidente de uma provincia, a do Espirito Santo.

Mas tão enojado estava da politica, que na camara declarara em certa occasião alli estar sómente para auxiliar seu pae, por não ter esperanças de poder prestar serviços ao seu paiz sob um tal regimen; ser um deputado liberal de emprestimo...

No seu ultimo discurso, manifestara mesmo desejo de retirar-se de todo á vida privada.

Era de um *humour* unico, caustico e surprehendente.

Quando veio do E. Santo, aprouvera ao governo de Sua Majestade fazel-o commendador. Não tirou o titulo, e declarou que o não fazia, por que não se julgava digno de tamanha honra . . .

Certa occasião, resolvido a não se deixar mais votar, e vendo-se perseguido por um eleitor, interrompeu-o subitamente para dizer-lhe :

— É escusado pedir-me mais. Diga-me se pensa que sou seu pae ou sua mãe, para fazer-lhe tudo o que deseja.

Outra vez importunava-o um pedante qualquer que o não largava. Impaciente já, Martim não se contém, e interrompe-o :

— Faça-me o favor de dizer uma cousa. O sr. julga que eu seja algum feixe de capim para me não deixar um instante?

Podia ser duro, certamente fazia arripiar os cabellos aos cabalistas eleitoraes acclimados no officio, mas vinha sempre a proposito e esmagador.

Morto o pae, a quem adorava, quiz continuar-lhe as tradições politicas, e com o irmão, Bueno de Andrada, outro espirito de escolha em temperamento de revolucionario, e com a collaboração de Theophilo Dias, o poeta da *Lyra dos Verdes Annos* e dos *Cantos Tropicæes*, funda o *Provinciano*. A secção anecdotica da folha, de revolta contra o poder central, era uma applicação de todas as calinadas e bernardices do mundo aos politicos do Imperio, e especialmente aos politicos do Norte. A um d'elles, pregara já mesmo, quando deputado, esta espirituosa peça: mandara fazer uma brochura em cujo frontispicio se lia: *Relação de todos os projectos, regulamentos e mais trabalhos do ex.^{mo} sr. *** Ministro e secretario de Estado dos negocios de ***.*

com um prologo altisonante, seguido de uma centena de paginas . . . em branco.

Encetara com vigor desusado no *Diario Popular* e na *Provincia de S. Paulo* a propaganda da separação de S. Paulo, e fazia-o com exito, pois a idéa lavrava toda a provincia. Escrevia, estudava, e advogava. Poucos saberiam tão bem a historia parlamentar, e era grande a sua erudição na litteratura classica e na historia antiga. Virgilio, Ariosto, Tacito, Lucrecio, faziam as suas delicias. Por cima de tudo, de uma conversação agradabilissima, de fazer rir, embora a agrura das pilherias que ás vezes nem o interlocutor poupavam e que se extendiam mesmo aos seus escriptos. Sua *Carta Careta*, a proposito da tardia cobrança pelo fisco, contra o qual se revoltava, do imposto de um escriptorio de advocacia que o pae abrira quando moço ainda, é um modêlo de graça picante, um pamphleto em gargalhadas.

Eis o excellente espirito que tinha a meu lado. Seu ardor social estava contido pela descrença da — *patria grande*, ainda que exitado pela esperanza na *patria paulista*. Estava, porém, de accôrdo em bater o imperio; pelo interesse de sua causa especial e por patriotismo.

*
* *
*

No dia seguinte, ao meio diá, estavamos no escriptorio, quando a conversação sobre o assumpto que nos dominava levava-nos a abrir a Constituição do Imperio, ou melhor, a Carta Constitucional que Pedro I havia outorgado ao Paiz. Lendo o artigo 120, que dava ao conde d'Eu, como esposo da futura imperatriz, o titulo, e portanto, os direitos de

Imperador, tivemos expressões communs de dôr, de revolta, e silenciaramos, meditativos, na esperança ainda longinqua de um futuro melhor, de um horisonte mais desannuviado...

N'essa occasião entrava Henrique Porchat.

— Então? está tudo prompto? perguntei-lhe.

— Tudo; respondeu com voz firme. Voz que correspondia ao seu physico robusto, de homem gordo, córado, bôa estatura, olhar sereno de soldado valente, gesto livre, e andar triumphante. Um descendente de francezes e de suissos, com sangue de revolucionario, apaixonado pela *Marselheza*, embora amigo dos negocios de sua casa, e ainda mais da sua ilha. Porque elle tinha uma ilha, uma especie de fortaleza republicana.

Santos é pequena cidade commercial, de umas dezeses mil almas, mas de uma feição especial em cousas de negocio. Magnifico porto, formado pelo Atlantico, é o vazadouro do commercio de café de S. Paulo, uma das suas maiores riquezas e uma das suas maiores glorias. Das mais velhas cidades brazileiras, como o denotam as construcções de gôsto antigo, fundada por Braz Cubas, pouco tempo depois de Martim Affonso ter aportado a S. Vicente e desde que a barra d'esta povoação ficára obstruida pelo proprio mar, mas continuamente renovada pelo cosmopolitismo civilisador que alli enviava homens de todas as partes do mundo, falando todas as linguas, e usando todos os costumes. Esse espirito de remodelação contínua imprimiu talvez aos seus habitantes um character de viveza e sociabilidade muito differente do das cidades do interior, de generosidade nas relações, de largueza aventureosa na

vida...; influencia possível do mar que se avista ao largo, da praia da Barra, bordada de *chacaras*, ou do alto do Monte-Serrate, onde vereis a egrejinha d'onde se descortina aos pés do viageiro toda a sua casaria, e as mattas em derredor do lado da agua, a vicejarem em terra plena e do lado da serra do Cubatão a subirem em pincares, verde-negros, escalados pela estrada de ferro que se dirige a S. Paulo. O certo é que, ora ganhando contos de réis no movimento da praça, ora empobrecido pela baixa do café, o santista, essencialmente negociante, é sempre possuido de idéas generosas, seja pela independencia que o dinheiro dá, seja pelos habitos já adquiridos de generosidade, e esperança de que esse dinheiro volte.

Tambem são muito gloriosas as tradições da cidade. Alli nasceram Bartholomeu de Gusmão, o padre *voador* e inventor do aerostato, e seu irmão Alexandre; alli nasceram os irmãos Andradas, os patriarchas da Independencia, José Bonifacio, Antonio Carlos e Martim Francisco. Do segundo conta-se até que amava tanto o seu torrão natal, que dizia:

— Do mundo, a America; da America, o Brazil; do Brazil, S. Paulo, e de S. Paulo, Santos.

Mas attribue-se-lhe ainda, inspirada pelo orgulho de familia e pelo orgulho pessoal a conclusão da phrase d'este modo:

— E de Santos, os Andradas; e dos Andradas, eu.

Alli nasceu Fernandes Pinheiro, o visconde de S. Leopoldo; e ainda Xavier da Silveira, illustre orador e poeta; e José Bonifacio e Martim Francisco, os moços, consideravam-na sua terra natal, nascidos embora no exilio, um no mar, o outro nos arredores de Bordeaux.

Não é de admirar pois, que ahi se formasse, de velha data, um partido republicano, intransigente, ás vezes pouco disciplinado á voz dos chefes, sinceramente amigo da liberdade. Como é natural, porém, n'esse mesmo partido havia a dupla camada, dos mais apressados e mais liberaes, e dos mais conservadores, mais demorados, conforme os individuos pertenciam ao elemento novo, composto principalmente de empregados do commercio, ou pertenciam ao elemento mais velho, dos donos das casas, homens de maior responsabilidade, mais sobrecarregados de interesses proprios e alheios, e portanto mais prudentes e avisados.

Henrique Porchat, contudo, por excepção, era dos mais exaltados. Mas seu bom senso e serviços o haviam collocado na direcção partidaria local, em companhia de outros mais retardatarios, embora não menos convencidos.

— Conta com alguns elementos n'um caso possivel de ataque? Porque, como v. sabe, se não é provavel esse caso, é possivel.

— Conto com alguns. O nosso grupo está prompto.

E deu-nos melhores informações em voz baixa.

— Bem.

Não era, portanto, impossivel a tarefa, embora apresentasse difficuldades. A mesma fôrça policial recearia abrir um conflicto. A opinião era em geral favoravel ou indifferente á realisação do discurso republicano, não obstante a direcção do partido não ter podido tomar a responsabilidade d'elle.

Logo que tivera a idéa de realisá-lo, fôra procurar o presidente do club republicano, pois já havia um club, recente-

mente installado, em um regular salão central, á rua de S. Antonio, a principal, pintado interiormente de vermelho, a cõr symbolica do revolucionario, com os nomes dos principaes martyres da liberdade brazileira em escudos pendentes das paredes, uma tribuna para os oradores, uma vasta mesa para leitura semeada de jornaes, onde á noite, os novos conversavam, depois dos trabalhos do *borrador* e do *diario* e do ensaque do café. Guilherme Souto era meu real amigo, proprietario de uma casa commercial, e possuia o respeito e a estima da cidade inteira. Seu espirito culto, sua educação aprimorada, artistica, sua dignidade e independencia de character, sua moralidade e modestia de vida, haviam-n'o levado a uma profissão de fé republicana. Rapidamente comprehendeu as vantagens politicas que nos adviriam de repercutir o brado de alerta de S. Borja, e o dever de fazel-o; mas não queria resolver por si, sem audiencia de outros companheiros, Antonio de Lacerda Franco, ausente na occasião, se bem me recordo agora, chefe de uma importante casa, relacionada com outras tambem suas do Rio e do Havre, Antonio Carlos da Silva Telles, Manuel Vianna e outros; e, espirito de ordem, custava-lhe deliberar sem que o signal para o combate viesse do alto, quer dizer, ou do partido fluminense, ou do partido paulista. Combinámos, então, uma viagem á capital, a conferenciar com Rangel Pestana, encarregado n'esse tempo da direcção dos negocios republicanos.

Fomos. Passamos as tres horas inteiras que se gastam da estação da Companhia Ingleza de Santos á de S. Paulo em conversação larga sobre a nossa politica. N'aquella tarde, era-nos quasi indifferente o espectaculo grandioso

da serra do Cubatão, com as suas montanhas altíssimas, cobertas dos ultimos raios do sol, com os seus valles, verdadeiros abysmos cheios de sombras, com sua vegetação selvagem, brutalmente colossal, de troncos annosos, de grossos cipoaes, onde a caça abunda. Passava-nos quasi despercebida mesmò a magnifica obra de arte da construcção da estrada que ascende, por machinismos aperfeiçoados, por cabos custosos, em diversos planos, e a ponte da *grotta funda*, uma cousa admiravel, sob uma altura extraordinaria, atravessando um precipicio medonho e de um monte galgando outro. Quando, n'um canto de *wagon* de primeira, demos treguas á palestra, estavamos, ás 6 horas da tarde, nos approximando de S. Paulo, que se mostrava pelas suas luzes aqui e alli espalhadas no bairro adjacente á Estação, desde a da Estrada do Norte, no Braz, passando pelo Seminario, até a Luz.

Tinha sido longa a nossa conferencia com Rangel Pestana no dia seguinte. O partido republicano não estava em condições, em summa, de tomar sobre seus hombros o pêso das consequencias de um *meeting* contra as instituições.

— E se eu, por mim, o realisasse? interroguei, concluindo.

— Não serei eu quem diga a você que o não faça. Acho que presta um bom serviço. Mas faça-o sob sua responsabilidade. Um homem, principalmente quando môço, pode isoladamente tentar um acto, sem que se veja obrigado a proseguir. Mas um partido é uma collectividade, e dado um passo tem de tirar-lhe as consequencias.

— Mas a attitude de um homem ás vezes compromette um partido, objectei.

O illustre republicano sorriu, e ficou em silencio.

Compreendi-o, e retirei-me, dizendo-lhe apenas :

— Está bom, realisarei o *meeting*.

Sahi, e o acaso fez-me encontrar Carlos Garcia, com quem aliás desejava falar. Elle havia-se distinguido dentre o commum dos partidarios pela sua audacia e actividade.

Braço dado, fui-lhe dizendo :

— Quero que vás a Santos sabbado, 29, ajudar-me n'um *meeting*. Trata-se de auxiliar os homens do Rio Grande.

E narrei-lhe todo o occorrido.

— Prompto, ás tuas ordens.

Haviamos voltado para Santos. Eu e Martim procuraramos aquelle Henrique Porchat, na sua ilha: ia comnosco um companheiro ardente, um rapaz que soffrêra perseguições por ser abolicionista n'um cargo de escrivão de justiça que havia occupado. Era Silveira Lobo, sobrinho de Aristides Lobo.

A ilha Porchat... ás vezes península, está proxima de S. Vicente; e ninguem ia á villa tradicional, á primeira povoação do Brazil, fundada em 1530, sem visital-a. Era um canto gracioso e selvagem, de cujo alto gosavam-se paizagens americanas do mar, que em certas occasiões lambia-a toda, em outras facilitava n'um lençol de areia a passagem do *trolly* para os viajantes. No alto de um rochedo, n'uma das vertentes da montanha, construiu Porchat a sua casa, pittoresca, olhando o oceano. Penetrava-se no bosque, e encontravam-se enormes pedras, entre as quaes duas dando passagem por uma fresta, e amparando-se uma á outra nas alturas, cobertas por arvores frondosas. Do outro lado, o mar lavava as rochas, que n'um ponto, formavam uma furna immensa, em que se estava á vontade,

emquanto por uma fresta, olhando para cima, podia-se falar com quem passeasse a matta.

Espantosas formações de terreno, que recordavam as convulsões geologicas do globo, no parto gigantesco dos continentes.

Era ahi que quasi todos os domingos iamõs descançar das fadigas da semana, esquecer que existiam clientes, creanças, e até correligionarios. Passavam-se então á brasileira, em perfeita liberdade de movimentos e de vestuario, terminando-se n'um farto jantar de *menu* de feijoada, com todos os seus indispensaveis adminiculos, seguido da volta á praia, ao luar, em *trolly*, com o fresco da noite, para tomar o trem e voltar ao socêgo d'aquella sala, a um tempo de receber e gabinete de trabalho.

Fôra alli que eu assistira a uma esplendida festa politica, quando por occasião de solemnizar-se a morte de José Bonifacio o sr. Q. Bocayuva fôra a Santos, festa que devia, pela minha divergencia com o sr. M. Lemos, ter tanta influencia sobre o meu destino politico. Não estava ainda creado o *club* republicano, e desejava-se aproveitar o momento para, reunindo os republicanos n'um banquete, com a presença de um dos seus mais antigos chefes, lançar as bases da organização do partido. Os positivistas tinham sido sempre republicanos, e portanto, convidado especialmente, eu comparecêra á reunião. Soberbo! Era ao escurecer, e nós caminhavamos na floresta. Subito, sons de orchestra, que não se via, e, debaixo da folhagem negra, illuminada por archotes, uma mesa para uma centena de pessoas. Serviço esplendido, prefacio excellente para as explosões da oratoria meridional... E alli discursaram to-

dos, brindando eu por delegação á provincia de S. Paulo, e affirmando a minha orientação de republicano que receava que uma propaganda muito intensa da federação pudesse favorecer as idéas de desmembramento nacional.

Pois fôra por alli mesmo que resolveramos, na minha volta de S. Paulo, realisar o *meeting* que ia effectuar-se. O Bernardino de Lima, um guarda-livros de um banco, pé de boi no seu trabalho e nas suas convicções, ardia de impaciencia. Dois artigos sem assignatura tinham apparecido predispondo o espirito da população, e um boletim, largamente espalhado em avulso, concitara o povo a reunir-se.

*

* *

A' medida que se approximava a hora da reunião, parecia que se apagavam as difficuldades. Até ahi nenhuma prohibição policial, embora constasse a existencia de ordem vinda do Rio de Janeiro n'esse sentido. Carlos Garcia chegara de S. Paulo. N'esse mesmo dia, encontrando-me com Heitor Peixoto, advogado môço, de um liberalismo tirante á republicano, d'onde se originara, aliás, declara-me não acceitar o terceiro reinado.

— Então vaés-me auxiliar no *meeting*, apertei-o.

— Vou, respondeu. E ia.

On revient toujours à ses premières amours. Minha reputação republicana já estava aliás bem feita na cidade. Tomara a palavra no anno anterior, na sessão da fundação do club republicano, para fazer minha adhesão, sob condição de que teriamos uma côr accentuadamente abolicionista; tomara-a depois para commemorar o 21 de abril, e ainda o 14 de julho, e ainda o 4 de setembro, o advento da nova

Republica Franceza. E quando estivera em Santos Campos Salles, ao terminar elle o seu discurso abolicionista, pedira-lhe, da platéa, se compromettesse a trabalhar dentro do partido para que n'um prazo limitado nenhum republicano possuisse escravos; ao que o distincto orador accedêra no meio de applausos. Tudo presagiava, portanto, que a idéa libertadora da Patria não seria abafada, e se alguma tentativa d'isso houvesse, uma reacção salutar seria a consequencia.

7 horas da noite. Tinha rapidamente depositado um beijo sobre a fronte de minha mulher, olhado em despedida os meninos, revisto um instante todo o meu assumpto e toda a situação, n'uma especie de concentração mental dissimulada, e sahira.

Quando, um quarto de hora depois, entrámos alguns no theatro Guarany, o local escolhido para a reunião, muito soffrivel como theatro de provincia, encontrei já o espacoso salão da platéa repleto de uma enorme massa de todos os partidos, classes, posições, fortunas e nacionalidades. Estava, entretanto, sereno, o bastante para poder ainda lançar, através do panno de scena, um rapido olhar sobre o tecto, excellentemente pintado por um artista sem grande preparo, mas de um talento genial, Benedicto Calisto, justamente quando não tinha estudo algum, recemvindo de uma pequena povoação da marinha. O tecto realçava pela muita luz, no meio d'aquelle borbórinho de vozes humanas.

Era a primeira vez que me achava deante de um tão grande auditorio. Uma dezena de amigos estava commigo

no palco, e outros vinham alternadamente apresentar-me seus cumprimentos.

Quando cheguei á tribuna, e olhei a multidão, senti esse inexplicavel acanhamento que sente o homem deante da superioridade do povo, que representa a Patria; é essa invasão insensível da alma popular na alma do orador, que estabelece a sympathia entre este e os ouvintes. Fui recebido por uma chuva de applausos, sem nenhum protesto; e enquanto cada um se preparava para ouvir e o silencio se fazia, senti-me suavemente aquecer ao calor da animação popular, sem perder a serenidade necessaria para a sondagem contínua da impressão que as palavras produziam, e para não cahir em divagações ou perder-me, esquecendo a filiação dos assumptos.

E eis-me agora só, deante de todo o publico, tímido ao principio, e pouco a pouco animando minha voz á proporção que sentia o olhar geral de approvação. Estava alli na platéa o Porchat, que era todo um gesto de applauso, Martim que era todo cuidado, Souto todo reflexão, os môços, tantos que seria difficil agora citar-lhes os nomes, o Carvalho, dono de uma loja, o Mesquita, o Wonswit, um preto que fôra militar, muito intelligente, activo, honesto e sempre muito falador contra as instituições, creio que tambem o Augusto Bastos, um guarda-livros que escrevia perfeitamente, e muitos outros. Estava Moniz de Sousa, que uma viagem de negocio trouxera a Santos, o antigo collega, de um merito intellectual não vulgar, excellente jornalista; e Benedicto Carmo, que de um camarote acompanhava ancioso a oração, e que no incidente produzido por um homem que se erguêra, resmungando qualquer cousa, no que o com-

batêra o publico com signaes de reprovação exigindo minha intervenção conciliadora, me enviara rapidas mas firmes, palavras de animação. Estavam alli chefes conservadores e liberaes que applaudiam silenciosamente, e outros que sentiam não poder protestar senão pelo mesmo silencio.

Pouco a pouco, o publico se anima, anima-se o orador, e d'ahi por deante segue-se o discurso, durante duas horas, ora movimentado pela satira, ora serenado pela demonstração, ora exaltado pela apostrophe; segue coberto de interrupções, de applausos entusiasticos, de risos estrepitosos, que difficultavam a mesm aexposição. Levados pelo contagio os ditos monarchistas haviam rido á vontade, acompanhando o combate e o ridiculo ás mesmas instituições que diziam sustentar.

Os Braganças e os Orléans haviam sido largamente analysados; tinha-se passado em revista o estado de saude de Pedro II, o seu reinado, o de seu pae, a dynastia dos Orléans, o conde d'Eu, a evolução das aspirações liberaes do Occidente e do Brazil, a individualidade da Princeza regente, os perigos do terceiro reinado; e, quando senti o espirito popular assás aquecido, mais por seu proprio entusiasmo que pela minha palavra, terminei, erguendo-me o possivel ao assumpto, propondo a moção de apoio ao acto dos vereadores de S. Borja, e de protesto contra o acto do governo imperial.

Applausos prolongados tinham coberto a moção. A causa estava ganha, e o primeiro *meeting* republicano realisava-se sem que o throno se animasse á violencia.

Estava tirada a prova real. Os republicanos podiam animar-se a um combate mais activo.

Era assim que se passavam as vespers da grande campanha republicana, ó vós outros que me lêdes, e a quem não peço o elogio, e de quem não posso por tão pouco merecer censura. Simples narrador me tendes de cousas que acompanhareis se para vós curiosas, ninguem vos impedindo de lançar o livro á margem, e de deixar-me em paz, como na noite de inverno adormece descuidado do narrador aquelle a quem não agrada o conto que, entretanto, interessa a alguns da companhia...

Golfo de Gasconha, a bordo do *Chateau Laffitte*, 18 de novembro de 1890.

II

Philosophia... das dedicatorias : esclarecimento ao leitor e appello á sua sagacidade - Complemento de um paragrapho : no caminho da propaganda - A cidade de Campinas, um segundo *meeting* e um cidadão visto de passagem - Ainda um *meeting* : fardas e sobrecasacas : uma moção audaciosa - São Paulo, o club republicano e uma conferencia - Uma rua e a sua chronica : recordações escolares - A victoria abolicionista : festas e discursos : um *viva* final. - Um preto distincto e um quilombo historico - Um congresso republicano e um chefe de partido. - Uma reunião memoravel.

Não direi, como o grande frade e poeta hespanhol, que a vida é um sonho, porque a julgo uma realidade bem palpavel, embora este mundo seja ainda o melhor dos mundos; mas affirmarei, ao traçar estas linhas, que ella é uma combinação mais ou menos instavel entre o egoismo e a dedicação. Tudo fazemos, pensando em nós, e pensando nos outros; mesmo quando procuramos fazel-os servir aos nossos interesses, servimol-os, a elles; o orgulho é tambem uma das características da bondade; é a qualidade dos fortes, dos que amam proteger. De outrem vivemos, vivendo por outrem, com outrem, e para outrem.

Mas não é minha intenção guindar o estylo á altura philosophica dos Kant ou dos Comte, ou á altura oratoria dos sermões do Padre Antonio Vieira, nem exercitar-me n'uma acrobacia perigosa de preposições e adjectivos que irrite

os Soteros e Barbosas muito numerosos no meu paiz, e no d'aquelle em que tenho a honra e o prazer de imprimir estas paginas, pelo intermedio do meu excellente camarada José de Mello. O que eu quero simplesmente é dizer que tudo é feito um pouco para os outros e a elles dedicado, se bem que pudesse provar aos senhores grammaticos, uns malvadôs de que já fui meio collega, que posso manejar a lingua ao modo empolado d'elles, e que tenho umas theorias especiaes sobre syntaxes, vocabularios, gallicismos, e o mais, inclusivé a orthographia, a qual, seja dicto de passagem, a casa editora d'este livro me impede de praticar.

Comprehendeu o leitor que minha intenção é declarar-lhe que este livro é, portanto, dedicado a alguem, a alguma cousa, ou a algumas pessoas? Não comprehendeu. Pois esclareço-o: assim é. Elle, o livro, — sem sentimentalismo, nem figura de rhetorica — é feito pela minha terra, como foi feito por ella o nome do seu auctor. A ella, pois, é dedicado. Mas seria acaso isso bastante? Não: só seria muito indefinido, e far-me-hia lembrar o caso de um doutorando que, depois de exgottar a lista dos parentes, o pae, a mãe, a avó, os padrinhos, a memoria do avô, os primos e primas, os amigos e collegas, a sua villa, a provincia, a sua patria, entrou a dedicar a these ao continente americano, ao mundo, e, após leituras recentes de Julio Verne, incluiu mesmo a Lua e o planeta Venus entre os seus affectos, sem esquecer a nebulosa da Via lactea.

Seria, porém, necessario, que, descendo docemente aos que na minha existencia politica me fôram os melhores representantes d'essa Patria, collocasse na segunda pagina um quadro como este?

AO AMIGO ILLUSTRE
E ESTIMADO CHEFE
O CIDADÃO ***

—
AOS BRAVOS COMPANHEIROS

E AMIGOS

DR. **

” *** DE *

**

** DE **

* DE **

—
A *** DE *

—
AO AMIGO, COLLEGA E CORRELIGIONARIO

* DE **

—
AO AMIGO DO CORAÇÃO

** DE **

Ou, ainda, fragmental-o, como nos volumes de poesias dos rapazes do meu tempo, espalhando-o por todo o livro, e collocando-o no alto de cada capitulo? Seria ainda necessaria uma segunda pagina, mais vaga, e comtudo não menos expressiva, em que escrevesse o seguinte em boim bastardo, convertido pela typographia em bellos caracteres de phantasia?

ÁQUELLA QUE ACOMPANHOU
CORAJOSA
AS MINHAS LUCTAS EM PROL DA REPUBLICA,
E AOS QUE
RECEBERÃO O MEU NOME
DE PATRIOTA ;

Á MULHER BRAZILEIRA,
PELO SEU APOIO
Á OBRA DA NOSSA LIBERDADE ;

AO GLORIOSO PARTIDO
QUE CONTINUOU
AS TRADIÇÕES DOS MARTYRES
E AOS SEUS
VENERANDOS CHEFES ;

Á IMPRENSA NACIONAL,
E EM ESPECIAL
AO *, Á * DE *, E AO * DO * ;

Á MOCIDADE DAS ESCHOLAS,
E ESPECIALMENTE
Á DA * * ;

Á MEMORIA DO MILITAR PATRIOTA
QUE PLANEAVA A REVOLUÇÃO * * ;

AO PAIZ

Pode ser que sim, mas hão de concordar que o systé-
ma não seria novo, e que me collocaria em grandes emba-
raços na escolha de todos os nomes, queridos por mim, ou
pelo publico, ou ainda . . . pelos seus possuidores. O que
adoptei, e de que não requeiro patente de invenção, é cla-
ro como o outro, sem deixar de aguçar um pouco a saga-
cidade do leitor astuto. E' a essa sagacidade, cidadão lei-
tor, que eu faço appêllo. Não te apercebeste bem que o
primeiro capitulo d'este livro era dedicado ao dr. Martim
Francisco Filho. Pois bem: quando, no decurso das sete
partes, mais ou menos importantes d'este trabalho, vires
que no decorrer da acção ha alguem que especialmente pre-
occupa a attenção do auctor, como tendo-o auxiliado pelo
conselho, pela animação ou pela fôrça, seja individuo ou
corporação, fica sciente de que esse capitulo é a esse ou
a essa dedicado. Assim, ao terminar a leitura d'esta
segunda serie de episodios preliminares dos dias ver-
dadeiramente sangrentos da campanha republicana, tu
saberias a quem este capitulo é destinado. Mas, para pou-
par-te tempo e enganos, declaro-te de antemão que o
dedico

Ao Dr. Francisco Rangel Pestana

publicista republicano do maior valor.

*
* *

Meu Deus! — perdõem-me os confrades em livre pensa-
mento — é uma interjeição — o nosso enthusiasmo foi gran-

de n'essa noite do *meeting* de Santos. Henrique Porchat ergueu aos ares, n'um abraço apertado e convicto, a minha pobre estatura; o Souto tinha um sorriso satisfeito, o Bernardino de Lima tinha-o beatifico, e Martim reflectia, com o seu olhar brilhante. Tudo eram commentarios pelo exito da tentativa.

No dia seguinte vejo que se redige no nosso escriptorio um telegramma sobre o occorrido para os principaes orgãos da imprensa do Paiz; e, sem desconhecer-lhe a utilidade, repugnam-me as suas expressões entusiasticas no que elle se referia á minha pessoa. Mas que querem? Dizem-me positivamente que não se trata de mim, e sim da causa commum, e que era mistér aproveitar o effeito do *meeting*, exaltando-lhe o resultado e o seu agente; e accrescentam-se ponderações, com as quaes sou de accôrdo, sobre o valor que em politica teem as communicações á distancia, mormente quando o que se noticia é verdadeiro. E' assim que me conservo indifferente mesmo a que se qualifique o meu discurso de... monumental, collocando-me na situação do que sabe ser vaidade fazer questões de modestia, quando o orgão de uma idéa não é mais que o instrumento d'ella, de que um partido pode, dentro de certos limites, usar para o seu triumpho. E, pois, formulando commigo mesmo uma theoria sobre o elogio ou a censura em politica, como um estimulante ou um calmante a empregar, mas que jámais devem perturbar a serenidade do homem publico, fico tranquillo com a minha consciencia de propagandista, e satisfaço-me intimamente da disposição dos companheiros de fazerem echoar o nosso tiro contra o terceiro reinado.

Elle vae, de facto, á *Gazeta Nacional*, o jornal do partido na capital do Imperio, que o engenheiro Almeida Pernambuco administrava; ao *Paiz* que Quintino Bocayuva redigia; á *Cidade do Rio* em que Patrocínio assentara sua tenda de combate; elle vae, em S. Paulo, á *Provincia*, que Rangel Pestana dirigia, á *Gazeta do Povo*, e ao *Diario Popular* em que Americo de Campos e o velho José Maria Lisboa mesclavam as noticias do dia com as satiras ao regimen monarchico e aos seus homens; elle vae á *Federação*, de Porto Alegre, e creio mesmo que á *Provincia do Pará*, em que o dr. Assis deixara uma forte tradição de liberalismo.

Uma cousa bem organisada.

E' justo dizer-se que o effeito d'esta noticia começa a sentir-se no paiz interno, pois a uma voz toda a imprensa a reproduzia com sympathia. Para o Rio Grande ella foi um brado de animação. Ainda tenho entre os meus papeis de viajante, o telegramma da *Federação* em resposta ao nosso:

“Porto Alegre. Redacção *Cidade de Santos*.

Santos.

Tinhamos aviso intermedio Garcia. Já dois artigos applaudindo. Só hontem recebemos telegrammas submarino. Bravo, Santos! Grande effeito!

Federação..

Só hontem recebemos telegrammas submarino, dizia o despacho. Ah! é que o cidadão Barbosa, do telegrapho na-

cional, bom homem, natureza de conservador, comtudo um pouco reaccionaria, recusara-se a transmittir o telegrapha da hydra da Revolução, como se estivessemos fora da lei, banidos do paiz, ou não pagassemos os impostos, d'onde o dicto cidadão auferia seus ordenados. Fôra preciso ir ao telegrapho submarino, o que nos demorara o expediente e augmentara a despesa. Mas o bom homem — bem feito! — pagou um pouco caro o seu amor ao throno, pois em umas linhas editoriaes a *Gazeta de Noticias* chamou-o nada mais nada menos, que de... idiota. Elle não era em verdade, idiota; era apenas... timido e obediente ás instituições juradas. O telegrapha da *Federação* trazia ainda a nota de demorado pela trovoada. Era possivel.

Á explosão succede o silencio. Mas, d'ahi a dias, começam a apparecer nos ineditoriaes do *Jornal do Commercio*, do Rio, artigos que procuravam desfazer a impressão do *meeting* santista. Os escriptores, já conhecidos, eram os *Jeffersons*, os *Washingtons*, os *Robert Peel*, e quejandos, o que lhes tinha valido o nome de... *inglezes*. Era velho costume do governo brasileiro manter uma meia duzia de secretarios assalariados, pagos pelas verbas secretas, jornalistas sem jornal, advogados sem causas, desclassificados que punham a penna ao serviço de todos os gabinetes. Tambem eram chamados *romões*; porque dizia-se estadiar na redacção de um dos nossos grandes jornaes um pobre homem assim prenominado que se apresentava em publico ou em juizo, nos casos correspondentes, como auctor e responsavel por esses e outros artigos em que a reputação dos homens publicos e dos particulares era arrastada pela lama da rua da amargura. Era tão inveterado esse habito

que, dizia-se, o proprio monarcha fazia de tempos a tempos declarações pelos entrelinhados dos jornaes sob a egide de tres estrellinhas por assignatura, resalvando a sua responsabilidade de soberano. . . constitucional.

Nos dictos artigos, que denotavam o fundo do nosso golpe, dizia-se a nenhuma importancia do referido *meeting*, inspirado por Martim Francisco, — o homem do separatismo, e assistido de uns cincoenta maltrapilhos, tratamento de que mui gratos deviam ficar aos chefes aquelles dos seus correligionarios liberaes e conservadores que haviam presenciado a reunião. Á proporção, porém, que a raiva governista se revelava, a imprensa unanimemente noticiava com sympathia o discurso proferido. Um só jornal, do interior, declarou, entretanto, desde logo, com invejavel perspicacia, que se assim eu procedia, é que almejava. . . imaginem o que? a presidencia da Republica. Fiquei muito honrado, por que podia dizer-me aspirante a vender-me por um consulado, pecha que era balda applicar-se aos novos, já que aos antigos atirava-se sempre a do despeito ou da ambição.

E agora vêr-me-heis sériamente preocupado com a idéa de que se continuasse a campanha encetada. Confesso que já me eram penosas as minhas duas horas de licção pela manhã, e que só o dever me fazia continuar os meus estudos juridicos. Porque eu os fazia, por esse tempo, e conscienciosamente, esses estudos, já por prazer theorico, já pela necessidade de minha profissão de advogado. O patriotismo é na mocidade naturalmente impaciente, e eu via que em realidade perdia-se um tempo precioso.

Martim redigia a *Cidade de Santos*, de duração ephemera,

mas forte, e em que se vibrava digna a nota contra as instituições; e seja dicto que a imprensa local, o *Diario de Santos* e o *Correio* auxiliavam os nossos esforços; eu redigia o meu discurso, tomado, tachygraphicamente, e em seguida publicado pelo partido paulista, e planeava novas conferencias em que a propaganda politica seria auxiliada pela historia e pela philosophia. Foi então que escrevi a Francisco Glicerio propondo-lhe se fizesse em Campinas reunião egual á de Santos, offerecendo-me a ir com a minha presença arrostar a sorte dos companheiros. Eu havia-o visto dias antes, quando, de volta do Rio Grande do Sul e das Republicas do Prata elle passara por Santos. Haviamos trocado um rapido abraço de animação mútua.

*
* *
*

Lê-se na *Geographia das Provincias do Brazil*, pelo bacharel Alfredo Moreira Pinto, 2.^a edição, publicada em 1885, parte relativa á Provincia de S. Paulo, pag. 172:

“*Campinas*, uma das cidades mais opulentas da provincia, illuminada a gaz, com industria animadissima, muitas fabricas, clima ameno, hospitaes de Misericordia e de Beneficencia Portugueza; gabinete de leitura, imprensa importante; diversos collegios, entre os quaes os denominados Culto á Sciencia e Correia de Mello. Foi antigamente a villa de S. Carlos. É hoje cabeça de comarca e do 7.^o districto eleitoral. Tem 31:400 habitantes. O maestro Carlos Gomes ahi nasceu.”

Só e o bastante, para 1885, e bem exacto, excepção, para hoje, da referencia ao 7.º districto eleitoral que a Revolução aboliu, estabelecendo a eleição por todo o estado, antiga provincia. Os paulistas poderiam mesmo, se não fôra a peste de 1889, da febre amarella, devida ao máu serviço das aguas, impugnar o numero de habitantes que lhe assignalou o geographo. Depois da peste, porém, e do subsequente renascer da cidade, creio que elle ficou com a verdade.

Ahi desci do trem de ferro á noitinha de 25 de fevereiro, e dirigi-me a um hotel, de cujo nome não me recordo agora. Tambem eu tenho estado em tantos hoteis, e elles teem nomes tão semelhantes! Sei que este não era máu, embora Valentim Magalhães o tivesse profligado nas suas *Notas á margem*, por lhe ter faltado qualquer cousa no seu quarto, segundo me disse o proprietario, algo queixoso, em uma conversa de bom rapaz que me permitti ter com elle, emquanto jantava (eu).

Viera de Santos na ante-vespera, um tanto fatigado, e havia-me repousado em S. Paulo, baluarte monarchico, como eram então todas as capitães brazileiras. No trem pensara o meu discurso, que não passaria de uma adaptação do já proferido com alguns topicos a mais de indignação que os ataques dos adversarios auctorisavam... A mostarda começava a subir-me ao nariz.

Cousa curiosa: eu penso perfeitamente em caminho de ferro. Posso até dizer que importantes resoluções tenho tomado emquanto o trem roda por uma estrada cuja paizagem eu já conheça. Concentração a principio, na meia luz dos olhos cerrados, permittindo-me as apparencias do

somno; meditação seguinte, silencioso e vago deante do panorama, ou passeando o *wagon* no meio dos seus solavancos, com alguma curiosidade dos passageiros commo-distas; notas rapidamente traçadas na carteira; — expansão final n'uma conversação quasi sempre de informações, ás vezes inquerito, desde o nome do interlocutor até a sua profissão, em quem pretende votar no pleito proximo e as condições do paiz que se atravessa; — eis o meu systema.

S. Paulo era então no meu parecer o ponto que os republicanos deviam ferir directamente; mas era mistér cercal-o por Santos e Campinas, que lhe são alguma cousa rivaes. A paizagem que atravessava era-me desconhecida, e foi-me grande prazer respirar este novo oxygenio dos campos a largos haustos, e vêr, desde a estação paulista até a campineira, primeiro, as margens do Tieté, em que o terreno é chato e pantanoso, persemeadado de pôças de agua, e bordado de pequenas habitações ruraes; depois, as elevações graduaes do solo, muito verde, escuro, quasi negro, excellentemente cultivado; os cafesaes enormes, muito limpos, subindo as encostas; ou as mattas virgens, de troncos fortes e altos, em que de tempo a tempo ao calor da tarde um passaro soltava um grito estridente e passava rapido além; ou as longas campinas que o trem atravessava por vezes sobre um leito artificial, de barrancos de terra solida, vermelha, e de que se desprendiam pelo declive a baixo grãos que rolavam... Tres horas de viagem, approximadamente, passando por Jundiahy, de umas dez mil almas, mas de que vejo apenas ao longe algumas casas e a torre ennegrecida do campanario. Pela

minha carta geographica reconheço que por um ramal se podia ir a Ytu, de recordação jesuitica por os collegios de S. Luiz e do Patrocínio, felizmente amenisada no meu espirito pela idéa de que ahi haviam nascido o pintor Almeida Junior, de quem vira um excellente quadro no esplendido palacete de D. Veridiana Prado, em S. Cecilia,— e o padre liberal Diogo Feijó, e ainda o estadista Paula Sousa. Mas não me detenho em Ytu, muito deslembrado d'estes homens, embora a iniciativa de valentes companheiros, eivado da padraria que em S. Paulo pretende foros de partido politico, e lanço minhas vistas directamente sobre Campinas, embora aquella cidade ainda evoque no meu espirito a comica recordação da quadrinha de D. Pedro “ao fiel povo ytuano.”

Os passageiros conversavam sobre a festa da Limeira. Era o movimento da abolição que continuava. Limeira ia ser declarada *livre*, isto é, ia proclamar-se na praça publica que alli não existiriam mais escravos. Em Campinas esse movimento seguia tambem um *crescendo* mais desesperador para o governo reaccionario que para os proprios lavradores paulistas; por que estes, dotados de um largo espirito de iniciativa de ha muito que haviam procurado *libertar-se do escravo*—uma phrase já inconsciente na bôcca de todo o mundo—e tinham ensaiado a immigração italiana e allemã, aos esforços principaes do fazendeiro dr. Martinho Prado Junior, e de muitos outros. O relatório em que mais tarde o presidente da provincia Rodrigues Alves se queixa de que os proprietarios dos escravos não o auxiliavam na pega dos pretos fugidos é evidente prova do que deixo affirmado. Consoante, cada vez o Barão de

Cotegipe fazia mão mais forte sobre a abolição. Poucos dias havia que só após verdadeiras perturbações da ordem fôra retirado de Campinas um terrível capitão, — que pelo nome não se perca —, o qual, embora poeta de ternas endeixas publicadas na secção dos artigos solicitados dos jornaes, e dirigidas ás damas da terra, era um Ferrabraz furibundo, prompto a devorar todos os Oliveiros do abolicionismo revolucionario, o que não impedia que o rapazinho tocasse gaita á sua passagem em manifestação... de aprêço...

São d'essa época as dolorosas scenas dos escravizados que atravessam em fuga perseguida a cidade de Capivary, vindos de muito longe, com fome e ao relento, e que penetram na cidade de Santos pela serra do Cubatão, vendo d'esse alto o sol da liberdade nascer no mar, na expectativa da fuga para longe da patria, nas republicas platinas, ou no agasalho local, depois de um combate sangrento em que se perdem vidas e fazem-se creancinhas orphãs.

Francisco Glicerio havia resolvido o *meeting* desejado e escrevera-me benevolo que "todos os homens livres d'aquella cidade desejavam ouvir-me.". Na manhã seguinte vejo, emquanto almoçava, que a sua grande figura entrava, a abraçar-me, censurando-me a falta de aviso immediato, e a hospedagem em hotel. Naturalissimo, isto, nos costumes da hospitalidade brasileira.

— Acabo de ler alguma cousa a seu respeito, e felicito-o pelo modo por que aqui caminham os negocios abolicionistas..., digo-lhe.

— Ah! a cousa vae, e já agora é impossivel fazel-a parar.

— Vejo especialmente que os republicanos dirigem o movimento. Li que V. esteve em uma fazenda, onde obtive a libertação dos pretos, e que estes ergueram-lhe *vivas* e á Republica. Magnifico, sabe?

Sorriso de modestia.

— Era a fazenda de um amigo.

Conversámos sobre o *meeting*. Elle annuncia-me que o encargo do discurso me era exclusivamente commettido.

— Como?! Isto é o diabo, sr. Glicerio... V. põe-me em difficuldades. Emfim o negocio é comsigo, e lá está V. para ajudar-me.

Elle fica de redigir a moção final, que apresentaria ao publico, e proclamámos a nossa independencia, separando-nos cada um para os nossos affazeres, elle para o seu escriptorio, e eu a visitar a cidade. Era advogado Francisco Glicerio: advogado provisionado, solicitador, rábula emfim, mas cheio de causas, e sabedor do seu officio, como poucos.

Eu já vira Campinas de uma feita em que alli estivera, ainda que rapidamente, com o dr. João Kopke. Nós dirigiamos a *Eschola Neutralidade*, um esfôrço de paciencia e constancia para conseguir uma educação scientifica e patriotica á infancia, esfôrço que elle, mais apostolo e theorico que politico e prático, máu grado ser excellente republicano, continuou em S. Paulo e no Rio de Janeiro, onde ainda agora está, e que eu abandonei, como lhes disse. Tinhamos ido assistir a uma festa escholar (collegio de D. Carolina Florence) em que as meninas campineiras haviam realmente revelado a par do estudo, muita gentileza e graça. Áparte a belleza, que em algumas era especial...

Leitor atiladissimo, terás tu podido porventura perceber, acompanhando a minha existencia de propagandista, que tenho um tanto a bossa do *touriste*? Tenho-a; comtudo, ella não era a dominatriz do meu dia. De resto, eu já conhecia a physionomia physica e social da cidade, se me permitem estas applicações de termos scientificos a assumptos leves, — desde aquella viagem, em que uma cousa, uma só, me impressionara mal; — vêr em luxuosas habitações por toda a parte negros a servirem; um negro na alva portaria, um negro, uma negra, a servirem nos quartos de dormir e a pegarem na roupa branca; um negro copeiro, a fazer tilintar os candidos crystaes e a servir a agua crystallina; negros por toda a parte...; nem um só mulato, ao menos, por meu caiporismo, afim de amenizar o quadro. Conhecia a physionomia moral da cidade pelas informações constantes que chegavam a S. Paulo, do luxo de Campinas, das escholas de Campinas, das fazendas de Campinas; — pela sua imprensa, e pela imagem de Carlos Ferreira, continuadamente presente ao publico academico do rio grandense paulista, chorando nos seus versos das *Rosas Loucas*, ou philosophando no seu drama *O Marido da Doula*...

A respeito d'elle, quero contar-lhes uma, que me pareceu boa, mas não o farei sem lhes dizer antes que n'esse mesmo dia abracei-o no escriptorio do seu jornal.

Carlos Ferreira é apresentado a um litterato. Eschola moderna, realismo, poesia social, e cousas; adversario dos lyricos, choramingas, *et caetera*. Os litteratos são muito amaveis entre si, já o notou Tackeray, em relação á Inglaterra, no seu *Livro dos Snobs*.

— Ah! o senhor é o sr. Carlos Ferreira.

— Sim, senhor.

— O auctor das *Rosas Loucas*?

— Sim, senhor.

— Pois, meu caro amigo, participo-lhe que escrevi os *Cravos Malucos*...

Desde já declaro que quem me contou isto foi o dr. Affonso Celso Junior, na Academia. Pode ser que elle não se recorde do facto, mas é verdadeiro. E, quanto á cousa em si, *si non e vero... e bene trocato*.

Não é menos exacto que em todas as minhas excursões politicas eu procurava, antes de falar, informar-me bem do estado da localidade, dos seus partidos, das suas luctas intestinas, e de industria visitava os edificios, as curiosidades da terra, com o louvavel intuito de inspirar sympathia ao publico, em proveito da minha causa... Mas aqui, para que isto? Que queria eu mais, se lá estava o Glicerio — o homem de Campinas?

Senhores, o que eu queria era matar o tempo, pela ansiedade que me produzia a espera da hora marcada para o novo *meeting*. Uma agitação intima se havia apoderado de mim: o receio do insuccesso politico, quasi até o receio do insuccesso oratorio. Começava a sentir o pêso da responsabilidade que ia attrahindo sobre os meus fracos hombros. Uma ordem do governo podia paralyzar os nossos esforços.

Consegui acalmar essa agitação fugitiva mas que picava fundo; e entretanto eu bemdigo ainda esse aneio patriotico: possa eu morrer amando sempre minha Patria a ponto de soffrer pelo resultado dos menores dias de sua

vida; a ponto de ter a dôr das suas dôres, e o gôsto das suas alegrias!

O receio do insuccesso oratorio: ... é curioso, mas acompanhou-me por muita vez: por mais habituado que esteja a usar da palavra em publico, começo sempre os meus discursos naturalmente timido, revelando a emoção de um estreante...

Vou, pois, vêr alguma cousa; é tambem exacto que, n'esta cidade larga, regular, de vasto horisonte, começava a sentir essa necessidade assignalada por Descartes como agradável complemento de uma boa educação; viajar, receber impressões objectivas, corrigir os erros do cerebro. Havia tanto que eu passava a vida commigo mesmo! a infancia nos estreitos limites da casa paterna e de uma aldeia, a juventude a accumular *preparatorios* sobre *preparatorios*, ou em cima dos livros a ler o direito, a philosophia, a historia, no ardor de instruir-me, ou na lucta com os rivaes, com os invejosos, com os inimigos, — ou a escaldar-me no amor apaixonado —; e mais tarde na lucta pela familia, no trabalho ininterrompido para outrem, que sei! cançado talvez, sómente alentado pela esperanza da nova Patria, sentia necessidade de vêl-a, de vêr, vêr muito, vêr tudo porventura!... Por que eu nada havia visto até então!

Percorro de novo a Igreja Matriz, soberba, grande, branca, embora sem estylo distincto, e mostrando no exterior como no interior um contraste de côres e de ornatos com os altares, de madeira negra, obra admiravel de talha, flores e troncos, festões e lianas, *bouquets*, anjos, estatuas e santos, o paraiso — tudo feito a canivete, trabalho de um

artista cuja lenda — todos a teem — olvidei. Percorro o bosque dos Jequitibás; muito bello; como sempre, entre nós, muita luz, muita arvore, muita agua; — lá, n'um ponto da floresta, de luz apagada, a nossa lyrica e musical princeza d'Eu havia gravado o seu nome n'um tronco, n'uma viagem que fizera; — impagavel, o caso, e entretanto, natural, se a princeza fôsse amada. Percorro o Passeio Publico, seu excellente caramanchão e o mirante, com um moinho de imitação, d'onde se descortina a cidade; percorro as redacções dos jornaes. Visito o *Club Republicano*; sala de leitura, bastante confortavel salão para conferencias, confortavel café ao meio dia, — um quasi pão corporal, ao lado do pão espirital em forma de discursos de vez em quando. Visito o collegio *Culto á Sciencia*: a meninada olha-me curiosa e honrada com a visita; e quando volto ao hotel, ao encontro marcado com o Glicerio, a multidão difficulta-me a passagem do *bond*.

— Que é? que é? perguntam todos.

Ergo-me socegado e olho.

Seria commigo? Pouco importava. Tinha preparado o espirito para esta viagem, e para todas as outras.

— Não é nada, não é nada, observa o cocheiro após exame. E' gente que vae ao *meeting*.

Era.

— Realmente, diz-me alguem que me acompanhava, vae ser uma concorrência espantosa.

*

* *

E foi, não obstante o calor de fevereiro, que abrazava, dentro d'aquelle theatro de S. Carlos, aliás bem soffrivel no que toca á commodidade e á arte. Podia ser calculado em 2:000 o numero de ouvintes; não ficava, pois, inferior ao da reunião santista. Toda Campinas lá estava, e, se em Santos me assistira o elemento liberto, aqui me applaudiam os operarios. Estava tambem presente o chefe de policia, compadre do conde d'Eu.

O Glicerio acclama presidente da reunião o dr. Antenor Guimarães, digno medico republicano, que me dá a palavra. A oração segue mais completa, mais tribunicia e emocionada que a de Santos, e o auditorio acompanha com applauso as mais ardentes explosões de indignação, como aquella em que peço para o principe estrangeiro e expatriado a pena ultima, se elle resistisse ao movimento libertador no dia da sua retirada. É verdade que um silencio glacial, verdadeiro medo da corresponsabilidade de uma tal ousadia, passou claro um segundo sobre todas as cabeças. . . ; momento difficil, em que o minimo protesto individual podia levantar uma celeuma funesta e terrivel. . . ; mas, além dos recursos oratorios anteriores, eu tinha podido levantar ainda mais a revolta contra o terceiro reinado, pela revelação dos projectos guerreiros do futuro imperador em relação á Republica Argentina. (Vide meus *Discursos, Opusculos e Manifestos*, actualmente no prelo em volumes, vol. 1º, notas ao segundo discurso).

No fim, Francisco Glicerio propõe a moção contra o terceiro reinado, moção habilmente redigida, que eu da tribuna annunciara, preparando-lhe a approvação, e que elle prefaciara com ardentes phrases no diapasão começado. N'esse dia, levado pelo povo que applaudia incessantemente, e que se aquecêra irritado a ponto de ter-me interrompido com energicos protestos contra o throno, o calmo chefe republicano chamou o conde d'Eu de infame. Puzemos as mangas de fora, confessemos.

Francisco Glicerio era o verdadeiro chefe da democracia campineira. Não é minha intenção biographal-o, e sim apenas de relance apreciar os seus eminentes serviços á causa republicana.— É o homem de acção que possuímos, dizia-me então n'uma expansão intima Rangel Pestana, quando lamentavamos um dia as fraquezas do nosso partido, fraquezas fataes no meio brasileiro, principalmente nos tempos brigantinos. Este homem, em cujo sangue ha o sangue de Africa, este mulato que tal se confessa sem despeito, tinha-se pelo seu trabalho. Não tivera educação litteraria especial, não era diplomado em cousa alguma; mas sua sagacidade e intelligencia, sua actividade haviam feito d'elle um bom advogado prático, sabedor tambem do segredo de fazer-se boas rendas annuaes. . . A necessidade, creio, a par da natureza, fel-o astuto, digno e amavel, dado, segundo a feliz expressão brasileira. Na sua grande e volumosa estatura, no seu olhar tranquillo e limpido, na sua physionomia descoberta, nos seus movimentos livres e repousados, no seu falar raro, mas nitido e fluente, havia o typo de um homem de direcção e de combate.

Ninguem melhor do que elle cabalava os votantes n'um

pleito, e a verdade é que as fôrças eleitoraes de quasi todo o partido estavam nas suas mãos. Era quem se movia, quem visitava o eleitorado, quem, emfim, elegia a deputação republicana, já quando S. Paulo enviara ao parlamento monarchico dois deputados republicanos, já quando os enviava em quatro legislaturas á Assembléa da Provincia. . . Collocava-se, porém, sempre na sombra, não obstante essa fatal evidencia, recusando-se a occupar o logar de deputado, cedendo o seu posto aos companheiros, e ficando-lhes sempre ao lado a guardal-os contra o inimigo.

Sua ultima viagem ás republicas platinas, em verdade innocente, augmentara-lhe o prestigio, pelo habito em que estavam os partidarios de não vê-lo agir senão com fins directamente politicos. Estava, pois, cheio de serviços á nossa idéa; em compensação, todos lh'os reconheciam, todos lhe vaticinavam um futuro feliz e todos o amavam, especialmente os de Campinas, cidade de que era filho dilecto. Tantos encargos, porém, tantas preoccupações, tantos interesses a combinar n'uma média sempre necessaria mas difficil de attingir, não teriam imprimido ao character do valente republicano uma nota de conciliação quasi proxima da fraqueza? Essa nota não se teria revelado no meio da campanha republicana? É o que verei mais tarde. Mas longe de mim, máu grado nossa divergencia n'um certo momento, e felizmente depois apagada, diminuir-lhe o valor, mesmo do combate. Para prova d'este, basta que recorde a audaz e felicissima peça pregada ao delegado da cidade em que realisava uma conferencia. . . Tendo o homem perturbado a ordem, e atacado os assistentes com os seus *bravi*, Glicerio fel-o prender, manteve a paz, e communicou o facto

ao presidente da Provincia, a que providenciasse... Pode-se imaginar a cara com que ficaria o administrador. . . E para prova de seu valor governamental citarei a sua acção no dia revolucionario collaborando na organização do primeiro gabinete republicano, e o seu governo posterior, á parte os senões inevitaveis da apprendizagem estadistica em taes condições.

*

* *

Volto a Santos, e, mal repousado ainda, um incidente grave da politica geral obriga-me a voltar á tribuna. Era a questão militar, a proposito do caso Leite Lobo.

O elemento de fôrça publica no Brazil não foi até o presente perturbador; antes tem sido realmente patriotico. Verdade seja. A maneira por que se realisou a nossa independencia, sob a egide de um principe, e a de um sabio, e em seguida a politica imperial, contiveram certamente o apparecimento de cabos de guerra de um prestigio dictatorial; assim, o exercito foi sempre um soffredor, circumstancia a que se lhe pode attribuir uma parte das suas tendencias liberaes. Elle negou apoio a Pedro I, e em verdade o depoz a 7 de abril; elle negou apoio ao governo escravista da Princeza Isabel, e acabava de declarar em documento publico que não prenderia os escravos fugidos... tanto importava a representação ao throno n'esse sentido... Em occasião recente o exercito fizera sua uma questão militar, em que nem por isso deixava de se tratar de um dos direitos do homem: foi o caso do ataque insultuoso de um deputado a um militar, na tribuna parlamentar, caso.

em que se negou ao soldado o direito de defesa pela imprensa, o que levou o exercito em massa a reagir contra o governo, a ponto de fazel-o ceder, com *arranhões* na dignidade, segundo a pittoresca phrase do presidente do conselho. . . Fôram trancadas as notas aos briosos recalcitrantes.

A sã politica é certamente a que, estudando todas as correntes sociaes, dirige-as habilmente para um bom fim. A irritação militar poderia levar á queda da monarchia; fazia-se pois, preciso, que sem sophisma e ás claras, por um accôrdo explicito, ella fôsse aproveitada para a instituição da Republica.

O facto é conhecido. Um capitão-tenente de marinha reformado é espancado na rua pela policia da capital, sempre considerada affeiçãoada ao governo; e um tenente-coronel do exercito é pela mesma policia recebido com grosserias, na sua leal e respeitosa intervenção. Os animos irritam-se, o povo sympathisa com a tropa e produzem-se desordens. Renasce a questão militar.

A causa era justa, e, attento a todos esses movimentos, a idéa veiu-me, logo posta em prática, de fazer com que "o povo de Santos, reunindo em *meeting*, resolvesse adherir so lemnemente á attitude heroica do exercito e da armada na nova questão militar, e convidal-os a empenhar o seu valor ao lado de patriotas populares, n'uma reorganisação da nação brazileira,„.

Consegui-o. E consegui-o com a presença de representantes militares, resalvadas, é verdade, as suas opiniões, pois não poderiam acompanhar abertamente o meu vôo revolucionario. Pela manhã de cinco de março ponho-me a campo, ou melhor, ponho-me ao mar, em demanda do couraçado

Bahia, que fundeava no porto de Santos. A officialidade — bravos rapazes — acolhe-me amiga: — sou-lhe apresentado por um tenente, intelligente rapaz, filho do magistrado local. Um apêto de mão no tombadilho sella o compromisso de comparecimento, desço a escada, de cujo alto posso rapidamente vêr a cidade, saudando-a de coração por mais um dia digno para ella, e fico contente do meu triumpho.

Já lêram a *Conquête de Plassans*, de Emile Zola? Recordam-se d'aquelle padre que á fôrça de habilidade domina uma povoação, segundo um plano premeditado? Pois eu tambem conquistara a cidade de Santos. Podia assegurar-me ter-lhe obtido a estima e a sympathia, e sentia-me por ella impellido na certeza de marcha segura na via triumphal da propaganda republicana...

Á noite, estava o *meeting* realisado. Aqui, acolyta-me Martin Francisco Sobrinho. Bello e sympathico moço; sua voz dôce e cantada appellou para o exercito, inspirando a todos adhesão sua figura movimentada, sua tez branca alvejada pelos cabellos pretos. D'aqui lhe digo o bom dia, censurando-o muito por não aproveitar tão espontaneos e felizes dotes para continuar, excedendo-o, para o bem da Patria, o nome de José Bonifacio, de seu pae, o senador abolicionista, o eximio orador e poeta inspirado.

Lida e acclamada a moção, o orador é abraçado, etc.

*

* *

Oh! as minhas licções! oh! as minhas causas! Já me impacientava ás vezes a leitura do mesmo *Cornelle* para a tra-

ducção e declamação da classe; a simplicidade de Macauley trasladada em portuguez escholar não me offercia attrativos; e o cidadão Claudio Marcolino e outros, meus bons clientes, talvez se inquietassem um pouco com o successo de suas questões. Mas lá estava o Martim para me ajudar a levar a cruz do Mello Freire ao Calvario da nossa legislação civil não codificada; e Sancho Pansa, na figura do cidadão Adrião, o nosso locador de escriptorio, lá se achava para chamar o meu espirito da “razão theorica,” para a “razão prática.” Elle só, o Adrião, embora não tivesse muito juizo, chamava um sonhador ao bom senso real. Era armazenista, e tinha sempre uma questão a nos propôr. Antes e depois de solvido o seu caso, olhava-nos com olhos lagrimejantes, na sua cara gorda de portuguez pé de boi, trabalhador e honrado, barba mal feita, sorriso alegre e honesto de quem prova parcamente as primeiras da adega antes da venda.

— Que dois! tomava a liberdade de dizer-nos, retirando-se.

— Adeus, cidadão!

Como quer que fôsse, era preciso continuar a propaganda. Os prenuncios eram favoraveis. Em Minas o sr. Cesario Alvim fazia uma serie de conferencias federalistas: opposição ao governo, pedidos de descentralisação, conservando o throno, em que ainda tinha esperanças. Já era alguma cousa.

O caso Leite Lobo resolvêra-se pela queda do ministerio. Durante a crise, eu escrevêra ao Glicerio convidando-o a ir ao Rio; quem sabe se se poderia fazer alguma cousa?

Mas elle respondeu-me que Quintino Bocayuva lá estava vigilante para o que pudesse acontecer, e que já se tinha dirigido ao mesmo Quintino. Tranquillisei-me.

Approximava-se o 7 de abril. A *Patria em Perigo*, o discurso santista, era largamente distribuido por toda a provincia; não ficara máu o trabalho, para cujo exito muito me servira o auxilio de Horacio de Carvalho, o magnifico rapaz, poeta de merito, revolucionario a toda a prova, e auctor do *Chromo*, um romance que não souberam ler bem. A agitação fazia-se nos espiritos; ao *meeting* campineiro respondêra alguém com um pamphleto em que ao lado dos chefes republicanos eu era menosprezado — “um tal Silva Jardim,” —; os tibios começavam a fazer restricções aos primeiros applausos em conversações de porta de loja e os adversarios atacavam o movimento em maledicencias de botequim ou de ante-camaras de palacio. Mas esses eram raros, e serviam mesmo de estimulante á lucta. Eu consolava-me modestamente com o dicto de Themistocles aos que o felicitavam por não ter inimigos; o patriota, mais ou menos respondia que nada valia, pois era isso prova evidente de que ainda não despertava invejas. Isso era até bom para minha licção politica: sabei bem, ó vós outros que desde a eschola pensaes na direcção da Patria, que na vida publica argamassaes barro solido e no dia seguinte encontraes areia dispersa; imaginae o que vos acontece se pretendeis argamassar com areia commum!

Campinas publicara tambem o discurso do theatro de S. Carlos. A imprensa, notoriamente a paulista, e d’esta a *Provincia*, levantavam as proposições que o orador enunciara. Alguns homens de valor, mesmo do Imperio, a quem eu havia offerecido meus trabalhos, animavam-me com o seu agradecimento, como o senador Dantas, ou com o seu applauso, como o barão Homem de Mello e o visconde de

Pelotas, em cartas expressivas. O partido santista fazia reproduzir no *Paiz* as explosões da minha rhetorica revolucionaria, que tinha o merito de dizer o que todo mundo pensava, mas que poucos se animavam a dizer em voz alta.

*

* *

Era bom que eu estivesse alguns dias em S. Paulo, a lendaria cidade academica, já então bem diversa do que fôra pelo seu commercio, industria e construcções. Fui n'ella passar uma dezena de dias, a reestudal-a, em tudo, e nos homens do meu partido, como na sociedade em geral. De resto, era uma diversão. E porque não ver de novo, do alto do mirante do Jardim Publico—o canudo do dr. João Theodoro, como o povo o chama — pois elle fôra o presidente embellezador da cidade, Haussmann de beca—porque não ver d'ahi a cidade extendida na planicie do Tieté, desde a Luz até a Liberdade, desde o Braz até S.^{ta} Cecilia? Porque não tornar a visitar a ilha dos Amores, artificialmente formada á margem do Tamandoatehy e por elle cercada? A Varzea do Braz, coberta da alvejada roupa que as lavadeiras expõem, a córar, aos raios do sol, e ornada de casinhas lá, ao longe? O antigo palacio e a antiga egreja, recordação tri-secular dos primeiros povoadores, e que falam de Anchieta? os seus conventos, as suas antigas casas de rotula, do tempo das mulheres de mantilha? os seus theatros, aquelle S. José onde todos os annos, a 11 de agosto, a mocidade se degladiava em artigos de mútua opposição, dividida em partidos politicos e religiosos, á frente dos quaes

estavam o Magalhães Castro, o Sinimbusinho, cujo nome se prestava a *calembourgs*, como o do Bourroul, o Fernando Mendes, a quem o Papa chamou *dilectus filius Ferdinandus* n'uma epistola que fez rir os radicaes durante oito dias?

. Aquelle S. José! onde, caloiro, tendo tido o ar-rôjo de *falar*, e, o que é mais, de pretender acalmar uma discussão em que muitos tinham sido apupados, eu fôra recebido com a vaia maior de que talvez haja memoria nos annaes das vaias academicas, mas que dominara, pela firme resolução manifestada, de orar a todo o transe, ainda que a representação da peça se interrompesse, acastellado n'um camarote, tres amigos ao lado, corpo de quem se prepara para a lucta, pequeno de estatura mas muito teso, costume descuidado, cabelleira basta, conforme a elegancia litteraria da época, capa atirada ao hombro, e a arremessar systematicamente ao auditorio a primeira phrase apupada:

— Mocidade academica! aquietae-vos!

Creanças dos dezoito annos...

. Porque não tornar a ver tudo isso? os hoteis, entre os quaes o de *França*, onde uma noite M. de C. — pobre! já não é mais d'este mundo! — sustentava-me que havia bebido chá havia pouco e que entretanto se sentia embriagado, a instar para que eu lhe respondesse se o chá embriagava? os jornaes, e especialmente este gabinete de revisão da *Provincia* a lembrar um outro, em que Americo de Campos me promettêra collocar-me na folha que redigia, porém sem conseguil-o? este outro, d'esta casa, que foi da *Tribuna Liberal* onde por Inglez de Sousa fui admittido á revisão e á secção litteraria, n'um momento

difficil, em que quasi o estrangulava com um abraço se não fôra a cerimonia, momento a que elle poz termo, garantindo-me a collocação? o hippodromo, ainda, onde certa vez eu vira olhos que cantara no domingo seguinte em folhetim, embora para fazer estylo, por que já estava prêso por outros olhares?

Eu devia reyer tudo isso, e a Eschola Normal onde disciplinara no magisterio o meu espirito, o novo Lyceu de Artes e officios que o dr. Leoncio de Carvalho melhorava, a Academia com o edificio semi-reformado pelo conselheiro Fleury, os meus amigos, os antigos collegas. Era certo que pouco havia sahira de todo esse centro; mas ou fôsse que minha vida se tivesse quasi radicalmente modificado, ou fôsse que vivesse muito recolhido desde a formatura e o casamento, o facto é que precisava observar de novo a cidade que me attrahira desde a minha juventude, a patria de Alvares de Azevedo. Era-me mesmo necessario apalpar por toda a parte o terreno politico, e até pela impressão da minha pessoa conhecer um pouco a impressão produzida pelas idéas que ia prégando... É bem de ver que, guardadas conveniencias, não perdia occasião de discutir os acontecimentos, puxando a braza para a minha sardinha, segundo o proverbio sempre realisado na carreira politica, mais que em outra qualquer.

Seria, demais, para o meu espirito tão gravemente preocupado, ardendo na febre do entusiasmo patriotico, um consôlo penetrar n'essa doce floresta de recordações, de mistura com as duras reflexões politicas da occasião. Aqui, a rua de S. Bento lembrava-me a chegada em 78, com Raymundo Correia, o nosso delicioso e correcto poeta dos

Primeiros Sonhos e dos Versos e Versões. O' amigo Juiz de Direito! Recorda-se você? Tínhamos sahido da nossa *republica* da rua da Quitanda, no Rio de Janeiro, deixando muito saudoso o Pessanha, meu excellente amigo e companheiro de collegio, que fez um bonito curso medico, com distincção na these, que hoje clinica pelos lados de Macahé, e que em eu lhe pedindo continuará a dar-me muitos votos. Lembra-se? Chegamos e hospedaramo'-nos no *Hotel da Paz*, hoje finado, você com a sua mezada pequena mas certa, e eu, com a minha diminutissima e duvidosa, grande esforço paterno, e que devia um anno depois cessar. Você relacionou-me com o dr. Siqueira Bueno, amigo de seu pae, e excellente cavalheiro: como foi elle delicado comnosco! E o nosso exame de geometria, com o Chico Aurelio, o lente de fama terrivel de reprovar semi-caloiros? E as minhas difficuldades de dinheiro para pagar a casa de pensão? Aconteceu-me isso muitas vezes; verdade é que eram benevolos os proprietarios e minha cara inspirava-lhes certa confiança. Que susto no dia da primeira matricula! O meu dinheiro não havia chegado. Foi Cesario Nanzianzeno quem descobriu que eu estava virgem dos cincoenta mil reis exigidos para começar a ter o titulo de doutor; e foi esse velho amigo quem m'os emprestou... um modo de dizer, porque jámais quiz que eu lh'os pagasse. E o Pedro Lessa... lia latim todas as tardes, como mineiro que era... Valentim Magalhães, como eu fluminense, de familia conhecida da minha, veiu visitar-nos, após nos conhecermos no *club* republicano. Elle já fazia versos.

Depois que o deixei, Raymundo, por que os nossos ge-

nios combinavam-se pouco — você era então muito catholico — succederam-se cousas engraçadas, que V. não ignora e que aqui lhe narro por tabella. O que eu quero é, ao lado d'esta evocação suave da nossa mocidade, dirigir-me ao Publico que me olhava já aborrecido com estes pormenores; e como isto é muito intimo, dirijo-me a você. Mas elle pode ouvil-o, porque, afinal, não tenho d'esse bom cidadão motivos para duvidar da sua complacencia. Esta reserva é sómente para guardar a minha attitude de homem publico, mesmo escrevendo memorias...

Nós moravamos á rua de Santo Amaro, uma rua suja, feia, muito frequentada por caipiras que vinham ao mercado, e habitada por alguns estudantes. Viviamos em *republica*, embora sob o regimen monarchico da casa de pensão; era uma especie de monarchia constitucional, tamanha era a liberdade, no meio da ordem...; opinião que não é a minha. Haviamos organizado um ministerio, e depois que algum transeunte respingava deante da minha eloquencia hyperbolica — eloquencia do Presidente do Conselho — e das gargalhadas estridentes do Valentim — ministro das finanças — e do Luiz Ribeiro, sahia para a rua o Leocadio Leopoldino, um bruto de fôrça, ministro da guerra, a atirar o pobre dentro de uma valla, d'onde este erguia-se não positivamente moído mas ás vezes pouco asseado... Era um despotismo. Havia um bico de gaz na esquina da casa, e o accendedor dava-se a pêrros porque todas as tardes eu ordenava-lhe da janella imperioso que o accendesse sob uma ameaça qualquer. O homem a principio desesperava, dizia que o fazia porque era sua obrigação, e uma noite quasi nos deixou ás escuras. Porque ás vezes

o tal candieiro era o ministro economisador do nosso thesouro, sempre em *deficit*, como o da nossa patria.

Ahi conheci o Sousa, cujas originalidades o Valentim já cantou, e que escrevia ao pae doente cartas em bastardo. . . para divertil-o ; que datava outras do Convento do Carmo, onde ia morar de graça por ter esbanjado a mezada, como se n'elle já estivesse, falando do profundo respeito que lhe inspiravam as imagens venerandas que o cercavam ; que um dia tratou individualmente uma duzia de cocheiros a virem buscal-o para o conduzirem á estação, caminho do Rio, e pagar-lhes a anterior e já avultada conta, e que, pela noite alta, collocou-se na *gare*, e tomou passagem, enganando os cocheiros, deixando muitos companheiros sem carro, resuscitando depois da partida do trem de logar pouco destinado á permanencia demorada dos passageiros ; ahi conheci o Braguinha, que estando em um café a tomar cerveja no dia seguinte ao de lucto na familia desculpou-se allegando que a cerveja era preta, e que fazia magnificos versos satiricos que n'um rigor de critico de dezoito annos muito condemnei ; ahi ouvi contar a chronica de todos os rapazes de talento e de espirito da Academia, especialmente a do Luz, que pagava aos urbanos para vestir-lhes a farda e inspeccionar a cidade, no tempo em que S. Paulo não era illuminada, que arrancava as ta-boletas das casas das parteiras e punha-as alta noite sobre as portas dos lentes, occasionando episodios muito comicos, e que reprehendido em exame pelos bocejos continuos e posições quasi horisontaes, declarou muito grave que depois de tirar uma perna de cima da outra (e ia-a tirando) continuava na exposição do seu ponto. . .

Ahi, n'essa rua, conheci Magalhães Castro, que me deu provas de amizade, o orador academico, discipulo de Castelar; Affonso Celso Junior, o poeta das *Telas sonantes*, poesias que assegurou preferir *tel-as sonantes*; Theophilo Dias, então meu amigo intimo e mais tarde meu contra-parente, o mestre dos moços na poesia academica e brazileira; Assis Brazil, que cultivava a unha do pollegar, escrevia os *Libellos a Deus*, e preparava-se para redigir a *Evolução*; Julio de Castilhos que falava pouco, e lia os oradores da Revolução Franceza; Pereira da Costa, que os seguia, com uma maneira de rir, sempre boa, cascadeada; Alcides Lima, pallido e pensativo; Argimiro Galvão, já morto, muito revolucionario, luctando muito para estudar, pouca roupa e algumas dividas terriveis, e com quem convivi n'outra casa; Barros Cassal, bohemio e trabalhador, que se apossara do meu leito enquanto eu estava em férias, e com quem fiz conhecimento na manhã seguinte de minha chegada, tendo dormido juntos, por não querer eu deixar o caloiro sem cama; o meu correligionario Barros Franco, então muito estroina, que nos ia uma occasião subitamente deitando a porta abaixo com um murro sob pretexto de abril-a; Homero Baptista, pobre e honrado, Felicio dos Santos, estudioso e profundo, e muitos outros. Era n'essa rua que nos reuniamos na sociedade *Fraternidade Litteraria* a discutir theses que eram motivo a divagações oratorias ou questões de regimento, que jámais findavam; e ahi realisavam-se os *rasgas* na republica do Assis Brazil, agapes de rhetorica revolucionaria em que a cada qual cabia representar um typo historico, cabendo-me o de Camillo Demoulins, com o dever de fazer um discurso, ao qual ás vezes respondia o copeiro,

um moleque prosa, inventando termos...; e que terminavam por uma canção em que se ameaçava rasgar tudo o que fôsse possível rasgar, e mesmo o que não fôsse possível.

Foi n'essa rua que escrevi os meus primeiros ensaios para a imprensa paulista; as *Idéas de Moço*, de collaboração com Valentim, em que se lê um conto, *O Grito na Treva* que nos pareceu o cumulo do byronianismo; a *Gente do Mosteiro*, pamphleto de represalia contra a academia que me vaiara, e que difficilmente supportava meu temperamento muito rigido e irritante, uma critica acerba contra os escriptores mediocres, e que me ia valendo uns conflictos difficeis; ahi escrevi para a *Tribuna* folhetins litterarios, criticas, é o mais. Dias inolvidaveis da existencia! Emfim, ahi, no meu primeiro anno de Direito tomei-me de amores pela que cinco annos mais tarde foi minha esposa, perante o mundo e Frei Santa Catharina Furtado; meu antigo mestre no mosteiro de S. Bento, no Rio de Janeiro.

Cousas de rapaz; resultados da formação de um ideal: uma mulher loura, entre menina e môça, estatura regular, talhe elegante, olhos grandes e castanhos, tez dôce, nariz grego e correctissimo, labios côr de rosa, andar de deusa; ideal encontrado, um dia, na rua do Piques, casa de sua avó, de passagem com Th. Dias que entrara a receber uma ordem para a familia de que era intimo; vestida de preto, graciosa, conversação de alguns minutos a sós em salão, o bastante para accender-me o fogo sagrado que me fazia dizer alguns dias depois como o Camões:

De amor escrevo, de amor trato e vivo,
De amor me nasce amar sem ser amado (?)
De tudo se descuida o meu cuidado,
Quanto não seja ser de amor captivo,

que me fazia passar horas inteiras no leito, sob um cobertor de lã encarnada, procurando ao menos um horisonte roseo... na lã do cobertor... o que fazia rir muito o Valentim, que desconfiara do caso. Mas já era alguma cousa o meu cobertor, porque não podem imaginar o quanto me fôram incommodos os primeiros dias de inverno paulista em que não tinha dinheiro para uma coberta quente. O *Corpus Juris* era então travesseiro, e as roupas de lã já usadas serviam de involucro ao estudante que se obstinava em seguir uma carreira diplomada.

Nunca mais, ó amigos! poderemos esquecer essa rua, que cada um de nós tem a seu modo celebrado, nem os campos adjacentes onde, ao pôr do sol das bellas tardes paulistanas, passeavamos, recitando versos ou discursos, ou onde ao calor do dia nos iamos banhar em bandos no correjo próximo; e nem mesmò o seu macadam grosseiro, por nós trilhado quando, ás 8 da manhã, o sino da Academia nos chamava á apostilla do dr. Benevides, nos tempos do ensino obrigatorio!

Terrivel, o dr. Sá e Benevides!

Tomara-se de uma raiva medonha contra o positivismo e todá a sciencia moderna. Adepto sincero e eloquente do Syllabus, em discordancia com a propria Academia não obstante o espirito retrógrado d'esta, todos para elle eram positivistas, materialistas, socialistas "encapotados". Depois, tinhamos o Conego Andrade, que anceava todo o

tempo da aula; soffria do coração, o que diminuia a sua apostilla. Mais tarde... muitos, muitos mestres; desde o dr. Justino de Andrada, feroz no seu rigor, aliás justo, e cuja pronuncia de portuguez cerrado exigia pelo menos uma semana para que se o percebesse na cathedra, até o conselheiro Martim Francisco que, lente de direito ecclesiastico, mas pensador livre, explicava a materia ordinariamente em dez minutos, no que prestava o maior dos serviços, até o dr. Camargo, que falava tão fino que parecia chorar;... e tantos outros, d'essa geração passada de lentes que entroncava, pelo dr. João Theodoro, com os Brotero e com os Cabral. Aquelle, o dr. João Theodoro, um original que prégava o direito dos animaes, censurando o sr. Paula Sousa por amar a caça, e que se comprazia quando se não entendia a sua *Theoria Transcendental do Direito*; aquelle outro, o dr. Brotero, que explicava aos alumnos as minudencias matrimoniaes com a melhor das intenções, e este, o Cabral, que sympathisava ou antipathisava com os estudantes conforme a boa ou má *toilette* d'este, e conforme o nome que tinham recebido no baptismo.

— O senhor vae muito bem! vae muito bem! dizia ao estudante bem vestido.

E, terminada a aula:

— Diga-me, moço, quem lhe fez esta roupa? Está muito bem feita.

Ou então:

— O senhor não sabe nada! o senhor não sabe nada!

E, com os botões:

— Procopio! Um homem que se chama Procopio! Se pode saber Direito um homem que se chama Procopio!

*

* *

“Foi um discurso verdadeiramente notavel”, dizia um telegramma, cujo auctor não tive occasião de conhecer, de S. Paulo para a *Gazeta de Campinas*, referindo a conferencia realisada a 7 de abril no Club Republicano. Convidado a commemorar a data da deposição de Pedro I, eu aproveitara o ensejo para fundamentar largamente as razões da propaganda que encetara, por um vôo systematico sobre a historia geral e brazileira. Demonstrei que a marcha da Humanidade levava á Republica, e que a triplice evolução brazileira — da politica que servira ao throno, da politica revolucionaria, e da politica dos mesmos imperantes — exigia para nós aquella forma de governo. Trabalho vasado nos moldes philosophicos do raciocinio positivo, e em que se resumiam, afinal, as conclusões dos discursos anteriores.

A reunião fôra presidida pelo dr. Prudente de Moraes, de Piracicaba, um typo do antigo character paulista, mais tarde governador de S. Paulo, e no momento em que escrevo presidente do Congresso Constituinte da Republica. Os salões do Club Republicano estavam repletos do que tinhamos de melhor na mocidade, e na madureza paulista. Lá estava o cidadão Manuel Lopes de Oliveira, honrado negociante, que não deixava passar dia sem pensar em cortar a cabeça de Pedro II; Victorino Carmillo, como elle negociante, mais calmo; o dr. Cerqueira Cesar, frio e entusiasta a um tempo; o dr. Pereira Barreto, organização de homem

de sciencia, philosopho, e notavel medico ; Rangel Pestana sempre reflectido, acompanhando-me com o seu olhar animador ; Campos Salles, cuja physionomia de tribuno era um applauso convencido e grave ; Americo de Campos, capa sempre ao hombro, capa que a *Comedia*, um diario meu e do Valentim, havia cantado em rodapé, com o seu olhar morno de uma expectativa permanente ; Bernardino de Campos, seu irmão, que começava a revelar qualidades superiores ; e os mais moços, Miranda de Azevedo, um antigo batalhador ; o Carlos Garcia ; Alonso Goyanaz, sempre philosophando sobre os acontecimentos ; Hippolyto da Silva, poeta, entusiasta e prompto ao sacrificio ; Jesuino Cardoso, ardente, e com o dom da palavra ; Paula Novaes, sempre maledicente e revolucionario, mas companheiro para todas as emergencias ; Bueno de Andrada, em cuja casa eu preparara na véspera o meu trabalho, ainda não filiado no partido, mas um *atirador franco* com o qual se contava, Pereira Pinto e muitos outros.

O *Club* era o centro da palestra de todos esses combatentes. Era uma organização como a de Campinas, e que não foi possível conseguir em outros pontos com o mesmo character. Era um local em que se jogavam jogos honestos, o bilhar e o gamão, em que se podia beber como n'uma sociedade de temperança, e em que se tomava o café ao meio dia, em que se liam jornaes e revistas, e em que de tempos a tempos se realisava uma conferencia. Um ponto attraente, emfim, onde o partido se reunia.

Dava sobre a rua de S. Bento, e era bello vê-lo nos dias de festa, bem illuminado, bandeira desfraldada, attrahindo a sympathia popular. Era o successor das antigas reuniões

do *salão vermelho* da casa do dr. Americo Braziliense, o illustre chefe do partido, então retirado da politica activa, por sua molestia e pelos affazeres de lente da Academia; e completava as palestras do escriptorio da *Provincia* em que era licção proveitosa a palavra sempre profunda de Rangel Pestana.

*

* * *

Os gritos de *Viva a liberdade da Patria! viva a lei de 13 de maio! viva a princeza Isabel!* echoavam por toda a cidade de Santos. Era a victoria da causa abolicionista, que alli se festejava como no paiz inteiro.

— Afinal! Está feita! Quem o diria! Mas, emfim, está feita! Já não ha mais escravos no Brazil! Que progresso enorme! E, segundo as noticias, sem a menor perturbação! Tudo entre flôres! As festas teem estado esplendidas! Emfim, está feita! E, entre nós, a verdade é que isto deve-se ao Antonio Bento!

Eram as phrases sacramentaes de todos os que se encontravam. Chegara havia dois ou tres dias a noticia da lei abolindo definitivamente a escravidão no Brazil. Estava realisado o sonho tantos annos sonhado, sempre a parecer longe da realidade.

O ministerio João Alfredo comprehendêra em poucos dias a impossibilidade de resistir á aspiração geral dos mais generosos espiritos do Brazil. A situação chegara ao auge: a ultima questão militar tivera apoio na irritação publica contra o gabinete escravagista, e fôra especial-

mente fermentada pela mocidade das escholas, nomeadamente a da eschola militar. Após alguns ensaios, e quando de S. Paulo o senador Antonio Prado enviava um projecto em cinco artigos de abolição relativa, pois o liberto ficava adstricto ao solo, diz-se que a Princeza Regente optara pela abolição immediata, sem mais preparos. Emoção do coração feminino? Bem possivel; porque afinal, essa senhora era mulher e mulher brasileira. Mas sem duvida tambem o receio da queda do throno deante da opposição que o identificara com a escravidão, e a realisação de um plano dynastico. Segundo os ultimos telegrammas, o Imperador estava moribundo em Cannes, e era preciso tornar sympathica a successão, que se afigurava immediata. Como quer que fôsse, unanimemente a nação applaudia a lei, e os mesmos proprietarios de escravos recebiam-n'a submissos, não obstante o inesperado para elles, depois das promessas do throno.

Santos fôra de longa data um foco abolicionista, sem distincção de partidos nem nacionalidades. Era ahi que se achava o celebre quilombo do Jabaquara, protegido pela população, ao qual muitos commerciantes forneciam mantimentos, a pedido do chefe negro Quintino de Lacerda. Sabe-se quanto tinha sido inefficaz, ridicula e odiosa a viagem que um chefe de policia fizera á cidade com o fim de agarrar uns pretos foragidos. O pobre doutor fôra vaiado, ameaçado, e coberto de maldicções quando ao partir conseguiu levar alguns dos infelizes, perdendo-se os outros pela restinga e pela lama, n'ella quasi enterrados antes de cahirem ao mar, e protegidos por populares que lhes forneciam meios de fuga.

Imaginem, pois, como não se festejaria ahi a abolição. De resto, a população é muito folgazã: o santista trabalha... e dança. Foi um delirio desde 13 de maio até o fim do mez, delirio de que participei, por sinceridade mediata e immediata, por enthusiasmo e por politica.

Para nós outros, os republicanos, a abolição estava de ha muito feita; o golpe alegrava-nos immenso, mas não nos surprehendia; em todos os meus discursos eu a pedira, declarando-a proxima, e fatal. Tambem tinhamos previsto as consequencias do seu não preparo no espirito dos agricultores das provincias do Rio, de Minas, de Pernambuco e da Bahia; comprehendiamos a fatalidade do choque, que se seguiria á victoria, desde que a primeira centelha de provocação partisse dos vencedores, como aconteceu: o Presidente do Conselho respondeu mais tarde com o sarcasmo aos lavradores que pensaram não ter razão de ser a monarchia depois da abolição. Em nossa correspondencia, Francisco Glicerio e eu chegamos ás mesmas conclusões. "Vae-se fazer a abolição, dizia-me, mas o throno queimar-se-ha na lenha da fogueira do Rio e de Minas." Eis por que entendi acceitar activo a parte que os libertos me chamavam a tomar nas suas festas: era preciso tornar bem claro o meu passado abolicionista, para poder ficar puro da eiva de escravismo quando prégasse a Republica ao elemento agricola, e me visse coberto dos seus applausos; e era preciso, desde alli, d'aquelle ponto do paiz de grande écho pela sua posição commercial, não consentir que a veneração publica e especialmente dos libertos se concentrasse toda na Princeza Isabel. Creio ter conseguido os meus fins.

Isabel não teve medo,
 Assim é!
 Viva o senhor José Alfredo!
 Olaré!

dizia a canção que rapidamente esbocei, e que os pretos cantavam na rua. Fôra em casa de Santos Pereira, um portuguez que se mettêra em cabeça prejudicar os lavradores, com ou sem vantagem propria, pouco importa, do Santos Garrafão, como o chamavam, que eu a redigira, n'um d'esses dias de festa, em que me achara a uma noitada em sua casa.

Acabou-se a escravidão,
 Assim é!
 Viva o Santos Garrafão!
 Olaré!

A meia noite, quando todos dansavam, os pretos chegaram, em acclamações festivas.

Todos os dias anteriores haviam sido como esse. A febre fluminense e paulista extendera-se : todas as cidades queriam primar em alegria, bem como todos os cidadãos. Logo que receberamos a boa nova, em grupo, dirigido pelo digno Presidente da Municipalidade, o cidadão Vianna, nos encaminhamos para o edificio da camara. Depois, manifestações aos trabalhadores abolicionistas; ao dr. Galeão Carvalho, que como promotor publico muito fizera em bem da causa, ao coronel Francisco Martins, ao chefe do quilombo;

A cousa segue com tino,
 Assim é;
 Viva o Lacerda Quintino!
 Olaré!

ao Major Xavier Pinheiro, que possuia um mimo de habitação á beira mar,

E foi sem susto maior,
Assim é;
Viva, pois, nosso major!
Olaré!

ao Telles, ao Lacerda Franco, ao Souto, a muitos outros, aos jornaes, ás corporações, etc. ; — depois as passeatas dos pretos, bandeiras á frente, com seus grosseiros instrumentos musicos, suas grosseiras roupas, endomingados alguns, esfarrapados outros, que me vinham despertar ás vezes, convidando-me a seguil-os, e entre os quaes se encontravam alguns que com a eloquencia do soffrimento narravam as dôres passadas em discursos tristes, emquanto os mais velhos e as mulheres choravam commovidos; as sessões solemnes para commemorar a data da “lei aurea”, as representações theatraes, os bailes, tudo, enfim, que denotava o entusiasmo vibrante de um povo que se sentia renascer pela contricção a que se impuzera no corrigir um crime nefando.

Uma tarde jantámos em casa de Quintino de Lacerda, que lhes apresento; como um preto intelligente e honrado, no quilombo do Jabaquara, que os convido a visitar comigo. Vamos por aqui, caminho da Villa Matthias; ha *bond*. Depois, seguiremos a pé, por este trilho. Aqui já se não ouve o ruido da cidade. Agora vejam esta serie de casinhas, ligadas entre si, n’um grande barracão, precedidas de um *armazem*, que serve de fornecimento a todos. Em frente o *terreiro*, o pateo commum, e em uma banda um

caramanchão, para o descanso geral, e para a festa. D'este lado a planície, que olha a terra, deixando á margem o mar, que murmura ao longe; n'esta planície estão as terras aforadas onde os pretos trabalham; d'este lado a montanha, enorme, que defende o quilombo contra a cidade, no caso de ataque: um só carreiro, difficilmente transitavel e sempre vigiado pelos espias do chefe, podia servir de comunicação. Vejam alli, n'aquella encosta, uma unica habitação anterior ao quilombo, e a elle cavalleira; casa de campo de um abolicionista, palmeiras em derredor, dando ares d'aquelle quilombo Leblon, do Seixas, no Rio de Janeiro, que avista do alto o mar, quebrando-se na praia, na Copacabana, e d'onde vieram flôres á Princesa no dia 13 de maio.

Era ahi que, protegido pela montanha, Quintino récolhia os companheiros fugitivos, e dava-lhes trabalho. O bom preto tornara-se uma garantia de ordem para a cidade; exercia o cargo de inspector do seu quarteirão, e era como tal muito estimado. Um sergipano. Como aportara áquellas plagas? não me recordo. Fôra escravo de Antonio Lacerda Franco, de quem era amigo, e que o libertara. Tinha todas as qualidades physicas do chefe; vejam este enorme corpo, esta physionomia grande, este olhar seguro, esta barba, este *aplomb*. Entretanto, era modesto; para nos apertar a mão e abraçar-nos era mistér instancia. Trabalhava, e gastava com os seus as suas economias. Era pae, e amava sua companheira. Bom homem! Prova de que o merito, mesmo intellectual, não está só com os lettrados; por que elle vira claro sua missão; excellente negro! Demonstração palpavel de que a sua raça podia produzir typos

dignos que recordassem a figura respeitavel dos Henrique Dias, dos Bezerra Cavalcanti, dos Luiz Gama !

*

* *

Lá fora, não obstante o máu tempo, de uma chuva fria e persistente, os grupos que passavam para uma manifestação continuavam a levantar *vivas* á lei de 13 de maio, e nós nos reuniamos em congresso republicano n'aquelle mesmo salão do *Club* de S. Paulo, a 22 do mesmo mez.

Haviam-me enviado, para Santos, o convite para essa reunião. Por delegação do Partido, attenta a molestia do dr. Vicente de Carvalho, primeiro representante, apresentaram-me eu no Congresso. Era tempo do partido republicano tomar uma resolução definitiva na sua marcha.

As festas da abolição haviam terminado em Santos com um estrondoso viva á Republica, erguido da sacada do edificio do *Club*, depois de um discurso em que eu lembrava o trabalho dos martyres e mostrava que a obra não estava acabada; *viva* correspondido por uma multidão enorme que eu via como uma serpente collear por toda a rua.

E já havia exposto um ponto de vista conciliante e moderado, apto a aproveitar as fôrças agricolas emancipadas da escravidão, e espontaneamente irritadas contra o throno, desde a sessão em que dias antes da lei libertadora, os santistas se haviam reunido no theatro para pedir ao Parlamento que apressasse a mesma lei.

Durante o dia conferenciara com Rangel Pestana. De

larga data o Partido Republicano se habituara a vêr n'elle o seu verdadeiro director, e até então ninguem lhe disputara esse titulo. O illustre fluminense, redactor da *Opinião Liberal* em 1868, radical estimado então, evolvêra naturalmente para a Republica, ligara-se a uma familia paulista, contribuiu para a educação da mocidade d'esse povo pela fundação de um estabelecimento de ensino, e para a educação social da provincia pela direcção de um jornal, a *Provincia de S. Paulo*, em que expunha nobre e claramente os mais sãos principios do direito publico, á luz da philosophia positiva, na apreciação continuada dos acontecimentos politicos e sociaes. Um typo de publicista, e de guia mental de partido.

Este era então em comêço de carreira; e enquanto os outros chefes, como Glicerio, Campos Salles, Prudente de Moraes e outros, preparavam as luctas de eleição, era a Rangel Pestana que cabia a tarefa mais ardua, de pensar por todos, de organizar a direcção, de guiar a bancada republicana na Assembléa Provincial de redigir os manifestos, de escrever no jornal, gastando a sua vida no serviço, inglorio, mal apreciado, combatido, e calumniado, da apreciação diaria das cousas e pessoas, em que a recompensa mais que exigua punha uma familia sempre em lucta com a pobreza. Jámais, não obstante, um momento de queixa ou de fraqueza. Sua natureza recta, que o impedia de fazer as pequeninas concessões da advocacia ou da politica, podia trazer-lhe as horas do desalento intimo, mas salvava-o tambem, como aos fortes, da queda dos ambiciosos sem valor; ella podia por vezes dar-lhe á compostura moral uma rigidez irritante, mas impunha um respeito que ninguem

ousava contestar. O nome d'este homem, era sempre pronunciado com um profundo acatamento. Talvez que a sua maneira de apresentar-se muito concorresse para isso.

Pois fôra assim desde a Academia. Nos seus *Annos Academicos* conta Pessanha Pova que o visitara certa vez já com o aviso de que era um homem muito sêcco.

— Mais que sêcco o encontrei, escreveu; achei-o mesmo torrado.

(A honorabilidade do biographado não permittiu imputar-se ao biographo nenhuma idéa de um *calembourg* grosseirissimo).

Tal era, rapidamente, o homem que me habituara com razão a considerar a melhor cabeça do Partido. Talvez lhe faltassem sómente mais qualidades de *pose* e audacia que são necessarias aos chefes práticos. D'ahi, por vezes, o cumprimento do dever de um modo tão frio que não despertava enthusiasmos.

— Mas descrê da Republica em todo o paiz? perguntei-lhe uma vez em que delicadamente lhe notava a tendencia separatista dos seus ultimos artigos.

Um sorriso triste em resposta. E, depois :

— Todos nos vamos inclinando a pedir a separação para a federação. Se S. Paulo se puder separar primeiro, deverá fazel-o.

Effectivamente, no seu congresso o Partido pelo órgão de Campos Salles manifestara-se n'esse sentido.

— Ha muita gente já cançada de ser republicano, disse-me n'esse dia 22 de maio. E' preciso activar o movimento, fazer um esforço supremo.

E depois, no Congresso, á noite :

— Você deve falar no sentido da sua propaganda, a vê-se está no sentimento do Partido.

— Mas não seria melhor que o mestre falasse?

— Falarei depois.

E fel-o. Americo de Campos commentara o meu discurso com scepticismo. Era certamente tactica de quem irrita o patriotismo dos soldados antes do combate. Rangel Pestana levantou-se e declarou approvar as minhas conclusões revolucionarias.

Nunca o vi tão applaudido. A voz solemne irradiava-lhe da physionomia severa, e, através dos oculos, brilhava-lhe o olhar energico de patriota. Sua figura erecta, de magistrado, condemnava o throno e animava á lucta partidaria.

No dia seguinte lia elle ao Congresso, durante duas horas, o manifesto do Partido, manifesto que redigira, por delegação, em commissão com Americo de Campos e comigo. Americo declarara de antemão approvar tudo; e eu só lhe pedira accentuasse mais as conclusões de combate em todos os terrenos ao terceiro reinado. Este homem dedicado havia redigido esta longa e notavel peça politica, que tamanha impressão produziu no paiz, doente e no meio de muitos outros affazeres.

*

* *

Mas o dinheiro é o nervo da guerra, e as revoluções não se fazem com palavras. Para regular os trabalhos do Congresso, e não dar ao publico o spectaculo de uma assem-

bléa tumultuosa, em que os mais ardentes disputassem bravuras patrióticas com os mais prudentes, resolveu-se uma reunião íntima, quasi secreta. Creio que o meu correlligionario Victorino Carmillo não achará indiscreto que eu diga que ella teve logar em sua casa. São aguas passadas e que o honram.

De resto, não tenho intenção de referir minucias dos factos ahi acontecidos... Ó vós todos, que tendes sentido o fogo devorador do desejo de salvar vossa Patria, e que tendes sentido as difficuldades práticas de uma campanha, sabei que é bem certo que o homem dá com mais facilidade a sua vida que a sua bolsa por uma idéa! Porque a vida é sempre dada n'um momento de excitação sublime; e a bolsa é difficilmente emprestada na occasião de uma meditação mesquinha... E os tempos modernos, muito industriaes, não amam a applicação do capital sem certeza do resultado... Civilisação? Pode ser: mas n'aquelle dia eu preferira a barbaria selvagem dos loucos, prodigos pela abnegação.

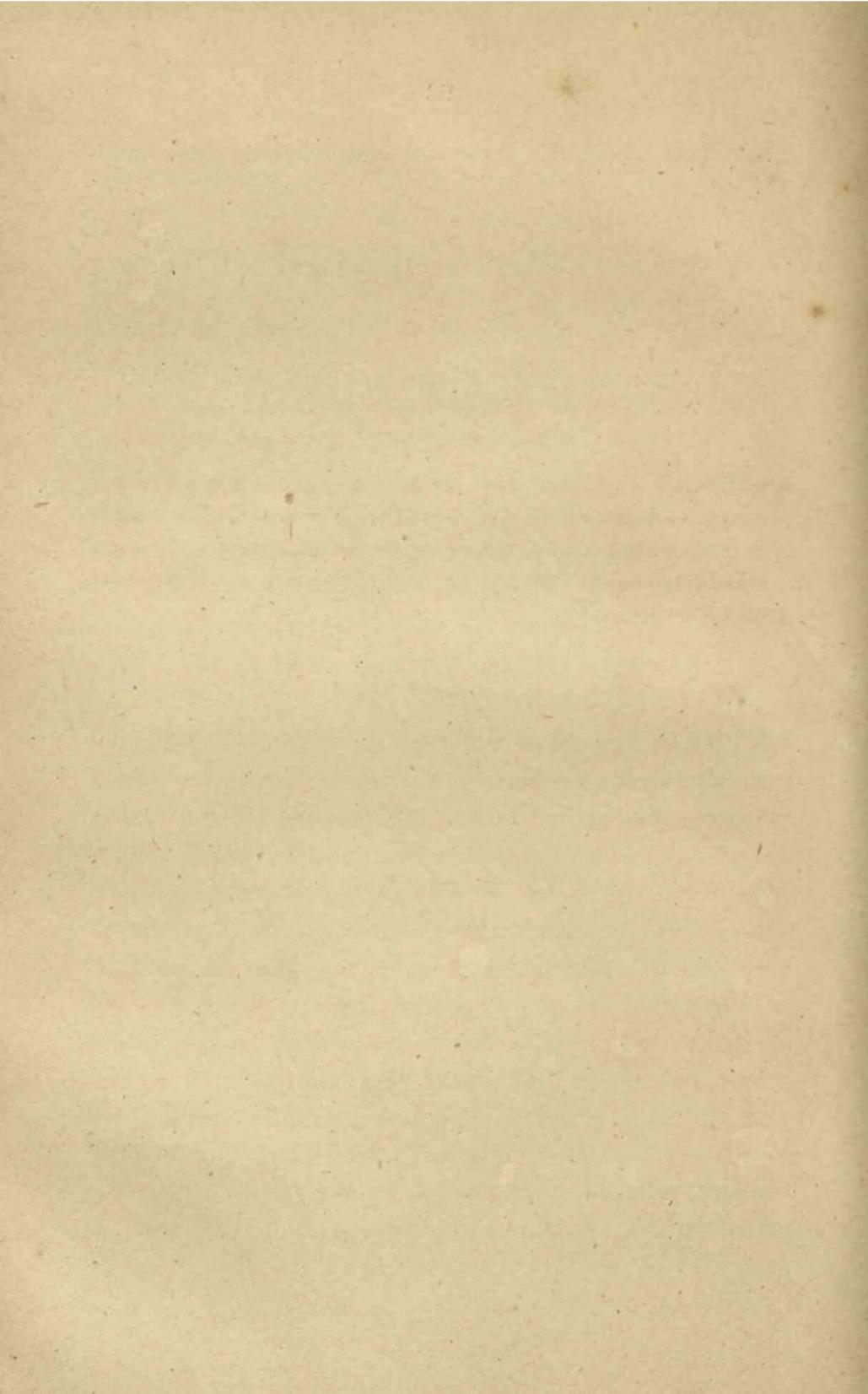
Assim, a selvageria dos mais pobres levou os mais ricos á coherencia. Censura? Não: constato, e explico as cousas; de resto, não será aqui precisa, por que na opinião dos mais pacientes e conhecedores, fez-se o que era possivel fazer.

Senti-me triste, vi que não tinha razão, quasi chorei, mas consolei-me. Era preciso redobrar de esforços, eis tudo. E, depois, tinha-se em verdade passado o tempo das revoluções feitas somente á fôrça da espada ou á fôrça de dinheiro: o essencial era preparar a opinião publica; e com alguns nikes no bolso para estradas de ferro, e com uma

garganta para os discursos, tambem se podia abrir caminho á Republica.

Creio que me reconheci com alguns nikeis no bolso, e com uma garganta.

Paris, Avenida Villiers, 68, 20 de dezembro de 1890.



III

Sobre diários e epistolas — Por terra rôxa e homens ardentes — Recordações de um parlamentar — Por terra velha e homens frios — S. Paulo e o Rio — Monarchismo em forma de pedradas — Cidades e villas fluminenses — Em face do ninho meu paterno — Em demanda de S. Christovam.

Na minha papelada, de tempos a tempos um tanto confusa, mas posta em seguida em ordem, como convinha a um propagandista educado com methodo ou pelo menos desejoso de obtel-o, encontro paginas de um diario escripto durante as excursões politicas que fiz. Para aqui passarei agora alguns extractos d'esse jornal, e se o assumpto o exigir e as traças e os accidentes de viagem que em parte difficultam a sua leitura ainda o permittirem, fal-o-hei mesmo mais vezes no decorrer d'esta historia.

Direi de passagem que não é meu habito escrever minha vida dia a dia. Primeiro, acho o processo fatigante e monotono; segundo, acho-o pouco aproveitavel, por illogico; terceiro, acho-o embaraçoso para a Consciencia. Sendo facil de ver como seja fatigante escrever todos os dias o que

se fez, onde se almoçou, com quem se conversou, e outras pequenas cousas, resta-me demonstrar que é isso illogico, e embaraçoso ; para o que creio ser bastante recordar que é bom dormir sobre os casos para bem pronunciar-se a respeito d'elles, o que não se pode fazer em taes condições ; e que, além de almoçar, jantar e conversar, a humanidade faz durante o dia tantas pequenas cousas inconfessaveis, que a alma sente-se em torturas se as tem de descrever todas . . . Irei dizer que não me podendo conter fumei até me atordoar ? Que me excedi na conversação com João até offendel-o ? Que sem querer olhei a mulher de Pedro ? Não : confissão por confissão prefiro a que se faz ao Padre. *Verba volant et scripta manent*. É bom cozinhar as impressões antes de as dizer ; e o acto de contricção quanto mais intimo, mais verdadeiro.

Isto posto, e para que não me acontecesse o mesmo que ao meu amigo X que se vê obrigado a escrever ás vezes o seu diario por symbolos compromettedores deante da cara metade, ou deante da Posteridade que o aguarda anciosa, abstive-me de fazer uma relação minuciosa das minhas viagens, embora, palavra, não me pudesse achar no terceiro caso acima figurado. Gravei apenas, uma ou outra vez, ligeiras notas que releio com saudade.

Tambem lhes apresentarei alguns extractos de minha correspondencia. Este, sim, é o meu fraco : escrever cartas. Quando recebo alguma e não respondo logo, sinto-me em verdade roído por um certo remorso. Gosto de recebê-las, de lê-las, e de responder a ellas : julgo isto um dever de delicadeza, como aquillo uma cortezia que me põe em gratidão. Comtudo, confesso que mais tarde me faltou

o tempo para ler muitos dos testamentos que me enviaram, do que felizmente me alliviava o meu digno secretario sr. Tiberio Mineiro; e vi-me atrapalhado em muitas occasiões para responder a tantas perguntas sem me comprometter sériamente com os ministros da dictadura, em risco de soffrer as consequencias do furibundo decreto de 23 de novembro.

Ahi vão algumas paginas do meu diario, como irão alguns extractos de minhas cartas.

*
* * *

SANTOS, 2 DE JULHO. — Recebi um telegramma da cidade de S. João do Rio Claro, convidando-me a realisar alli uma conferencia republicana. Assigna-o, em nome do respectivo *club* local, o cidadão Lucas do Prado. Não o conheço. Irei.

Acabo de adeantar os negocios do meu escriptorio e de ganhar uma certa somma. Devia lançal-a como contribuição minha na caixa do partido em S. Paulo, mas combinei com o thesoureiro e com os chefes empregal-a directamente em uma excursão de propaganda: regularisaremos a operação.

Tinha pensado, enquanto essa somma durasse, percorrer algumas cidades da provincia do Rio; mas precederei essa marcha por uma visita ás povoações do Oeste de S. Paulo, desde que se offerece este ensejo.

Posso realisar talvez o seguinte itinerario:

4 de julho, Rio Claro.

5 de julho, Limeira.

6 de julho, S. Carlos do Pinhal.

7 de julho, Campinas.

(É mistér novamente ver esta cidade; ella animará o movimento, estou certo.)

8 de julho. — S. Paulo (para conferenciar com os amigos, e descançar.)

9 de julho, Jacarehy, entrando no norte.

10 de julho, Pindamonhangaba.

11 de julho, Taubaté.

12 de julho, Guaratinguetá.

13 de julho, Lorena.

14 de julho. — Rezende: terei penetrado na provincia do Rio justamente no dia do anniversario da tomada da Bastilha.

15 de julho, Barra Mansa.

16 de julho, Pirahy.

17 de julho, Vassouras.

18 de julho, Valença.

19 de julho, Parahyba do Sul.

20 de julho, Juiz de Fora (pois que fica proximo, e far-me-ha ver um pouco Minas.)

21 de julho, Petropolis.

22 de julho, Rio de Janeiro, onde descançarei alguns dias, e d'onde seguirei pelo norte da Provincia, naturalmente:

Friburgo.

Cantagallo.

S. Fidelis.

Campos.

Macahé.

Barra de S. João.

Ahi verei meus paes, seguindo depois novamente para o Rio, por

Capivary,
Rio Bonito,
Itaborahy,
Nitheroy.

São 27 cidades. Disponho approximadamente de um mez para a viagem. O itinerario é um pouco forçado. Mas sinto-me bem disposto: demais, é preciso não deixar apagar o enthusiasmo, e o governo não perde tempo. Terminada esta excursão, retirar-me-hei para Santos.

Tenho muito desejo de ver a minha provincia natal, a do Rio de Janeiro. Na reunião intima do Congresso propuz que se procurasse alguem que se dispuzesse a estas excursões, tão em uso nos paizes em que a lucta civica é séria, mas até aqui não realisadas systematicamente no nosso. Foi assim que Gambetta se preparou uma fôrça para o bem do seu paiz. Como tarda a apparecer esse alguem, offereço-me eu para a empresa. Não vão agora pensar que pretendo ser um Gambetta...

Bem sei que ha difficuldades, talvez insuperaveis. Ha logares em que o Partido não está organizado; outros, principalmente no Rio, em que nem ha republicanos; o que existe n'esses pontos é talvez um sentimento de irritação contra o throno pelo modo por que se realisou a lei abolicionista. Ninguem me convidou para esta empresa, e vou pôr muita gente em difficuldades: não importa. Farei as conferencias por minha conta e risco; e se alguem n'ellas soffrer, estarei a seu lado: tambem eu tenho mulher e filhos. *O que é preciso é consolidar a abolição, desviando a indignação contra a*

Princesa e contra o throno de um projecto de indemnisação, para a aspiração da Republica: é esta que é preciso proclamar e instituir.

Portanto, partirei.

RIO CLARO, 5, á uma hora da manhã. — Ha cêrca de dez minutos unicamente que os correligionarios me deixaram. Cheguei hoje mesmo, pelas tres da tarde: havia musica na estação, e muito povo: ergueram foguetes aos ares, tocaram a *Marselheza*, e levantaram *vivas* á Republica e aos chefes republicanos; tudo isto animou-me. O canção dava-me direito a parecer frio e um tanto indifferente, mesclando-me pouco ás expansões populares, podendo, pois, observar melhor a situação: comtudo, correspondi sempre a todas as saudações, erguendo silenciosamente o meu chapéo. Emquanto a musica me acompanhava, ao som dos *vivas*, pude conversar com o cidadão Lucas do Prado, um cearense muito ardente, com o cidadão Gualter Martins, barão de Grão Mogol, com outros, que me haviam recebido aos abraços na estação, e pude informár-me da situação geral do publico e do partido.

Um grupo de curiosos posta-se em redor do hotel em que me hospedaram, e outro, de correligionarios, entra gradualmente, a comprimentar-me. Centro da conversação que sou, entretenho o possivel a todos, dou informações sobre o partido, animo os companheiros, e asseguro ao circulo a proxima victoria da Republica, segundo a minha convicção. Alguns havia meramente *sympathicos* a nós, porém ainda não *arregimentados* em nossas fileiras.

— Para quando espera a Republica? pergunta-me esta bôa gente com sinceridade.

—O mais tardar, o mais tardar, dentro de cinco annos, respondo, para não parecer muito exaggerado.

—Hum! abana um d'elles com a cabeça...

Havia uma certa divergencia no partido local com um rapaz que redigia uma folha, e a quem tinham irritado por não tomar elle uma attitudo muito energica. Estive no seu escriptorio e reconciliei os descontentes. Não se atacam mais.

A conferencia, realisada no theatro, correu muito bem durante uma hora. Comtudo a mim não me pareceu grande cousa a exposição, não obstante ter sido muito applaudida.

N'uma cadeira estava um velho respeitavel que derramava lagrimas, quando eu falava das grandezas de nossa patria e dos perigos a que o terceiro reinado ia sujeital-a. Outras vezes sorria feliz, de sympathia, por ouvir-me falar. O povo brasileiro gosta muito de discursos.

Santo homem! Typo de venerador! Este é sincero, e não pede outra cousa senão que o governem bem. Estou certo mesmo que para isso não recusará os maiores sacrificios.

LIMEIRA, 5, 9 horas da noite. — Foi um pouco difficil organizar a conferencia n'esta cidade porque, por falta de tempo, não preveni com antecedencia a pessoa alguma. Mas o dr. Almeida, a convite dos amigos rio-clarenses, resolveu pôr-se á frente da empresa, e aqui estou.

Hontem escrevi tarde estas notas; ou, melhor, só escrevi os episodios de hontem ao entrar na madrugada de hoje, porque tiveram á ultima hora os correligionarios a idéa de ir comprimentar o dr. José Negreiros, depois de uma pas-

seata pela cidade, no que os acompanhei. Como é de vêr, Negreiros não nos deixou sahir, e até aquella hora ergueram-se brindes e fizeram-se discursos em casa d'elle. É um excellente rapaz, muito môço, de fortuna; habita um bello palacete; é muito estimado; d'ora avante tomará mais de perto interesse pelas cousas do partido. Será bem acompanhado pelo Barão, e pelos outros.

A conferencia de Limeira foi bem. Tive de empregar mais esforços que em Rio Claro; o auditorio era mais frio e quasi todo de agricultores, gente de si retrahida e sem habitos de reuniões d'esta ordem; a cidade é menor, e o partido scindira-se um pouco depois da abolição. Nota-se uma certa rivalidade entre os antigos republicanos, e os que se declararam depois de 13 de maio.

É bem de vêr que combato um tal prejuizo, embora a mim mesmo explicando-o pela lucta abolicionista, pois muitos republicanos eram emancipadores entusiastas; e procuro a ligação de todos os elementos para a obra commum.

O dr. Almeida, influencia em Limeira, é um distincto fluminense, que desde a sua estada em S. Fidelis combateu em prol da idéa republicana.

Como no Rio Claro, muitos cidadãos resolvem adherir ao partido depois da conferencia. É que o cerebro já lhes estava predisposto para isso, e não esperavam senão um momento opportuno para fazel-o, como muitos confessavam. A massa popular vae sempre applaudindo.

Ámanhã parto novamente para Rio Claro, d'onde creio que seguirei para S. Carlos. Espera-se d'alli telegramma do cidadão Paulino Carlos de Arruda Botelho.

S. CARLOS, 7, 8 horas da manhã. — Realmente Paulino Carlos telegraphou-me, dizendo esperar-me.

Um enthusiasmo enorme na estação, e pela rua, até á casa em que me hospedam. Ouço novamente a *Marselheza*, ao lado das peças musicaes do paiz. Mas não se tocou o hymno nacional. Quanto a mim, não vejo razão, em fundo, para isso, se bem que comprehenda que o julguem inopportuno no momento, por trazer sempre ligado a si a idéa do throno.

Tive hoje um momento de verdadeiro e intimo prazer: abracei Eugenio Egas, do meu tempo de academia, um pouco meu parente affim, e que eu introduzi por livros que lhe metti na mão, no campo do livre pensamento. Advoga, redige um jornal republicano e é considerado. Fiquei contente.

Uma nota importante: a colonia italiana tem um grande enthusiasmo pela idéa republicana. Em se lhe falando de Garibaldi toca-se-lhe na fibra do enthusiasmo. O chefe, cujo nome se bem me lembro é Beraldi, é um homem intelligente e bem intencionado.

O discurso, n'um grande salão, correu entre applausos. Mas, além d'este, proferi no banquete muitos outros, de ligação partidaria, saudando os italianos, saudando as diversas influencias, entre as quaes uma, importante, cuja adhesão consigo, a qual depois publicará em manifesto, que prometteu enviar-me.

Faz muito frio.

*

* *

Não posso transcrever a pagina do meu roteiro correspondente ao dia 8. Ha uma lacuna n'estes papeis.

Mas creio ter a memoria bem exacta do que se passou depois. Recordo-me bem que cheguei a S. Paulo, a 8, de Campinas, onde realisei uma conferencia no amphitheatro do Rink. Todas as semanas uma prelecção tinha logar ahi, no tempo a que me refiro, continuando a brilhante serie que o *Club* havia encetado em 1887, e em que haviam orado o velho Saldanha Marinho, Cyro de Azevedo, Patrocínio, Alberto Salles, Ubaldino do Amaral, e muitos outros oradores de S. Paulo e do Rio.

Era Herculano de Freitas, a alma principal das actuaes conferencias, mais populares que as primeiras, quem devia tomar a palavra n'esse dia; preferiu, porém, que eu falasse. No meio do discurso, feito com o ardor do impulso já adquirido, houve uma ligeira tentativa de perturbação, rapidamente abafada. Do alto do palco, onde orava, pude bem dominar com o gesto o auditorio, muito sympathico, e que impoz o silencio.

Ô caso fôra um mal entendido. Mostrando o estado em que se achava o paiz, e revelando a desorganisação do exercito, um official parecendo contrario ao orador, protestára, levantando aquelle arruido. Uma hora depois, porém, no hotel, para onde a multidão me acompanhara, elle apresentava-me suas desculpas e eu explicava-lhe a minha intenção, diversa da que attribuiria sem motivo, attenta a sympathia dos republicanos para com o exercito.

Da sacada do hotel Herculano fizera um bello discurso muito applaudido. Estava proximo a bacharelar-se em Direito, e era um rapaz intelligentissimo, estudioso, de maneiras, e com veia politica. Activava ahi uma propaganda muito habil, já escrevendo com gravidade na *Gazeta*

de Campinas, já inspirando um jornalzinho *sans culotte*, de linguagem mais que decidida.

Em S. Paulo, n'aquelle casarão da familia, na rua de Santa Cecilia, cheio de recordações de toda uma geração de paulistas que gravitara em tórno de Martim Francisco, revejo o meu plano de viagem. Coincidencia curiosa! Era n'aquelle mesmo quarto que eu habitava, n'aquelle mesmo leito em que ia dormir, que havia fallecido um dos politicos mais dedicados á sustentação da monarchia, um dos homens de mais talento e de mais coração que conheci; poeta na sua mocidade, depois lente de Direito, deputado, ministro, conselheiro de Estado, mas sempre homem de ideal, o velho Martim Francisco.

Não que gostasse em exaggêro do sr. D. Pedro II, com quem tivera franquezas que desagradavam ao autócrata, que o era com os seus ministros, n'aquelle humilhante palacio de S. Christovam. Mas, embora espirito liberal, temia as revoluções, e sabia quanto o caracter paulista é a ellas refractario. Recordava-se que na revolta de 42 fôra o unico a comparecer a um convite ao povo a juntar-se a Raphael Tobias. Era por isso que sustentava o throno, e pela convicção theorica em que estava da excellencia da monarchia constitucional, julgando-a compativel com todas as liberdades. Questão de educação e de eschola. O publicista francez Benjamin Constant nos ensinara a panacéa do poder moderador.

Seu espirito progressista revelara-se na questão da emancipação dos escravos, que fôra o primeiro a suscitar, em 1867, respondendo a uma carta de Laboulaye. Depois d'elle ainda, diga-se, o marquez de S. Vicente precedeu

ao visconde do Rio Branco, do mesmo modo que este precedêra aos abolicionistas recentemente victoriosos. Quanto ao terceiro reinado, não o soffreria, garanto-o; seus filhos que me desmintam.

— Não espero chegar até lá, disse-me uma vez, despreocupado, mas com convicção; porém vocês, que hão de viver n'esse tempo, hão de vêr. Terão muito que soffrer.

E falava, do conde d'Eu, fazendo revelações.

Morrêra alli, n'aquelle quarto, dias depois de ser eleito mais uma vez deputado ao parlamento de que fôra victima, gastando uma existencia inteira e um talento excepcional em levantar os outros, em eleger os do seu partido e derrotar os adversarios; morrêra depois de um mez de soffrimentos, calmo, recitando versos de Virgilio e de Horacio ...

N'esse aposento, dizia eu, meditava a minha batalha, revia as impressões recebidas e preparava-me para as novas. Ainda estava aquecido ao calor do enthusiasmo das localidades que percorrêra. Rio Claro apresentava-se-me com suas ruas largas e numeradas ao systema americano do norte, rua n.º 1, rua n.º 2, imitação que não deixei de achar fria e em contradicção com o nosso character, amigo de perpetuar nos nomes das vias e das praças os serviços prestados; com a sua luz electrica e a sua população já numerosa, attingindo a 15:000 almas; e S. Carlos sorria-me ainda, com a sua bellissima collocação, n'um plató suave, sobre terra rôxa, tirante a um vermelho côr de sangue pisado, a contrastar com uma vegetação quasi preta, tanto o verde se accentuava.

S. Carlos me recordava Araraquara, onde estivera no

meu primeiro anno de advogado, a negocio, em que confesso que a trica esperta dos devedores do meu constituinte foi invencivel no adiar a questão, como quasi sempre acontece.

N'uma tentativa de conciliação:

— Vamos vêr, senhor doutor, quem maromba melhor, o senhor cobrando-me, ou eu não querendo pagar, respondeu-me o caipira fazendeiro com um cynismo de que fazia honra, e que era muito conhecido na localidade.

Costumes especiaes, e até uma nova linguagem:

— O senhor é *éachorro* para montar a cavallo, dizia-me um boiadeiro que eu e o meu pagem encontrámos, em caminho.

— Obrigado, respondi ao cumprimento curioso. Na sua, elle queria dizer-me agil e bom cavalleiro.

Como o meu animal cançasse:

— Ó amigo, você não podia emprestar-me esse cavallô que ahi vae sôlto? Pago o que quizer.

— Não tem que pagar, patrão; vá montando.

Quando, porém, momentos depois, o gado tresmalhava, elle volta-se para mim, muito simplês:

— Cerque d'alli, d'aquelle lado, o Pimpão, ó môço! Cerque d'alli!

Sorri, e cercámos o Pimpão, eu e o meu pagem. Depois, elle nos conta historias terriveis de gente que alli havia sido assassinada, historias que me fazem apalpar o revólver.

A poeira insupportavel das ruas mal calçadas do Rio Claro, e a tristeza quasi mortal da Limeira, pequena, com suas casas ennegrecidas e velhas, physionomia social aba-

tida, d'onde se destacava uma tentativa muito louvavel de um estabelecimento de ensino, que visitei, não me desanimaram.

Pelo caminho, até S. Paulo, reflectira sobre o caracter d'aquelle povo. Uma gente forte, aspecto rustico, côr tostada nos homens pelo trabalho do campo, magros, a lembrarem-me os barbaros, cujo nome quer dizer sangue novo, emtanto que as mulheres eram dôces, bem fornecidas de carnes, rosadas, olhos bellos, conservadas pelo socêgo patriarchal da familia. Via as importantes lavouras de café da Limeira, e as de café e de canna de assucar de S. Carlos, e ainda a lavoura do fumo, que encontrava em toda a região percorrida; e concluia que um povo em taes condições de prosperidade podia animar uma agitação, mas não faria uma revolução. Seria por natureza conservador. Com estas reflexões, eu via difficil a trajectoria da propaganda republicana: porque se aqui a abundancia de dinheiro levava á paz, n'outros pontos a falta d'elle impossibilitaria a guerra. Mas devia sempre aspirar á revolução, embora sem lucta civil. Pois o simples movimento de opinião publica bastaria para destronisar os Braganças ligados aos Orléans? Não era possivel.

Esperava que ao menos esse povo preparasse a revolução. A irritação não era pequena, principalmente na classe agricola, e o abolicionismo deixara nas suas hostes licencceadas residuos revolucionarios anciosos por agitar-se.

— É um horror o que se vê! dizia-me no trem um commandador. O que pensa o senhor que se está passando? Imagina que os pretos trabalham?

— Será questão de tempo. Estão em férias.

— Qual férias! Para férias já é muito; e a barriga não dá férias. Diga-me, eu não sou escravocrata, e fiquei bem contente em livrar-me d'esta cousa de escravidão, que era um inferno para nós. E não pense que era mais economico, não, senhor; um preto custava ás vezes dois contos de reis e mais, afóra a casa, e a comida. Mas diga-me, o que quer que eu faça agora? Não tenho quem trabalhe. Como quer que pague minhas dividas, como quer que cuide de minhas plantações?...

— Paciencia, meu amigo, a abolição, se o quer, era um mal, mas um mal necessario.

— Não digo que não; mas a paciencia só não me serve para nada. Do que eu preciso é de trabalhadores. Mas a culpa é mesmo nossa: andámos acreditando nos politicos que nos promettiam a escravidão por muitos annos. Uma cousa que eu estava de accôrdo em combater!

— Era preciso ter desde muito tempo educado o escravizado.

— Sim, era, era, mas não se fez... e agora...

— Mas os libertos não trabalham?

— Muito pouco. Olhe (e apontava-me o matto) quando se tem isto, tem-se casa, porque se tem sombra para o sol, e coberta para a chuva; e lá dentro ha bananas, laranjas, todas as fructas, caça, tudo.

— Mas não há roupa...

— Que se importa essa gente com isso? Elles não tem ainda grandes necessidades. Qualquer cousa lhes basta.

— Mas é preciso desenvolver essas necessidades.

— Diz bem, mas isso leva tempo. Em fundo, elles não são máus; mas tem tido máus directores; uns tratantes

que os seduzem. Depois, meu caro senhor, a lavoura é uma classe que ainda não se une bem... É composta de homens de pouca instrução, em geral, que não conhecem os seus direitos, muito pacatos, governados pelos políticos de aldeia. Nós precisamos de braços...

— Mas o senhor ainda não ensaiou a colonisação?

— Já, e vou indo.

— Olhe, quer saber qual o remedio para tudo isto? disse-lhe eu a lançar-lhe a isca, vendo que se erguia.

— ?

— A Republica. É a monarchia que nos faz todo o mal.

— Sim, sim, diz-me o homem a sorrir, descendo do *wagon*. Não estou longe d'isso, e creio que em pouco o senhor pode contar commigo lá no seu partido.

Apeou-se na sua estação, e eu puz-me a meditar em muitos assumptos, principalmente n'este problema imperioso do trabalho, n'um paiz rico, mas inaproveitado, e precisando de dinheiro.

N'esse mesmo dia 8 conferenciei com Rangel Pestana e outros amigos, dando-lhes noticia do que havia feito, e das impressões que recebêra. Expuz-lhes o plano de viagem á Provincia do Rio. No espirito de alguns havia certa duvida se eu seria bem succedido.

— Não, o Jardim vae bem, disse Pestana. Elle está perfeitamente nos casos de fazer esta viagem. Talvez eu vá depois fazer um reconhecimento e organizar o partido, para satisfazer aos convites que tenho recebido.

— N'esse caso eu abrirei o caminho.

— Olhe as cartas de recommendação que pediu. Foi o que pudemos obter.

— Não passam de Rezende. Vou envial-as de modo que cheguem antes de mim.

— Em Jacarehy já o esperam.

Passei a noite a escrever de mim mesmo avisos da chegada aos *clubs*, e a ler alguma cousa. Sobre a cabeceira a *Política Experimental* de Léon Donnat, e o meu ultimo discurso pronunciado no Congresso republicano.

Era assim que concluia:

“O momento é o mais opportuno para a instituição da Republica no Brazil, é o mais adequado para a sua instituição sem grande abalo social; a nação inteira está mesmo á espera de um novo estado de cousas, sente-se nas vespersas de uma reorganisação. O partido dicto conservador invade o terreno das reformas liberaes, o partido liberal arvora a bandeira da federaçào, que bandeira arvora-remos nós? Certo que a da Republica immediata, e pois a da Revoluçào. Estejamos, Senhores, á altura do momento historico, sejamos politicos habeis, façamos a Revoluçào para fazer a Republica, para fazer a Ordem e o Progresso da Patria. O perigo em que ella se acha de perder o regimen de Liberdade e de Trabalho, pela oppressão clerical e pela guerra, deve animar o nosso patriotismo para a lucta victoriosa, ou para o mártirio.”

O periodo final, que era um compromisso, fez-me lembrar a viagem do dia seguinte:

“Quanto a mim, Senhores, para juntar a palavra á resoluçào, vos direi que estou ao vosso dispôr, quer para morrer no combate, balbuciando as esperanças de futuro, quer para no dia do triumpho entoar as aclamações da victoria;— irei á cidade em que resido, despedir-me-hei da es-

posa e dos filhos, e virei collocar-me ao lado dos compa-
nheiros.„

No dia seguinte, parti.

*
* *
*

O meu diário, que está conforme, continua:

JACAREHY, *ás 10 da manhã*. — Nada de maior importancia na conferencia de hontem, n'um salão particular, de um monarchista, que o franqueou gentilmente ao publico. Recepção festiva na estação, cumprimentos, etc. Faço conhecimento com o dr. Ribeiro de Mendonça, chefe local, e com o dr. Miguel Martins, um bello e modesto moço, recentemente formado em Direito, e que encetara advocacia ao lado de Saldanha Marinho, no Rio, de quem me fala.

O dr. Ribeiro de Mendonça é já bem conhecido pelos seus trabalhos de philosophia positiva; foi presidente da Sociedade Positivista do Rio, da qual se retirou por se haver indisposto com o director que lhe succedeu, sr. Miguel Lemos; é um espirito distincto, e um cavalheiro amabilissimo. Algumas senhoras assistiram com muita sympathia á reunião, dirigindo-me no fim seus applausos, por salvas de palmas, e apresentando-me as suas saudações. Segue-se banquete intimo offerecido pelo dr. Mendonça, que me hospeda.

TAUBATÉ, 10.—Até aqui realisa-se o meu programma, sem maior difficuldade que não seja a proveniente de uma certa fadiga que a monotonia do caminho de ferro me produz. O meu estomago começa a habituar-se a esta variedade de alimentação, e o meu cerebro é forte deante das libações que acompanham os discursos nos banquetes que se se-

guem ás conferencias. É preciso a gente habituar-se a tudo.

Deixei hoje Jacarehy, depois de tê-la visitado, e abraçado os amigos, fazendo-os prometter que me escreveriam noticiando os resultados da minha prédica.

Jacarehy já está á margem do Parahyba do Sul, um rio paulista e fluminense; hei de vê-lo novamente pelo caminho, até Campos. A cidade tem seus 12:000 habitantes; os edificios são de gôsto antigo. Ha uma fabrica de meias, em que vejo a industria paulista em actividade.

Taubaté, que acabo de visitar, é uma terra ecclesiastica: n'ella prima o elemento clerical. Na qualidade de collega, e tornando-o bem claro, visita-me o dr. Camara Leal, monarchista, conservador, e catholico. Quem me recebeu na estação foi o pharmaceutico José Malhado, um honesto republicano, um dos raros correligionarios do lugar, a quem eu havia escripto de Santos, por informação do distincto professor Camargo. Acolhe-me graciosamente em sua nova casa, um *chalet* inacabado que sou o primeiro a habitar, e faço conhecimento com seu filho, um estudante intelligente, que segue no Rio o curso de Pharmacia, e a quem animo a completal-o com o de Medicina. Sou, como nos outros logares, recebido no seio da familia paulista, e passo agradavelmente o tempo á mesa indagando as opiniões politicas das senhoras, que sorriem modestas, servindo-me delicadas, e tirando-lhes o susto que lhes possa inspirar o meu nome, que começa a ser muito conhecido como o de um agitador.

Taubaté ou Itaboaaté não é pequena, e suas vinte e tantas mil almas occupam-se com o commercio animado, vivendo

do café, e da industria, que é próspera. Conta em seu seio muitos padres, que os maldizentes deprimem com ou sem razão, no que são mais ou menos acompanhados pelos pensadores livres. Dizem que o povo ahi confessa-se muito, e que a padralhada desenvolve a hypocrisia. Não posso verificar o caso.

Assim, pois, não era o terreno lá muito propicio á propaganda republicana, que jamais a cidade vira. O discurso, annunciado para o theatro, foi objecto de muita curiosidade. Mas que auditorio de gêlo! minhas melhores apostrophes cahiam no silencio! Era preciso atacal-o por outro lado, e resolvi-me a fazel-o rir, o que consigo gracejando sobre as cousas do throno, sobre a constituição, etc. Emfim, começam os nervos dos ouvintes a distender-se em sorrisos favoraveis; fiquei salvo. Safa! que sempre passei pelo susto de um fiasco. Afinal, applaudem-me, e seguem-me mesmo n'uma passeata que se organisa. Dizem-me mais tarde que uma das characteristics d'este povo religioso é levar tudo com certo ar de critica e de zombaria. Medito um momento sobre a influencia corrosiva do clericalismo, tão diversa da sã influencia do catholicismo.

Apparece-me sempre ao lado, com muitos enthusiasmos republicanos, um rapaz que fôra militar e que redigia um jornal. Como de costume, peço-lhe que me remetta a folha em que noticiará o episodio do dia, e em que ha de commental-o favoravelmente, como pretende. Na estação apparecêra-me tambem um sujeito que ouvi appellidar Marquesinho (verifiquei que é uma alcunha); alto, esguio, barba espessa e muito negra, olhos muito brilhantes, vestido de

escuro, usando chapéu alto, e que me faz esperar dez minutos recitando-me um discurso, que ouço de chapéu na mão, embora o sol muito ardente. — Depois, a cada cousa que se me diz, quando descancámos em casa do cidadão Malhado, elle da-me um pequeno pontapé na perna, ou pretende beliscar-me, dizendo-me: — “Não acredite, não acredite,„. Fico impassivel, sem deixar de chamal-o delicadamente á ordem com o olhar. Não foi precisamente para ser beliscado que aqui vim: quanto ao discurso que me fez sob o sol ardente, era para remir os meus peccados, pois lá diz a lei christã: não faças aos outros... Desde que falo de Taubaté não preciso completar a maxima.

O môço jornalista, a que me referi, fez um discurso á porta do seu jornal, em que alludiu á minha mala de viagem, e ao meu guarda-pó, dizendo com razão que não era assim que os revolucionarios se apresentavam antigamente, o que denotava que a minha obra era de paz. Realmente a minha unica arma era um guarda-sol.

Parece que estou brincando, no que faço mal talvez, mas que querem? Se vou a levar tudo isto muito a sério, fico possuido de uma especie de monomania libertadora. Vamos *currente calamo*.

Visitei o Lyceu de artes e officios, verdadeiramente tal, e devido ao juiz de Direito Aureliano Coutinho, segundo me informaram.

PINDAMONHAUGABA, 12. — Que bella cidade! aspecto majestoso, ruas largas, excellente collocação, igreja sumptuosa. Aqui já a atmospherã republicana é mais quente. O dr. Silveira Bulcão dirige o partido, acompanhado pelo dr. Godoy, e por outros. Silveira Bulcão tem aptidão para

a propaganda e tem prestigio na localidade; vê-se no modo pelo qual organisou a recepção, verdadeiramente triumphal, pelo qual preparou a casa, o jantar, que, como sempre, sou convidado a presidir, pelo modo por que preparou o baile, pela sociedade que reuniu e por tudo, enfim!

O partido é numeroso, e respeitado. As pessoas mais gradas do logar, e até as auctoridades vem visitar-me. Conheci o juiz de Direito Leão Velloso Filho, que me pareceu um môço bem educado e um magistrado serio. O dr. Godoy redige um bom jornal republicano.

Tambem redige um jornal o dr. João Romeiro.

Achei graça quando o *Correio Paulistano*, perguntou um dia, alludindo ao conhecido drama de Garrett :

— Romeiro, Romeiro, quem és tu ?

— Ninguem !

E o facto é que Romeiro com a sua barba longa e phisionomia triste, tinha o ar de Frei Luiz de Sousa.

Era liberal, e como se notou sempre, os liberaes contentavam-se em regra com uma meia liberdade, esperavam sempre o poder, emtanto que os conservadores desilludidos da monarchia, vinham francamente a nós.

Não se pode imaginar o enthusiasmo da população. Musica, foguetes, flôres, senhoras, muito povo, agricultores que veem de longe ouvir-me, libertos, uma festa, enfim!

Na rua, depois da conferencia, e durante a passeata, saúda-me um d'esses libertos, pelos seus, e por todo o povo :

— Viva o sr. dr. Silva Jardim que nos tirou da escuridão !

Sorrio-me, agradeço-lhe, e levanto um viva ao Povo. O discurso corrêra entre applausos entusiasticos. Quando falei do Conde d'Eu, um exaltado grita da platêa :

— Um ladrão!

Contenho-o com o gesto, e continuo. Sinto-me animado, redobro de calor: as senhoras applaudiam.

O baile correu animado até a madrugada. É de convir que estas damas não ficam em elegancia inferiores ás da capital paulista, e mesmo ás da capital do paiz. É por isso que Pindamonhangaba diz-se a estrella do Norte.

Observo uma rivalidadé, feliz para mim, entre estas cidades, no desejarem sobresahir em enthusiasmo ao receber-me. Corrijo a minha vaidade recordando-me que não é a mim, e sim á idéa republicana, que elles applaudem.

Os libertos estão do nosso lado, o que me alegra; felizmente elles vêm aqui, em S. Paulo, que em nada devem a abolição á Princeza. Elles devem-n'a aos abolicionistas, e especialmente a Antonio Bento. Da janella do dr. Bulcão fiz um discurso em que lhes lembrei seus novos deveres de homens e de cidadãos: trabalho e liberdade.

Obtivemos importantes adhesões de lavradores, adhesões que Bulcão transmittiu bombastica, mas fielmente em telegramma para o Rio. Os directorios locais ou os republicanos avulsamente estão-se habituando, em todos os pontos por que vou passando, a telegrapharem para a imprensa da capital e de S. Paulo o bom exito da minha excursão. Revejo quasi sempre taes telegrammas, que aliás mostram-me, para que não se commetta alguma imprudencia de phrase.

Recebo despachos enthusiasticos de felicitação de várias estações, de declaração de espera de outras, e os cidadãos mais ardentes começam entre si a felicitar-se tambem pelo exito das conferencias.

O movimento começa a tomar as proporções de uma avalanche, pela sua rapidez, e a emoção de uma cidade vae-se communicando ás outras, e é por ellas mantida. Já se não conversa em outra cousa senão da propaganda republicana. Vou remettendo diariamente aos jornaes de S. Paulo noticias da excursão, mantenho firme a minha correspondencia, e procuro prestigiar o partido saudando sempre os chefes republicanos, Rangel, Campos Salles, Glycerio, etc, bem como os chefes fluminenses. Tudo vae muito bem: ávante!

GUARATINGUETÁ, 13.—Ha muito que eu desejava conhecer a patria dos Oliveira Braga, pae e filho, eguaes no talento oratorio. Tive tanto prazer em vê-la, quanto tive no dia em que—ha muito tempo—entrei em S. José dos Campos, tendo sahido de S. Paulo expressamente para visitar Sebastião Humel, um typo de homem bom, honrado, intelligente, estudioso, um santo da eschola de Augusto Comte, humilde professor na sua cidade.

Na estação muito povo, capitaneado pelo denodado José Velho, e pelo valente Rocha. José Velho! Um bravo do abolicionismo.—Quasi que me comem, doutor! dizia elle ao contar-me as suas luctas. Oliveira Braga Junior, o Braguinha, ainda não filiado ao partido, viera prestigiar a minha chegada com a sympathia de que era alvo. Tambem fui abraçar-lhe o pae e a santa mãe, minha tia pela familia de minha mulher.

— Viva a Republica!

— Viva o partido Republicano!

Taes são os gritos com que me recebem. E depois, a *Marselheza*, em marcha triumphal.

Explicam-me a situação do partido. Na cidade ha de velha data o habito das luctas politicas assás encarniçado. A questão da abolição levantara muitos odios, e o nucleo republicano fôra abolicionista.

— Agora é que começamos a fazer pazes, diz o José Velho, baixinho, barbado, e coxeando sempre.

— E' preciso acabar com isso, replico.

Uns vagos rumores, depois que chego para descansar, e faço a minha *toilette*, quando volto á sala, a prosear, e a informar os amigos do que se passara nos outros logares. Porque a curiosidade, aliás natural, era grande n'estas povoações, e eu era o mensageiro de umas para outras.

— Mas o que é? pergunto.

— Nada; dizem que vão perturbar a conferencia.

— Qual perturbar, nem meio perturbar! diz José Velho. Elles são lá capazes d'isso! Que venham para cá!

Já ardia em desejos de combater. Acalmo-o: mas...

— Comtudo é bom estar prevenido, digo-lhe.

Segundo me contou hontem José Velho, depois da conferencia, rindo nós muito do caso, havia um correligionario da roça, bom homem, mas simplorio, que se achava muito impressionado com o que me pude-se acontecer, attenta a minha pequena estatura.

— Mas onde está o homem? perguntava elle, ancioso, na estação.

— Está alli. E' aquelle.

— Aquelle?!

— Aquelle, sim, aquelle mesmo, diziam-lhe apontando-me.

— Oh! o pobre! exclamava. Pois aquelle homem é que vae fazer a conferencia! Coitado!

Elle não confiava senão na fôrça bruta, e vendo-me magro e baixo, ar fatigado pela viagem, não podia comprehender como eu resistisse, sem perder-me, a algum incidente perturbador do discurso, ou a algum ataque sem desfallecer.

Realmente, o meu physico não era muito para animar, mas creio que concorria para o meu exito, pela sua altitude modesta, mais sem duvida que se eu tivesse um porte gigantesco e provocador, como a imaginação popular me esperava. Tambem todos me suppunham mais velho.

— Então, é este o homem de quem tanto se fala? perguntavam.

Tambem, ficavam logo á vontade commigo; sentiam-se bem, e conversavam. Recostado a uma *chaise-longue*, ou n'um sofá, eu tomava o ar de bom rapaz, e deixava-os falar, contar as suas historias, captando-lhes a estima e a sua adhesão á nossa causa.

— Um homem perigoso! me chamavam muitos, sorrindo. Mais tarde a rivalidade fez com que alguns quizessem fazer crer isso a sério, mas n'outro sentido.

Nada de extraordinario, entretanto, no *meeting*, realisado no theatro. E' verdade que havia um grupo mal disposto, e que um senhor chegou mesmo a interromper-me com um áparte futil. Mas o tom conciliador que dei ao discurso, provocando applausos á direita e á esquerda, sitiando o dicto grupo, impediu-o de fazer qualquer motivo. Muitas vezes era a irritação local que predispunha contra o propagandista; outras era a fama que eu tinha de ser um revolucionario terrivel, talvez motivada pela publicação dos

meus primeiros discursos. De resto, ainda não conseguira um prestígio geral como revolucionario.

Nada lhes tenho dicto sobre o contexte d'estas conferencias. É tempo. Em geral, ellas eram todas mais ou menos identicas, pois que os auditorios eram differentes, o assumpto o mesmo, e não havia razão para que não repetisse os argumentos que haviam produzido impressão; soffriam, porém, a adaptação aos logares e ás circumstancias, sendo a forma sempre improvisada. Nunca esquecia as recordações locais, e as referencias que mais pudessem agradar, inclusivé as grandezas da povoação. Um rio, um edificio notavel, serviam-me ás vezes de base para uma imagem. Em regra, porém, eu mostrava as fôrças e as tradições do nosso partido, demonstrava o atraso e a inutilidade da forma monarchica, desenvolvia as vantagens do regimen republicano, analysava a Constituição Politica mostrando como o Poder Moderador absorvia todos os outros, descrevia o estado do paiz, em linhas geraes mas precisas, a politica da casa de Bragança, os perigos do terceiro reinado, o estado de saude do Imperador, incapaz de governar, a inaptidão da Princeza Regente, as pessimas qualidades de seu marido; citava os testemunhos dos estadistas brazileiros contra o throno, emfim, demonstrava a incompatibilidade do regimen monarchico com o sentimento do paiz, americano, e pois, fadado para a Republica.

Não descia, porém, a detalhes quanto á organização d'esta: era questão para mais tarde. Pedia, porém, a descentralisação, a separação da Igreja e do Estado, etc. Essas conferencias eram resumidas pelos jornaes; e a que fiz

no Rio de Janeiro, *A Republica no Brazil*, é por assim dizer a summa de tudo quanto n'ellas disse.

Estas paginas talvez nunca sejam publicadas: comtudo é em regosijo íntimo que constato aqui o encontro tido com o meu antigo amigo e discipulo Paula e Costa. O professor de Lorena viera expressamente visitar-me.

N'um momento de folga, depois de agradecer o correcto discurso com que me brindou no banquete, tomo-lhe o braço e vamos conversar a um lado.

— Ha que tempos não o vejo! digo-lhe. E começámos a entrar pelo passado.

Elle lembra as minhas licções da Eschola Normal. Fôra aos dezenove annos feitos que eu para alli entrara, na fundação da Eschola, a reger a aula primaria por pedido de Inglez de Sousa, e nomeação do conselheiro Laurindo, que, quando me vira ahi introduzir o excellente methodo de leitura de João de Deus, então novidade, no que a imprensa me applaudira, e quando vira os resultados da minha vocação pedagogica, declarara-se muito satisfeito. Fôra aos vinte e dois annos que começara a reger a cadeira de lingua portugueza, que completei pela da sua historia, acompanhada do estudo geral da linguagem, com uma certa firmeza e audacia de theorias e de processos. Depois regêra a cadeira de Pedagogia.

— Não pude acompanhar todo o seu curso, porque estava a sahir da Eschola, disse-me o Paula e Costa; mas o Sebastião Dias, o Alencar, o Jorge Galvão e os outros, entre os quaes as môças, diziam-me que o senhor os trazia n'um torniquete. Com a breca! Estudar sem compendio, tendo de resumir a licção do professor!...

— Mas no terceiro anno já estavam habituados á redacção, desde o primeiro anno do curso, deve saber.

— E depois, theorias geraes, desenvolvidas dos livros de Augusto Comte, e theorias linguisticas, difficeis de aprender...

— O facto é que ficavam sabendo. Rosnavam que eu explicava muito o positivismo, não?

— Isso era historia velha. O mesmo diziam do Godofredo. Este é que era um bom professor de mathematicas. Com aquelle homem apprendia-se tudo, só por ouvir. O senhor continuou aquelle rigor nos exames?

— Certamente. Mas sabe que o alumno bom era approvado infallivelmente.

— Isso era. Mas como a sua cadeira era a primeira, quando o bicho não sabia a materia, o senhor extendia-o logo com duas ou tres perguntas, e elle tinha de dar-se por doente.

— Ainda está no Centro Positivista?

— Não. E expliquei-lhe o succedido.

Não renego, accrescentei, nenhuma das theorias de Augusto Comte. Simplesmente, não sou um theorico, e sim um práctico, pois vi que era preciso entrar na politica; reservo-me o direito de applicar a doutrina á situação actual do nosso paiz, realisando-a quanto posso pessoalmente. Não tenho preocupações philosophicas nem religiosas. Repito, comtudo, que acceito toda a obra do mestre. Sigo, pois, a mesma linha anterior, com uma ligeira attenuação. É preciso ser mais tolerante.

Recordámos então os tempos em que eu me constituiria ao lado de Godofredo Furtado um centro de palestra phi-

losophica, chamando ao nosso grupo, a elle, Paula e Costa, e a outros o Lacerda Werneck, o Luiz de Brito. .

— E o desembargador Brito?

— O mesmo, sempre. Moderado, mas emancipado, abolicionista benemerito, e republicano. Representa na Relação o livre pensamento.

Mas deixe-me continuar a presidir o banquete. Alguem vae falar.

— É o Costinha.

O Costinha era o dr. Costa, juiz municipal de Guaratinguetá, que com adoravel simplicidade, e profunda convicção declarava que até aquelle momento conservara-se monarchista, mas que depois da minha conferencia se enthusiasmara, e se declarava republicano. Era o mesmo de sempre, e hoje, a mais, um juiz consciencioso e recto.

— Uma loucura! dizia elle sorrindo. Mas que queres? não pude conter-me. Tinha até antipathia por ti, e se não fôsse magistrado terias sido corrido á pedra; mas depois que falaste, estou contigo. Mas vou pedir minha demissão de juiz.

— Fazes mal. Conserva o teu logar. O teu cargo não é do imperador, é da nação, e o teu posto de magistrado é independente da politica. Faze justiça igual n'esse cargo, e fica socegado.

— Mas são capazes de perseguir-me, fazendo-me affrontas.

— Deixal-os.

LORENA, 14, *de manhã*.—Foi Paula e Costa quem organisou a conferencia aqui. Pode pouco, mas fez o que pôde. Este

tambem, embora sempre republicano, não estava filiado ao partido.

Ha aqui um bom correligionario, o cidadão José Luiz, mas é quasi só. Está doente. Visitei-o hontem. Negoceia.

Foi difficil arranjar sala, e contentei-me em falar no salão de um hotel um pouco afastado. Quiz ver se por intermedio do dr. Theophilo Braga, chefe liberal, obtinha a sala da casa da camara para a reunião. Parecia caçoada, e elle sorrindo-me, perguntou-me se estava doido.

Tinha razão, e se o consentisse, quem hesitaria era eu. É bom que os republicanos habituem o povo ao respeito á lei.

Atmosphera politica gelada como em Taubaté. Alguns curiosos olham-me pela rua com linhas de retrahimento na face. Esta cidade é politicamente governada pela familia Moreira Lima, de nobres do nosso paiz Dignos cavalheiros, porém monarchistas.

Comtudo, á conferencia arranjada como foi possivel, devido á obsequiosidade do hoteleiro, muita gente compareceu, inclusivé o juiz de Direito. Quiz vencer a frieza do povo, e aluguei uma musica que rouquejou a *Marselheza* pelas ruas. Não gosto que se me ponham obstaculos em frente. Apanhei um resfriamento que se me esforça a eloquencia, estraga-me de vez a garganta. Tenho febre, sinto-me cheio do pó da estrada, um pouco dispeptico. Mas isto não é nada. É preciso não esquecer que estamos a 14 de julho, e que tenho de partir para Rezende, onde me esperam. Adeus, provincia de S. Paulo!

Nota: Lorena, como cidade, é muito bonitinha. O engenho central, que o José Luiz me mostrou, é muito bem organi.

sado. A capella é um mimo de graça, de gentileza de architectura, no interior e no exterior; é um donativo da familia Moreira Lima; é impossivel ver n'estas terras de provincia cousa tão bella. É unica, e não creio que encontre tanto gôto em outra parte.

*

* *

A 14, á tardinha, chegava a Rezende, tendo atravessado a divisa paulista, e passado, em Cachoeira, da estrada de ferro do Norte para a de Pedro II, como em S. Paulo deixara a Paulista, tendo antes percorrido a linha da Ingleza. (The S. Paulo's Railway Company).

Saúdo a provincia do Rio de Janeiro.

Se o leitor fizesse com attenção esta viagem, que eu fiz, em todo o seu percurso, e cujos pontos extremos fôram em S. Paulo S. Carlos do Pinhal, e no Rio a cidade de Campos, havia de observar, a par da identidade geral do character da população central brasileira, as diversas nuances que a caracterisam no sentido do maior ou menor ardor e enthusiasmo civico. Veria uma como que grande cordilheira moral, onde as montanhas, mais virgens da cultura da civilisação, são mais selvagens, porém mais puras, possuem o ar mais quente, emtanto que os valles, mais povoados e cultos, são mais sombrios, mais frios e de atmosphera mais estragada. A imagem é simples, mas resume a minha impressão; ou melhor, imagine o leitor que deseja atravessar a cordilheira e contemplar sempre o horizonte: tel-o-ha grande e luminoso nos cimos e acanhado e escuro nas planicies.

Assim foi. Já lhes disse a sensação de fôrça que me produziu a zona do oeste paulista. Fôrça um pouco barbara; quando estive em S. Carlos havia dias que na principal praça publica haviam lynchado um preto que commettêra um assassinato; e peço-lhes não se esqueçam do meu devedor, e do meu companheiro de viagem de Araraquára. S. Paulo, o verdadeiro S. Paulo, o S. Paulo que realmente progride e tem futuro, é aquelle, e os paulistas não o renegam; quando ouvir falar do "character paulista", olhe sempre para aquelle lado. Pois agora, desde que sahir da capital, na direcção do norte, verá a descida da curva da montanha para o valle, excepção talvez de Pindamonhangaba até Guaratinguetá, muito proximas, que formam como um outeiro. A estrada atravessa campos e campos, de um verde mais claro, muito planos, esbatidos, onde verá o gado a pastar, e as roças se lhe apresentarão com um aspecto desolado de trabalho feito em terra cançada. Tambem no olhar do homem não encontrará a desconfiança, mas um comêço de scepticismo; vê-se que nos aproximamos da capital monarchica. Por outro lado, na zona quente, physicamente fria, encontrará o dominio verdadeiramente feudal de alguns; os Aranhas são fôrça na região campineira, os Pinhaes na rio clarense; aqui, em que os sentimentos são mais dispersivos, só em Lorena encontrareis os Moreiras Limas; todos porém com um tronco central de conde ou barão, feito pela monarchia: homens dignos, bons, ricos, mas poderosos, conservadores, embora com rotulo liberal, e que n'esse momento se collocavam á parte, sem resistir ao movimento republicano, mas sem apoial-o. Não falo das influencias directamente politicas ou liberaes, por-

que só vingavam ahi acostadas áquellas fôrças plutocraticas que se firmam na posse do solo. O grande prestigio momentaneo que o mesmo senador Antonio Prado gosava então, era em muito filho da sua fortuna pessoal, e da de sua familia.

A maior influencia moral que a provincia vira — a influencia dos Andradas, — todos pobres, chegava naturalmente ao seu declinio, e o partido republicano sentia serem necessarios muitos esforços para vencer as olygarchias existentes, talvez sómente já eliminadas na zona maritima de que Santos é a capital.

Continue o leitor a caminhar, e verá no sul fluminense, como no seu extremo norte, que é sul para o Espirito Santo, uma outra facha moral. Rezende, Vassouras, Valença e Parahyba do Sul, n'esta approximação da matta mineira, bem como depois Cantagallo, Padua, S. Fidelis, e Campos lhes darão os extremos altos d'este solo que figuro, bem como Petropolis, Friburgo, Rio Bonito e Capivary, fornecer-lhe-hão a planicie. Em S. Fidelis e Campos encontrará muito o espirito liberal anarchisado, sempre prompto á revolta, mas sempre elevado. Mas de toda essa zona, cuja geographia politica faço, encontrará talvez como o ponto mais dôce e temperado a suave região desde Vassouras até a Parahyba do Sul, que o rio Parahyba rega, em terra fluminense, depois de nascer na serra da Bocaina em S. Paulo, e preparar-se a morrer em S. João da Barra, no Rio. O centro, o municipio neutro, isto é, a capital, apparece á primeira vista como uma vasa moral, de abatimento servil; não o é entretanto senão pelos residuos que deposita ás margens. A luz só é forte no foco, e as aguas só profun-

das no centro; eis por que fazia desanimar aos irreflectidos a frieza dos nietheroyenses, a dos habitantes da zona da Estrella, e a das populações vizinhas ao gabinete de S. Christovam.

O conjunto, porém, não era de desanimar. Tem-se dicto que não ha um *caracter fluminense*, mas é porque não o sentem, ou não puderam penetrál-o os que isso affirmam. Elle existe, n'esse misto de independencia e de submissão de um paiz que, sem repudiar a capital do imperio, resistiu sempre á sua influencia exclusiva e absorvente. Eu vi, esse caracter, entre conservador e liberal, assás emprehendedor mas sobretudo possibilista, na terra que percorri toda. A fôrça republicana do sul da provincia, que succedeu, e combinou-se, á fôrça abolicionista do norte em que as luctas dos Campistas são paginas de bravura, diz bem qual seja o caracter fluminense, sonhador com Pedro Luiz e Macedo, com Casimiro de Abreu e Teixeira e Sousa, pensador e profundo com os seus homens de sciencia e de governo, dos quaes me basta citar o visconde de Uruguay, e o de Itaborahy, entre muitos outros.

Aqui, a capital impediu sempre o desenvolvimento de fôrças locaes demasiado dominadoras. Em vez de grandes barões, eu pudera dizer que o ambiente só produziu baronetes. Todos os elementos conservadores reuniram-se entretanto na familia do visconde de Uruguay, com séde sempre no Centro, dirigida nos nossos dias pelo conselheiro Paulino José Soares de Sousa, a um tempo politico e lavrador. Os elementos liberaes, muito dispersos, estiveram por annos ao dispôr de Francisco Octaviano, poeta eterno, nunca homem de governo, posição a que mesmo jámais

atingiu, embora por vontade propria. Assim, os elementos locais não podiam oferecer grandes resistencias depois da morte d'este, e do decrescimento da influencia d'aquelle, após a lei de 13 de maio. Comtudo, a approximação da côrte imperial difficultava muito a obra da libertação da provincia.

Era esta, que eu saudava ao enfrenta-la n'esse dia 14 de julho. Já lhes disse quanto desejava ver de perto e em detalhe a terra em que nascêra, e de que annos havia me afastara. O prazer de lutar pela sua regeneração compensou em muito as difficuldades d'essa campanha.

De facto, aqui acabava a influencia do partido paulista, que não pudera mesmo cuidar das localidades do norte da sua provincia. Eu só podia appellar para o prestigio remoto d'esse partido, um reflexo de luz fraco para a sombra espessa de que ia ser cercado; para a generosidade do espirito fluminense, para o sentimento de irritação contra o throno, e sobretudo para a minha iniciativa pessoal. Tinha talvez no sangue uma ponta de audacia aventureira, que bem dirigida, não era cousa que desprezasse; e esse sentimento de uma confiança quasi absoluta em mim mesmo salvou-me muitas vezes. Effectivamente, que é o homem, e que é um homem? Uma fôrça feita pelos outros, mas que começa por adeantar de si mesmo metade d'esse capital, e que produz assim outras fôrças, até a fôrça popular; o homem é agente e paciente na Humanidade: productor e producção das obras do Grande Ente. Não se pode ser nem individualista, nem collectivista em excesso.

Para a frente! e acompanhava mentalmente com um gesto largo a resolução de proseguir. Esperava ver, como

depois vi, seguindo o meu itinerario, os homens e as cousas de minha terra, e as suas idéas accordes com as minhas. Rezende, n'uma temperatura dôce, aos ultimos raios do sol de julho, desembarcando no arrabalde dos Campos Elysios, que guarda a estação; passei-lhe a ponte sobre o Parahyba, subindo-lhe a collina, onde se recorta a cidade, alimentada pela cultura principal do café; Barra Mansa, pequena, mas não deselegante, com seu jardim de provincia margeando a estrada; a Barra do Pirahy, simples estação de estrada de ferro, mas muito movimentada, pertencendo a dois municipios, e pois, com jurisdicções diversas; Vassouras, entre montanhas escalvadas, pardas, de vegetação rara, com um ar de nobreza especial, ligada á estação do mesmo nome por um ramal, e onde visitei a igreja matriz, simples se bem que imponente, o paço municipal que é bello, e a casa de caridade que é importante; Valença, antiga aldeia de indios, sobre collinas mais brandas, esbatidas, a guisa de valle e verdejantes, bem edificada, bom theatro, casa da camara, cadeia, hospital, estação de estrada de ferro, e Parahyba do Sul, triste, mal construída, mas importante pela estrada de Pedro II, e pela sua lavoura. Revi Nictheroy, onde passara parte da infancia. Vi Petropolis, S. Fidelis e Campos, de que depois lhes direi; Friburgo, a villa de verão fluminense, aspecto muito frio, como frio é o seu clima, colonia de suissos, fundada em 1819, com um importante estabelecimento hydrotherapico; Cantagallo, de fama negra nos annaes da escravidão, séde do municipio para onde se ameaçava vender os pretos como um castigo ultimo; Padua, villa florescente, Macahé, á beira do mar, que ahí é bello, notavel pela lavoura

de café, e de canna; Barra de S. João, onde nasceu Casimiro de Abreu, cujo tumulo obscuro visitei no cemiterio local, e que ouve os rugidos do oceano, como um lamento á morte do poeta; Capivary; Rio Bonito; Itaborahy, de uma entrada graciosa pela sua rua principal: — vi com prazer essas cousas da minha patria, sentindo não poder visitar ainda os logares que o Atlantico banha, Cabo Frio que recorda Teixeira e Sousa, romancista de coração, Angra dos Reis, das mais antigas povoações da provincia, e a villa de Theresopolis donde se diz que o clima encantador dá uma vida nova aos organismos abatidos, ao contacto de esplendente natureza.

Saúdo a terra natal, esse membro do gigante brasileiro que sustenta na nossa carta o Espirito Santo, impede Minas de chegar ao mar, e estende um braço a São Paulo; cujo solo é elevado até o Pico do Itatiaya, em Rezende, ou baixo até as lagôas; cujo clima, se é quente no littoral e humido nos baixos, já muito melhorado pela drenagem, é saluberrimo nos platós; cujos rios fertes e numerosos, cujos lagos piscosos, e dunas saliniferas, cuja agricultura e estradas de rodagem e a vapor, preparam um povo, já experimentado pelas luctas com a natureza, para um grande progresso no trabalho e na liberdade. Ao entrar n'essa terra, no dia redemptor da civilização moderna, saudei-a commovido, tendo a certeza infallivel de que em breve ella derrocara uma nova Bastilha.

*

* *

Os que teem coração não se hão de rir d'esta estirada, embora começada com visos philosophicos e terminada em

ares de discurso. Mas se havia de ser mais tarde, foi melhor que fôsse desde já. E para não fatigal-os, com esta nota alta de expansão patriótica, desço á narração, pedindo-lhes que leiam com bondade as epistolas seguintes, dirigidas a um amigo fluminense, cujo nome não importa citar.

PARAHYBA DO SUL, 20 de julho de 1888.

Meu caro Francisco P...

Recebi em viagem a carta em que me felicitas pelos resultados da lucta politica em que me empenhei. Obrigado. Sabes que ella é o cumprimento do meu dever de cidadão.

Pedes-me noticias. Não podendo dar-t'as completas de toda a viagem, feita até aqui, o que fôra fastidioso, aproveito esta manhã para dizer-te o occorrido desde que entrei na nossa provincia. Esta servir-te-ha mesmo para teu juizo e do circulo de amigos politicos que mais ou menos inspiras.

Já sabes pelos jornaes que Rezende foi o primeiro ponto da provincia que ataquei na minha excursão que chamas vertiginosa e victoriosa. Digo ataquei; permittir-me-has o estylo um pouco militar. Tu sabes que desde pequeno eu tive tendencias guerreiras, que hoje utiliso melhor, tendo-lhes tirado o aspecto brigão, de que tens memoria. Sempre hei de lembrar-me d'aquella occasião em que, no collegio, apesar de eu só ter quatorze annos e tu dezeseite, tanto te provoquei que me fizeste dar um passeio aos trambolhões por sobre os bancos e carteiras da aula! Mas vamos ao que serve, embora esta recordação me

transporte a tempos bem dōces. O passado, mesmo triste, é sempre cheio do "gōsto amargo de infelizes," que Garrett tãõ bem cantou.

Quererás censurar o meu processo de propaganda quando o chamas vertiginoso? Cá tenho as minhas razões para andar depressa. Primeiro, isto de conferencias é um luxo de patriotismo a que me entrego, sabes que preciso trabalhar, e os luxos, meu caro, quanto mais rapidos, melhores. Depois, é de boa tactica politica o que faço; essa impressão que inspiro de pedra que rola da montanha, de raio que atravessa as povoações no meio dos gritos e applausos ou mesmo dos protestos, impressão que os jornaes augmentam, é salutar para inspirar mêdo ao governo e enthusiasmo ao povo. Tu sabes quanto este é amigo do maravilhoso; e a minha actividade, que elle acha excepcional, já o espanta. Accresce que não me detendo em nenhum lugar, não penetro nas questões locaes, mais ou menos mesquinhas, chamando á nossa causa o lado sympathico e servindo de centro de ligação entre os diversos agrupamentos.

Quero dizer-te alguma cousa das conferencias fluminenses. A de Rezende foi muito bem; abordei ahi a questão agricola, procurando conciliar o elemento liberto e abolicionista com os lavradores. Rezende foi um foco de abolicionismo intransigente, e todo o antigo partido republicano esteve d'esse lado; de modo que me é difficil operar de momento a ligação entre esta gente e a nova. São influencias partidarias o dr. Gustavo Gomes Jardim, (sabes? vem a ser meu parente; é seu antepassado aquelle Gomes Jardim que substituiu na Presidencia a Bento Gonçalves

na revolução de Piratinim, a seu turno irmão de meu bisavô, que veio para o Rio) o dr. Mello Nogueira, o dr. Carlos de Oliveira, e outros; ha jornaes republicanos, que, por signal, me receberam muito bem, com artigos especiaes. Espero que a patria de Narcisa Amalia e de Ezechiel Freire não deixem mal a propaganda. O *club* organisar-se-ha em pouco. O *compte rendu* dos jornaes sobre a minha conferencia expõe a questão como a colloquei: alliança entre o operario e o agricultor para solver o problema do trabalho, que começa entre nós. É bem de ver que relembrei o 14 de julho, appellando para o espirito fluminense.

No dia seguinte cheguei á Barra Mansa. Ninguem na estação, porque, como mais tarde soube, esperavam-me no trem da tarde. Sigo para um hotel, e depois procuro o dr. José Hippolyto, que me tinham indicado, chefe liberal, mas sympathico á Republica. Esperava-me, pela minha carta, e organisou com alguns amigos a conferencia, mais sob minha responsabilidade que sob a d'elle. Cavalheiro, hospedou-me; palestrámos muito, e á noite, depois do discurso, esbocei o club, de combinação com dois cidadãos, Moraes Carvalho e o dr. Macedo Bettencourt,— sempre é bom que V. guarde estes nomes;— a quem institui directores do partido que sei estará breve formado em tórno de um manifesto. Comtudo, o auditorio aqui parece-se muito com alguns que tenho encontrado: curioso, e indeciso.

A 16 chego á Barra do Pirahy. Aqui começam as difficuldades, meu caro. Antes de mais, não havia senão um republicano declarado, o dr. Mesquita. Foi a elle que o Correio teve a honestidade de entregar a minha carta, que te transcrevo, para vêres até onde vae o topete d'este teu

amigo n'esta campanha civilisadora, em que é preciso ousar tudo o que fôr digno e honesto:

“Cidadãos membros do Club Republicano da Barra do Pirahy :

“Animado pelo desejo de desenvolver a propaganda republicana n’essa provincia, e de accôrdo com os nossos dignos correligionarios do partido republicano paulista, pretendo chegar a essa localidade no dia..., onde teria grande prazer em poder realisar uma conferencia como as que teem tido logar, como sabeis, em outras localidades. Convicto do vosso patriotismo, espero que prepareis ahi tudo para um tal fim, dispondo o espirito da população com o respectivo annuncio, preparando o local, etc.

“Não preciso dizer-vos que assim tereis servido a nossa causa commum, a sagrada causa da Republica.

“Saude e fraternidade.,

E depois, a assignatura.

Ora, como não havia nenhum club republicano, a carta foi ter áquelle cidadão. Felizmente, elle dispoz-se a responder ao meu pedido, e de accôrdo com o dr. Garcia, conservador, porém descontente com a situação, deu alguns passos no sentido desejado. Mas a alma d’esta reunião foi o coronel Lindolpho, porque, negando-se o proprietario de um theatrinho local, um portuguez carrança, e caturra, a nol-o alugar, conseguimos, pelo intermedio d’elle, um salão, na outra banda da localidade.

— A conferencia ha de realisar-se, ainda que seja na rua, disse eu, decidido. Mas que razão dá o homem do theatro para nol-o negar?

— Elle diz que venera muito a memoria de D. Pedro V, e que o senhor vae descompôr todos os reis.

— Ora esta! desatei a rir. Por esta não esperava eu! Pois digam ao homem que pouparei o D. Pedro V, e todos os reis amigos d'elle.

Inutil.

«A nada d'isto o bruto se movia.»

CAMÕES.

Surgem rumores de que a conferencia seria perturbada. Vão pedir ao barão de Rio Bonito que assista.

Figura-te, meu caro, um salão de uma casa assobradada, mal illuminado, e quasi vazio, quando entrei e subi á tribuna, isto é, a uma mesa que haviam collocado sobre um estrado. A' porta, grupos de pretos armados de cacetes, de estrangeiros, quasi todos portuguezes, e de alguns empregados da estrada.

Meu primeiro cuidado foi fazer entrar toda aquella gente. D'este modo, melhor podia observá-la, e dominá-la.

— Cidadãos, disse-lhes familiarmente, por que não entram e não se sentam? Isto é para todos.

Recusaram-se, mas insisti, fitando alguns.

Entraram, e sentaram-se. Os portuguezes resmungavam.

Logo que os vi assim, comecei dizendo que estimava falar deante de um auditorio de libertos e de estrangeiros. Elevei o espirito dos primeiros com elogios á abolição, e cantei de relance as glorias portuguezas para os segundos. Aos primeiros "*muito bem*," vi que a tempestade estava serenada.

Estava, mas nem por isso fôra pequeno o risco. Ainda, quando nos retiravamos, ouvimos ao longe os brados:

— *Viva a monarchia! Viva Isabel a Redemptora!*

A cousa era ensinada, como percebi por uns telegrammas impertinentes com que um sujeito me perseguiu por dois dias, procurando desfazer o effeito das conferencias de Pirahy e de Vassouras. O homem acompanhou-me pela imprensa até a Parahyba do Sul. Porque? Mania.

Em Valença, quando falava no salão do theatro, no primeiro andar, interrompem-me em baixo com uma algarria de vivas contrarios. Não me perturbo, e exclamo:

— Vêde bem, cidadãos! quão necessitado está o povo da liberdade republicana! Vêde como elle impede a liberdade de pensamento! É assim que a monarchia o tem educado! Tinha razão o poeta patriota quando dizia que o povo estava no alto, mas que a multidão estava em baixo! Tenhamos a generosidade de perdoar-lhe, e elevemos a multidão até o Povo!

Applausos geraes e sympathias, que contêm o tumulto. Peço calma, e continuo. Ao sahir, dois libertos se postam ao nosso lado. O commendador Benjamin de Salles Pinheiro, voltando-se para elles:

— Rapazes, o que é isto? Dão licença?... Sigamos, doutor.

E impellia-os docemente. Passámos. Nada mais.

João Barcellos estava indignado com o caso, e sabia a quem attribuil-o. Barcellos era o chefe republicano local; advogado, muito moço, mas de grande merito; um trabalhador valente da causa.

Já em Vassouras, meu caro, onde tinha estado na vespera, quando nos banqueteavamos em casa do major Teixeira Leite, que me hospedara gentilmente no seu palacete, um grupo passara pela rua, dirigindo grosserias aos repu-

blicanos. Mas a conferencia seguira muito bem, sem interrupções, nem mesmo ápartes, antes acompanhada de applausos, de assentimentos, ou de silencias expressivos.

Em Vassouras conheci o distincto dr. Lucindo de Passos Filho, latinista eximio, e poeta, redactor de um jornal de feição litteraria em cujo cabeçalho figuram como collaboradores quasi todos os nomes notaveis das lettras brazileiras, um pouco deslocados no seio d'aquellas montanhas. Guardo com prazer um exemplar das suas *Virgilianas*, traducções do mantuano que me offereceu.

Abraço ainda aqui o Raymundo Correia, o nosso Raymundo, feito juiz municipal. Casou-se, debes saber. Não se envolve em politica. É ainda influencia republicana o dr. Sebastião Lacerda, rapaz de character, decidido ao combate, mas modesto e reflectido.

Ia narrar-te os episodios de hontem n'esta cidade, episodios que a esta hora correm a imprensa, mas reservo-me para fazel-o d'aqui a dois ou tres dias. Estou fatigado, e tu o debes estar tambem, quando não seja por outra causa, ao menos pela leitura d'esta.

Não temos mais fôrças, senão para nos abraçarmos. É o que faço, ao concluir esta.

Teu velho amigo,
Silva Jardim.

Minha familia, que gosa saude, se recommenda á tua, embora não tenha o prazer de conhecel-a.

*
* *

JUIZ DE FORA (MINAS), 21 de julho de 1888, á 1 hora da manhã.

Meu caro amigo,

Conforme te prometti, dou-te noticia do episodio da Parahyba do Sul.

Antes, porém, respondo ás tuas interrogações sobre o partido paulista.

Este, como tu sabes, não é novo; vem de 1870. Dêem-lhe como causa de augmento a lei de 28 de setembro de 1871, censurem-lhe o não ter tomado parte mais activa na abolição, o facto é que elle se fez uma fôrça. Teu espirito pratico concordará commigo que, se bem que a Politica deva sempre ser subordinada á Moral, comtudo um partido não é uma confraria religiosa que exija dos seus adeptos a *virtude*, até mesmo nas intenções. Essas qualidades devem ser exigidas aos chefes; quanto aos soldados, pouco me importa a mim que sejam taes ou quaes os móveis dos seus actos, desde que obedeçam aos bons directores, e sirvam com dedicação a causa commum. É a resposta que eu poderia dar aos que começam a accusar-me de *explorar o despeito da lavoura*.

E porque não attribuir a existencia do partido paulista antes ao sentimento liberal da provincia que a levava a ligar-se em tórno do manifesto de 3 de dezembro de 1870? Esse partido já é bastante antigo; e tu sabes que o odio por si só faz obra passageira.

Por sua vez porque não suppôr generoso o actual movimento dos lavradores fluminenses e mineiros? Se apenas o despeito contra a Princeza os movesse, elles poriam suas esperanças n'outro principe. E se os chamam despeitados contra o throno, não teriam elles direito de chamar *peitados* aos que os combatem? Quando eu pudesse pensar assim um só momento, bastava o acolhimento á propaganda genuinamente republicana, que lhes faço, para demonstrarme o contrario. Demais, tu sabes que é muito fraca a razão philosophica que suppõe no homem a incoherencia mental de se declarar republicano de um dia para o outro, por capricho, sem nenhum antecedente social ou pessoal. Isso seria incompativel com o bom senso do lavrador, de sua natureza conservador, pela sua profissão de cultor do solo.

O partido paulista prosegue sua missão. A propaganda alli continúa. Carlos Garcia, Jesuino Cardoso, Moniz de Sousa, teem feito conferencias. Este redige a *Gazeta do Povo*, que é agora a nossa guarda avançada revolucionaria. Envio-te alguns exemplares d'um jornalzinho levado da breca, o *Grito do Povo*, onde entre vibrantes artigos dos seus redactores, verás uns versos que escrevi debaixo de pseudonymo sobre o Conde d'Eu, a casa imperial, etc. Ora para que havia de dar-lhe! dirás. Descança, meu caro, fiquei na satira, e não me extenderei ao lyrismo. Foi diversão de minutos, para rir. A alma do *Grito do Povo* é um bello rapaz, Hippolyto da Silva. Já vês que temos gente.

A *Commissão permanente*, que dirige o partido, continúa o seu encargo.

Além dos bons republicanos que conheces por sua maior

notoriedade, quero que conserves os nomes de Leão Ribeiro, o primeiro director do Partido Santista, republicano desde a Academia, de Adolfo Gordo, do dr. Carvalho, de Rodolfo Miranda, que por si só faz um barulho immenso em S. Simão, de Moreira da Silva, que redige uma folha em Tatuhy, e de Olympio Catão, distincto professor.

O partido vae-se tornando mesmo muito popular. É pena que na Assembléa os deputados tenham que occupar-se quasi exclusivamente das questões de administração; mas não ha mais a fazer, e isso dá-lhes fôrça. Comtudo, de vez em quando, temos visto sortidas revolucionarias desde as de Martinho Prado Junior, Gabriel Piza, Cesario Nanzianzeno, Angelo Pinheiro, até as que continuam aquellas, de Prudente de Moraes, Campos Salles, Moniz de Sousa, e outros, nas diversas legislaturas em que teem tomado assento.

Quanto a mim, vou indo, como a filha de Maria Angú, que

Andou por Sorocaba,
 Por Guaratinguetá
 Por Pindamonhangaba
 Por Jacarepaguá,

da canção com que nos entretinhamos quando rapazes. Hei de chegar a Jacarepaguá, affirmo-t'ó.

Vamos ao caso de ante-hontem, que resumirei. Sabes que são duas da madrugada? que viagei todo o dia depois de um tumulto, que fiz hontem aqui uma conferencia tambem um pouco accidentada, que presidi um jantar até a meia noite, e que tenho de embarcar ás cinco e meia da

manhã? É por isso talvez que vou passando o tempo a escrever-te...

Soffrível, a entrada na Parahyba. Receberam-me o dr. Martinho Campos Filho, o barão de Palmeiras, e outros amigos. Sigo para a *Encruzilhada*, que é um arrabalde, descanço, e venho a falar no salão d'uma sociedade maçónica, em um sobrado.

Imagina que no meio do discurso, interrompem-me da rua. Não dou importancia ao caso.

Mas as interrupções continuam, e atiram-me uma pedra contra a vidraça, que estava cerrada.

Tu sabes que n'estas cousas recuar é perder terreno. Ao contrario, a audacia é sempre feliz.

Abro de par em par as duas janellas no meio das quaes estava a tribuna, e colloco-me n'uma das extremidades d'ella, justamente de costas para a rua, ao alcance das pedras que podiam ferir-me traiçoeiramente. Mas faço-o depois de lançar um olhar de investigação sobre o grupo perturbador. Tudo cessa por um momento.

Não preciso dizer-te que me foi preciso muito esforço e tacto para conter alguns dos correigionarios mais ardentes e impetuosos, que queriam sahir immediatamente.

— Nosso dever é continuar aqui! bradava-lhes. Nós não devemos aceitar provocações, e sahir á rua a motins tão abaixo de nós quanto inuteis.

O grupo mais conciliador conseguira acalmar o outro, quando a casa começa, meu amigo, a ser inteiramente apedrejada, e destruida, no sentido litteral dos termos.

As pedras cahiam-lhe sobre o telhado, lançadas de um morro que lhe ficava a cavalleiro. As taboas do tecto co-

meçam a ceder, pois parte da coberta já fôra queb
Do lado da frente, continuava tambem o ataque. Tu
podes imaginar o effeito que isso causava.

Subito, entra na sala o dr. Dalmaceda, de botas e
poras, e revela os nomes dos auctores do attentado
acabara de vêr; o que irrita ainda mais os animos.

N'esse momento dirige-se a mim um cidadão, e offerece-
me uma poesia feita pela filha. Guardo o papel, agrade-
cendo, pois a occasião não era para versos, na verdade.

Era impossivel continuar. Sahimos.

Assistia á reunião um monarchista, o dr. Macario Fi-
gueira de Mello, disposto mesmo a refutar-me, mas que
vendo o insolito ataque que no seu dizer *envergonhava a ci-
dade*, dirigiu-me a palavra, expondo suas opiniões, e offere-
cendo-me a sua casa.

Os assaltantes eclipsam-se, quando sahimos, e á frente
dos correligionarios, este teu amigo.

— Canalhas! Miseraveis! dizia o dr. Macario, revoltado,
abrindo as portas de sua casa, e pedindo-me que falasse.

— Venham atacar-nos aqui, se são capazes!

Foi difficil conter o generoso velho.

— Minha senhora, disse eu a sua esposa, no salão, ha de
desculpar-me o incómodo que lhe causo.

— Nenhum, doutor, respondeu-me a corajosa brasileira.

— V. Ex.^a tem mêdo?

— Não!

Ahi terminei a conferencia. Registo-te este acto de raro
cavalheirismo n'um adversario.

Em seguida retiramo'-nos novamente para a casa do Ba-
rão das Palmeiras, onde no dia seguinte pela manhã as

principaes influencias redigem um telegramma para os
 paes expondo os acontecimentos. É uma prova de soli-
 dade partidaria, e já agora julgo este incidente favo-
 rel á propaganda republicana.

Devo dizer-te que encontrei aqui os chefes do Partido
 muito bem intencionados em relação aos libertos. E não
 fôram estes nenbumamente os que nos atacaram; o assalto
 deve-se a um certo aulico, especie de escriba politico, que
 dizem occupar aqui logar de auctoridade, e cujas qualida-
 des ninguem honra.

Emfim, tu vês que é a monarchia quem começa a atear
 o fogo da revolução.

Que prosiga. Quanto peor, melhor!

Quanto á minha pessoa, a lucta começa a tornar-se som-
 bria, mais proxima do apostolado possivel de martyrio,
 que do triumpho politico; mas isso não me preoccupa. Que
 fazer? Toda a existencia é cercada de um certo conjunto
 de fatalidades; e antes morrer assim, mesmo sendo lapidado
 como Santo Estevam, como parecem pretender estes in-
 fieis, do que, ingloria e indignamente esticar a cannella na
 burgueza pacatez de um estomago bem conservado.

Abraça o teu amigo.

*

* *

Do meu DIARIO:

JUIZ DE FORA, 21 de julho, ás 2 horas da manhã.

Deixei hontem a Parahyba do Sul, onde os correligiona-
 rios me pediram que voltasse, para ahi firmar de modo

definitivo a propaganda. Proxima á Parahyba, está a fazenda de Cebolas, onde dizem que foi depositado um quarto do cadaver de Tiradentes.

Aqui cheguei á tarde. Atravessei o Parahybuna, que afflue ao Parahyba, e onde em 1842 os revoltosos lançaram as armas, para não soffrerem o vexame de entregal-as ao governo legal.

Penetro nas montanhas mineiras.

Juiz de Fora, na planicie, é uma bella cidade, um pouco parecida com S. Paulo. Pretende, com certa razão, os foros de verdadeira capital de Minas, se bem que me pareça muito afastada do centro para poder conseguir tornar esta aspiração uma realidade. Tem *bonds*, elegantes construcções, um *forum* relativamente importante, e bonitos arrabaldes que percorri á tarde, em companhia do dr. João Ribeiro, que redige um jornal republicano. A pessoa a quem aqui me dirigi foi o bacharel Fonseca Hermes, que vi ser um moço muito intelligente, com talento oratorio; tem prestado bons serviços á propaganda, no que é coadjuvado por um joven esperançoso, Luiz Detsi, e pelo dr. Constantino Paletta, meu antigo collega de estudos. O dr. João Penido, antigo liberal, adheriu tambem ao partido. Este é quasi todo de agricultores.

A conferencia foi interrompida por ápartes calorosos entre liberaes e conservadores, que já ameaçavam engalfinhar-se visitando-se respectivamente os costados com as cadeiras á mão. Vendo ser impossivel contel-os, e que muitos galgavam o tablado, d'onde falava, sentei-me serenamente n'uma poltrona, em pleno publico, e tomei a attitude da espera. Cobrem-me olhares de surpresa:

— Espero que os senhores acabem de brigar para proseguir, declarei.

Volta a atenção, perturbada por um apartista inconveniente.

— Queira dizer-me, cidadão, qual a sua profissão? pergunto-lhe, parando para responder-lhe. Hei de mostrar os males que o regimen monarchico faz á sua classe, e que não tem portanto razão para defendel-o.

— Sou commerciante, diz.

— Oh! oh! respondem-lhe.

— Commerciante avulso, emenda.

Tratava-se de um desclassificado qualquer, sem maior fama local, cuja calva involuntariamente eu puzera á mostra.

— Ah!... n'esse caso, permitta-me que continúe.

Risos estrepitosos, e assentimentos. Os adversarios correm-se do insuccesso do seu orgão.

Negando que, afinal, o conde d'Eu merecesse o epitheto de bravo, e narrando, por informação que tivera, a simplicidade do combate de Pirrebebuhy, interrompe-me o delegado de policia:

— Quanto a isto, não apoiado. Lá estive, e vi como Sua Alteza se portou.

— Onde estava Sua Alteza?

— Como general, estava na retaguarda do acampamento, responde-me, inchado e victorioso.

— Olhe, cidadão, ponha-me na retaguarda de um acampamento, e colloque-se o senhor na frente a fazer bravuras, que eu lhe mostro como me porto valentemente no combate. E lembre-se que Osorio foi ferido em campanha, combatendo na frente.

Novo successo de risos e de applausos. Porém o homem, quando eu negava a existencia da liberdade de pensamento no Brazil:

— Mas o senhor não está ahi falando?

— Que tem isso? Lá no seu codigo encontra o amigo artigos que pode applicar-me. E se entende, por prevenção, fazel-o desde já, prendendo-me, não faça cerimonia, digolhe, a zombar.

— Não senhor, não senhor.

A conferencia dura tres horas, e o povo acompanha-me ao hotel.

PETROPOLIS, 23, á noite.— Estou meio morto de fatiga. Ha vinte dias que viajo, falando seguidamente. Os pulmões são fortes, mas a garganta, atacada, já me não dá grande cousa. Tenho defluxo e alguma febre. Passei da estrada de ferro de Pedro II para uma diligencia, em que vim quasi só, percorrendo um bello caminho de rodagem; passei-me para a Estrada do Principe do Grão Pará e cheguei a estas alturas. Pittoresca, toda a paizagem do caminho, em que se vêem de um lado as casinhas dos habitantes das vizinhanças da cidade, em forma de *chalets*, gôsto suiso, no meio de muita verdura; e do lado de cima a serra, coberta de neveiro, como cousa que está acima do mar oitocentos e tantos metros. Chove. Espera-me na estação o Major Castro, e depois conheço o pharmaceutico Hermogenes, e o chefe local, o dr. Thomaz da Porciuncula.

No dia seguinte este faz-me passear pela cidade, cujas ruas humidas percorremos de carro, e onde me môstra os canaes, formados pelo Piabanha, os edificios, as magnificas

chacaras, os palacios da familia imperial. É ousadia não pequena vir falar na residencia de verão de D. Pedro, na chacara imperial, onde o monarcha passeia burguezmente; e para mais curiosidade, no mesmo salão em que a Princesa realisara os seus concertos classicos, realiso uma conferencia, a que assistem muitas senhoras e cavalheiros estrangeiros, allemães na maior parte, muito amigos da Condessa. Compreendo que não devo exigir das pessoas mais do que ellas podem dar, e,—*fortiter in re, suaviter in modo*—, discurso de maneira a poder garantir que a mesma princesa podia ter-me ouvido, sem se offender, se o seu espirito irrequieto lhe permittisse ouvir a verdade mesmo delicadamente exposta.

Meu grande prazer ahi, foi conhecer o dr. Porciuncula. Antigo liberal, republicano de muito, sempre intransigente, suas maneiras cavalheirescas de medico distinctissimo fizeram-no respeitado e amado pelo povo, a ponto da mesma familia imperial recorrer aos seus conhecimentos profissionais. Fôra deputado provincial e sua influencia sobre o eleitorado era grande. A par d'isto, uma noção exacta do paiz, do partido, e dos seus homens.

RIO DE JANEIRO, 26, *de manhã*. — Cheguei hontem. Reservo-me o direito de por ora pôr o diario á margem. Não tenho mesmo mais tempo para escrever. Dormi até as dez horas, e o Valentim Magalhães entra-me pelo quarto a chamar-me para o almôço. Imaginem com que pesar deixo esta cama, onde á meia hora medito entre bocejos. Por Deus, que não a julgo inferior á que Xavier de Maistre cantou na sua *Viagem á roda do meu quarto!*

*

* *

MEDITAÇÃO, EM CAPIVARY

Eis aqui o caminho da casa que foi paterna. Ha meia hora que n'elle marchou. Sahi da villa onde passei parte da infancia, e vim visitar esta casa. Atravessei os corregos e os banhados pantanosos, em que as arvores são pobres de seiva, e agora penetrei n'este pedaço de matta. É manhã, cedo, e o sol levanta no horizonte os seus raios de fim de julho, dôces, mas já quentes. O cavallo, comprehendendo-me, marcha vagaroso; e de tempo a tempo firmo-me no estribo esquerdo, pendendo para elle o corpo, e abandonandó o direito na attitude do descanso, a meditar. Estou só, e não espero encontrar semblante conhecido na casa que foi paterna.

Cheguei ante-hontem á villa saudosa. Venho de muito longe; e, embora tivesse descansado na capital, a viagem seguinte fatigou-me ainda. Trago recordações das difficuldades e dos triumphos; em Friburgo, onde entrei só, sem um rosto amigo a reconhecer-me, fui eu mesmo quem deu os passos para obter o local do meu discurso, quem obteve as cadeiras, quem tudo preparou; physionomias indifferentes ou afastavam-se, ou limitavam-se a indicações vagas; se bem que em Cantagallo, Padua, S. Fidelis, Campos, Macahé e Barra, o acolhimento fôsse sempre festivo, com as ligeiras alternativas de má vontade dos adversarios: compensada pelo enthusiasmo dos amigos.

Não me queixo, nem me orgulho; se o insuccesso é devido ás vezes á falta de partidarios, o successo é quasi só a estes devido. Comtudo, mesmo na villa suissa, minha palavra obteve adhesões, que terminaram em expansões de sympathia, e em casa d'aquelle alegre major Augusto de Castro delineou-se o nosso gremio. Cantagallo apresentou-me Baptista Lapér, honrado medico e fazendeiro, velho e intransigente republicano, e Damasceno Vieira, advogado liberal e jornalista, mas muito nosso camarada; os ápartes do talentoso dr. Miguel Carvalho, e o seu discurso subsequente, pedindo ao seu partido não se pronunciasse antes de ouvir a palavra do seu chefe o conselheiro Paulino, não puderam destruir o effeito produzido. A Padua fui de passeio, entre a hora da chegada de um trem e a de partida de um outro, n'um entroncamento; mas Ernesto Coelho, companheiro de infancia, Gomes de Sousa, ardente correlligionario, e outros, contiveram-me, obrigando-me a falar ao povo.

Em São Fidelis, Virgilio Pessoa organisa a manifestação republicana, e, embora ameaçada, a conferencia corre applaudida pelos mesmos libertos, que me dão razão contra um antigo abolicionista; porque eu pergunto-lhes com eloquencia, e respondendo-lhes presto, que regimen é mais liberal, se aquelle em que uma familia privilegiada fecha o horizonte ao povo, ou aquelle em que o ultimo preto, hontem escravo, pode sentar-se na cadeira presidencial, desde que honrado, intelligente e bom? E no dia seguinte a festa do *Club dos Aventureiros* eleva-me novamente á doutrinação enthusiastica, applaudida pela multidão, depois de ter ouvido Laurindo Pitta, que fez nome

em São Paulo, que presidiu a provincia do Espirito-Santo, e agora anima aqui o partido.

Estou ainda cheio de recordações de Campos, a cidade livre por excellencia, na minha terra. Cheguei a ella, tendo tomado o Parahyba em S. Fidelis. Que belleza de margens! A agua, por vezes côr de barro, rola por ahi além, emquanto o vapor me conduz proximo á ribanceira, cuja florescencia exuberante contemplo. E agora, como é formosa a cidade, que parece inclinar-se de uma elevação para o rio! E depois, quando, ao braço de Pedro Tavares, um character de ferro, um espirito intransigente, quasi intolerante, um velho trabalhador de todas as liberdades, embora moço em idade, quando entro na cidade, e vejo as ruas modernas, os edificios regulares, os theatros, a illuminação a electricidade que derrama pelas suas noites um clarão de luar, quando lhe vejo o commercio activo, e, tomando um ramal, visito-lhe as plantações de canna em que os engenhos se succedem n'uma divisão de pequena propriedade, não me admiro da recepção triumphal que me foi feita, nem das ovações das conferencias de duas noites seguidas, em que o recinto do theatro foi pequeno para conter os espectadores, e em que nas ruas que levavam ao meu hotel colleava um novo Parahyba, agora humano, que viera de longe engrossando, e que aqui rebentava em vagas de applausos á boa nova republicana.

D'ahi sahira, sentindo não vêr Nilo Peçanha, ausente, e despedindo-me de Francisco Portella, de Pedro Tavares, de Sá Freire, redactor da *Gazeta do Povo*, e de muitos outros, e dirigira-me a Macahé. Antes porém conversara com Carlos de Lacerda, o trabalhador abolicionista, que me visita-

ra. Diziam que os libertos pretendiam matar-me, e elle se me apresentara, como o fez no *meeting*, garantindo todos os seus esforços no sentido da ordem. N'aquelle mesmo theatro, pouco tempo antes, o abolicionismo vira scenas de sangue.

Macahé recebêra-me com o prazer da presença de Francisco Pessanha, o meu camarada de collegio, em Nictheroy, quando, tendo partido d'esta casa de que me approximo, eu entrei para a direcção do velho professor Honorato de Carvalho e de seu filho Felisberto. Como, depois da conferencia, levemente interrompida por um monarchista, que confessou não conhecer a constituição do imperio, e que o publico declarou não querer ouvir, como nos recordámos dos tempos da nossa juventude! d'aquella casa onde, longe dos meus, eu quasi morreria de variola, tratado com carinho paterno pelo velho mestre, e dos nossos estudos com os professores Silva Pontes e Sampaio Correia, e depois, no mosteiro de São Bento, desde a aula de religião de Frei Bento Cortez, o calmo secretario, até a de Frei Santa Catharina Furtado, o latinista pachorrento, passando pela de Frei Lourenço, feroz deante de uma syllabada; ao longo do claustro, aturando os bedéis, conversando com Clovis Bevilaqua e Pedreira Franco, planeando o *Labarum*, e atravessando, de volta á tarde, a bahia, na consciencia tranquilla da lição sabida e na anciedade do estomago de rapazes, desejoso de satisfazer-se na fugal refeição de estudantes!

Foi por aqui que eu passei para lá chegar, por este caminho da casa paterna, que vou visitar. É uma peregrinação quasi religiosa esta. Vim da Barra de S. João onde tam-

bem orei, e depois margeei a Lagôa de Juturnahyba. Hontem vi a villa, onde ainda discursei, com o auxilio de Carlos Halfeld e de Pinto de Figueiredo, os velhos amigos; a villa onde meu pae teve a segunda eschola; porque a primeira foi alli, n'aquelle pedaço de terra que já d'aqui diviso escura, na casa da fazenda primitiva que foi destruida, e que só mostra os tristes alicerces nús.

Passei por ella, pela eschola: como eram differentes os meninos! e o professor era tão outro! As ruas são sempre as mesmas; mas ha agora estação de estrada de ferro. A igreja, porém, não mudou; ao vêl-a, no alto, branca, as andorinhas a esvoaçarem-lhe em tórno da cruz, com o seu pobre campanario ao lado, afigurou-se-me que o padre, já fallecido, o vigario Freitas, de physionomia intelligente e respeitavel, nobre e severo aspecto, entrava pela porta da sacristia, vestia-se, e ia ao altar dizer missa, ajudado por mim! E ainda aos meus ouvidos estavam as suas palavras, quando, voltado ao povo, nos dias de festa, coberto o altar de incenso, dizia, através dos seus oculos que brilhavam: — *Orate Fratres!* ou *Dominus Vobiscum!* — *Et cum spiritu tuo!* respondia-lhe o côro de musicos que vinham de longe juntar-se á banda local nos dias de festa.

O cemiterio é o mesmo; lá no alto, repousa minha avó, mãe de minha mãe, e minha mãe outra, como a chamava. Não tenho idéas que bem me lembrem todo o seu e o meu amor. Mas esta recordação do cemiterio leva-me a bem longe; ao alto da Consolação, em S. Paulo, onde a minha Clotilde, olhar fanado, tez marmorea, corpo de anjinho, penetrou uma tarde no seio da Terra, porque era muito boa para os homens... Ha mortos no meu coração; mas ha vi-

vos tambem; e a imagem dos dois rapazes, o Antonico, de olhar brilhante e vivo, moreno, sempre em movimento, e do Danton, louro, roseo, gordo e tranquillo, fazem-me o sorriso no espirito, emquanto o cavallo segue a passo, inclinado o meu corpo ao lado esquerdo, n'esta attitude de repouso e de meditação.

— Oh! da casa! gritei á porta.

— Entre!

Não entrei. Não tive animo. Com o olhar timido lancei vista ligeira a tudo; aquelle quarto, o das minhas férias, em que a imagem d'ella, da minha amada, apparecia-me como um dôce tormento chamando-me á aspiração de um nome para possuil-a; alli, o quarto materno, de minha mãe, a figura alta, magra, morena, seu cabello negro como aza de nambú, dividido ao meio, seu aspecto bom e grave, cuidando de tudo, um sorriso descuidado de coragem, um olhar de observação e de emenda; noites perdidas na dôr dos filhos doentes ou moribundos, momentos de alegria em unica paga que bem lhe bastavam... minha mãe! Tudo aqui fala d'ella: este regato, em que a vi dirigir e mesmo fazer o serviço da rouparia; este fogão de que a vi tanto approximar-se . e a voz severa de meu pae a dizer-nos a lição, e a voz infantil de minha irmã a esboçar o colloquio com a sua boneca . Não entrei. Não tive animo.

— Obrigado, até mais ver, respondo ao habitante admirado, que me offerencia o descanço, e a sua chavena de café. E volto, lançando o olhar a estes morros que me circumdam, este, de floresta virgem, onde os animaes bravios roncavam com ameaça, este outro, de cafesal, que o corria e baixo a cima, como carapinha de preto, e que pegou fogo;

este outro, abandonado . . . e alli, n'um canto, d'onde se levanta ao céu pardacento uma nuvem de fumo, a casa de sapé do portuguez Sapucaia, que tirara o nome do sitio, onde a velha sapucaieira erguia-se majestosa, a casa do meu compadre, para onde eu fugia em pequenino, a descançar no regaço das môças, e para onde mais tarde me dirigia a ouvir-lhe historias que lêra no *Lunario Perpetuo*.

Vae, peregrino! Segue teu caminho através da vida! Segue teu destino, que todos o têm! Olha: a trajectoria das existencias está de antemão idealmente traçada, por leis eternas, naturaes, mas que jámais o homem conhecerá! Feliz de ti, peregrino, se te guiares bem, de modo a tirar d'essa linha as asperezas do mal, na curva dos teus esforços para attingir feliz o ponto extremo, ou nas quebradas que teus erros traçarem na dura licção da experiencia! Vae, peregrino, segue tua linha, embora de tempos a tempos pares no caminho, como agora, só e constricto deante da natureza e do passado, a pensar no futuro, a ligar tua existencia á dos bons, e a procurar o meio melhor de suavisar a dureza da trajectoria do teu destino!

*

* . *

No dia seguinte estava no Rio Bonito. Ahi conferenciei, com o apoio de Alves Vianna. Como a terra era proxima da minha, e como ahi os meus haviam tambem vivido, fôram-me sensiveis as tentativas de perturbação do meu discurso. O dr. Durval Mesquita, não ainda republicano, mas

nosso sympathico, estava a meu lado, no incidente, aliás sem importancia.

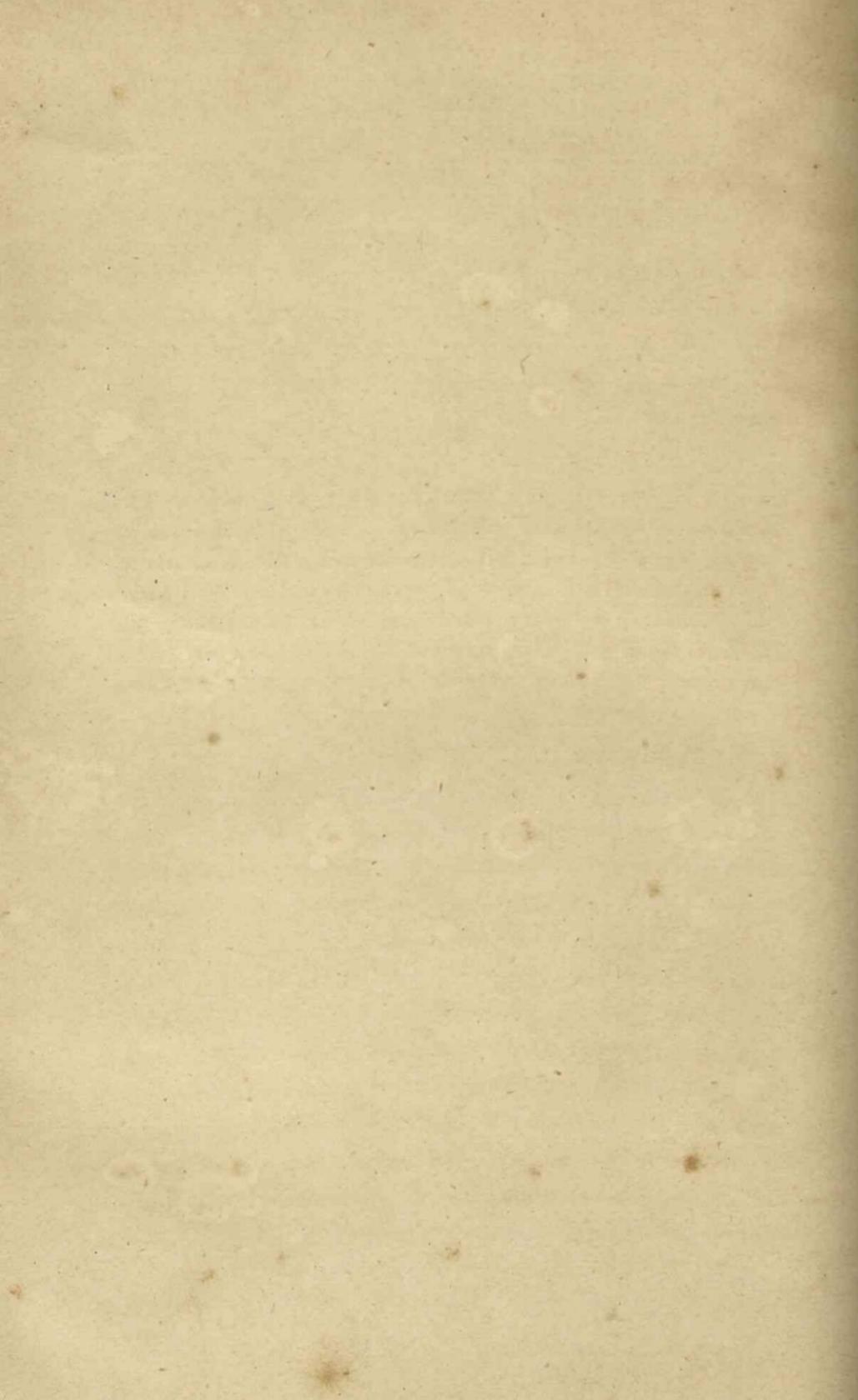
Depois cheguei a Nictheroy, onde falei com exito. Com o auxilio de Limpo de Abreu, velho combatente, de Carr Ribeiro e de outros, Alberto Torres organisara o nosso partido. Voltei em companhia d'este a Itaborahy, que recebeu com festa a propaganda republicana; Ribeiro de Mendonça, Fidelis Alves, e outros, fôram ahi nossos auxiliares.

— E agora ? perguntava-me Alberto Torres, no trem, depois de narrar-lhe resumidamente as impressões de toda a viagem.

— Estou resolvido a dar combate ao Rio de Janeiro. Pretendo voltar a Santos, trazer a familia, e assestar bateria deante de S. Christovam ...

Apertou-me a mão, e nossos olhos luziram de esperança.

Paris, 19 de janeiro de 1891.



IV

No Rio de Janeiro: entrada e installação; olhar retrospectivo.—Ainda o passado. — O Partido e seus homens. — Abolicionismo e abolicionistas. — Linhas convergentes e divergentes. — Diversas intervenções victoriosas: pelo interior; a chegada do Imperador; a questão do juramento.—Movimento republicano geral.— A questão militar; a organização do partido fluminense.—Um passeio por uma bibliotheca.— Os mortos governam os vivos—O 30 de Dezembro: «Vencer ou morrer.»

A casa era pequenina, mas alegre. Era um *chalet* de uns seis commodos, n'uma encosta do morro de Santa Theresa, tendo atraz e a cavalleiro a montanha ingreme, a guisa de jardim, e em frente a ladeira que serpenteava em declive até a rua do Riachuelo. Era coberta de muita luz, que cahia de cima e irradiava das pedreiras, e era cercada de muitas arvores de copa alta e frondosa. Ao longe uma nesga de mar, quasi sempre azul, do fundo da bahia de Guanabara, onde se divisavam os navios de pequeno calado; e no alto o céu, do verão que já começava, ora limpido, ora annuviado, bordado á noite de estrellas, n'essas noites em que um grande silencio se fazia n'aquelle retiro, em que a vegetação per-

fumava o ar, e em que a folhagem espalhava sombras terrosas que ás vezes o luar recortava em forma de tasmãs que pareciam mover-se.

Fôra alli, rua Augusta, que me installara. Resolvido dar combate ao regimen monarchico no seu proprio foco e animado pelo acolhimento fluminense, deixara meu escriptorio de Santos, com grande pesar de meu cunhado amigo, e viera tentar vida de advogado na grande cidade, e continuar a propaganda encetada.

— Teu nome, porém, fica na porta do escriptorio, dissera-me Martim.

E ficou, e ainda até hoje lá está.

Porque me decidira a esse passo? Sem duvida que o ardor politico, o instincto de combatividade, a sêde do triumpho, o amor ao ideal republicano excitado até quasi o fanatismo determinaram-me em muito. Mas accrescente-se a esses moveis decisivos a seducção e o attractivo da grande cidade onde meu nome já se fizera conhecido, o desejo de habitar o foco da vida brazileira, a Paris da America do Sul, a qual me chamavam tambem as saudades da infancia. Ah! o futuro! a aspiração de um nome perduravel, de uma reputação solidamente estabelecida! O prazer do applauso na carreira de advogado e de jurisconsulto, um horizonte maior para as luctas politicas, um ponto central onde visse todos os companheiros de combate que viessem á capital, a possibilidade de abarcar a vida nacional n'um só golpe de vista! Poder conversar durante a manhã com um amigo do Rio Grande do Sul e jantar á tarde com um outro do Pará! Tudo isso seria enlevo a qualquer moço, mesmo que não estivesse, como eu, lançado no mais acceso da vida publica.

do chegara, de Petropolis, á noitinha, na primeira
 la minha excursão, encontrara o Valentim a espe-
 : na ponte das barcas Ferry, e a acolher-me com o
 braço. Já viram, pelo meu *Diario*, como tive o prazer
 ornar a vêr o velho amigo. Passamos a noite n'esse
 vaco largo e descuidoso da intimidade, em que não se
 ondem os pensamentos, a communicarmo'-nos mutua-
 ente esperanças e projectos.

— A verdade é que estás fazendo uma cousa espantosa,
 disse-me. N'este paiz é quasi impossivel realisar grandes
 cousas sem cahir no ridiculo. Acredita que a tua maior
 victoria é teres sido tomado a sério n'essa campanha am-
 bulante.

Oito dias passámos juntos, elle a escrever para os seus
 jornaes, onde foi o primeiro a annunciar os meus serviços,
 e eu a repousar, a ler, a corrigir minhas notas de viagem,
 a completal-as; e a vêr a cidade, e fazer relações com os
 correligionarios.

Nas minhas notas alguns nomes de bons amigos tinham
 sido omittidos. Era um despertar de boas lembranças re-
 cordal-os.

Gastão de Sá, medico de S. Carlos do Pinhal, Bento Qui-
 rino e Alberto Salles, de Campinas, Costa Junior, irmão do
 dr. Costinha, de Guaratinguetá, o dr. Lycurgo dos Santos,
 escriptor de Guaratinguetá, Angelo Pinheiro, propagan-
 dista no interior, Domingos de Moraes, Ellis, Pedro Leça,
 lente da academia, Rivadavia, Emilio Pestana, irmão de
 Rangel Pestana, Julio de Mesquita, que imprimiu uma ex-
 cellente administração á *Provincia*, Julio Ribeiro e tantos
 outros, em S. Paulo; Alves Lima, criterioso e dedicado,

Supplicy, ardente e firme, Zepherino Barbosa, de Santos recordavam-me de um golpe o partido paulista, que já tinha uma historia, desde a convenção de Ytu, que foi o primeiro congresso republicano, presidido por João Tebyriçã, historia em que tinham sido pontos salientes, afora a agitação revolucionaria que se fazia, a representação coherente de Campos Salles e de Prudente de Moraes no parlamento geral, e os trabalhos de merito das bancadas provinciaes, em sessões preliminares preparatorias da attitude na assembléa, na qual depois Salles ostentava garbos oratorios, Martinho Prado arrojos revolucionarios, Gabriel de Piza reflexões philosophicas, apprendidas no estrangeiro, na America do Norte e em Paris nas licções de Pierre Laffitte; *et alteri...*

— Convém saber onde estão os cabos de guerra antes de dar a batalha, dizia eu. Em politica quem não conhece o pessoal do seu partido, não é homem prático, não tem vocação para o officio. Isto é uma arte, e a mais difficil das artes...

Na provincia do Rio, além dos correligionarios citados anteriormente, e que ainda citarei talvez, davam-me esperanças da constituição de um partido valente Hémeterio Martins, em Campos; Gualdino de Sousa, e Faria Serra, em Fidelis; Joaquim Breves; Costa Azevedo, da Lage, que veria o episodio tristissimo em que Nilo Peçanha quasi é martyrisado; José Valentim, de Macahé; Torquato de Magalhães, da Barra de S. João; Leopoldo Teixeira Leite, da Parahyba; Mello Nogueira, de Rezende, e tantos outros ainda, dignos de nota, porque nos partidos a disposição para o combate é que faz o verdadeiro merito dos adeptos.

É pena que não se conheça o nome de todos quantos arriscaram seus interesses, liberdade e algumas vezes até a vida, pela regeneração da patria, nos dias em que ser republicano era estar desterrado no proprio paiz, ser estrangeiro na propria terra.

Era preciso vêr de perto os nossos homens.

Conheci, na capital, á rua do Rosario, n.º 57, o velho chefe do Partido. Eu escrevêra-lhe no comêço da minha propaganda para lhe dizer que, quaesquer que fôsem os pontos de divergencia theorica que eu tivesse no tocante á realisação dos principios republicanos, dispunha-me a auxiliar os correligionarios mais velhos na destruição da monarchia... Quando lhe disseram o meu nome, Saldanha Marinho olhou-me um instante, a modo que duvidoso, através de uns grandes oculos de aros de ouro, com o seu olhar brilhante e fino, e disse :

— É este menino ?!

E chamou-me a si, apertando-me entre os braços, beijando-me a testa por vezes, sorrindo com o seu sorriso bom e espaçoso, sem o obstaculo do bigode, um sorriso semi-voltairiano que lhe irradiava do rosto grande, vermelho, meio envôlto no seu inseparavel *cache-nez* :

— Tu é que és o Jardim ! Tu és o diabo, menino ! Abraça este velho caboclo, menino !

Era o seu costume chamar-se sempre velho caboclo, e chamar-nos a todos, meninos. Quintino Bocayuva era menino, Ubaldino do Amaral e Aristides Lobo eram meninos.

E continuava a ter-me nos seus braços. Conversámos em seguida, eu, meio acanhado por aquellas expansões

fraternaes do venerando patriarcha, e elle, sempre sorridente, sempre envôlto no seu *cache-nez*, sentado na sua poltrona, em frente á mesa de trabalho em que alguns autos abriam largas folhas, e em que tomava todo o espaço uma papelada informe composta de cartas, circulares ao Partido, artigos, folhetos, que um rapaz do Maranhão, Gromwel, seu secretario, copiava ou punha em ordem.

— O sr. é que é o dr. Silva Jardim? Deixe-me comprimental-o, e permitta que o abrace.

Era o dr. Raymundo Sá Valle, o Sá Valle, desde aquelle momento meu amigo, dedicado admirador e companheiro.

D'ahi a pouco entrava Quintino Bocayuva, a quem eu já conhecia.

— Você vem levantando uma poeira! disse-me, ao abraçar-me, e referindo-se á minha excursão.

Elle vinha tambem de fazer uma viagem de propaganda pelo norte da Provincia do Rio, viagem em que desaconselhara francamente aos ex-proprietarios de escravos qualquer idéa de indemnisação.

A Aristides Lobo conheci-o no seu escriptorio. O redactor das *Cartas ao Diario Popular* era nome já vantajosamente estimado por mim. Abraçou-me com amizade.

— Já agora, ainda que não queira, encarnou a idéa em si! Já não se pertence, disse-me.

Na rua do Ouvidor apresentaram-me o dr. Ennes de Sousa, e abracei Magalhães Castro.

— Onde está todo o teu ardor antigo? perguntei-lhe. Precisamos combater...

— Ora...

E explicou-me as razões da sua descrença.

Recordámos os nossos tempos de Academia, as minhas luctas.

— Sabes quem vi ha dias? perguntou-me. O Pelino, o Pelino Guedes...

— Ah! sim! o meu terrivel inimigo... Trouxe-me de canto chorado um mez no *Jornal da Tarde*, por não tel-o reconhecido poeta na *Gente do Mosteiro*...

— Pois hoje é teu amigo... Está teu entusiasta.

— Sim? Então dar-lhe-ei um abraço quando o vir.

No respectivo escriptorio de advogados novos conversei á larga com Xavier da Silveira e Alberto Torres.

— Os velhos têm receio do nosso entusiasmo, disseram. Estamos peados.

— Não, respondi, conciliando. Creio que elles agora estão dispostos a luctar. Pelo menos não impedem o combate.

Estando com o dr. Affonso Celso Junior, meu contra-parente:

— O senhor tem feito um mal enorme aos monarchistas. Elles affectam despreocupação, mas sente-se que conhecem o quanto sua propaganda os prejudica.

— Estimo muito ouvi-lo falar assim.

— Ah! Eu sou mais *alliado* d'elles, do que correligionario, respondeu-me o deputado geral, republicano ardente na Academia.

Seguira pelo norte da Provincia, como deixei narrado. Na minha volta, o Partido offerecêra-me um banquete. Parece que Esteves Junior foi a alma d'esta manifestação. Esteves Junior era um honrado negociante, um dos raros que n'essa classe se haviam no Rio declarado republicanos, sempre ardente, sempre modesto e dedicado á idéa, no que

o auxiliava a família, já possuídos dos mesmos sentimentos os filhos e os irmãos, velhos correligionários.

— Jardim, dissera o velho Saldanha erguendo-se, logo que nos havíamos posto á mesa no salão do hotel do Globo, magnificamente ornado e illuminado, — nós, os teus correligionários, te offerecemos este banquete como uma homenagem e uma animação aos teus serviços á Republica . . .

E por ahí continuara o velho chefe, desenvolvendo uma eloquencia de ancião, sincera e vibrante, em pequenos e cortantes periodos que me lembravam o combatente d'*A Egreja e o Estado*. Aquella maneira original de fazer o *toast* no comêço de um banquete, aquella simplicidade de phrase, o aspecto do mestre, commoveram-me verdadeiramente. Quando me chegou a vez de falar, ao *dessert*, segundo os habitos, sentia-me emocionado quasi como uma criança . . . Desenvolvi o meu programma revolucionario; e, ao concluir, no meio dos applausos, Ubaldino do Amaral, ordinariamente frio e reservado, abraça-me cheio de sentimento:

— Agora sim! exclama, comprehendendo todo o patriotismo que o movia! Agora sim!

Alli estavam quasi todos os antigos e novos republicanos. Se não me engano, ao lado de Saldanha, Quintino, Ubaldino, Aristides e Esteves, estavam Silva Netto, respeitavel pela firmeza de suas convicções; Rodolfo de Abreu, e Henrique Deslandes, negociantes, intelligentes e dedicados, e os mais moços, Julio Diniz, muito gordo, de um olhar scintillante; Annibal Falcão, pallido e abatido pela molestia, mas vibrando sempre de enthusiasmo civico; Sá Valle, Polycarpo,

“o cidadão”, assim chamado, por que não tratava a ninguem senão por esse titulo, proprietario do *Grito do Povo*, um pamphleto de boa propaganda e orientação, redigido por Annibal e por Julio; Almeida Pernambuco, Julio do Carmo, Matthias de Carvalho, poeta, Jeronymo Simões, Valentim, Cyro de Azevedo, que affirmou a necessidade da revolução ainda que fôsse a sôco... Estavam muitos outros, pelo menos uns cincoenta, dos quaes minha memoria destaca especialmente o dr. Barata Ribeiro, lente da faculdade de Medicina, que me complimentou, dizendo:

— Ha muito que sou da sua opinião, sr. doutor. Sem uma revolução nada poderemos fazer. Estimo vê-lo prégar as idéas que alimento.

Os sons da musica, que subiam do andar inferior, enchiam o salão de notas da *Marselheza*, de hymnos revolucionarios, e accendiam a esperança de um dia proximo de victoria final...

No fim do banquete, discutiu-se o caso da Parahyba do Sul. Dizia-se, e Aristides Lobo o denunciara na columna republicana que redigia no *Paiz*, que os governistas pretendiam fazer-me violencias se entrasse de novo na cidade. Falava-se mesmo em assassinar-me. Depois de hesitações, em que o partido, pelo seu Conselho Federal, resolvêra não me expuzesse a um sacrificio inutil, ficara resolvida a viagem, a instancias dos correigionarios do logar. Cyro de Azevedo compromettêra-se espontaneamente a acompanhar-me, e do mesmo modo Sá Valle. Cumpriram a promessa.

Não quizeram, porém, muitos companheiros que eu partisse da capital, para São Paulo, sem realisar uma confe-

rencia popular. Havia perto de seis annos, depois que Lopes Trovão se retirara para a Europa, que estava fechada a tribuna das conferencias directamente republicanas... Porque as conferencias abolicionistas, essas não visavam fazer a propaganda da Republica, e, demais, eram muitas vezes mescladas de opiniões monarchicas, conforme a parcialidade politica dos oradores.

Foi no salão da Sociedade Franceza de Gymnastica que a 12 de agosto penetrei, pelo braço de Sampaio Ferraz, então promotor publico, para realisar o discurso annunciado. A mocidade das escholas de medicina, polytechnica e militar, que abriu alas á minha passagem, recebendo-me com os seus applausos, bem como as senhoras e o povo numeroso, cobriram n'esse dia de triumpho a causa republicana. A analyse dos erros monarchicos foi sempre sublinhada do maior apoio; e quando mostrei a incoherencia e a maldade do abolicionismo que se voltava para o throno, degenerando em escravocracia e em escravidão, e abrindo-nos guerra, as senhoras ergueram-se, o povo todo ergueuse, e uma ovação geral combateu os que atacavam a nossa propaganda... Esta tinha penetrado o coração da cidade, e era certo que em meu espirito podia alimentar a esperanza de, mudando-me para a capital, assistir um dia á quédia da monarchia e á proclamação da Republica...

D'ahi a dias partira para S. Paulo. Uma recepção estrondosa tinha sido organizada officialmente pelo partido. Nunca tinha visto tanta gente á passagem de um republicano, na cidade séde do monarchismo paulista... O facto, então caracteristico, denotava como a maré crescia. A colonia italiana postava-se ao lado dos *bonds* embandeirados

e erguia vivas á Republica. O povo cercava em massa o edificio do nosso club, para onde me haviam conduzido, ao lado de Campos Salles e de Rangel Pestana, e onde aquelle fizera um bello discurso. A multidão só me deixou depois que Pestana a dispersou, lembrando-lhe que eu tinha familia a abraçar . . . No dia seguinte orava no vasto theatro de S. José, n'aquelle S. José para mim celebre, mas agora no meio do enthusiasmo do povo, e da mocidade da Academia. Um estudante gritou na rua, phreneticamente correspondido :

— Viva a Republica! A Republica ou a Morte!

De Santos tinha vindo buscar-me, em trem especial, um grupo numeroso de amigos, verdadeiramente enthusiasmos pelo successo da excursão . . . A razão principal d'esse enthusiasmo estava em que até ahí, além da provincia de S. Paulo, tudo eram trevas para o partido republicano, e eu fizera a descoberta audaciosa dos minerios de patriotismo do character fluminense e do character mineiro, revelando, embora no meio de perigos, que a aspiração republicana estava sazoadada no espirito nacional.

Os santistas haviam passado o dia em festas na capital, e á tarde seguimos no meio das saudações de despedida dos correligionarios e do povo que nos haviam acompanhado em procissão.

Na estação, quando mais uma vez se me victoriava, um correligionario disse-me sorrindo :

— Você está ganhando muita fôrça . . . E' preciso dar-lhe para baixo. Você pode tornar-se perigoso.

E eu entrevi n'um momento os obstaculos á minha carreira politica, oriundos de uma desconfiança natural, mas

muitas vezes injusta. O Imperio havia-nos abatido tanto, que não se acreditava quasi mais no exaltamento do patriotismo, sem um fim egoista. Mas estava resolvido a sacrificar-me á minha idéa . . .

Sorri tambem, mas nada respondi.

O entusiasmo recrudescêra em Santos, onde a multidão compacta conduzira o propagandista nos braços, e onde as expansões de regosijo invadiram a cidade inteira. Quando acabava de orar, da sacada do Club Republicano, recebo telegramma annunciando novas conferencias no Rio, tendo tomado a palavra Quintino Bocayuva.

Pela tarde de um dos dias seguintes tomara o vapor que me conduzia de mudança para a capital do Imperio. Benedicto Carmo no momento da sahida erguêra um brinde entusiastico, em que o Partido me acompanhava; o vapor dera o signal de largar, e d'ahi a momentos ao acenar dos lenços, e ao ultimo viva de despedida, eu deixava a terra santista . . . Ao chegar ao Rio, pelo calor de setembro, uma commissão de representantes de diversos *clubs* esperara-me, e em seguida recebia no hotel de Santa Theresa a delicadeza da hospedagem de Constante Jardim, o distincto medico fluminense, meu primo e amigo.

Dias depois nascia-me uma filhinha, consôlo ao meu coração d'ê pae. Vinha ao mundo Beatriz Clotilde n'aquella casa pequenina, mas alegre, cercada da montanha e do arvoredado, donde se avistava ao longe o mar e no alto o céo, por cujas noites muita vez ora esperançoso, ora desalentado, meditei na conquista da cidade fluminense, que dormia na planicie, n'um rouco arfar de gigante, com os mil olhos abertos de sua illuminação feerica, áquella distancia.

*

* *

— Por este mesmo morro, pensava eu, descendo a ladeira de Santa Theresa para fazer exercicio phisycy, passei muitas vezes, subindo e descendo diariamente, nos dias penosos em que não tinha dinheiro para a *diligencia*, a conducção que então se usava... E seguia depois ainda, desde a rua de Riachuelo até a de Gonçalves Dias, voltando pelo mesmo caminho ao *Externato Jasper*, onde cursava aulas...

Vinha vindo assim, apprendendo á minha custa a licção da vida com o mundo, desde o dia em que meu pae me deixara em Nictheroy.

A principio elle me destinara ao sacerdocio. A isso o levava seu espirito catholico. Minha infancia passara-se ao ar livre do campo, e depois na aldeia, na apprendizagem cuidadosa da primeira instrucção, na doutrinação paterna dos principios de uma moral rigorosa, na contenção, voluntaria ou obrigada pela severidade, de um temperamento rebelde, ás vezes desobediente, e nas práticas religiosas. Porém, um espirito innato de independencia mental a pouco e pouco me afastara das cousas da egreja, de sorte que, quando, expondo-me as durezas da vida do sacerdocio, meu pae me perguntara se me sentia com fôrças para seguil-a, respondi-lhe francamente que preferia tomar outra carreira. Tambem o padre da freguezia, ao saber que eu ia entrar para o Seminario de São José, onde o dr. Cesario de Mello, de familia amiga da nossa, me obtivera um logar gratuito, dissera:

— Aquillo hoje está nas mãos dos jesuitas. O melhor é dar outro destino ao rapaz.

Era um homem de consciencia meu pae, e por isso quiz ouvir a minha opinião.

Elle tinha-me educado na eschola severa de solidos principios moraes em que vivêra. Sobretudo prégara-me sempre o respeito á palavra dada, a ausencia de todo o engano ou mentira, o cuidado de não fazer dividas, e a observancia estricta do seu pagamento. Era um homem de boa têmpera, máu grado as difficuldades de uma existencia attribulada, descendente de militares e de agricultores, guiado por sentimentos catholicos e monarchistas, amigo da sua profissão de mestre, zeloso até o excesso no cumprir os seus deveres, procurando sempre honrar o nome dos seus antepassados com um cuidado de nobre de bôa raça, e como se o fôra.

Lançado quasi só no torvelinho da vida fluminense, eu trazia esse impulso da primeira educação que me impedia qualquer quéda indigna.

Havia sahido do mosteiro de São Bento, deixado Nictheroy, e morava no alto, no largo do Pôças, com o meu primo, quintannista de Medicina. A extenção do caminho era bem compensada pela belleza da paizagem, pela excellencia do clima, e pela sociedade selecta, no lar do commendador Tavares, de saudosissima memoria. Só depois é que com o Peçanha e outros arranjava-me em *republicas*, ora no Largo da Assembléa, n'um quarto andar mal habitado, ou na rua da Quitanda, ou ainda na rua da Constituição, mais aristocraticamente, d'onde sahiamos pela meia noite, depois do estudo, a cear pelos *cafés* da rua do Ouvidor, n'uma or-

gia de pão com manteiga, a tresentos réis por cabeça... Tempos difficilimos.

Em verdade passava mal, e o pouco methodo na despesa diminuia-me ainda os pequenos recursos. Um orgulho de que não me arrependo impedia-me de acceitar favores alheios, ainda que generosamente offerecidos.

Uma tarde—tive um companheiro n'este episodio—achei-me apenas com um tostão no bolso. Os livros tinham gradualmente passado para os alfarrabistas da rua de S. José. Fonte de receita exgottada.

Um tostão! Não dava para grande cousa. Comi uma empada e fui ler á Bibliotheca Municipal...

Minha familia ignorava tudo isso, e da simplicidade da vida do campo concluia a simplicidade da vida fluminense.

Estudava. Apprendia inglez com Mister Jasper Harben, Mathematica com o dr. Zeferino, que tomava rapé e ria muito alto quando demonstrava um theorema, Historia com o dr. Malheiros, que fingia dormir durante a licção, Philosophia com o dr. Vicente de Sousa, sempre muito correcto na *toilette* e na exposição da materia, e ainda laticim com o professor Lafayette Milagres, ou o professor Vargas de Andrade. Um dia, desanimado, dera-me na cabeça fazer alto na marcha dos sacrificios, e entrara para uma casa commercial, como ajudante de guarda-livros. Mas esse desvio heroico não podia durar muito tempo.

Havia pouco que fazer, e eu aproveitava os ocios para lêr, e rabiscar papel. Ás 8 horas da noite estava livre, e ia leccionar primeiras lettras a um menino, filho de uma familia, a que fôra apresentado, afim de ganhar uns pobres quinze mil réis mensaes. O patrão, soffrivelmente ignorante,

embirrava com a minha litteratura, e parece que propositalmente dava-me a copiar minutas de cartas, n'um portuguez que fazia córar todos os classicos. Certa vez, depois de insistir sem resultado a que consentisse na retirada de um cacophaton indecente que elle escrevêra, declarei-lhe terminantemente, com a auctoridade de quem passara uma meia duzia de exames com boas approvações, e com distincção na lingua vernacula, que decididamente não copiaria aquillo... D'alli por deante discutiamos sempre, com grande espanto dos meus companheiros, elle sem coragem de despedir-me, por um fundo de bondade, e eu resollido a não deixar-me contaminar pelos seus erros de grammatica. Afinal, não nos entendemos, e despedimo'-nos: eu segui o meu destino, e elle ficou a arranjar a sua loja de calçado...

Meu professor Jasper Harben offerecêra-me o logar de seu secretario e de explicador no seu externato, a trôco das outras licções de que precisasse. Fui morar com o bom norte-americano, que, embora me affeiçoasse aos costumes do seu paiz, no tocante ao amor ao chá, bebido a par da costelleta de carneiro, não conseguiu que eu falasse bem a lingua d'elle, embora os seus trabalhos, em que mourejavamos todas as noites...

Essas licções do Externato Jasper, em que eu fazia com convicção um curso de Rhetorica a alguns rapazes, recordam-me scenas alegres ou agitadas da juventude. Ahi fundaramos uma sociedade litteraria, perfeita imitação do parlamento; gritavamos muito, eu esbofava-me por horas, e afinal nada se concluia... Fundaramos ainda outra, em que por cabala minha puzeramos para presidente um ra-

paz muito alto e gordo, em razão da sua cara de respeito e eu obtinha tudo do presidente... Antes d'essas, tiveramos a dos *Paladinos da Sciencia*, donde me haviam expulso por perturbador, pois certa noite em que a unica luz era uma véla, atirara-a no ardor de uma discussão indignado á figura respeitavel do presidente, já barbado, e casado, adeantado em filhos e atrazado em estudos. Tambem conta a chronica do tempo que elle vingou-se fazendo picarme de *mofinas* durante um mez nos ineditoriaes da *Gazeta de Noticias*...

Mas o factó é que todos esses ensaios desenvolviam o nosso espirito de civismo, habituando-nos ás luctas da palavra, e do pensamento... Porque já eu era republicano. Quando se suscitou a idéa da compra de uma imprensa para Quintino Bocayuva, então em desgraça, pedi a Octaviano Hudson um artigo sobre o assumpto, advogando essa idéa, e inseri-o no meu *Echo Litterario*. Esse *Echo Litterario*, jornal de rapazes, o *Recreio das Mòças*, de que um editor piegas me fizera redactor, e o *Nova Aurora*, de Quissamã, contêem columnas de uma ingenuidade infantil, mas sincera, e reveladora do trabalho de Clovis Bevilaqua, Raymundo Correia, Pedreira Franco, Francisco Peçanha, do auctor d'este livro e de tantos outros. Ah! se empregassemos no decurso da vida tanto esforço em manear a penna como n'esses primeiros dias do desabrochar da intelligencia! que de escriptores se não formariam! Mas a aspiração á gloria litteraria é flôr que emmurchece para o maior numero, que fana mesmo para quasi todos, batida ao sôpro do tufão da existencia, e é com saudade que vemos extinguir-se aos poucos essa primeira febre de lêr e de produzir,

imitando os grandes mestres e procurando representar na escripta os ideaes que nos queimam a imaginação de môços!

D'entre nós Clovis Bevilaqua, como mais experiente guiava os nossos passos. Conhecia a litteratura e a critica litteraria, e escrevia bem. Era na sua companhia que eu passava horas e horas nas bibliothecas a ler auctores sobre auctores. Paula Ney, já então um bohemio, cheio de espirito e de coração, era tambem dos nossos.

Elles tinham vindo meio feitos do Ceará.

Ney, que, passado tanto tempo, eu abraçara na vespera na rua do Ouvidor, já se salientava pelos seus bons dictos de café, por aventuras de amor, por seu horror á mathematica, e pelas façanhas para com os crédores.

Um dia o pae escreveu-lhe participando uma vinda proxima ao Rio.

— Não venha! não venha! acudiu respondendo-lhe. E' um caso certo no obituario! Não imagina como isto aqui vae de febre amarella!

E o bom velho não veio.

Mais tarde começou a trabalhar nos grandes jornaes, como *reporter*, mantendo a mesma veia da pilheria.

— Este é um povo de ignorantes, dizia uma vez a um grupo no theatro. Vêem toda esta gente? Pois não ha aqui uma pessoa que saiba grammatica.

— Ora, isso é de mais!

Elle ergue-se, sobe a uma cadeira (era n'um intervallo) e brada:

— Quem é ahi que sabe grammatica?

Ninguem respondeu.

— Vêem? exclamou victorioso. Ninguem aqui sabe grammatica. É um povo de ignorantes.

A par d'isto, continuavamos os nossos preparatorios. Depois de passar com exito pelas fôrças caudinas dos examinadores desde o Halbout, e de atravessar os Rubicons do exame de inglez e de latim, tinha esbarrado no de historia que levantara uma celeuma que chegou á imprensa.

Um examinador deshonesto havia dado para prova escripta um ponto differente do que cahira em sorte, e eu revoltei-me e denunciei o facto, desde que elle, não attendendo á minha reclamação, me respondêra grosseiramente. Chegado ao exame oral, apresentei-me, e desmascarei o escandalo... Perdi o meu exame, mas nem por isso me entristecêra, e repetira a materia...

Todas essas recordações de um passado de trabalho e de estudo vinham-me á mente, quando descia o morro de Santa Theresa. Aquellas calçadas haviam sido testemunhas de difficuldades, mas raro de desalentos. Oh! a mocidade! É na mocidade que o homem é realmente homem. Todas as energias para o soffrimento, todas as audacias emprendedoras, todos os impulsos cavalheirescos e dignos, todo o frescor da intelligencia, toda a disposição para o trabalho, concentram-se n'essa quadra excepcional da existencia, em que se apprende a rir da fome, a encarar com affronta a miseria, e a vencer os obstaculos, pela noite alta, á luz do candieiro, illuminados pela estrella do futuro, para sempre resplandecente no horizonte da vida!

*

* *

Em caminho, ia também pensando no meu programma de trabalho na capital.

Desde aquelle dia em que me apresentara a Saldanha Marinho, Sá Valle ligara-se a mim, convidando-me a montarmos juntos banca de advocacia, ao que eu accedêra, instalando-nos n'uma sala do escriptorio do mesmo velho Saldanha. A felicidade sorria-me; por que além de ligeiras consultas, entrara-me pelo escriptorio uma causa rendosa e importante. Um caso de divorcio, em que defendiamos o conjuge que não queria divorciar-se.

O velho Saldanha tinha sempre palavras de animação aos meus esforços. Embora a idade e a experiencia o tornassem naturalmente tímido, elle confiava muito na minha estrella, no poder da minha palavra sobre os auditórios, no prestigio já adquirido. Invariavelmente envôlto no seu *cache-nez*, o velho chefe, que descia diariamente do fim do Andarahy, proximo á Tijuca, para o seu trabalho de advogado, não obstante a idade avançada e os achaques, consultava-me em todos os passos mais delicados do partido, e dava-me liberdade de acção. Eu punha em contacto com elle todos os correligionarios do interior que me procuravam continuadamente. A todos abraçava, alegre, pedindo novas, e animando-os ao combate:

— Porque vocês é que verão isso . . . , dizia; este caboclo velho não durará muito . . .

Guardara das luctas da opposição e da estada no gover-

no os habitos de uma grande finura, de grande tacto no dizer as cousas, tomando sempre a attitude média, sem contradizer radicalmente pessoa nenhuma.

Quando alguém vituperava energeticamente um acto de algum partidario, ou adversario :

— Não te pareça, não te pareça, menino ; dizia.

Mas, se em seguida, outrem defendia o accusado, e conciliava :

— Não te pareça, não te pareça, menino ; tambem dizia, desconcertando o primeiro.

De sorte que só na intimidade se poderia bem colher-lhe a opinião. E n'esta, quando se sentia contrariado, tinha uma phrase interjectiva, elliptica, energica, que nada dizia e tudo significava :

— Que os pariram ! que os pariram, menino ! não estou para os aturar . . .

Ninguém repare no termo e na sua publicação. Nos labios de um velho era toleravel, e tinha um caracteristico másculo, sem convenções. É classico ; Camões escreveu :

De quem Orpheu pariste, ó linda dama . . .

O velho Saldanha tinha no sangue o espirito revolucionario pernambucano. Era um forte, apesar de septuagenario, e uma excepção no Brazil, onde o clima e as luctas sem descanso quebram o homem.

Tinha lido bastante, principalmente o Direito. Até hoje sua palavra de advogado é uma palavra de mestre, ao lado da de Duarte de Azevedo, de Silva Costa, de Affonso Celso Pae, de Laffayette, João Mendes, Busch Varella, e de muitos outros.

Fôra um guarda avançado do Partido desde 1870. Deputado pelo Amazonas, ameaçara sempre o throno. Succesivamente magistrado, jornalista, parlamentar, administrador provincial que em S. Paulo iniciara o desenvolvimento das estradas de ferro, juriconsulto, chefe de partido, era uma tradição na vida brazileira o velho Saldanha.

Mas na familia é que agradava vê-lo, nos seus salões, nos dias de festa, cercado dos genros, dos filhos e dos amigos numerosos. Então, ia ao orgão, que sabia tocar, encantando a sociedade. Á sua mesa viam-se os republicanos confessos, os amigos de outros partidos, Marques Guimarães, de um alto posto na marinha, e que sabiamos republicano, Costa Azevedo, mais tarde ministro na queda do Imperio e victima da Revolução, entre outros muitos. O ancião irradiava e réjuvenescia no meio da sua descendencia, entre as netas e os filhos, despertando em todos um verdadeiro culto pela sua pessoa.

Alguns beijavam a mão respeitavel do antigo apostolo da Democracia,

A QUEM DEDICO ESTE CAPITULO D'ESTE LIVRO

em homenagem aos seus grandes serviços.

Quintino Bocayuva era sempre silencioso, calmo, moderado. Tinha o ar de quem guardasse um segredo eterno, e esperasse a hora de um grande acontecimento. Notaram como grande expansão sympathica de sua parte a attitude de interesse na conferencia que eu realisara, e como ahi se emociou até o riso franco; e achou-se excepcional a noticia encomiastica que no *Paiz* escrevêra a respeito d'esse

discurso. Quando o consultei sobre o meu projecto de installação na capital:

— Já tinha mesmo pensado n'isso, respondeu-me, approvando.

Sua serenidade desorientava os impacientes ou os adversarios, que os tinha secretos, dentro do mesmo partido. Na amálgama confusa que constituia o nosso agrupamento na capital, havia, fôrça é dizel-o, muitos elementos desclassificados, outros de rapazes sem posição segura de frequentadores systematicos dos *cafés*, eivados de um espirito de indisciplina e de critica a tudo e a todos, fermento mesmo de intriga que abatia os melhores enthusiasmos, e inutilisava os auxilios mais generosos. Quintino sabia aproveitar os bons elementos que a mocidade das escholhas nos offerecia, sem ligar importancia aos coefficients dispersivos. Ao mesmo tempo não os offendia.

Certa vez um d'elles deteve-o largamente no *Café de Londres*, especie de *club* dos republicanos, dictando-lhe o modo de direcção do Partido, censurando-o acremente pela sua attitude moderada. O redactor do *Paiz* ouviu-o socegado, e quando lhe pareceu que o outro terminara o seu aranzel, inclinou ligeiramente a figura erecta, magra, e, cortez e friamente extendendo-lhe a mão, em despedida:

— Correligionario...

Foi-se, sem mais palavra.

Incontestavelmente este homem tinha a fôrça da inercia e do mysterio, tornando-a difficil de ser vencida.

Ao lado dos adversarios, tinha administradores systematicos.

Quando um dos seus periodos de publicista parecia uma

concessão ao governo ou ao throno, elles respondiam invariavelmente :

— Mas você não vê que é ironia? Você não conhece o Quintino.

E o interlocutor acabava encontrando a ironia no artigo, convicto de que era impossivel bem conhecer o Quintino. Assim, a sua reserva já no falar, já no escrever, havia-lhe constituido uma grande auctoridade. Porém, embora pouco activo, o que uma vida passada em revezes justificava, a sorte do Partido preocupava-o constantemente.

Andava sempre têsso, firme, com o ar hespanholado que adquirira talvez no tempo em que estivera na Republica do Prata, de que era muito amigo. Alguem disse que elle se não curvava, porque o impedia uma vara de ferro que lhe atravessara o corpo, de alto a baixo, desde a infancia...

Ubaldino do Amaral sahia pouco do seu escriptorio. Sentia-se doente, desanimado, e não queria communicar o seu abatimento aos outros. Comtudo, através das cinzas, percebia-se o brazeiro prompto a aquecer n'um momento dado.

Cumpria escrupulosamente os deveres de partidario. Era uma natureza essencialmente moral, no genero da de Benjamin Constant, e de character prudente como a de Prudente de Moraes.

Fluminense por adopção, mantinha o amor á patria paulista, tanto que quando fôra orar no Club de Campinas fizera profissão de fé separatista. Mas era o desespero do Imperio que o obrigava a isso.

No physico, o retrato de Leon Gambetta : a mesma barba, a mesma cabelleira, até o mesmo *embonpoint*.

Aristides Lobo, misanthropo, apparecia quasi de relance nas reuniões do partido, em que muito pouco dizia; em compensação escrevia continuamente para o *Diario Popular*, de S. Paulo. Deixara de redigir a columna do *Paiz*, de que, afinal, o velho Saldanha me encarregara, com mais dois companheiros. Tinha o ar severo e rigido de um Robespierre, os movimentos bruscos, mas a decisão firme. Era o homem de mais actividade da direcção do Partido; tipo de conspirador, capaz de sacrificio.

Seu temperamento tornava-o impopular, embora para outros, poucos mas convictos, fôsse elle o verdadeiro pensamento republicano.

Esteves Junior, de quem já por vezes tenho falado, estava sempre prompto a todos os trabalhos; era illetrado, mas sobejava-lhe patriotismo.

Tal era o Conselho Federal, que dirigia o Partido Republicano, conselho de que Sá Valle era o secretario effectivo.

Sá Valle, activo, partidario ardente, sentia prazer em archivar todas as noticias, manifestos, documentos que diziam respeito á propaganda. Notava-se, ás vezes, ao lado d'esse zêlo, o defeito de uma certa impetuosidade, explicada pelo amor á causa. Quantas vezes não estive a ponto de travar questões a proposito de ataques ao partido, aos seus chefes, e especialmente á minha pessoa!

— Que queres? Eu sou assim... Não me posso conter. Não admitto que um monarchista, que vive a engordar do Thesouro, aboccanhe a reputação de homens honestos.

— Mas, meu caro, é preciso ser mais tolerante...

Barata Ribeiro, Presidente da Commissão Directora no

Município Neutro, de que eu fazia parte também, sempre infatigável, e coberto de suor, desfazia-se em actividade. Um revolucionario, este. Não pensava senão em organizar os elementos de conspiração. Mas faltava-lhe certo geito no conduzir os correligionarios, por que lhes lembrava sempre a sua auctoridade no Partido.

— Meu amigo, dizia ao recalcitrante, quem quizer trabalhar commigo ha de sujeitar-se á minha moda. Se vamos todos discutir, não se arranja nada.

E o facto é que tinha razão.

O dr. Ennes de Sousa era um espirito muito tranquillo, sempre conciliador. Queria ser a argamassa do partido, dizia. Fizera sua educação mental na Suissa, era lido na historia norte-americana, e o seu ideal era afeiçoar-nos todos aos typos serenos e patriarchaes de Benjamin Franklin, Washington, e outros. Um pouco difficil . . .

Lopes Trovão chegou da Europa d'ahi a algum tempo. A sua entrada foi um triumpho, e uma prova da fôrça do Partido. De todos os pontos do Paiz vinham telegrammas, felicitações, e instituiam-se commissões para saudar o compatriota cinco annos ausente do Paiz. A expectativa publica aguardava o dia em que o antigo agitador tomasse a palavra. Era o mesmo homem, com sua alta figura de palmeira, sua cabelleira vermelha, seu olhar brilhante através do monoculo, a mesma voz cantada e cheia do antigo tribuno revolucionario. O contacto com a civilisação do velho mundo não lhe tinha amortecido a fibra patriotica, mas tinha-lhe ameigado o ardor revolucionario, e abatido a saude. Saudei-o á chegada, para a qual concorrêra com o meu esforço, e fiz votos para que a direcção da obra

revolucionaria coubesse ao combatente do 1.º de janciro de 1881, na revolta do *vintem*.

O Centro Republicano que tinha o seu nome, era uma agremiação entusiastica, e que mantinha o fogo sagrado, sob a direcção do dr. Thomaz Delfino, filho do illustre poeta Luiz Delfino, que cantava a Liberdade em versos inspirados. Fôra ella a iniciadora da volta do illustre tribuno, no que a auxiliara em muito o partido republicano de S. Paulo. Reunia-se no largo da Sé, n'um sobrado; a sua bandeira, cópia da bandeira paulista, que se desfraldou no dia da revolução no edificio da Camara Municipal, tremulava muita vez á janella como uma ameaça ao regimen monarchico, apavorando a burguezia conservadora da cidade imperial.

*

* *

Quanto aos abolicionistas, antigos correligionarios, estavam então em guerra comnosco. Eu conhecia de larga data José do Patrocínio, e não achei razão para deixar de comprimental-o, uma feita em que nos encontrámos. Apertei-lhe a mão, lamentando entretanto a direcção que havia tomado.

— Você ha de ser o meu juiz, disse-me. Em você confio eu, e você ha de ouvir-me largamente, e julgar-me.

Revoltaram-se alguns contra o facto de falar eu com o batalhador abolicionista, n'essa occasião nosso adversario.

— Cidadão, disse terminantemente a alguém que m'ò exprobrava, declaro-lhe que estou resolvido a guiar-me pela

minha propria observação, e a não esposar odios alheios. Demais, é bem de ver que a obra de um propagandista não é crear inimigos; ao contrario, ella deve ser toda de harmonia e de conciliação.

Não tive occasião de ouvir Patrocínio justificar-se, e, ao contrario, um artigo seu atacando-me depois de uma conferencia em que uma phrase minha lhe fôra infielmente communicada, levantara de parte a parte malquerenças, impossibilitando a cordialidade. Quanto a mim, não respondi ao seu ataque fôsse por dignidade politica, fôsse por não accender ainda mais os odios, já de si grandes.

Porém eu lamentava intimamente essa dissidencia, embora a combatesse rigorosamente. Em Politica o amor deve principalmente destinar-se ao Povo, á Patria; poucas vezes aos individuos isoladamente, e n'esse caso mesmo, só quando elles sejam órgãos do Povo ou da Patria.

Eis como se concebe a combinação do sentimento da sympathia pessoal com o da inimidade politica. Não sou dos que querem apenas vêr os principios e não os homens, mas sou dos que não querem vêr os homens quando são contrarios aos principios.

Deplorava pessoal e socialmente a guerra do illustre mulato abolicionista, que conhecêra desde a infancia, e a cujo lado ainda recentemente estivera quando fôra orar a Santos. Meu primeiro artigo nos jornaes paulistas tinha sido um encomio ao seu romance *Motta Coqueiro*, ou a *Pena de Morte*.

Não podia esquecer-me que elle fundara o abolicionismo, depois que a lei Rio Branco acalmara as aspirações liberaes. *Nemo*, na *Gazeta de Noticias*, fôra o primeiro comba-

tente decidido a erguer a bandeira posta a um lado, e a 13 de maio de 1888 vira-se victorioso.

Sua bella propaganda apaixonara todos os corações. E como não? Ella tinha fundas raizes no passado, desde o Marquez de Pombal prohibindo a escravisação dos selvagens, desde José Bonifacio apresentando á Constituinte um memoravel projecto de emancipação dos infelizes africanos, desde Eusebio, impedindo com mão robusta o trafico d'elles, até o visconde do Rio Branco estancando a principal fonte de escravisação, o nascimento.

Da *Gazeta de Noticias* passara Patrocinio para a *Gazeta da Tarde*, fundada por Ferreira de Menezes, e depois para a *Cidade do Rio*, e occupara a tribuna popular. Joaquim Serra usava do seu *humour* na imprensa diaria, ao mesmo serviço, Quintino Bocayuva dava-lhe a sua penna de publicista estimado, do mesmo modo que Ruy Barbosa, Vicente de Sousa e Nicolau Moreira usavam da palavra oral. João Clapp organisava revolucionariamente na capital o acoutamento dos pretos nos quilombos, entre os quaes ficará memoravel o *Leblon*, splendidamente collocado fora da barra do Rio, nas proximidades da Copacabana, emtanto que em Campos tarefa identica cabia a Carlos de Lacerda, e em Rezende o dr. Gustavo Jardim acompanhava o movimento. Sociedades abolicionistas formavam-se aos esforços de vários rapazes, entre os quaes citarei Domingos dos Santos, o *Rudical*. Joaquim Nabuco viajava em propaganda pela Europa, a conquistar adhesões. O Amazonas e o Ceará se haviam libertado de todo, n'aquella provincia ao impulso governamental de Theodureto Souto e n'esta ao impulso revolucionario de João Cordeiro. Em Pernam-

buco a propaganda fizera-se com João Ramos e os irmãos Falcão; em S. Paulo, Antonio Bento, continuando a tradição de Luiz Gama, favorecia abertamente a fuga dos escravos.

No Rio Grande do Sul o grupo da *Federação* batia-se pela mesma idéa. E esta, com o apoio dos senadores Dantas e José Bonifacio, venceria em pouco o mesmo throno.

Mas em tudo isso fôra a palavra sempre ardente de Patrocínio a alma viva do movimento libertador de sua raça. Era difficil esquecer esse concurso preliminar á obra da propaganda republicana, e era triste vêr o modo por que tão valente espirito deslocava-se do verdadeiro norte, hypothecando apoio ao throno de Isabel, que elle suppunha ter-se redimido quando apenas havia capitulado.

Realmente, elle e o seu grupo, do qual se destacava o dr. Campos da Paz e litterariamente Pardal Mallet, Olavo Bilac e Coelho Netto, intelligentes rapazes que eu sentia não estarem comnosco, e ainda de outro lado Joaquim Nabuco em *Puiz* e Luiz de Andrade na *Revista Illustrada*, não davam trégoas á nossa agitação. Tambem Luiz Murat, embora não esposasse todos os sentimentos de Patrocínio, era nosso contrario; mais tarde mesmo atacou-me violentamente, e a Bocayuva.

A esperança de fundir todos os elementos democraticos n'uma obra commum não devia, porém, abandonar os espiritos que pairassem nas alturas do verdadeiro republicanismo.

Infelizmente ha na acção politica o coefficiente das paixões que perturba a evolução natural d'esse bello emprêgo da actividade humana.

*

* *

Assim, os elementos que mais activamente haviam trabalhado para a solução preliminar da questão social entre nós, pela eliminação da escravidão, eram-nos abertamente offensivos. Não tinham querido vêr que o elemento agrícola que se nos juntara era em fundo republicano depois da abolição e não por causa d'ella; que era apenas um factor da evolução republicana, embora forte como auxilio a um partido; que qualquer egoismo que nutrisse seria forçosamente eliminado pelo espirito livre dos directores politicos, muito sinceramente compromettidos com o passado liberal e abolicionista do paiz. Esqueciam, demais, que a permanencia do throno e pois do privilegio de casta era o principal obstaculo ao complemento da obra abolicionista.

Porém, contra todos os grupos, ou indifferentes, ou contrarios em maior ou menor gráu ao triumpho republicano e ao partido havia de vencer a fatalidade progressista d'essa idéa, bem apoiada na fôrça de uma agremiação que se avolumava, conquistando os espiritos de todas as classes, e de que os propagandistas como os adeptos não eram senão um instrumento accidental.

O elemento theologico clerical oppunha-nos fracas resistencias, abatido desde a questão religiosa em que os bispos haviam sido prêsos sem protesto prático de grande monta. Mas n'elle mesmo contavamos adeptos. O elemento philosophico metaphysico quedava-se indifferente, embora

as academias de Direito resistissem, não obstante possuíssemos representantes nas respectivas congregações. Entre os homens de sciencia, máu grado sua ligação ao Imperador, tínhamos tambem companheiros, dos quaes é de citar na Eschola de Medicina, além de Barata Ribeiro, os doutores Sousa Lima, Domingos Freire e Teixeira Brandão, na Eschola Polytechina Ennes de Sousa e Alvaro de Oliveira, na Eschola Militar Benjamin Constant, no Collegio de Pedro II Sylvio Romero, e fora Murtinho, e outros. Nenhum d'esses fazia segredo de sua profissão de fé politica.

Os philosophos positivistas tinham sido sempre republicanos máu grado sua divergencia quanto aos processos a empregar para a realisação da Republica e quanto á maneira de sua instituição e direcção. Uma maneira de philosophar muito affectiva, embora inspirada por sentimentos moraes os mais elevados, fizera-os admittir mesmo a principio a possibilidade de que o Imperador operasse a transformação da monarchia constitucional em dictadura republicana, e ainda, que a Princeza Isabel fôsse capaz de realisal-o, apoiada n'um estadista da fôrça de Pombal. Simplesmente, faltava esse Pombal, e a capacidade mental e politica da Princeza não era bastante a que acceitasse e realisasse tal concepção, por mais que se lhe suppuzesse uma superioridade de coração pelo acto abolicionista.

Quanto ao movimento agricola os positivistas faziam-lhe a justiça de suppôr republicano e não escravocrata. No que toca á minha pessoa, porém, sua attitude era pouco symphatica, como transparecia dos escriptos em que os tribunos eram condemnados acremente, sem consideração

ao fim a que destinavam as suas harengas, por peores que fôsem.

Eu sentia realmente esse modo de vêr, comprehensivel entretanto, pela minha separação quasi forçada do Centro Positivista, a que tenho alludido, e que deixarei explicada.

Motivara-a o meu comparecimento á reunião do Partido em Santos no banquete da Ilha Porchat. O director do Centro Positivista não achou boas as minhas razões de que aquella reunião fôra uma reunião republicana, a que não podia furtar-me n'um centro onde minha opinião politica não era ainda bem conhecida, e de que ahi resalvara o nosso ponto de vista philosophico, para vêr sómente o factó de ser o banquete presidido por um jornalista, Quintino Bocayuva. Impunha-me em consequencia, ou a retirada do grupo que elle dirigia, ou uma retractação em carta a Bocayuva e aos confrades de agremiação. Sobre dura, pareceu-me injusta a decisão, e preferi retirar-me do Centro, que, de resto, de modificação em modificação, não era a mesma sociedade a que eu adherira, transformada em Apostolado Positivista. Expliquei o caso publicamente, guardadas as attenções para com companheiros eminentes, de uma alta elevação moral, e aos quaes eu devêra por mais de uma vez conselho salutar e instrucção, e cujos serviços á causa publica não devia esquecer.

Réalmente, a palavra de Miguel Lemos affirmara em 1881 minhas opiniões republicanas dando-lhes base inabalavel pelo desenvolvimento scientifico da philosophia da Historia, e assimilara um systema de moral e de educação que deviam reagir beneficamente sobre minha carreira, e que me reservei o dever de continuar theorica e pratica-

mente como pudesse através da vida. E quanto á causa publica, era de lembrar sempre o esforço d'esses dois moços abnegados, que, partindo do Rio de Janeiro após um acto escholar que os honrava, tinham em Paris passado da dissidencia littréista para a adopção do positivismo puro, tinham voltado á patria, a diffundir a Sciencia em licções, a tirar a Philosophia do pélago de abstracções imitadas que nos haviam transmittido os Monte Alverne, os Soriano e os Magalhães, e a prégar uma nova Religião, scientifica e demonstrada, com o culto da Familia, da Patria e da Humanidade, em um grupo disciplinado, em que se tornavam salientes Teixeira de Sousa, o poeta e o apreciador de Calderon, Generino dos Santos, como elle inspirado, Annibal Falcão, o philosopho da nossa historia, além de muitos; grupo cujas origens se encontravam na Sociedade Positivista fundada pelo dr. Oliveira Guimarães; Benjamin Constant, Joaquim Mendonça, Alvaro de Oliveira, e outros; que, intervindo em todas as questões de alcance social, embora o rigor e mesmo dureza dos seus processos, davam o exemplo do typo approximado do homem e do cidadão.

Sua acção republicana era, porém, toda moral, fora dos partidos e das agitações, como philosophos que eram, e a mim parecia-me que era tempo para alguns de nós outros de fazer obra mais activa, mais politica. Porque, se a revolução não se podia fazer do alto, era forçoso fazel-a de baixo, e pois, revolucionariamente, o que auctorisava a agitação, e até... o exercicio da tribuna...

Os elementos da imprensa iam gradualmente sympathizando com o nosso movimento, máu grado a instituição amorpha do jornalismo neutro, sem partido, nem opinião

militante, nem bandeira. Mas *O Paiz* constituiria-se um quasi orgão do nosso movimento, sob a direcção de Bocayüva; e devo dizer que ahi nos prestavam bons auxilios Pereira Leitão, o meu antigo professor, Belarmino Carneiro, o Tenente Vinhaes, e outros. Na *Gazeta de Noticias*, que de velha data abria uma campanha disfarçada de ridiculo frio e tenaz contra o Imperador, Ferreira de Araujo, após uma conferencia que tivemos e em que lhe expliquei os meus intuitos, apoiou directamente a attitude republicana, chegando mesmo a abrir graciosamente uma columna especial para a minha propaganda, em artigos quasi violentos, que atravessaram os dias de maior repressão, até as vespers da victoria... Já ahi Dermeval da Fonseca ferira fundo o throno com a sua carta sobre a saude do Imperador; Henrique Chaves, excellente camarada, estava sempre prompto a inserir a nossa catilinaria, cofiando continuamente um bigode que á fôrça de ser eliminado ficou tradicional; ao passo que Manuel da Rocha, o Rochinha, que eu vira menino e iniciara na vida de imprensa, de tempos a tempos publicava o seu reclamo em nosso favor...

Fôra uma das minhas preoccupações ao chegar ao Rio o trabalho de imprensa. Desde que não tínhamos um orgão, era preciso aproveitar a boa vontade de alguns, e creal-a em outros. Escrevi no *Paiz*, escrevi na *Gazeta*, escrevi na *Gazeta da Tarde*, inspirei algum tempo o *Mequetrefe* e escrevi no *Grito do Povo*. O *Jornal do Commercio* foi-nos sempre inacessivel...

Mais tarde Ruy Barbosa vibrou forte o ataque contra o governo do visconde de Ouro Preto no *Diario de Noticias*, auxiliado por Antonio Azevedo, Luiz de Andrade e Gastão

Bousquet, rapaz de grande esperança litteraria, que eu conhecia desde Santos; e Lopes Trovão e Aristides Lobo mantiveram uma columna de propaganda no mesmo jornal.

Os litterátos despreoccupados de paixões, como Machado de Assis e Capistrano de Abreu estavam connosco. Este, especialmente, comprazia-se em discutir a minha acção e o futuro da nossa idéa.

Todas as classes vinham vindo a nós, embora os obstaculos que o partidarismo politico nos oppunha, e que nos oppunham os nossos mesmos erros. No commercio, movido pelo influxo da lavoura, contavamos o barão de Araujo Maia, Olympio Correia Netto e seu irmão Valerio, Carlos Chagas, e outros; e, quando penetravamos n'aquelle quarteirão da rua dos Benedictinos e da rua Municipal viamos o café livre do escravo e do senhor, e breve livre do throno e do subdito...

Mas não me illudia quanto ás difficuldades da tarefa que me impuzera. Conhecia por informação e por exame as lacunas e os vicios do meio social em que operava, e começava de apreciar, ao contacto dos homens, as resistencias á obra regeneradora.

*

* *

— Parahyba do Sul! gritou o empregado da estrada de ferro.

Lançámos o olhar para fora da janella do carro, e desce-mos. Tinhamos viajado a manhã desde o romper do dia, com o frio de um dia humido, e com a perspectiva do assassinato.

Era a 18 de agosto, dia dos meus annos, e, segundo pro-

mettêra aos correligionarios, voltava á Parahyba, onde fôra apedrejado. Os adversarios haviam espalhado ameaças de toda sorte.—“Não voltará de lá vivo, não chegará a descer do trem, diziam.” Dois jornaes haviam escripto artigos conciliadores, lembrando o direito de manifestação do pensamento, e o erro e a injustiça da morte do propagandista.

Pelo sim, pelo não, eu dirigira-me a S. Paulo, a vêr a familia. Já lhes contei como fui recebido pelo Partido. Era de S. Paulo que voltava, depois de tocar na capital. Na estação, á madrugada, encontrara Cyro de Azevedo e Sá Valle.

Não acreditava, porém, que me matassem. Era já sufficientemente conhecido e estimado para que a vingança publica não descobrisse e castigasse em pouco tempo o meu assassino; e entre malfeitores fôra difficil encontrar algum bastante corajoso para tal façanha. Mata-se por dinheiro um simples particular n'uma encruzilhada do caminho; mas não se mata com a mesma facilidade um homem publico. Receava mais o desacato que a morte.

Não me mataram, nem me desacataram. Ao descer do *wagon*, uma senhora, a esposa do dr. Bernardo Dias, digno medico do logar, offerece-me gentilmente o braço. Não pude deixar de ser sensivel a esse cavalheirismo, que era tambem um acto de coragem. Havia muitas senhoras na *gare*.

Fomos n'esse dia os dominadores da cidade. A maior parte dos adversarios retirara-se d'ella, e a conferencia republicana pôde seguir livre e impetuosa. Cyro começou o seu discurso depois do meu, clamando: “— Sou mais que uma convicção, senhores: sou um revólver.” E a verdade é que cada republicano era n'aquelle momento um revólver... dentro das algibeiras.

Á tarde seguimos para a fazenda do Barão das Palmeiras, onde os libertos passaram á noite em dansas festivas. Dizia-se, entretanto, que elles eram nossos inimigos naturaes.

Reivindicado o direito de reunião na Parahyba, segui para S. Paulo, e d'ahi para Santos, cidades em que de novo orei. Depois é que me despedi do povo santista.

Essa pequena excursão faz-me recordar duas outras que realisei depois, nos primeiros tempos de minha estada no Rio de Janeiro; uma á villa da Sapucaia, e outra á cidade de S. João Nepomuceno, em Minas.

Quem me dispoz a ir á Sapucaia foi o dr. Leal da Cunha, medico do lugar. Foi uma bella festa. Entre outros conheci ahi o dr. Ladislau Fortuna, e o veneravel padre Camillo de Brito, typo do patriota mineiro. Envolvido na revolução de 1842, fôra carregado de ferros, mas aguardara paciente o triumpho de sua causa, em verdade republicana, como eram em fundo republicanos os designios d'aquelle movimento. De facto, na viagem que mais tarde fiz pela provincia de Minas, quando alguem queria dar-me prova de seus sentimentos contra o throno, dizia-me:

— Eu sou dos antigos; estive na revolução de 42.

O velho Camillo era de espirito liberal, mesmo em cousas de religião. Aceitava o principio da liberdade a mais completa. Quando préguei a separação da Egreja e do Estado elle enviou-me um forte auxilio:

— Apoiado! muito apoiado!

No correr da prèpaganda escreveu um artigo de effeito, mostrando, no seu ponto de vista, que a idéa republicana não era incompativel com o catholicismo.

A São João Nepomuceno dirigi-me a convite do dr. Henrique Vaz, um fluminense entusiasta, antigo republicano, que habitava Minas de longa data. Ahi tive o prazer de vêr voltar definitivamente aos nossos arraiaes Aristides Maia, que eu conhecêra republicano e materialista na Academia, e que era agora deputado liberal. Distinguir-se muito como magistrado, pela attitude abolicionista que assumira, de justiça aos pretos nas questões de liberdade.

A 21 de agosto occupava novamente a tribuna no Rio de Janeiro. Era a vespera da chegada de D. Pedro II ao Brazil, e eu queria provocar uma manifestação republicana. Era mistér provar que quando o imperador chegava, a monarchia partia. Realisei o meu intento, embora o canção que sentia. Tinha febre n'esse dia.

Antes de chegar á tribuna, quando esperava os chefes do partido a que presidissem o *meeting*, já se ouviam gritos, vivas á monarchia, a Sua Majestade, e ao mesmo tempo protestos, vivas ao orador e á Republica. Apresentei-me para acalmar o barulho. Aos primeiros applausos, e ás primeiras palavras de paz, succede novamente o ruido, e o discurso segue interrompido por gritos, injurias, bravos, protestos e grossarias contra o orador. Tudo vinha de um grupo perturbador a que era impossivel impôr silencio...

Afinal, tenho uma inspiração:

— Senhoras, digo, pois que o odio da monarchia insulta o sentimento republicano, far-me-heis vós o obsequio e a honra de me acompanhar n'esta tribuna, para que o odio da monarchia cêda deante da grandeza da Mulher?

Applausos prolongados, segundo a nota tachygraphica que tenho em frente. Diversas senhoras descem dos cama-

rotes, e, saudadas com enthusiasmo, apparecem no palco, onde se sentam em cadeiras collocadas em tórno da mesa do orador. Entre essas senhoras cuja gentileza agradeço, reconheci as filhas do dr. Barata Ribeiro. Este bravo cidadão fizera o republicanismo penetrar no seu lar, e podia dizer-se que em cada peito d'aquellas delicadas môças batia um coração de heroína...

Porém, não foi isso bastante. As injurias convertem-se em apupos, e os desordeiros arremeçam uma pedra que me vem cahir aos pés. Então, o auditorio perde a paciencia, e reage contra os provocadores. Um grande numero de amigos e correligionarios sobe ao palco, e acerca-se de mim. N'um camarote Martins Torres, o digno juiz de direito da Capital, bradava indignado contra aquella miseria. Quintino, que chegara ha pouco, com Aristides e Ubaldino, amparava um estudante da Eschola Militar, Candido Mariano, a quem haviam atirado sobre os peitos um banco, com o que perdêra os sentidos; Barata Ribeiro dispensava cuidados medicos ao enfermo.

Após a agitação, repellidos os aggressores, postos fora das portas, o discurso pôde continuar calmo: mas percebi que deveria resumil-o, para evitar novas desordens;—nossa politica devia ser a da propaganda, a da agitação mesmo, mas não era ainda chegado o momento da acção. Terminei, pedindo ao povo o compromisso por juramento solemne da proclamação da Republica no dia da interdicção ou da abdicação do Imperador. E referindo-me á pedra que me haviam lançado:

—“Pois bem! eu terei um pesar cheio de satisfacção e e um gôsto amargo se um dia a sorte me destinar a for-

tuna de entregar essa pedra á representante do terceiro reinado n'este paiz, para que a conduza ao exilio como uma recordação dos tempos do seu despotismo !,

Mas Furtado Coelho, o illustre artista, proprietario do Theatro Lucinda, em que se passavam estas scenas, impedir-m'o-hia de fazel-o, porque havia guardado para si a dicta pedra.

— Aquella fica commigo, disse-me no dia seguinte na rua do Ouvidor.

O povo sáe do theatro, e espera-me no meio de acclamações, com a intenção de acompanhar-me.

— Mas, afinal quaes eram os perturbadores? pergunto.

— Eram os Reis.

Os Reis eram filhos degenerados do estimado conde de S. Salvador de Mattosinhos e irmãos do digno proprietario do *Paiz*, visconde do mesmo titulo.

— Mas fôram rechaçados. Tomaram uma licção.

— Então é caso de dizer-se que os *Reis* fôram expulsos pela Republica.

A procissão popular segue ovante pelo largo do Rocio e rua do Ouvidor. A' entrada d'esta o povo quer quebrar os coretos preparados por alguns commerciantes para a recepção imperial.

— Não temos o direito de fazel-o, exclamo, contendo-o Respeitemos a propriedade alheia, e manifestemos em paz!

Faz alto a marcha no hotel do Globo. Pelo caminho eu tinha feito acclamar os jornaes. A massa estava sedenta de discursos. Falo ainda uma vez agradecendo ao povo o seu apoio. Valentim Magalhães toma a palavra, e secunda-me, mostrando as vantagens da minha propaganda...

— Fale Sampaio Ferraz! gritam com instancia.

O Promotor Publico pronuncia um discurso revolucionario.

No dia seguinte chegava D. Pedro II; mas uma explosão de republicanismo brilhara na vespera na sua capital; e se o seu olhar ainda tivesse luz bem poderia sentir os reflexos d'essa erupção a lamberem o seu throno.

12 de setembro foi o dia de uma conferencia em resposta ao discurso do dr. Joaquim Nabuco contra a entrada do deputado republicano Monteiro Manso no Parlamento, sem a fórmula do juramento catholico. O nono districto mineiro elegêra-o por uma consideravel maioria. No momento de tomar assento, negara-se ao juramento. A camara perdeu a cabeça e discutiu dois dias o caso.

— Ao menos, propunha-me o dr. Joaquim Nabuco, que elle jure defender a religião do Estado. Elle não é monarchista, mas é catholico. Assim poderá entrar na Camara.

— E' inutil consultal-o, respondi. Elle faz questão da propria fórmula do juramento. Como sabe, nós queremos a separação da Igreja e do Estado; o deputado não é obrigado a mais que a dar sua palavra de honra de bem servir o Paiz.

— Então não será admittido a tomar assento.

— Tanto melhor para nós. Partirei para o nono districto de Minas a mostrar aos eleitores como se respeita o seu direito de escolha. E' olhe que no estado actual das cousas talvez isso ateie um incendio ...

Monteiro Manso aguardava o resultado, com uma frieza que aterrava a assembléa. Afinal, deram-lhe assento, sem que elle jurasse cousa nenhuma.

Era um velho republicano. Faziam-lhe infelizmente qualidades de orador, para uma época agitada como aquella, o que fez com que não correspondesse á expectativa geral.

Encarava sua idéa como uma religião de civismo. Costumava fazer uma longa viagem para votar em branco. Todos se admiravam :

— Venho exercer o meu direito, como todo o cidadão deve fazer. Mas como não tenho candidato, voto em branco. Ora ahí está.

N'essa conferencia defendi os correligionarios agricolas dos ataques que os apresentavam como despeitados, egoistas que se declaravam republicanos porque o throno havia-lhes tirado os escravos, conforme a linguagem injusta dos abolicionistas.

Era assim que ia aparando na tribuna popular os golpes vibrados contra a propaganda na imprensa ou na tribuna. Achava esse meio mais politico que alimentar discussões directas demasiado irritantes. Assisti sem dizer palavra á primeira das conferencias, que Patrocínio fazia contra nós, no auge da sua má vontade contra o partido a que pertencêra. Embora o tribuno me chamasse directamente á discussão, fiquei silencioso, e só intervim um momento para acalmar o auditorio indignado contra o orador. Esta attitude ininterrompida valeu-me a reputação generosa de uma calma inexpugnável.

Por essa occasião tambem os proprietarios de predios se levantavam contra um projecto do governo que iria onerar a distribuição da agua á cidade, onus que recahiria directamente sobre elles, e indirectamente sobre o povo.

Esposei a causa de ambos, e realisei no Polytheama um *meeting* de indignação. Alcindo Guanabara, do *Novidades*, auxiliou-me na tribuna, bem como Coelho Lisboa, que orava sempre com uma vehemencia terrivel, ás vezes excessivamente irritante, e Barata Ribeiro trouxe o apoio de sua auctoridade scientifica aos meus argumentos.

O projecto do governo cahiu deante da Camara.

Tambem quando os empregados do commercio reclamavam dos patrões a justa medida do fechamento das portas aos domingos, para seu descanso, acceitei o convite que me fizeram de conferenciar a tal respeito. Desenvolvi uma noite, no theatro S. Pedro, a theoria das relações entre o capital e o trabalho, mostrando que da sua harmonia dependia a prosperidade publica. Entre outros patrões, assistia-me Rodolfo de Abreu que auxiliava os esforços dos moços. Estes, muito gratos, cumularam-me de delicadezas.

D'est'arte a propaganda republicana ia fazendo sympathias geraes no coração do Imperio, conforme o programma de acção que me traçara, até que chegasse o dia do golpe decisivo, final, e victorioso.

*
* *
*

A par d'estas intervenções mais ostensivas, acompanhava todos os movimentos partidarios. Assistia a todas as reuniões dos *clubs*, que começavam a multiplicar-se. Havia o club Lopes Trovão, em que Julio Carmo, Favilla Nunes e Lourenço Vianna eram braços fortes; havia o club Catharinense, sob a presidencia de Esteves, havia o club Philippe dos Santos, fundado por mineiros e a que o dr. Stockler de

Lima dava sua actividade especial, auxiliado pelo cidadão Mascarenhas; havia o club Rio Grandense, que era um centro forte e compacto de denodados rapazes, e para o qual eu redigira um opusculo popular *A Republica no Brazil*; havia o club Quintino Bocayuva, onde ouvira um bello discurso de um rapazinho Evaristo de Moraes, muito habil; acabavam os estudantes de preparatorios de fundar o club Silva Jardim.

Havia ainda o Club dos rio-grandenses do Norte, que publicava uma revista, *A Potyguarana*, sob a direcção de José Leão. Porém o mais antigo de todos elles era o Club Tiradentes, presidido por Vicente de Sousa, e a que o velho Timotheo Antunes prestava todo o devotamento de sua veneração profunda á memoria do Martyr, cujo retrato dominava o salão, sobre um desenho da bandeira triangular que elle sonhara, e cujo busto realçava a um lado, feito por Almeida Reis, infelizmente pouco conforme á tradição nas linhas da physionomia. Entretanto, a tradição tem todos os visos de verdade, como pude verificar pela observação nos descendentes de Tiradentes, que vi em Minas.

Era preciso ir a todos esses agrupamentos, aconselhal-os sempre que a isso convidado, e unir os seus esforços.

Não me gabarei dizendo que mais de uma vez dei o exemplo de uma orientação sã. N'uma conferencia de Eurico Coelho, o distincto medico, professor da Eschola de Medicina, o publico pedira-me que falasse em seguida. Agradei, e neguei-me a pôr a minha palavra depois da palavra de um companheiro illustre.

Outras vezes procurava acalmar os elementos muito ardentes que se voltavam n'uma agitação esteril contra a

direcção do partido, contra a imprensa, envolvendo tudo n'uma raiva de destruição.

Foi depois de um d'esses discursos que Alcindo Guanabara, bem impressionado, me procurou no meu escriptorio, para uma conferencia.

Tive occasião de expor-lhe o meu modo de encarar os principios republicanos.

— Ah! isso é outra cousa, disse.

Seu jornal não foi republicano, nem elle se declarou nosso correligionario, mas sua attitude foi-nos muito sympathica, de modo que mais tarde pude mesmo escrever sobre responsabilidade propria ahi uma serie de artigos.

O movimento propagava-se da capital para o interior e era reflectido da periphèria para o centro, principalmente pelo grande numero de provincianos que vinham ao Rio, e que passavam horas de recreio na rua do Ouvidor, a conversar sobre os acontecimentos no café de Londres, de frequencia quasi forçada então. Era preciso, portanto, remetter para todos os pontos os opusculos de propaganda, manter a correspondencia com todos os amigos do interior, lêr os jornaes das provincias, os manifestos do partido, vel-os e colher-lhes as impressões quando viessem á capital, animal-os, manter as relações de cordialidade, e crear novas ligações. Uma roda viva! Eu ia e vinha, da casa para o escriptorio, onde recebia meio mundo, onde distribuia folhetos, e do escriptorio para casa, atravessando a rua do Ouvidor, apêrto de mão aqui, abraço acolá, designação de hora para entrevista além, acceitação de convite para jantar adiante, convite a este outro para o mesmo fim, e depois, no socêgo do gabinete, redacção e correcção dos

discursos, dos artigos para a imprensa, revisão de provas, a reflexão sobre os diversos incidentes, o plano da marcha a seguir, o meio de atacar este embaraço, de prevenir este outro, um mundo de cousas, em uma palavra.

Tinha, cada vez mais, o meu espirito em disposição a preencher a minha tarefa, desde as maiores até as menores cousas. Possuira-me do meu papel de propagandista de uma idéa politica, entre apostolo que devia ter a tolerancia de um philosopho, e combatente que devia revestir a energia de um chefe. Minha attitude exterior era a de uma serenidade sem frieza, de uma segurança que não excluia a prudencia, e de uma modestia que não excluia a altivez. Procurava ouvir mais do que falar, e quando falava extendia-me mais em considerações de ordem geral e theorica, em que applicava o meu ardor, do que em pequenas e provocadoras questões intimas de partido. Não me deixava tornar demasiado familiar com o publico, nem o conservava a grande distancia. Havia-o habituado a deixar-me falar sem que me interrompesse de continuo, e procurava prendel-o de sorte que não se aborrecesse em ouvir-me. Não frequentava demasiado, nem evitava systematicamente os logares publicos. Procurava ganhar as sympathias populares, sem perder as das classes conservadoras. Comprehendia o enthusiasmo com que alguns se chamavam entre si *cidadão*, mas não negava o titulo de commendador ou barão ao correligionario que eu sabia que o tinha.

Trajava sempre de preto, sempre do mesmo feitio, simplesmente, sem *apparato de toilette*, como se a roupa me fôsse uma farda, mas com a correcção possivel. Habituara-

me, quer em viagem quer sedentario, a uma grande simplicidade e austeridade de costumes. Não tomava commodidades exaggeradas, collocando-me na disposição continua de alguem que tivesse de marchar para uma guerra. Não adquiria vicios, não fumava, não recusava beber nos banquetes, mas guardava-me cuidadosamente de todo o excesso, fugia de todas as outras fraquezas mundanas que tanto estragam o homem politico, não entrava em conversações pornographicas, mas não ostentava uma *pruderie* frivola.

Trazia os negocios em bôa ordem, como se tivesse de morrer no dia seguinte. Trabalhava até alta noite sem fadiga, e procurava poupar as fôrças de modo a estar sempre prompto a seguir á madrugada para alguma excursão, ou a pronunciar no mesmo dia dois e tres discursos que exigissem esforço. Conservava em casa os mesmos habitos de simplicidade: a mobilia que tinha era ainda aquella mesma modesta mobilia de minha casa de Santos.

Estava convicto de que não basta ser, mas que é preciso tambem parecer, e queria que o meu aspecto exterior correspondesse, como o interior, á honorabilidade da minha tarefa. Aspirava approximar-me do typo do agitador moderado, frio, calmo e estudado. Habitua-me ao applauso publico sem envaidecer-me, e á notoriedade, sem orgulhar-me, nem acanhar-me deante d'ella. Não me offuscava a admiração que revelavam alguns no momento de conhecer-me, nem o enthusiasmo dos companheiros. Emfim seguia o regimen de um homem que tinha tomado sobre os hombros uma carga pesada e que queria leval-a ao cabo e a salvamento. Procurava estar á altura do meu compro-

misso e por tanto estudava-me nos menores actos como quem tinha uma grande responsabilidade.

Felizmente compensava-me todo esse labor a esperança da victoria, a comprehensão do dever, e o enthusiasmo que a todos nos tomara n'esse tempo, e que nos unia, egualando a todos, apagando as differenças de posição, idade e profissão, estabelecendo a confiança commum, n'um grande movimento de fé. Pairava no paiz uma atmosphaera de combate e de triumpho, e o titulo de republicano fazia com que dois homens se olhassem immediatamente de um modo amigo e se estreitassem nos braços como irmãos. Por minha parte, sentia-me docemente excitado á lucta por aquelle *fervet opus* diario de physionomias que me animavam com o sorriso, de abraços que me estreitavam enthu-siasticos, de applausos de admiração...

Não sei, posta de lado a minha personalidade, se jámais verei em meu paiz um tamanho e tão bello impulso de patriotismo, de aspirações novas, um tão forte enthusiasmo por uma idéa, e um tão sincero desejo de regeneração social!

O movimento republicano propagava-se. A pedra rolara do alto da montanha, e a convicção de que os dias da monarchia estavam contados ia tomando todos os espiritos. Para mim era certo o advento proximo do nosso triumpho; e se não avançava mais nas minhas predicções, era para não parecer visionario.

— Na minha convicção, dizia uma noite a Alcindo Guanabara n'um theatro, este ministerio João Alfredo é o penultimo da monarchia.

A propaganda accendêra-se por toda a parte. No Rio

Grande do Sul o partido que guardava a memoria de Venancio Ayres, não descançava, pondo-se mesmo mais activo desde o dia em que o digno vereador de São Borja Apparicio Mariense propuzera na Camara Municipal a moção que fôra o brado de álerta contra o terceiro reinado. Barros Cassal percorria o interior realisando conferencias, bem como Ernesto Alves, Demetrio Ribeiro, Ramiro Barcellos, Assis Brazil, e outros, emquanto a *Federação* batia rijo o throno sob a direcção devotadissima de Julio de Castilhos. Em Santa Catharina havia diversos grupos, em que se salientavam Paulino Horn, Manuel Correia e Napoleão Duarte, e havia um orgão do Partido. No Paraná os doutores Vicente Machado e Edmundõ Gonçalves encetavam a disseminação da idéa; em Matto Grosso já se constituiria um club na capital, a que se ligara Luiz Ribeiro; em Goyaz Guimarães Natal continuava as tradições academicas; em São Paulo a lucta continuava em reuniões do partido e *meetings* que traziam sempre adhesões; no Rio Nilo Peçanha percorria diversos pontos da provincia, penetrava no Espirito Santo, e auxiliado por Bernardo Horta e outros, conquistava-nos muitos adeptos; em Minas, o partido organisava-se em avalanches, aos esforços dos doutores João Pinheiro, Nominato Lima, Antonio Cintho, Chagas Lobato, Stockler, e outros; na Bahia elle começava a avolumar, sob a direcção do doutor Virgilio Damasio, bem como em Pernambuco sob a inspiração de Annibal Falcão, Martins Junior e Maciel Pinheiro; no Maranhão, aos escriptos de Belfort Duarte, um orador, e de Sousa Andrade, no *Novo Brazil*; no Ceará com o trabalho de João Cordeiro e Joaquim Catunda; no Rio Grande do Norte, de Pedro Velho; em Sergipe, de Florisbello Freire;

e finalmente no Amazonas, com os serviços de Carvalho Leal, no Pará á acção de Justo Chermont, Paes de Carvalho, e Lauro Sodré.

Na capital, a mocidade da Eschola Militar prestava-nos um grande concurso, distinguindo-se n'esse apoio Annibal Cardoso, Lauro Muller, Candido Mariano, Lamberti, José Bevilacqua, Tasso Fragoso, e muitos outros; e na mocidade civil salientavam-se as figuras de rapazes de Luiz Pires, o meu secretario, Figueiredo Mascarenhas, que eu comparava, sorrindo, a Robespierre, pela sua figura original, Oscar Correia, João de Araujo, Fajardo, Sebastião Barroso, Bruno Chaves, e toda a valente pleiade das escholas, que pelo seu patriotismo e denodo valia um partido.

*

* * *

De todós os factores republicanos fluminenses era essa mocidade a vanguarda aguerrida, e devia animal-a ainda mais a voz do professor Domingos Freire, que, deante do proprio monarcha, em uma collação de gráu aos estudantes, affirmara a fatalidade da Republica.

Ella não fazia mais que desenvolver antigas tradições, desde os tempos da *Republica*, apedrejada pelos *bravi* do governo, e em que Limpo de Abreu, Flavio Farnezzí e Luiz Barbosa tinham sido uns atletas abnegadissimos, e Salvador de Mendonça um batalhador que fraqueara, até o *Combate*, de Lopes Trovão, a *Gazetinha*, onde Fontoura Xavier escrevêra versos revolucionarios, o *Constituinte*, de Alberto Fialho, os *Ferrões*, a *Idéa*, de uma pleiade de moços disci-

plinados e corajosos, os pamphletos do dr. Alberto de Carvalho que chegava da Europa; desde as reuniões do Club de São Christovam, até o ultimo movimento engrossado pela adhesão dos agricultores, de que um dos representantes directos na capital e entre o elemento scientista era o dr. Furkim Werneck.

A questão militar rebentara novamente, com o episodio do chefe de policia de S. Paulo que, penetrando no quartel, offendêra a officialidade. N'aquella provincia ella serenara, após tristes e luctuosos acontecimentos, descargas sobre o povo, ferimentos e mortes; e devia-se o não rebentar de uma revolução separatista que abortaria mas depois de grandes desastres, á intervenção serena de Rangel Pestana. Quando se esperava que ella se extendesse á capital, tudo voltara á paz pela demissão do chefe de policia paulista.

No momento da crise escrevi na columna do *Pais* um artigo que produzira emoção nos militares, sob o titulo:— *Soldados! em guarda!* avisando o exercito da oppressão a que o queriam reduzir, e desenvolvendo a theoria da liberdade espirital do cidadão fardado. Lembro-me ainda! Passámos um telegramma de saudação á officialidade paulista, e seus superiores rogavam-lhe que não nos respondesse. Velámos uma noite, até ás 5 da manhã, na estação da estrada de ferro de D. Pedro II, Barata Ribeiro, Sá Valle, eu e mais alguns, a vêr no que paravam as modas, se desembarcava o batalhão *revoltado*, e que attitude assumiria. Porque tudo era possivel, e um cheiro de polvora revolucionaria tomava todo o ar.

Dias depois, sob o titulo *O Exercito e a Nação*, fazia uma conferencia, assistida por muitos militares, entre os quaes

me recordo da figura do capitão Alcides Bruce, reivindicando os direitos do exercito a ser considerado corporação de homens livres, e não uma horda de janizaros ao serviço imperial.

Infelizmente, as nossas relações com a tropa eram ainda mui fracas. Era de nosso dever não comprometter inutilmente os dirigidos, e os que occupavam postos superiores mantinham-se fieis ao throno. Esperava-se que a propaganda penetrasse nas fileiras, e que as circumstancias levassem a convicção aos chefes. Falava-se, entretanto, desde esse tempo, nos nomes do general Deodoro e do vice-almirante Vandenkolke, como homens com que, afinal, seria lícito contar, além de Senna Madureira e de alguns outros.

Quanto a mim, embora a minha sympathia pelo exercito, mal tinha tempo para entreter relações com alguns dignos rapazes da Eschola Militar do Rio. Da do Rio Grande do Sul recebêra, havia mezes, um officio em que se me communicava a existencia de um *club*, que tomara para titulo o meu nome, e que pretendia agir em segredo no sentido da minha propaganda.

Mais tarde foi que entrei em relações directas com o nunca assaz pranteado coronel Senna Madureira.

Pouco tempo antes reunira-se em congresso o Partido fluminense. Eu fôra encarregado da redacção do nosso manifesto, e uma commissão executiva fôra eleita, conferindo-se-me a honra da Presidencia. Faziam parte d'ella Alberto Torres, como secretario, Antonio Furkim Werneck, como thesoureiro, e eu, na capital; Francisco Portella e Virgilio Pessoa, no norte; e Santos Werneck e Theophilo de Almeida, representando o sul. Theophilo de Almeida

vinha das hostes agricolas, mas nem por isso era menos ardente e devotado. Francisco Portella era o chefe do grupo republicano da Assembléa Provincial, composto do mesmo Theophilo, e ainda de Cyrillo de Lemos, Oliveira Pinto e de Francisco Santiago, que resignou honrosamente a cadeira de deputado, pois tinha escrupulo em occupal-a, desde que a ella fôra enviado por um eleitorado não declaradamente republicano; mas este lhe significara a confiança, pedindo-lhe continuasse a ser seu representante. Virgilio era o nosso companheiro de S. Fidelis, Alberto Torres era o moço calmo, mas entusiasta, que acabava de percorrer várias villas e cidades do Rio, em propaganda semelhante á minha, com o exito que a convicção e o talento forçosamente haviam de assegurar-lhe. Taes eram os elementos do partido fluminense, d'entre os quaes destacava-se salientemente a figura de Santos Werneck.

Antonio Luiz dos Santos Werneck, a quem voto o terceiro capitulo d'esta obra, em que descrevo especialmente a minha marcha pela provincia que a ambos nos viu nascer, estava então doentê da vista, encerrado n'um quarto escuro, na sua fazenda, depois da brilhante profissão de fé republicana que fizera na Assembléa Provincial, quando tudo lhe sorria do lado do partido conservador, de que era deputado, depois do notavel manifesto que redigira para o partido da Parahyba do sul, em que explicava ser a lavoura republicana *depois da abolição e não por causa d'ella*, e depois do renhido pleito eleitoral em que de facto vencêra, não obstante o repudio a toda a idéa indemnizadora, manifestada sem circumloquios.

Santos Werneck era um dos mais notaveis exemplos da

sinceridade politica. Natureza ordeira, fôra ao partido conservador que se filiara desde a Academia, onde escreveu um livro refutando o opusculo de Assis Brazil *O opportunismo e a revolução*; mas, quando á luz dos estudos verdadeiramente philosophicos se convenceu da excellencia da idéa republicana, e da necessidade da sua applicação ao Brazil, não trepidou um instante em confessar o seu erro, e muito antes da esperança da victoria para o nosso partido, e quando o seu futuro politico estava aberto no campo monarchico pela sympathia e estima dos chefes, declarou-se republicano, batalhando ao lado de Porciuncula, que era a fôrça prática, emtanto que Werneck era o prestigio theorico.

Infelizmente a molestia pertinaz impedia-lhe uma grande acção n'este momento critico para nós.

Deixei summariamente esboçadas as condições geraes em que se achava o Partido Republicano.

Mas o problema temeroso era unir n'um pensamento commum todas essas fôrças; guial-as n'uma orientação segura, e sobretudo, não sómente leval-as victoriosas a derubar a monarchia, mas ainda conseguil-as clarividentes no dia seguinte para a organização da Republica.

O dia seguinte á victoria: — eis a difficuldade que já se antolhava aos previdentes que não se cegavam com a polvora da peleja.

*

* * *

Eu ficava algumas vezes horas inteiras, na voluptuosidade da meditação, a pensar sobre todos os problemas

futuros da organização republicana, na meia luz do meu gabinete de trabalho, cercado pelos meus livros e papeis. Deixe o leitor que eu me recorde d'elles. Se um auctor celebre escreveu um livro sobre o seu quarto de dormir, porque não poderia eu digressar n'um paragrapho sobre a minha bibliotheca, passeando pelas suas estantes? O mais que posso fazer é dar-o braço ao leitor e convidal-o a seguir por ahi além.

Deixo á sua sagacidade entender as vantagens d'esse passeio para a boa comprehensão d'esta obra, dos intuitos do seu auctor, e da campanha politica que encetou. Tudo se liga e tudo se combina.

Não vão pensar que quero catalogar os meus livros; nem mesmo que estes que cito são os unicos que tenho lido. Por mais que a minha modestia receie de ser offendida, sou um pouco da opinião de que a boa justiça começa por casa. Quero apenas recordar as dôces impressões, os conselhos e as instrucções que me deixam aquelles auctores que manuseio quasi sempre. Porque eu sigo a maxima d'aquelle santo, philosopho, ou cousa que o valha, que *lia um livro só*, isto é, que lia poucos livros, mas que os lia bem, com meditação cuidadosa. E' assim que faço; leio os meus escriptores, annoto-os, discutindo com elles, pondo-os uns em confronto com outros, e de todo esse trabalho, formo sobre cada assumpto *o meu livro*, quer dizer, a minha opinião, sempre submissa á auctoridade d'elles, mas sempre autonoma.

Nada me aborrece mais que ver esses devoradores de brochuras, eruditos que lêem da manhã á noite, ou melhor, que olham as paginas sem bem as digerir, gulosos de let-

tra redonda, que fazem questão de quantidade, e que são incapazes de tomar a minima resolução se não a viram já citada por alguém a paginas tantas! De pouco andar atrophiaram as pernas, e eil-os que agora não podem marchar sem muletas!

Estamos em caminho largo; mas ha diversos carreiros que a elle convergem. Tomemos o primeiro, e comecemos pelos dominios da Poesia.

Lá estão, nas primeiras prateleiras, os meus queridos sonhadores, que viveram no soffrimento, a encantar com seus carmes deliciosos um mundo egoista. Este volume é de Homero, e esta pagina da *Iliada* nos relata a scena admiravel de realismo em que Heitor se despede de Andromacha: o filho pequenino espanta-se com o enorme capacete do pae, e recolhe-se ao seio da ama. Este é o *Prometheu* de Eschilo: como soffria o gigante encadeado! Passemos por Theocrito e Pindaro, e cheguemos ao melancholico Virgilio; ainda tenho-nos ouvidos o

Conticuere omnes intentique ora tenebant

—Promptos, á escuta, emmudeceram todos.

como traduziu o nosso Odorico Mendes. Segue-se o Dante, com o seu terrivel *Inferno*, em que perdem a esperança os que entram; é verdade que depois apparece a celestial Beatriz:

Io sono Beatrice che te facio andare;

segue-se Ariosto, com o seu *Orlando Furioso*; mas prefiro ás suas aventuras phantasticas, rir com Cervantes no

D. Quichote, vendo o heroe manchego combater os moinhos de vento, e desejar pôr-se nu deante de Sancho, que repelle pudico tal lembrança; rir com Molière, no *Misanthrope*, e nas *Femmes Savantes*... que sabem grego...

PHILAMENTE

Du grec! ô ciel! du grec! Il sait du grec, ma sœur!

BELISE

Ah! ma nièce! du grec!

ARMANDE

Du grec... quelle douceur!

sentir as paixões humanas nos dramas de Racine e Voltaire, zombar serenamente no *Gil Blas*, e gosar impressões suaves ao ver estes amores de *Paulo e Virginia*, e a dôce virtude da *Princeza de Clèves*, de Madame de Laffayette, ao tempo que horrorisar-me deante de *Othello* feroz a suicidar-se, *Macbeth* cheio de sangue ou *Rómeu e Julieta* cheios de amor nos jardins de Capuletò. Percamo-n'os agora com *Robinson* na sua ilha, observemos as reflexões do *Vigario de Wakefield*, riamo'-nos com o *Tom Jones*, de Fielding, e penetremos nas montanhas escocezas com *Ivanhoë*... *Fausto* far-nos-ha antever o castigo das paixões, emtanto que podemos repousar o espirito nos contos orientaes das *Mil e uma noites*, ouvindo Sherezzada deliciar o seu amante...

Desçamos pela estante abaixo. Aqui o meu *Eurico*... "Sabes tu, Hermengarda, etc...", bella passagem! Acompanha-o o *Camões*, de Garrett. Não preciso dizer-lhes que *Camões*, elle mesmo, aqui está, com o seu...

...amor da Patria, não movido de premio vil, mas alto, e quasi eterno:

A *Menina e Mõça* de Bernardim Ribeiro segue-os de perto... "Menina e mõiça me levaram da casa de meus paes para longes terras; qual fõsse então a causa d'aquella minha levada, era pequena, não n'a soube.. Mas não devemos esquecer os nossos brazileiros; aqui, no *Guarany*, Pery conversa amores com Cecy, momentos antes da palmeira seguir o vôo da corrente; aqui o *Moço Louro*, aqui a *Moreninha* apaixonã o estudante de medicina, e *Braz Cubas* narra-nos as suas *Memorias*. Gonçalves Dias canta d'este ladó, e o meu patricio Casimiro de Abreu geme:

Minha alma é tristê como a rôla afflicta...

Castro Alves narra os amores de Lucas e Maria na *Cachoeira de Paulo Affonso*... Esplendida, a descripção onomatopaica da queimada:

A floresta rugindo as comas curva!

Mas deixemos os poetas, que são perigosos nas suas *reveries* sem fim; passemos a conversar com os homens de sciencia.

Confesso-lhes que esta rua da minha cidade intellectual não é muito extensa. N'estas cousas de scientismo puro, sou um amador, consciencioso embora, mas pouco profundo. Comtudo, vejo com prazer a minha *Arithmetica* de Condorcet; quando me lembro que este homem compoz este verdadeiro tratado de logica no refugio em vespervas da morte!... Tenho tambem a *Geometria*, de Lacroix, e o *Calculo*

Arithmetico, de Pierre Laffitte. Deixem lá que é preciso coragem para deliciar-se com a extracção de uma raiz quadrada, uma multiplicação algebrica ou a demonstração de que os tres angulos de um triangulo são eguaes a dois rectos. “Demonstrar para que? dizia-me n’outro tempo um compa-
nheiro: pois se eu estou vendo que elles são eguaes aos dois rectos! “Tenho aqui, d’este lado, grande quantidade de compendios, possuo desde a Geologia, em que me entretenho a estudar fósseis até a Zoologia em que o macaco nos leva á doutrina de Darwin. São auctores menos celebres; mas se eu soubesse bem tudo o que n’elles se acha resumido, já sabia alguma cousa. Livro que leio com frequencia é a *Arte de prolongar a vida humana* — de Hufeland, o sabio e moralista allemão.

Mas passemos a outras prateleiras, mais humanas; estudemos historia.

Para preludeio, mostro-lhes um *Mappa* de Malte-Brun, que é raro, e as *Viagens* de Cook, que são instructivas. Raro é tambem o *Manual de Historia antiga*, de Heeren, raro e minucioso no desenvolver os recursos materiaes das sociedades passadas; ao passo que Mignet nos conta com uma imparcialidade austera n’um estylo quente, os episodios da Revolução franceza. Como isto inflamma, como nos transporta á Bastilha! Volvamos a tempos mais antigos. aos logares onde se passou o grande drama occidental. Robinet completa-o com os seus trabalhos sobre Danton e os dantonistas. Voltaire conta-nos a vida do *Seculo de Luiz XIV*... e ainda Tacito nos mostra os *Annaes* dos tempos romanos, estes annaes que Napoleão não estimava. Poderão os despotas amar os historiadores?

Plutarcho encanta-me com as suas *Vidas*.

Mas a historia que mais me preoccupa é naturalmente a do nosso paiz; admiro a erudição e a serenidade com que escreve o visconde de Porto Seguro, Varnhagen; sabem da inscripção que existe a seu respeito na Fabrica de Ferro do Ypanema?... Commove-me a simplicidade de Abreu Lima narrando a morte do pae na revolução; e muita vez socorro-me do excellente volume de Americo Braziliense que compendia todo o nosso passado. Para a historia paulista não ha negar que é bom subsidio este volume de Machado de Oliveira.

Os meus philosophos e publicistas politicos para logar proeminente.

Logo abaixo do busto do Mestre immortal, suas obras: os seis volumes da *Philosophia Positiva*, os quatro volumes da *Politica*, seu *Appello aos Conservadores*, seu *Catcismo*, sua *Correspondencia*, e seu *Testamento*. Ha n'esses trabalhos, que são o producto do maior vigor do engenho humano, paginas sobre o passado que inspiram uma reflexão profunda, paginas sobre os contemporaneos, e especialmente sobre as classes operarias que fazem derramar lagrimas e que entre lagrimas fôram escriptas, e paginas sobre o futuro da Humanidade que produzem um consôlo, uma fé quasi absoluta no bello, no verdadeiro e no bom, combinando o dever e a felicidade no realisar as maximas viver *para outrem* e viver *às claras*.

Vejam tambem a *Biblia*, livro de admiravel poesia, e a *Imitação de Christo*. Li durante um anno todas as manhãs esse extraordinario estudo sobre a natureza do homem, devido a Thomaz de Kempis; recommendo-lhes especial

mente o capitulo sobre os admiraveis efeitos do amor divino. Precisarei dizer que não li esse livro com espirito theologico? Só o philosophar positivo pode, desprendendo-se das ficções do passado, ver as cousas conforme seu tempo, com espirito de relatividade, e aproveitando sinceramente o que ellas teem de bom. O *Catecismo de Montpellier* lembra-me a educação catholica na infancia; e a *Interpretação da Natureza*, de Diderot, chama-me á duvida, como base da fé scientifica.

O *Esbôço dos Progressos do Espirito Humano*, de Condorcet, faz-me ver todo o passado sob uma nova luz.

Desçamos ao terreno directamente politico, e folheemos a *Politica Experimental*, de Léon Donat. Bom livro; livro de estudioso, e de pensador. Não fica áquem a *Politica Internacional*, do russo Novicot. Aqui teem as constituições dos diversos povos, e a historia da America do Norte; são bases para o nosso futuro organismo politico. Nem por serem nacionaes, são de desprezar a *Politica Republicana*, de Alberto Salles, e a *Republica Federal*, de Assis Brazil.

Quero, ainda, entretel-os um pouco com a minha prateleira sobre Educação, sobre Linguistica, etc.

Sabem que fui professor, e que não renege esse passado. Não se admirarão, portanto, de ver na minha estante a *Educação*, de Spencer, os trabalhos de Bain, as *Licções de Cousas* de Saffray e de Calkins, traduzida esta ultima obra pelo dr. Ruy Barbosa, nem uma collecção de livros de leitura para a infancia, desde a *Cartilha Maternal*, de João de Deus, os livros de Köpfe, e os trabalhos de Geike e outros, bons compendios de sciencia infantil.

Ao lado, estão os livros sobre linguas, livros para tra-

dução, grammaticas desde a portugueza até a grega em especial gosto d'estes trabalhos sobre a lingua vernacula de Duarte Nunes de Leão, Francisco José Freire, Adolfo Coelho, Theophilo Braga, Pacheco Junior, Julio Ribeiro, e alguns outros.

D'este lado, encontraremos documentos historicos, e jornaes antigos, papeis velhos, mas que lhes dizem toda a evolução da propaganda republicana, manifestos dos partidos, opusculos de correligionarios, e os meus discursos.

Se gostam de quadros e bustos, aqui lhes posso mostrar alguns, que relembram grandes homens, ou scenas historicas. Se querem entreter-se com alguma cousa de curioso, aqui tenho um microscopio. É exquisito ver ahi até as pulgas tomar tamanho; ha muitos homens que parecem ser vistos por algum microscopio... tão pequenos são e tão grandes parecem! Mas vejo que se fatigam com estas minudencias, e não me reconheço com o direito de prolongar esta viagem através dos meus volumes queridos d'onde entretanto emana todo o meu pensamento. Ha ahi outros, que não tenho tempo para mencionar, e no meu espirito ainda faria a recordação dos que li na minha infancia, que formaram gradualmente a minha mentalidade, desde os contos cheios de mentiras interessantes, a litteratura romantica de Dumas e Sue lida na adolescencia, até o realismo de Balzac e Zola, ao lado dos livros de Critica de Taine; litteratura de que n'um momento de supremo rigor philosophico me desfiz, mas cujas bellezas e serviços mais caladamente reconheço hoje, e que releio ás vezes com satisfação.

Não extranhem este prazer em rever as fontes do meu

trabalho. São os meus companheiros. Os vivos dão-vos tantos desgostos que é grande consôlo o contacto com estes mortos, que entretanto vos falam como se fôsem vivos. O amor da mulher apresenta-vos espinhos acres ao lado de fugazes momentos de ventura; a fortuna cria-vos uma sêde devoradora que vos exaure as fôrças e secca os bons sentimentos; a popularidade prepara-vos desalentos surpreendedores; as viagens fatigam-vos o corpo e cançam o espirito; só ella, a sciencia, inspirada no amor social, e acompanhada da poesia, vos consola; e os mortos celebres, os grandes abnegados se vos apresentam então, bons, simples, amigos que não tráem, conselheiros que não enganam.

Era entre elles que eu meditava por vezes, na semi-luz do meu gabinete, preparando-me alentos para o combate difficil que a minha missão ordenava...

*

POST-SCRIPTUM — Vão perguntar-me onde estava a secção dos livros de Direito, pois que sou advogado. Estava no escriptorio. Os codigos e os juriconsultos sentir-se-hiam aqui um pouco confusos. Elles pretendem ser o direito constituido, e o direito está, afinal, por constituir.

*

* *

Quando me invadiam desanimos entrava n'esse modesto gabinete, mergulhava na reflexão, e sentia novamente a

crença robusta do espirito vencer as fraquezas fataes do temperamento.

Remontava á evolução demonstrada pela sciencia que haviam levado o sentimento, a intelligencia e a actividade a exigirem o amor, a verdade e a paz, d'onde a liberdade e a fraternidade, a ordem e o progresso, e se no dominio moral o amor á Humanidade, no dominio politico o amor á Patria, e, pois, o amor á Republica.

Acompanhava a synthese da evolução humana, o fetichismo, ou nomada ou sedentario, indo á astrolatria; o polytheismo, d'esta oriundo, ou conservador, ou progressivo, intellectual ou militar; o monotheismo, d'ahi originado, ou do Oriente, ou do Occidente, catholico-feudal; a metaphysica, protestante ou deista até a emancipação positiva.

Animava-me com a evolução do Brazil onde não podiam medrar as instituições do privilegio, individualmente, e da tyrannia, já pelo *meio* morto, celeste ou tellurico, já pelo *meio* vivo, vegetal, animal ou humano. E o historico das nossas revoluções gloriosas punha-me no sangue o ardor da fé que abala as montanhas;— Philippe dos Santos, esquartejado em minas em 1720; Tiradentes subindo ao cadafalso em 1789; Domingos Martins, Abreu Lima e Domingos Theotonio, soffrendo as perseguições ou o martyrio em 1817; Paes de Andrade, Frei Caneca, Bezerra Cavalcanti, e Ratcliff em 24; Cabeço Badaró, em 31; Bento Gonçalves e David Canavarro de 35 a 45; Raphael Tobias, Gabriel dos Santos, o Padre Feijó, e José Feliciano em 42; Nunes Machado e Pedro Ivo em 48.

Evocava todo esse passado pelos meus auctores queridos.

Este, poeta, cantava a coragem dos heroes, ou os momentos de amor e de repouso na vida, ou o sorriso de ironia deante das fraquezas; este sabio, fornecia pela contemplação da natureza as bases da convicção politica que est'outro, historiador, desenvolvia na apreciação dos estadistas; este philosopho, lançava o olhar sereno sobre os tempos, e dava a lição moral a todos. Permittam este voto de agradecimento aos immortaes e queridos mestres. Todos elles me incitavam ao combate pela libertação definitiva da mais bella das Patrias.

*

* *

E era preciso animar esse combate, para corresponder á expectativa publica, á proporção que o partido augmentava, e a opinião quasi geral do paiz perdia a confiança no throno.

Um unico adversario de temer se nos apresentava pela imprensa. Era o dr. Joaquim Nabuco, aureolado pela victoria da abolição, por suas viagens pela Europa, pelo seu renome de orador, e de parlamentar, pelo seu passado de escriptor, e bellas artes, pelos seus antecedentes de familia, e por sua reconhecida honestidade. Escrevia havia tempos no *Paiz*, ao lado mesmo da nossa *columna republicana*, que desfallecia, uma série de artigos contra a nossa propaganda.

Uma noite, no largo do Rocio, em frente á estatua de Pedro I, n'uma pharmacia em que Julio Diniz dava consultas medicas, resolvemos dar-lhe batalha.

A 23 de novembro seguinte realisava eu uma conferen-

cia em que reduzia a seu justo valor todos os argumentos do deputado monarchista. Ao terminar, mantinha a attitude que assumira, e excitava o povo do Rio de Janeiro a tomar posição de lucta contra a dynastia e seu regimen.

“Não recuar! perorava. Não recuarei! Estamos collocados n’uma imminencia: não recuar! Que eu cumpra o meu dever e o partido republicano comprehenda a sua posição excepcional n’este momento da nossa historia. Momento crítico para a nação brazileira. A patria em perigo! Apressemos a sua transformação politica! Não consintamos que a cidade do Rio de Janeiro se torne indigna da nação brazileira. (*Applausos*, segundo as notas tachygraphicas do nosso tão dedicado quão modesto correligionario Luiz Leitão.)

“Pois que! Pode dar-se que S. Christovam tenha corrompido uma cidade inteira? Estará toda ella convertida em uma agglomeração de quartos baixos do palacio imperial, ou reduzida a vis senzalas?! Pode ser uma população tão falta de intelligencia, tão pobre de energia, que confunda patriotismo com subserviencia, ordem com apathia?! Não é possível; não o creio, não o quero crer! (*Applausos*.)

“Cidade do Rio de Janeiro, a nação brazileira inteira pede a Republica! Cidade do Rio de Janeiro, a nação brazileira inteira já derramou seu sangue pela Republica! Cidade do Rio de Janeiro, jámais derramaste teu sangue pela Republica! (*Applausos*.) Povo do Rio de Janeiro, não tendes cumprido o vosso dever! Povo do Rio de Janeiro, sois a unica parte do Brazil que ainda não se bateu pela causa mais sagrada da Patria! (*Applausos*.) Tiradentes foi enforcado em vosso seio (*applausos*), e até hoje ainda não vos lavastes

com o seu sangue! (*Acclamações.*) Povo do Rio de Janeiro, todas as provincias fizeram revoluções, todas as provincias n'ellas soffreram, em todas as provincias morreram cidadãos pela Republica, e vós só fizestes o 7 de abril, que, desgraçado de vós, convertestes em um movimento em favor da Monarchia! (*Applausos.*) Povo do Rio de Janeiro, basta de ser fraco e cobarde! Povo, valor! povo, energia!... Povo do Rio de Janeiro, nem o interesse egoista, nem a velhice deshonorada, são dignos de respeito. Digna só do respeito ultimo é a Liberdade mesma. E' digno de respeito um povo livre, é indigno de respeito um povo subserviente, cobarde e fraco. Povo do Rio de Janeiro, vosso nome está justamente coberto de humilhação! Povo, vergonha! Povo, brio! Povo, dignidade! Povo do Rio de Janeiro, cumprí o vosso dever; e muito em breve a S. Christovam! a S. Christovam! a bradar o grito de VIVA A REPUBLICA, VIVA A REPUBLICA!.,

E, como sempre, ao concluir, o meu lenço branco levantava esses vivas, correspondidos e acompanhados com os *Abaixo a Monarchia!* e de applausos prolongados e saudações entusiasticas!

Ao sahirnos d'esta conferencia, assistida da fina flôr da sociedade fluminense, um grupo de pretos perfidamente inspirados, correu sobre mim com a intenção de aggre-dir-me. Um punhado de valentes amigos populares impediu-os de me attingirem. Barata Ribeiro e Chagas Lobato iam-se sacrificando, no duplo trabalho de impedir que esses infelizes chegassem até mim, e de obstar que os compaheiros mais exaltados os victimassem no mesmo momento. Quando pude aperceber-me do incidente, no caminho

sereno que fazia, como de costume, prevenido para a aggressão, mas sem ligar-lhe importancia nem provocal-a, já o episodio estava a findar.

Mas elle devia reproduzir-se com furia terrivel alguns dias depois, a 30 de dezembro, quando realisava o segundo discurso em resposta ao dr. Joaquim Nabuco. Este, convidado por mim desde o primeiro, em carta, a vêr-se refutar, respondêra delicadamente desculpando-se não ter mais tempo a ir ouvir-me, resposta evidentemente evasiva, pois não compareceu tambem á segunda conferencia.

Na vespera corriam boatos de que seria assassinado em pleno salão da Sociedade Franceza de Gymnastica. Uma commissão do Club Tiradentes se me apresentara no escriptorio, pedindo-me não realisasse a conferencia. Fiz-lhe ver que era impossivel recuar. O espirito recto do velho Timotheo Antunes comprehendeu-me. Elle disse-me:

— Sabemos bem que cumpre o seu dever; queriamos, entretanto, evitar o seu sacrificio.

Por intermedio de Medeiros de Albuquerque, um joven ardente e um poeta revolucionario, o *Novidades* publicava todos os boatos correntes. Aprovei essa resolução por ser um meio de impedir que o governo allegasse ignorancia dos factos que iam ter logar.

O ministerio parecia terminantemente resolvido a uma reacção contra os republicanos. Dias antes, pelo seu anniversario natalicio, o presidente do conselho, João Alfredo, recebêra a declaração de uma sociedade que se fundara, composta de homens de côr, intitulada a *Guarda Negra*, e declarara-lhe que desejava que ella se desenvolvesse para garantia das instituições e para a defesa do sr. D. Pedro II

e da sr.^a D. Isabel. Sahia-se evidentemente fora da legalidade por que essa sociedade, como a imprensa indignada o fez notar, era uma agremiação secreta, cujos estatutos não tinham sido approvados por lei nem eram conhecidos, e cujos fins levavam á divisão das raças e á guerra civil.

O proprietario do theatro Polytheama fôra ameaçado de incendio se nos alugasse o seu salão. Nenhuma casa queria pôr-se a nosso dispôr para esse fim; foi com difficuldade que consegui alugar a da Sociedade Franceza de Gymnastica. N'esse dia, pela manhã, o chamado chefe da *Guarda Negra* publicara um artigo, na apparencia, de conciliação, mas de ameaça aos republicanos. Tinha quasi a certeza da nossa victimação; mas, como depois publiquei, deveria um instante acceitar a ordem de cessar a liberdade da minha palavra de orador, a não declarar-me no dia seguinte deshonrado perante o publico da minha Patria, pela humilhação que teria feito soffrer ao Pensamento Humano? Não. Contei com a dedicação do Povo, preveni-me e fui realisar o meu discurso republicano.

Comprara na vespera, pela primeira vez, um bom revólver, que ensaiara serena e friamente uma hora na manhã d'esse dia, no meu jardim, antes de almoçar, e depois de preparar a minha oração. Minha Mulher dirigia como de ordinario a sua casa. Esses incidentes não a perturbavam, por mais graves que fôsem. Havia no seu organismo, physicamente franzino, uma grande fôrça moral, herança de uma raça forte de mulheres habituadas pelos maridos á lucta politica. Luiz Pires, que viera vêr-me, quiz acompanhar-me. Recusei; e quando, ao meio dia, desembarquei do *bond*, só, no largo do Rocio, havia n'elle e na travessa

da Barreira uma grande multidão. A uns movia a curiosidade; outros estavam anciosos pelo que presentiam. Entrei á hora marcada, subi immediatamente á tribuna, e encetei a minha conferencia.

Ora havia socêgo, ora agitação que alguns ápartes produziam; mas sempre corria o ar um sôpro de desassocêgo e de perigo, embora a attitude geral fôsse de segurança. Não havia senhoras. Minha linguagem, sempre enthusiastica, jamais sahia da argumentação theorica, sem offensa pessoal. Em certo ponto, quando me referi ao valor das personagens republicanas, alguém interrompeu-me com má vontade manifesta:

— Podem acabar como o Tiradentes.

Compreendi a ameaça, e respondi:

— Quando acabem como o Tiradentes, farão muito mais, que viver como os que não se sentem com o millesimo de uma tal coragem! Creia o meu concidadão que o tiro que me prometteram enviar á bôcca, pode cortar-me a lingua como a Cicero; a bala com que me ameaçaram, e que ha uma hora espero, se viesse n'este momento, faria muito mais pela Republica, que um milhão de discursos meus!

No momento em que discutia a questão da immigração chinesa, combatendo-a, Luiz Pires, sempre attento, grita:

— Ahi veem elles!

Realmente sentia-se um grande rumor na rua. Os gritos chegavam até nós.

Subito, ouvimos o ruido dos projectís, e dos tiros que lançavam contra a frente do edificio. Todos são prêsa de uma agitação enorme. Muitos correm para a entrada, e para o andar superior afim de repellirem os aggressores,

Estabelece-se uma lucta horrivel, que dura cêrca de uma hora.

Fechada a principal porta, um grupo defende-a dos esforços que faziam os aggressores para pôl-a abaixo. Estes atiravam pedras, e disparavam tiros. Por duas pequenas janellas lateraes, a modo de setteiras, os nossos respondiam não menos valentemente.

Conservei-me de pé, na tribuna, protestando não me retirar d'alli, máu grado solicitações geraes em contrario. Tirei o meu revólver e dispuz-me a defender a vida com a liberdade de pensamento. Ahi fiquei para bem symbolisar esse direito; era alli que devia morrer, ou continuar a falar. De resto era um melhor ponto para dirigir o combate. As pedras vinham cahir-me aos pés, e o ruido dos tiros chegava-me cada vez mais forte aos ouvidos.

Além d'outros amigos, Barata Ribeiro estava a um lado, e Sampaio Ferraz a outro, d'essa tribuna que, por alta, expunha-me ao olhar geral. Um moço, empregado no commercio subira-a e collocara-se a par de mim, declarando-se prompto a morrer alli em minha defesa: tinha já um dedo ferido por uma bala, d'onde o sangue corria fortemente. Um bravo estudante do Rio Grande do Sul estava ferido na testa; com uma das mãos amparava o sangue que gottejava, e com a outra desfechava tiros. Luiz Pires gritava como um louco, por não ter mais munições. Um rapaz, dos nossos, chamado Jacaré, quebrava todos os móveis para que pudessem servir de projectís. Candido Mariano, da Eschola Militar, máu grado a enorme responsabilidade da sua farda, batia-se sereno e denodado. No andar superior, os estudantes Menna Barreto Mascarenhas e ou-

tros dirigiam o ataque das janellas para fora. Esteves Junior combatia com vigor, e animava a todos, sem que suas barbas brancas lhe impedissem a valentia. Silverio Barbosa, como elle negociante e chefe de familia, tambem combatia. Perto de mim, Francisco Pessanha, o meu companheiro de infancia, inteiramente desarmado, guardava a calma que sempre lhe conhecêra.

Houve um momento em que a todos pareceu que iam ser esmagados, porque as portas começavam a ceder, e alguns dos companheiros, mais timidos, tinham achado meio de se retirar pelos fundos da casa. Falta de coragem que não cortava o perigo, pois lhes fôra preciso saltar de uma grande altura, sendo de novo cercados pelos malfeitores. Vendo a situação, Sampaio Ferraz observa-me:

— Jardim, o mais prudente é retirarmo'-nos.

— Não, disse-lhe. Se vocês pensam assim, saiam. Eu fico aqui.

— Nós ficaremos comtigo, respondeu-me um dos mais valentes batalhadores da campanha republicana.

Teixeira de Sousa teve uma idéa:

— Faça descer todas aquellas garrafas. Servirão de projectís.

A um signal meu, veio abaixo uma prateleira de vinhos, licôres, e os vidros começaram a fazer um enorme estrago.

D'ahi a momentos comecei a fazer destelhar a casa para o mesmo fim. As telhas tiradas pelo andar superior, eram lançadas das janellas.

Silva Netto estava calmo. Lopes Trovão passeava de um lado a outro do salão, tendo acompanhado o combate. Ha-

via proximo a mim um desconhecido, que mais tarde soube ser um medico, o dr. Monte Godinho, que me dizia com um olhar de segurança terrivel:

— Não se incommode. Quando chegarem á sua pessoa, voaremos todos pelos ares.

Havia um cidadão que me gritava desesperado que sahisse da tribuna, pois que ia certamente morrer.

— Cale-se, bradei-lhe. Em vez de animar-me, está o senhor ahi a fazer essa scena! Não sahiremõs d'aqui.

Havia um rapaz preto, a quem eu vigiava com o olhar desconfiado, e que exclamou:

— Canalhãs! Pode estar certo, doutor, que estou com-sigo!

Era Anacleto, a quem eu alludi no manifesto que publiquei chamando-lhe "o moço preto", epitheto com que tanto se honrou, que o accrescentava depois á sua assignatura.

Emfim, os momentos difficeis terminaram, os assaltantes feridos mais ou menos gravemente fizeram tregua. Pude continuar a conferencia. Fazia questão d'isso; para mim, o conflicto não era senão um accidente, por mais grave que tivesse sido; a propaganda republicana é que não podia ceder.

Perorei:

"Eu conclúo saudando-vos, Povo Fluminense, pela vossa coragem, pelo vosso civismo, pela vossa abnegação. Povo, ouvi: quando fôrdes atacado, repelli firme e forte os ataques; quando elles partam do representante da raça preta, olhae para o futuro da Republica, que é a fraternidade, que é a elevação do proletario, e desculpae-os, elles são

irresponsaveis, o odio os cega, a ignorancia os illude, a simpleza os corrompe. Os responsaveis pelos desatinos d'elles, são os negros indignos que os dirigem.,,

O ardor da lucta não me tirara a serenidade do julgamento.

Até ahi não havia apparecido nem um representante da fôrça publica para manter a ordem. Estava provada a conivencia do governo com esse ataque selvagem e brutal. Por isso, quando se me apresentou um official, a parlamentar:

— Nada tenho com o senhor! Dispensamos o seu auxilio, e não obedecemos ás suas ordens. Aqui estamos a uma hora defendendo-nos sós, e sós continuaremos a defender-nos.

Elle vinha, porém, bem disposto, e n'um character meramente particular. Conversámos então.

Era o major Valladão, um cavalheiro.

— Recuso, porém, o auxilio da fôrça para sahir, disse-lhe. Quanto ao mais, desde que não sejam atacados, os meus amigos não atacam pessoa alguma.

E parti, acompanhado de alguns amigos. Medeiros de Albuquerque enfiou o seu braço no meu.

— Deixe-me, disse-lhe. Quero ir só. Quero vêr quem tem mais coragem: se eu para morrer, se essa gente para me matar.

Segurava o meu revólver dentro do bolso de modo bem evidente. Todos os olhares dos pretos convergiam sobre mim. Eram olhares furiosos. Eu fitava-os sereno e continuava o meu caminho.

— Mas não tem esse direito, replicou Medeiros. Sua vida é nossa,

Um outro rapaz, intitulado o *Casadinho*, guardou-me o outro lado. Recommendei-lhe prudencia.

— E' a policia disfarçada que faz tudo isto, dizem-me.

Durante o assalto, um official de patente superior insufflava os pretos. Alguns d'estes queixaram-se mais tarde d'essa mesma policia que os mandara fazer aquillo, e que depois por hypocrita conveniencia, os retinha em prisão.

Ao entrar na rua do Theatro, soffremos novo ataque de um grupo. Devo ser justo dizendo que, então, o tenente Lirio, que chegara com a fôrça policial, indignado e talvez em desobediencia a ordens recebidas, mandou que a cavalaria cahisse sobre o grupo aggressor.

A' rua do Ouvidor, ainda uma tentativa de aggressão. A horda malfeitora, já desgovernada, não sabia senão gritar :

— Mata o Silva Jardim !

Descancei alguns momentos no Café de Londres, tomei a rua de Gonçalves Dias, entrei no *bond* da rua da Assembléa e dirigi-me a minha casa, em Santa Theresa, acompanhado de alguns amigos.

Estava terminado esse dia terrivel, com grande perigo para todos nós, mas em que tinhamos mantido os nossos direitos de cidadãos. Do nosso partido eram poucos os feridos; o estrago era grande do lado contrario, de modo que alguns infelizes vieram a fallecer do conflicto que louca e estupidamente haviam provocado. E creio bem que a policia só se resolvêra a intervir quando viu o valor dos republicanos, e a destruição dos seus instrumentos de oppressão.

*

* *

A brutalidade d'este attentado havia commocionado a cidade inteira. Para fugir á curiosidade publica, e aproveitar os bons resultados d'esse incidente, retive-me em casa, a escrever a *Carta ao Paiz e ao Partido Republicano*, que o jornal "*O Paiz*," de 6 de janeiro seguinte estampava n'uma pagina inteira.

Depois de historiar a lucta que o governo abriera com o Partido Republicano e em especial, com os republicanos lavradores, descrevia o episodio de 30 de dezembro, que repercutia por toda a nação. Mostrava o dever dos republicanos e do publico em continuar a manter o direito de reunião, garantia que havia de continuar no meu posto, relembrava os meus compromissos, baseados nas tradições de liberdade brasileira que tantos martyres fizera, e predizia a revolução para o anno de 1889, que se abria, centenario da Revolução Franceza. Era um desejo e uma suggestão ao espirito nacional. Esse manifesto, que o era, concluia repetindo a declaração a toda a auctoridade, governo ou despota, que preferiria morrer a ceder do meu direito, que era o meu dever; que estava disposto a disputar com a vida o direito de prégar a Republica em meu Paiz, e que quem m'o quizesse impedir teria de me mandar matar a vêr-me ceder. Que, afinal, cheio da maior sympathia para com os meus irmãos de fé, dispondo-me a não conter a indignação perante os inimigos francos ou

principalmente perante os criminosos de traição, havia de realizar a divisa dos luctadores: — VENCER OU MORRER!

Fechava-se assim o primeiro anno agitado de uma propaganda tenaz e incessante. Vencer ou morrer! No anno seguinte nós venceríamos a monarchia. Quanto a mim, seria talvez depois vencido pela Republica; não vencido na minha pessoa, o que pouco importava, mas bastante vencido nos meus ideaes. .

Estas linhas, cujo fim principal é mostrar que houve um povo que quiz a Republica e houve um partido que se dispunha a realisal-a mesmo com as armas na mão, talvez se pudessem intitular *Memorias de um vencedor vencido*. Não acham?... .

Paris, 17 de fevereiro de 1891.

Falta de memoria em memorias.—Um inquerito alegre; como um moleque zomba da policia.—Uma situação partidaria e uma resolução politica; alguns documentos.—Conspiração que mallogra, bravo que morre, e excursionista que adoeece.—Pela Provincia de Minas: entre flôres e ataques; pela Matta e pelo Campo.

Ah! posso assegurar-lhes que escrevo estas paginas com todo o meu coração. Recordando os dias das luctas civís que prepararam o golpe militar que proclamou a Republica em minha Patria, vivo novamente das alegrias, e das dôres d'essa campanha. O tempo, porém, cicatrizou as feridas que a desconfiança, a rivalidade, o ciume e o odio pudessem ter aberto, para deixar sómente a impressão tranquillã do prazer da victoria final das idéas por que me batia; victoria, senão total, ao menos parcial; quando não positiva, ao menos negativa. Escrevo, pois, sem prevenções, nem enthusiasmos exaggerados; escrevo sem contradicção com os juizos ás vezes exarados no rigor da lucta, mas sem a tal ou qual acrimonia que o ardor de vencer e o dever de vencer justificavam e impunham. Escrevo dos adversarios e do meu partido com o sentimento geral de sympathia de

quem dos primeiros só tivesse encontrado respeitos e justiças, e dos segundos conselhos salutaes, agasalhos amigos, e animações patrióticas.

Não é de todo minha culpa se ás vezes a memoria rebelde me recusa algum facto, nome ou circumstancia: lucto com essa memoria e procuro subjugal-a reunindo aqui todos quantos pormenores sirvam a demonstrar o nosso esforço heroico. Cultivo esse dom que nos retraça em quadro alegre ou triste os nossos contentamentos como os nossos pesares, e por nada acceitaria o pacto da personagem de Dickens, de perdel-a, para não soffrer a contínua recordação das máguas e das miserias humanas.

Escrevo quasi sem outro documento que não sejam as minhas lembranças: não se offenda, portanto, o correligionario amigo de quem eu omitta os serviços: ás vezes tenho-lhe a figura bem em face, e esquece-me o seu nome. Que quer? Nem todos podem ser lembrados; demais, descendo á sua consciencia verá que se no espirito do propagandista não se gravou bem sua personalidade é que seu combate em tôrno da acção que elle movia não foi tão saliente quanto o julga a presumpção natural. Demais só escrevo do que vi ou ouvi, e se muito escrevo é por que tive occasião de ver e ouvir muitas cousas. O que posso affirmar é que salvo raras excepções, todos os verdadeiros batalhadores ahi ficaram consignados. E se, n'algum, o leitor sentir-se omittido, ou apenas citado por uma allusão passageira, não terá mais que anotar á margem do seu exemplar o seguinte: "Aqui estive eu. Este sou eu. Eu tambem combati aqui." Assim, ficaremos em paz, restando-lhe ainda o direito de desculpar-me ou de censurar-me, de reclamar verbalmente

ou por escripto, e de appellar para dois tribunaes muito fallados, e verdadeiros, embora seja difficil de encontrar-lhes a séde: — o tribunal da Opinião Publica, e o da Posteridade.

*

* . *

A natureza do homem não pode ater-se arraigada a um só sentimento: eis porque a toda tragedia deve seguir-se alguma comedia, como o dia se segue á noite, a tréva á luz, o trabalho ao descanso, o consôlo ao soffrimento. Assim reflectiu o delegado de policia do Rio de Janeiro, um doutor Valladares, medico e mesmo professor de Medicina, que descobrindo em hora risonha ter errado a vocação, resolveu dedicar-se á carreira policial, sonhando-se um Javert fluminense. O bom homem julgou que depois do conflicto de 30 de dezembro era cousa asseada e honrosa abrir um inquerito para indagar quaes os seus auctores.

Como era natural, fui citado a comparecer. O que elle, o atiladissimo Valladares queria, era sujeitar-me ao ridiculo de um processo por armas prohibidas. Que alho! Já se via com a gloria de aboletar a hydra da anarchia no xadrez policial. Elle já dera um panno de amostra da sua valia; quando todo o conflicto terminara apparecêra no meio do publico boquiaberto, armado de um fitão, e com uma bandeirola de paz. Pobre governo! Cahira nas mãos de uns valladares bem pulhas!

Meditando o caso, achei que o melhor era preparar a gargalhada em tórno da comedia do artificioso delegado. Acudi ao seu convite, e fui de uma condescendencia que o commoveu, em prestar-me a todos os juramentos que de

mim desejou. Fiz apenas questão de ir dictando o meu depoimento ao senhor escrivão, enquanto respondesse ao perspicaz inquiridor; e ao mesmo tempo ia-o eu escrevendo muito socegado, para o que desse e viesse.

Não tenho presentes todas as perguntas engraçadas que elle me fez. Recordo-me, porém, que lhe respondi sempre de modo a despertar o mais franco riso do publico, como aconteceu no dia seguinte, quando publiquei o depoimento. Respondi-lhe que o que sabia, sempre por ouvir dizer, era que a policia preparara o conflicto, sendo elle, Valladares, alli em face, o encarregado pelo Ministro da Justiça de realisal-o. Que não vira o ataque exterior, por estar dentro da casa, e comquanto me chamasse Antonio e venerasse muito o santo do meu nome, não possuia o dom de ubiquidade que caracterisou o respeitavel frade. (Era uma allusão ao ministro Antonio Ferreira Vianna, Frei Antonio, como o chamavam, pelas suas profissões de fé religiosas e a sua residencia em um convento.) Que as balas naturalmente fôram disparadas pelos que estavam fora do edificio, pois não era natural suppor que os assistentes ao discurso tivessem o máu gôsto de sahir para a rua a dispararem tiros sobre a porta sem utilidade alguma. Que não puzera sobre a mesa nenhum revólver; e não puzera, mesmo porque o unico revólver de que usava nas minhas conferencias era o revólver da persuasão. Que não sabia se algumas pessoas se haviam retirado pelos fundos, por que os não vira, tendo por habito olhar sempre para a frente e nunca para os fundos dos edificios... Que não me recordava de facto de maior importancia depois do conflicto a não ser o orador ter entrado n'um café e to-

mado um refresco. Que não vira nenhum tenente de policia, tanto mais quanto o unico que conhecia, e isso mesmo havia poucos momentos, era elle, Valladares, delegado, medico e professor.

Por estas respostas, podem avaliar das perguntas do homem do fitão e da bandeira. Torcia-se impaciente na sua cadeira, e de tempos a tempos indignava-se:

— O sr. está-me debicando... Queira responder convenientemente.

— Meu caro senhor, ninguém respeita mais a sua auctoridade do que eu. Creia que este é o meu estylo, e o estylo é o homem. Eu sou assim. Demais, estou respondendo ás suas perguntas.

D'esta vez, ordenou ao escrivão que não escrevesse a minha resposta.

— N'esse caso, calar-me-hei. O senhor quer ou não quer ouvir-me? Não fui eu quem se dispôz a vir aqui palestrar comsigo.

N'outro momento, ia-se exaltando a ponto de tornar-se incompativel com a minha serenidade.

— Queira esperar um pouco, disse-lhe. A natureza tem necessidades inadiaveis. Onde é que...? Eu volto já.

E deixei-o ás môscas por alguns minutos, olhando o tecto, a vêr se lhe passava a raiva.

Quando sahi, não pude deixar de experimentar um sentimento de tristeza. Até onde tinha chegado a auctoridade em meu paiz, que se deixava zombar por um homem francamente revolucionario e adversario das instituições!

Como seria difficil reconstruir ahí o principio de ordem! Mas fôra rematada tollice tomar a sério semelhante gente,

e cahir no laço grosseiro de confessar com sinceridade apostolica as nossas represalias contra os que nos tinham aggreddido. De resto, ellas tinham sido abertamente expostas ao publico no meu manifesto, que por si só serviria de documento.

Pareceu-me que no dia seguinte, o chefe de policia abriu os olhos ao seu proposto, mostrando-lhe que fôra buscar lâ e sahira tosquiado.

Revestido então de uma santa cólera, o bravo cidadão resolve vingar-se. Cita Sampaio Ferraz; e ás primeiras palavras em que este declara a sua profissão de fé republicana, o feroz policial responde-lhe aos gritos, dizendo que não admittia caçoadas como as do sr. Jardim, e ameaça pôl-o fora da sala. Sampaio Ferraz fôra até dias antes promotor da Capital, posto que exercêra com estima e respeito de todos, e de que o haviam demittido por assistir á conferencia de 30 de dezembro. . .

— Vamos, camarada, obedeça, diz Sampaio á ordenança. Ponha-me fora da sala. . .

O bom soldado tinha mais juizo que o seu chefe, e conservou-se quedo, murmurando attencioso:

— Não, senhor doutor.

Entre os feridos de 30 de dezembro, estava do nosso lado um rapaz de côr preta, chamado Samuel, que dias antes entrara a meu serviço de escriptorio. Samuel era o que se podia imaginar de esperto e intelligente na sua raça. Todos os dias nascia-lhe um filho e adoecia-lhe a mulher, que ás vezes mesmo morriam, precisando elle, em consequencia, dinheiro para baptisados, medico, botica e para os enterros. N'essé dia 30, sendo-lhe perguntado o nome

pela policia, teve a idéa de acrescentar ao seu o de Wallace Mac Dovel. Chamou-se, pois, Samuel Wallace Mac Dovel, e com grande espanto viu-se, na lista dos feridos, o nome d'aquelle ex-ministro e grave conselheiro de Estado. Samuel dizia-se mahometano, embora affirmassem alguns que o conselheiro Ferreira Vianna o havia baptisado christão. Por outro lado, assegurava ter sido escravo do sr. Antonio Prado.

— Como ha de ser agora, senhor doutor? perguntou-me. Dei um nome que não é meu. Eu chamo-me Samuel de Almeida Prado. E o máu é que fui chamado novamente á policia.

— Dize que o teu nome é o que deste, e que o tomaste porque o achaste bonito.

Tambem o delegado fizera chamar-me de novo. Percebi que era uma acareação.

— Vê lá, Samuel, tu não me conheces. Repara bem que não quero comprometter-te.

Não houve meio do sagaz Samuel poder reconhecer-me.

— Então não conhece o dr. Silva Jardim? perguntou afinal o perspicaz delegado, abrindo uma sahida ao rapaz.

— Ah! o senhor é que é o dr. Silva Jardim! Uma pessoa tão falada! Tenho muita honra em conhecê-lo.

Fez o seu depoimento, e ao assignar lançou no livro uma série de linhas quebradas.

— Que vem a ser isto? pergunta o escrivão, levantando os oculos, depois de vêr o seu cartapacio cheio de riscos anti-calligraphicos.

— E' arabe, responde imperturbavel no seu sorriso de moleque velhaco.

Eu ria-me tambem á socapa.

— Arabe?

— Sim, senhor. Eu sou mahometano.

E, muito espantado:

— Esse livro em que eu jurei não é o Corão? Então meu juramento não vale.

— Se tu és arabe, diz o delegado, vamos vêr já. Vou chamar uma pessoa para falar comtigo o arabe.

E voltando-se para mim:

— Pode retirar-se, dr. Jardim.

Samuel apparece-me duas horas depois no escriptorio.

— Como te arranjaste com o arabe?

— Bem. O homem chegou, e eu perguntei-lhe: — *Salama-leke?* (Corruptela do Selamlik.)

Elle não me respondeu. Então eu disse-lhe:

— O senhor não sabe arabe. Estou-lhe perguntando como passa. Se o senhor soubesse arabe, respondia: — *Moleque come salame*, que quer dizer: — *Estou bom, muito obrigado.*

— E o delegado? perguntei.

— Garanti-lhe que a unica pessoa que podia conversar arabe commigo era monsenhor Brito.

— *Moleque come salame!* rimo'-nos todos a bom rir. — Vae-te embora, rapaz!

Enterrado, pelo Samuel, o tenente e mais o seu inquerito!

*
* *

“Somos muito frios quando nos animamos a falar no calor da acção,” dizia Macbeth. Era preciso agir, e cada vez com mais audacia, segundo a divisa dantoniana.

A *Carta Politica* de 6 de janeiro não promettia sómente o combate contra o throno; curava dos meios de proseguil-o, o que era urgente na situação em que se achava o partido.

Muitas conferencias se haviam realisado sem que os directores republicanos as tivessem assistido. Começava a alastrar um fermento de intriga, de preferencias e rivalidades, dividindo-nos, fomentado em muito pelos abolicionistas, mas infelizmente alimentado por alguns dos mesmos partidarios. De muito que eu o sentira, achando-o natural, e com exemplos no partido fluminense, que presenciara a triste polemica publica entre dois dos seus chefes, Aristides e Bocayuva; e vira como nenhum republicano conseguia ser o centro da acção do partido por um certo espirito de divisão e de maledicencia que tudo roía e estragava.

Decididamente o palacio de S. Christovam empestara a cidade do Rio de Janeiro a ponto de fazer com que fôsse levado do mesmo mal que dividia os monarchistas aquillo que a alma nacional tinha de mais puro e mais forte, o partido republicano. Suas faltas eram uma consequencia fatal do meio formado por uma cidade heterogenea, composta de uma amálgama de nacionaes e estrangeiros, des-

de o bairro dos Benedictinos onde só se pensava no café, a rua da Alfandega em que se tratavam jogos de bolsa, a rua do Ouvidor, frivola e maledicente, os bairros aristocraticos que a côrte fizera banaes pelo luxo immoderado e a vasa da população sempre disposta á desordem. No seio de tantos miasmas fôra preciso uma saude moral de ferro para resistir sem quedas: eu mesmo sentia ás vezes o desalento e a nostalgia, a saudade das paragens provincianas, onde se respirava certamente uma atmospherá moral mais pura.

— Vossa difficuldade é esta cidade, que entretanto eu amo e em que espero, dizia aos amigos. Faltava-lhe nervo; como que o calor e os pantanos tiram-lhe toda a fôrça. Reparem que enquanto em S. Paulo, por exemplo, o centro da actividade mental e da troca de idéas se constitue espontaneamente nas livrarias e nos escriptorios dos jornaes, aqui elle tem séde nos cafés.

— Quem sabe se o melhor não é fazer o movimento nas provincias? perguntavam alguns.

— Não, não se deve abandonar a propaganda nas provincias, porque ellas incitam a capital; mas aqui é que é preciso combater até vencer. As revoluções feitas no interior do paiz abortaram todas. O Rio de Janeiro monopolizou a vida nacional.

Eu retirara-me do escriptorio do velho Saldanha, e estabelecêra-me com Sá Valle á travessa do Ouvidor, 15. Despedira-me, porém, do bondoso chefe em boa paz, e pedira-lhe delicadamente demissão dos cargos officiaes do partido para dedicar-me sómente á propaganda. Era então membro da commissão de direcção no municipio neutro, da

commissão financeira, e redactor da columna do *Paiz*; ensaios de organização que lembrara, a vêr se uniamos todos os esforços. Queria deixar livre o campo a outras actividades, reservando-me uma plena liberdade de acção, assumindo as responsabilidades dos meus actos. Communicuei estas idéas a Quintino Bocayuva em longa conferencia, significando-lhe que a sua realisação não me tiraria do proposito de manter os melhores laços de fraternidade partidaria.

O episodio de 30 de dezembro determinou espontaneamente o comêço de solução da crise partidaria. O chefe republicano disse-me com franqueza e lealdade, n'uma conferencia que tivemos, que não podia assumir a responsabilidade da propaganda no tom de combate em que estava lançada, e encarregava Barata Ribeiro e a mim, de organizar um centro de direcção differente do que existia. Essa operação ter-se-hia realisado com accôrdo geral se a excessiva timidez de alguns companheiros não a tivesse feito abortar.

Que fazer? A situação não admittia delongas. Que o grosso do partido apoiava uma propaganda energica via-o eu pelo apoio constante á minha attitude. Rendendo justiça aos esforços dos antigos directores, declarei "continuar sob responsabilidade individual," que só o assentimento tacito ou expresso ao meu manifesto tornaria collectiva, a envidar os esforços para o ataque formal em todos os terrenos contra a monarchia. Justificava-me pessoalmente pelo não dever consentir no sacrificio de minha dignidade com a paralyção do movimento encetado, e considerava-me não chefe, mas simples centro de acção partidaria, cargo modesto, espontaneo e provisorio, que não si-

gnificava divergencias, luctas ou resentimentos, nem dava direito a nenhuma má vontade.

Antes de publicar o meu manifesto communiquei o meu pensamento ao redactor do *Paiz*.

— Acha n'isso motivo para que alguém se julgue magoado ?

— Não. De minha parte, só lhe direi que prosiga. Eu estou resolvido a descançar um pouco. Demais, permaneço no meu posto de imprensa.

Os esforços republicanos estavam muito isolados. Tudo me confirmava na resolução que tomara. Seria offender a alguém tomar o posto mais arriscado da peleja ? Havia n'isso vaidade ou ambição ? Um egoismo que pode levar a todos os sacrificios não é um egoismo.

E as adhesões que cobriram esse documento, em que expunha mais uma vez o programma republicano, qual o entendia, tornaram-n'o um verdadeiro manifesto partidario, e disseram que eu tinha razão.

No Rio Grande do Sul fez-se d'esse trabalho uma edição em larga escala. De todos os pontos do paiz recebia as adhesões as mais decisivas a que continuasse com vigor o movimento encetado. Se relato estes factos, não é para um só momento reavivar resentimentos, mas para minha justificação, de que procedi com sinceridade, suppondo bem servir a causa da Pátria, e bem interpretar o sentimento do meu partido. Aliás, este expressou-se entre os paulistas pela mensagem de São Carlos do Pinhal, coherente com o manifesto de 24 de maio, evidentemente revolucionario, expressou-se pela adhesão de Pernambuco, pelas manifestações do Rio Grande, e do Rio de Janeiro, confirmadas pelo

apoio entusiastico que em pouco tempo me ia prestar a Provincia de Minas Geraes.

Entre essas adhesões, algumas eram verdadeiramente significativas. Persuado-me de que não será inutil dar ao leitor conhecimento de algumas d'ellas.

I

DO CLUB REPUBLICANO DE CAÇAPAVA

Rio Grande do Sul

Directoria do Club Republicano de Caçapava, 24 de fevereiro de 1889.

Cidadão.—Este club, em reunião extraordinaria de hoje, realisada com o fim de se manifestar sobre o appello que fizestes aos republicanos em carta circular de 5 de janeiro ultimo, resolveu por unanime deliberação de seus membros: Que a sua Directoria vos officiasse declarando-vos que, concordes em todos os pontos com as conclusões, quer de ordem philosophica, social ou politica, a que chegastes em vossa carta, duplamente notavel pela energia máscula que revela e pelos profundos conceitos de sã sociologia que tão luzidamente resume, acceitamos de bom grado e jubilosos a vossa chefia como director do movimento revolucionario brasileiro, direcção que, nutrimos esperança confiante, será fecunda em resultados positivos á grandiosa causa que defendemos todos, com acrysolado patriotismo na relatividadê das nossas fôrças.

Esta confiança que em vós depositamos, devemos ser francos, não nasceu nem podia nascer, espontaneamente, sem a clara comprehensão de todo o seu alcance, nem tão pouco tem ella sua origem exclusiva no vosso talento, illustração e patriotismo, emfim, n'essa auréola gloriosa que circumda o vosso nome d'esde o dia em que vos envolvestes activamente na politica republicana.

Em nosso partido, que condensa em si a elite da nacionalidade brazileira, o patriotismo é commum a todo o cidadão que, como qualquer de nós, tem a compleição assás robusta para domar os instinctos egoistas subordinando-os aos instinctos elevados e nobres que caracterizam a humanidade; os talentos, tambem felizmente, não são raros entre nós, porque, obedecendo ás influencias do meio, d'elles irrompem profusamente, com o viço sadio das plantas nascidas em terreno uberoso que lhes favorece o desenvolvimento evolutivo.

A *nossa confiança em vós é, portanto, determinada*, acima do vosso talento aprimorado, acima do vosso patriotismo immaculado, acima da vossa actividade multipla e assombrosa, *pela vossa orientação philosophica, unica que consideramos capaz de guiar-nos* com sua luz intensa a salvamento no mar tempestoso da revolução que devemos em breve atravessar, sem abalroarmos os escolhos da metaphysica negativa onde têm naufragado alguns nobres e patrioticos tentamens dos nossos illustres antepassados. *Hoje*, que nos aprestamos para entrar na prática das idéas, cuja theoria temos préviamente, ha annos, propagado e diffundido pelas diversas camadas sociaes, *mais opportuna e proficua se torna ainda a vossa direcção positiva*, porque a sociologia nos

ensina que os erros theoreticos podem ser facilmente sanados por uma alteração ou modificação de forma ou de doutrina, porém que os erros práticos, escapando ás controversias serodias, são sempre irreparaveis.

Acceita pois por nós a vossa chefia, esperamos que nos indicareis qual a parte que nos deve caber na somma dos sacrificios que o patriotismo impõe n'este momento a todos os cidadãos, afixando-vos que o nosso club, apesar de sua fraqueza numerica, tem a necessaria homogeneidade para exercer acção benefica n'esta circumscripção municipal, e a exacta comprehensão da solidariedade que deve uniformisar o procedimento do nosso partido.— Saude e fraternidade.—Ao cidadão Antonio da Silva Jardim, digno chefe do movimento revolucionario do Brazil.—Presidente, Antonio Celso de Campos—Secretario, Antonio Osorio Torres de Figueiredo—Vice-Presidente, Antonio Carlos Oleques—1.º orador, João Rodrigues de Oliveira—2.º orador, Joaquim Vicente Machado—Thesoureiro, Innocencio Chaves Pinós.

II

DO PARTIDO REPUBLICANO DE PERNAMBUCO

Ao cidadão dr. Annibal Falcão

Illustre correligionario e amigo—O Directorio do Partido Republicano de Pernambuco reunido para deliberar sobre a attitude a assumir em face da nova situação creada ao nosso partido na Côrte, pelos acontecimentos posterio-

res ou consequentes aos factos do dia 30 de dezembro, resolveu dirigir-se a vós para pedir-vos que leveis ao conhecimento da actual Direcção Suprema do Partido Republicano Brasileiro o seguinte :

1.º Que vós, Cidadão e Amigo, vos deveis considerar como Delegado do Partido Republicano de Pernambuco, junto do governo central ahi estabelecido, para falardes e obrardes em nosso nome sempre que isso fôr necessario;

2.º Que os republicanos de Pernambuco vêm com satisfação o facto de ter o programma exarado em seu *Manifesto* merecido a approvação e o applauso da Direcção Central do Partido e julgam medida necessaria a adopção das idéas contidas em o dicto manifesto, como programma geral do Partido.

3.º Que os correligionarios d'esta provincia prestam adhesão e todo o possivel apoio moral á chefia suprema do cidadão Silva Jardim em quem reconhecem a competencia theorica e a aptidão prática necessarias para boa marcha e feliz exito da agitação republicana.

Assim pois, Cidadão, conta o Partido Republicano de Pernambuco que coopereis, em seu nome, para o bom andamento da propaganda, e quanto aos meios a empregar para isso, vos faz apenas uma observação, para a qual, entretanto, chama a vossa attenção e o vosso criterio ; é que vemos com pesar não nos ser possivel desde já offerecer-vos apoio material efficaz, dado o caso de um rompimento definitivo no sul contra o actual regimen. Não estamos, bem o sabeis, em condições de secundar um movimento de tal ordem, de modo conveniente e decisivo. Isto mesmo deveis communicar á Direcção Central.

Acceitae, Cidadão, os protestos de consideração dos vossos correligionarios de Pernambuco. Saude e fraternidade. — Recife, 4 de fevereiro de 1889 — Luiz Ferreira Manuel Pinheiro — José Isidoro Martins Junior — João Cardoso — Antonio Martiniano Veras — J. V. de Medeiros — Dr. Raymundo Bandeira — A. de Sousa Pinto — Dr. Albino Gonçalves Meira de Vasconcellos — Rodolfo Lima — Honorio Silva.

III

DO CLUB REPUBLICANO DE S. THERESA DE VALENÇA

Rio de Janeiro

S. Theresa de Valença, 24 de fevereiro de 1889 — Cidadão. — As inconcussas provas de dedicação á santa causa da liberdade e a inquebrantavel energia associada á intelligente direcção que tendes dado á propaganda collocam-vos no pinaculo do partido republicano. Sois o pharol d'onde parte a luz que tem necessariamente de guiar-nos ao porto de salvação. Assim, pois, bem interpretando os sentimentos de patriotismo e de dedicação dos eleitores republicanos da freguezia de Santa Theresa de Valença, o Directorio do club adhire *in totum* á vossa *Carta Política* de 6 de janeiro de 1889 e protesta prestar-vos todo auxilio em qualquer terreno.

Ávante, cidadão! Cumpre que o primeiro centenario da Revolução Franceza seja com enthusiasmo festejado no Brazil, despedaçando os grilhões pesados da monarchia e

promovendo a redempção de nossa Patria. A vós confiamos a realisação do nosso desideratum.—Dr. Torquato Rodrigues Villares — Com auctorisação do cidadão Domingos Theodoro de Azevedo Junior, Dr. Torquato Villares — Dr. João Alves Martins — Benjamin de Salles Pinheiro — Braz Carneiro Nogueira da Gama—Dr. Floriano Leite Pinto e muitos outros.

*

Transcrevendo estes documentos, faço-o na sua integra, e é por isso que elles levam as expressões de elogio á minha pessoa. De resto, ellas não me eram pessoalmente dirigidas, e sim ao orgão de uma idéa.

Estas mensagens dão ainda uma noção do sôpro de enthusiasmo revolucionario, mas seguro e reflectido, que corria pelo paiz.

Precisarei dizer que ellas eram o producto o mais espontaneo da vontade de seus auctores e não o resultado da menor caballa politica? Fôra injuria pensar sequer em fazel-o.

As assignaturas que as firmam são ouro de lei.

Eu não exigia, afinal, que todos trabalhassem na frente do exercito; o que eu pedia era o direito de combater. Fazia mal? A nação não desejava outra cousa.

*

* *

Um dia, pelas tres horas da tarde, estava com alguns correligionarios no meu escriptorio, um quasi ponto obrigado de palestra diaria para o grupo que de mim mais se approximava, quando vejo entrar um homem alto, magro, robusto, porte erecto, olhar rasgado, grande e brilhante, cabellos pretos, com umas entradas que significavam a idade madura, nariz recto denotando a fôrça, basto bigode de soldado, barba em suissas. Era acompanhado por um moço que reconheci logo ser o dr. Alfredo Madureira, joven advogado nosso correligionario.

— Meu tio, o tenente coronel Senna Madureira, apresentou-me.

Olhei com respeitosa curiosidade o possuidor d'aquelle nome que me habituara a ouvir com sympathia.

Trocamos cumprimentos.

— Tenho muito prazer e honra em conhecê-lo, sr. Tenente Coronel. Seu nome é grato a todos nós.

Conversámos um pouco em particular.

— Estou resolvido a não consentir nas affrontas que o Governo me quer fazer. Não é o despeito do momento que me guia, porque minhas idéas e minha attitude já são bem conhecidas.

— Oh! já o provou na questão militar.

— Quero conferenciar comsigo, que vejo que é um homem de acção, sobre o que poderemos fazer.

— Muito obrigado, Coronel. Creia que me honra muito a sua confiança. Partindo de um militar de sua patente e de seu valor, essa confiança é a melhor recompensa aos meus esforços.

Mas é melhor combinarmos uma conferencia n'outro ponto. Aqui poderíamos ser denunciados por alguém que nos visse... Sabe que o Governo tem espiões por toda a parte... e esta rua é muito frequentada.

— Está bem, vêr-nos-hemos em casa de meu sobrinho.

Marcámos dia e hora e despedimo'-nos.

— Vamos até a casa do Coronel Senna Madureira, disse eu a Annibal Falcão. Quero que você assista á nossa entrevista.

Tomamos o *bond* á rua de Gonçalves Dias, e seguimos na direcção de Botafogo. Eram 7 horas da noite.

— Podemos conversar, disse-nos o coronel.

— Não acha melhor que fechemos esta janella? tomei a liberdade de perguntar, fechando-a e lançando um olhar ao longo da rua.

— Para mim é indifferente. Estou disposto a falar contra este governo, e contra este regimen, de janellas abertas.

— Mas para mim é que o não é, expliquei sorrindo, desde que falo comsigo. Julgo tão valioso o seu auxilio que não quero que nol-o inutilisem por alguma imprudencia nossa, mesmo a mais generosa.

Tratámos os tres largamente do assumpto. Alfredo Madureira ora nos ouvia, ora se retirava. O Coronel queria preparar pela disciplina armada um batalhão civil para o dia do combate.

— E' impossivel isso, disse-lhe. Quaesquer exercicios mi-

litares seriam logo conhecidos pelo Governo que os impediria. Prefiro que armazenemos revólvers para distribuil-os no momento opportuno.

— Pois bem.

Então tratou-se do plano de combate. Eu deveria, como tinha projectado, seguir pela provincia de Minas, em excursão de propaganda, e, sob essa apparencia, angariar capitaes para a compra de armamento. Durante esse tempo, o coronel reuniria os seus elementos no exercito. Na volta eu realisaria um *meeting* revolucionario; ser-nos-hia licito provocar então de antemão os nossos adversarios a que nos atacassem. Travado o conflicto, enviariamos uma deputação ao exercito a que nos mantivesse o direito de reunião. Em seguida eu oraria á tropa que, guiada por Madureira, viria em nosso auxilio; mostrar-lhes-hia rapidamente a necessidade da proclamação da Republica, e juntos aos civís, marchariamos contra os ministros e o palacio de São Christovam. O resto, a combinar depois, e um pouco á aventura, como é fatal em todas as revoluções. O essencial era ter o exercito comnosco.

— E depois? pergunta Annibal Falcão com o seu espirito constructor, sempre preocupado do ponto de vista doutrinario.

— Não quero dictadura militar, diz Madureira.

— Sim, replico, mas forçosamente instituir-se-ha uma commissão dictatorial. No momento da revolução é indispensavel.

— Isso é outra cousa.

— E os ministros da guerra e da marinha serão militares, para que garantam a unidade da fôrça e se responsabilisem pela ordem.

— De accôrdo.

Era meia noite quando nos separámos depois de combinar uma segunda conferencia. Sentia-me levemente adoentado. Tinha vindo de São Paulo havia dois dias, onde deixara a familia, que ahi devia permanecer, enquanto durasse a minha excursão por Minas. Havia muitas noites que não dormia bem; passara a vespera da viagem de ida a São Paulo a corrigir discursos até á madrugada, seguira a tomar a familia, viajara o dia inteiro com o calor, velara Theophilo Dias que encontrara á morte, e conferenciara a tarde seguinte inteira com os chefes paulistas. Sentia-me resfriado. Quando, no dia immediato á noite, me recolhêra ao leito no hotel das Paineiras, no Corcovado, para onde Sá Valle instara que fôsse, e onde elle veraneava com a familia, senti os prodromos da molestia que devia rebentar grave na manhã seguinte, pondo-me entre a vida e a morte por alguns dias.

*

* *

São dôces os prazeres de uma convalescença. A gente sente-se renascer depois das crises por que passa o organismo. A pouco e pouco a natureza abalada retoma suas fôrças; o sangue começa a girar mais fresco pelas veias e o espirito corre como um rio tranquillo cujas vagas são pensamentos suaves. A molestia tem-nos distrahido de todas as impressões acres, e o repouso do corpo colloca-nos a alma n'uma attitude resignada e calma. Tudo é paz em tôrno de nós, pelo cuidado que se emprega em não nos ma-

guar ; uma atmospherá de recolhimento religioso cerca-nos na meiguice de uma fraternidade geral.

Eu gosei d'esses prazeres depois de um anno de luctas agitadissimas. Não ! a revolução, nem a do corpo, que a nós mesmos causamos pelo trabalho ou pelo gôso excessivo, nem a do espirito que os cuidados, os desgostos ou o estudo forçado nos determinam, nem a da sociedade, que os homens criam pelos seus desregramentos e que os reformadores fazem ás vezes rebentar como mal necessario, não é cousa natural. Naturaes são a paz e a ordem, n'uma liberdade serena. Nossa infeliz natureza é, porém, talmente constituida que quando gosamos o bem-estar da saude fatigamos o pobre pedestal do cerebro a ponto de abalarmos a séde de toda a vida, que n'elle se concentra, e de provocarmos de novo a doença. Eu sou dos que pensam que nós não morremos, nós suicidamo'-nos.

Pelas aleas da floresta do Corcovado passei essa convalescença agradavel, depois de uma molestia perigosa. Sa-hia pelas manhãs, bordão sob o braço, e penetrava na matta que cobre toda a montanha. Quem nunca passeou por estes logares, não sabe bem o que é a Natureza. O Brazil, mesmo o Brazil bello pelas opulencias da criação, está n'essa maravilhosa cidade do Rio de Janeiro. Para vê-lo, e para vê-la, é preciso subir, pela estrada do Corcovado, prodigio de arte, até o alto da montanha, até o seu pico, e d'ahi olhar o panorama extasiante. Chamam a este monte o Corcovado; eu o chamaria o Indignado; tamanha é a attitude de vigor que toma este grito da terra, esta convulsão da natureza, arrojando ao céo a perpetuação de uma revolta no dia do parto gigantesco do continente novo, dia

que a historia do homem jámais consignará ao certo... Que poder extranho de fôrça natural conseguiu erguer este gigante bruto até tamanha altura?...

Vê-se d'ahi a serra dos Orgãos, ao longe, azulado, onde o *Dedo de Deus* aponta o espaço; a cidade inteira, arquejando como um viajante fatigado que se deita ao chão de um bosque, n'um resfolegar de trens que partem, de carros que rodam; a bahia, com suas aguas tranquillias, lizas como uma camada de gêlo que se houvesse pintado de azul; Nictheroy com a sua casaria branca, ao longe, e a praia de Icarahy; além, o Mar, que não acaba, n'um rugido infinito, lembrando-nos mysterios do desconhecido, e insensivelmente ensombrando-nos o coração; d'este lado o arrabalde de Botafogo, o Jardim Botanico, e a Lagôa de Rodrigo de Freitas, em forma de meia lua, espelhando os montes. Que! é possivel ver reunida tanta cousa grandiosa?!

E quem quizer o repouso n'um silencio apenas cortado pelo grito de algum passaro, siga o antigo aqueducto. Era por ahi que eu passeava pelas manhãs, só e pensativo, a ensaiar minhas fôrças de convalescente. Uma vez, — era ao meio dia — extendi meus passos até á Ponte do Inferno, onde vi alguma cousa de gigantesco e temivel. A Ponte do Inferno é uma ponte de madeira e de ferro; os engates estão cravados na rocha que ascende á direita, e á esquerda vae descendo e descendo até o abysmo, d'onde nos vem um rumor confuso como de gemidos surdos, que a ventania produz, subindo pela pedra, aos encontrões com a vegetação. A velha ponte estava em ruínas; por um capricho de *touriste* atravessei os seus cento e cincoenta metros, agarrando-me aqui á calha que se estreitava, alli a um galho

de arvore ou a uma moita de arbustos. Em baixo, muito em baixo o Jardim Botânico ostentava a sua flora.

Meu amigo Nominato Lima e algumas senhoras que se haviam atrazado a conversar, passaram o resto do dia a censurar-me a imprudencia. Mas eu tinha visto alguma cousa de extraordinariamente bello, que só se vê uma vez na vida, nas poucas horas de lazer que a existencia atribulada nos deixa.

Andara bem perto da morte, por causa de uma febre que se declarara intensa e aguda. Julio Diniz, a quem fizera chamar, acudira, e com elle Barata Ribeiro. Felicio dos Santos havia subido para tirar de si uma ligeira mas importuna febre intermittente, e fôra o primeiro a medicar-me. Em seguida, os drs. Julio Brandão, Teixeira de Sousa, Stockler e Romagueira Correia se haviam collocado á minha cabeceira, a combater energicamente o mal. Os meus estimados esculapios discutiam entre si o caso, sustentando alguns que era de febre amarella, e outros que de febre perniciosa. Vão lá agora saber o que era! Se mesmo com a discussão de Barata Ribeiro em sessão da sua Academia de Medicina não ficou elle deslindado! O que sei é que me restabeleci... Faltava-me, entretanto, mais esta na vida: ser um *caso*, e mesmo um *lindo caso*...

Uma tarde li nos olhares pesarosos dos meus amigos que o meu mal parecia não ter remedio. Era uma d'essas enfermidades graves e agudas que nos minam a vida em poucos dias. Apesar de um subdelirio consciente, guardava intacta a razão, de modo a sentir o reconhecimento ao vêr-me numerosamente visitado, com um carinho fraterno, e ao saber, pelo pouco que me liam dos jornaes, o in-

teresse geral que despertava no publico a minha doença. N'esse dia chamei Luiz Pires, e declarei-lhe que me sentia mal, mas que queria morrer como tinha vivido. Não precisava de soccorros theologicos; julgava-me bem com minha alma, e morreria satisfeito com ter trabalhado pelo meu paiz, embora deixasse esposa e filhos, que estavam ausentes, e que eu impedira de virem vêr-me, no estado de epidemia em que se achava a cidade.

— O que te valeu, dizia-me depois o Julio Diniz, foi a tua boa organização cerebral. Tua serenidade salvou-te de perturbações que certamente seriam fataes.

Elles tinham sido inexcediveis de dedicação, os meus medicos e amigos. Vira-me tambem cercado por senhoras solícitas, que longe de abandonarem o hotel, acompanhavam o meu leito com cuidados cheios d'essa delicadeza que só as mulheres têm... Eram um consôlo alguns minutos de conversação, pela tarde, em que através das vidraças eu contemplava o cahir do dia, aos ultimos raios do sol que ia morrendo atraz das arvores da floresta.

Havia então ahi muitas familias e a sociedade era escolhida e agradável. Sá Valle estava acompanhado da sua estimavel senhora, Dona Sylvia, como sempre graciosa e amavel, receosa dos perigos da propaganda republicana e sempre n'ella interessada. Ahi estava tambem a familia de seu sogro, o illustre advogado dr. Busch Varella, *causeur* agradávelissimo, orador fluente e fino cavalheiro; estavam sua esposa e filhos, o distincto engenheiro Edmundo, e seu genro Samuel, não menos distincto, e republicano entusiasta. O Senador Barros Barreto era n'aquellas alturas um passeador infatigavel, um *alpinista* eximio, no

que estavamos de sympathia, e o que fazia com que nos entendessemos perfeitamente, máu grado as suas opiniões monarchicas. De resto, Madame Barros Barreto, assás conhecida no mundo fluminense por sua intelligencia, era uma correligionaria entusiasta, a quem eu chamava sorrindo de chefe . . . A Baroneza de Canindé encantava a sociedade, com o seu bom humor, os seus habitos europeus, livro na mão, no passeio matinal ou vespertino. Conversava-se, fazia-se musica. A gente divertia-se.

Foi ahi que conheci um dos homens que mais havia preocupado a attenção do Paiz, o barão de Cotegipe. Vivia retirado da politica, e desgostoso com a situação ; dizia-se que o Imperador procurara o seu apoio, duvidoso desde que a Princeza Regente lhe revelara má vontade, demittindo-lhe o ministerio. Foi Madame Barros Barreto, que me estimava bastante, quem me apresentou ao velho estadista.

Conversámos sobre politica. Que outra cousa poderiam dizer-se dois homens cuja preocupação quasi exclusiva eram os negocios publicos, embora a differença de idade.

— Seria para nós um prazer tel-o no nosso partido. Seria um chefe, disse-lhe eu.

— Estou velho. Mas —, e sorria —, pode estar tranquillo que eu não lhe faço opposição.

E não trepidou mesmo em revelar o desgosto que lhe causava a marcha que levava a politica.

Durante essa molestia annunciaram-me a morte de Senna Madureira. Ninguem sabia alli dos nossos planos; não me parecêra necessario revelal-os logo em seguida á nossa conferencia, nem mesmo aos amigos intimos.

Foi um golpe por que passei. Madureira fôra tomado de molestia aguda, que em poucos dias o matara. Era uma fatalidade. A Republica perdia um dos seus mais fortes braços; era enorme a falta d'esse homem, tão forte para com os grandes, quanto liberal para com o povo, soldado não eivado de militarismo, velho servidor da patria, um typo de cidadão!

— Não importa! pensei. Logo que me restabelecer continuarei do mesmo modo a trabalhar. Cumpramos o nosso dever, e deixemos o resto ao destino. Se não fizermos a Republica, os que vierem depois hão de fazel-a. Animo!

Era preciso, confesso-lhes, uma convicção bem segura e bem fria, uma resolução de ferro, consolidada pela reflexão e pelos compromissos solemnes, para lutar com ardor depois d'esse golpe. Que remedio! Minha posição era a do noviço que abandona o mundo: não havia recuar possível; o caminho era um só, e fatal como a lei natural pela qual um corpo lançado no espaço cáe irrevogavelmente em terra.

O dr. Nominato Lima fôra tambem passar alguns dias nas Paineiras, e fazia-me companhia. Levavamos horas a tratar do nosso partido, aconselhando-me elle com a sua experiencia, ouvindo-me, e animando-me. Era um republicano convencido, modesto, dedicado, um espirito trabalhado pela adversidade e pela meditação, moderado, mas cheio do desejo da victoria das nossas idéas.

— Então, quando partimos?

— Quando quizer, respondeu-me.

Estavamos a pôr em ordem a minha correspondencia, no caramanchão que olha o hotel. Por traz de nós José

de Mello, então gerente da casa filial David Corazzi, no Rio, assestava uma machina photographica com que distrahia por vezes a sociedade, tirando retratos ao ar livre, em grupos alegres e descuidados, e photographava-nos assim, *d'après nature*.

O Julinho, filho do dr. Julio Brandão, punha o sobrescripto nas cartas. Tinha doze annos, e fundara um club republicano no seu collegio. Possuira-se de enthusiasmo por mim e pela propaganda. A idéa republicana penetrara a massa popular, e o seio das familias, até a infancia.

Certa vez, n'um jantar, ergueu-se, e fez-me um brinde. Como lhe notassem, a sorrir, que o seu discurso fôra muito pequeno:

— E' que tinha medo de dizer alguma tolice, e envergonhar o Partido.

Envergonhar o Partido! Adoravel!

Como o Julinho appareciam-me muita vez pelo escriptorio bandos de collegiaes, a pedirem opusculos republicanos, e a tomarem informações. Nós os recebiamos com bondade, aconselhando-lhes sempre o estudo e a obediencia paterna, como dos primeiros deveres do bom cidadão.

Penhoravam-me o coração estas manifestações da infancia, retratos enviados do interior, cartas, delicadezas intimas... o perfume da rubra flôr de uma lucta politica revolucionaria!

D'ahi a dias, ainda mal seguro de fôrças, seguia para a terra mineira. Nominato levava o projecto de fazer-me descançar na sua vivenda do Guarany. Mas eu ardia em continuar a propaganda nas paragens em que havia um seculo Tiradentes sonhara a independencia da Patria.

*

* *

Eis-nos novamente a caminho. Agora vamos penetrar directamente no coração de Minas. A viagem será longa, porque o meu estado de saúde não me permite a marcha forçada. Será preciso orar n'um dia e no outro entregar-me ao repouso do gabinete. A excursão será dividida em partes.

I

DO CORCOVADO A GUARANY

Em que mez estamos? Fevereiro. A quantos do mez? Não me recordo, ao certo; pelo meado. A que horas? Pela tarde. Onde? Em Santa Theresa de Valença, na fazenda do commendador Domingos Theodoro de Azevedo.

Fôra grosseria não chegar aqui, especialmente para dizer adeus a este cavalheiro, a quem ainda não conhecia pessoalmente; tamanha tinha sido a delicadeza com que insistira a que eu viesse refazer fôrças na sua residencia de verão e sua lavoura.

O commendador Domingos Theodoro é um perfeito gentil homem. Dotado de fortuna, soube aproveitá-la, não sómente no cultivo de suas terras, que me mostrou, em pas-

seio a cavallo, e em que as plantações cuidadosamente tratadas revelam um espirito de ordem, mas ainda na construcção de um confortavel palacete de estio, n'uma emi-nencia, em que a brancura do edificio senhoril é realçada pela verdura da relva do jardim que o circumda. Todas quantas commodidades pode dar entre nós o gôsto e a arte, elle aqui as reuniu.

Acolhe-nos com surpresa graciosa, e apresenta-nos á sua familia, de que destacarei as filhas, excellentemente educadas, o que me causa prazer, por observar como em terra fluminense está adeantado o gôsto pela vida verdadeira-mente elegante, nobre e sã. E' para meu espirito um tanto esterilizado pelo combate politico agradavel vêr como esta gentil donzella monta bem o seu cavallo, n'uma energia commedida e fina, de quem apprendeu equitação; como canta, como toca o piano, como conhece as litteraturas e as linguas. Meu prazer augmenta em vêr como est'outra está de posse dos segredos do desenho, da pintura e da paizagem. Comprehendo então o ar jovial, de um homem satisfeito de sua saude, de sua posição e de sua consciencia, que o commendador manteve sempre, n'uma delicadeza ininterrompida de maneiras, n'um aspecto seguro de chefe de familia estimado. E' republicano convicto, acceita mesmo a revolução, mas é sobretudo um espirito conservador, conciliando as aspirações de liberdade com o acatamento e a observancia das tradições religiosas, que respeito, embora lhe declare o meu modo de pensar differente.

Tinhamos viajado em trem de ferro quasi toda a vespera, porque só á tarde haviamos chegado a uma especie de estalagem, no Porto das Flôres. Fizemos camaradagem

com um moço, bom republicano, Netto dos Reys, de familia muito approximada do Paço Imperial, o que lhe augmentava, a elle, o merito das convicções. Estavamos n'um ponto em que Minas confina com a provincia do Rio, onde nos entreteramos a atirar ao alvo de uma terra a outra, e a conversar cousas da Republica com um barão, nosso amigo, o barão de Santa Fé, cuja physionomia expressiva ainda tenho impressa na mente.

A' tardinha, tomaramos um carro, e fomos ter á fazenda do dr. Braz Nogueira da Gama, de familia nobre, tambem divorciado do throno. Recebidos com agasalho fraterno, ahi passamos a noite, e no dia seguinte haviamos visitado a herdade do dr. Braz e a casa nova, edificada em bôa altura.

A chegada do propagandista republicano punha em regra as familias em alvorôço. Era tanto o ruido que se fazia em tórno do seu nome, que a imaginação popular e infantil se inflammava.

Braz da Gama tinha um filho, um rapagão de seus nove annos, que, habituado ainda á linguagem monarchica, dizia n'esse dia, cheio de enthusiasmo :

— Hoje é que eu vou ver o meu Imperador !

E depois, reflectindo :

— Papae, Silva Jardim é homem ou mulher ?

Ingenuidades puerís, mas que denotam a penetração de uma idéa, e dos seus homens nas ultimas camadas pensantes.

Depois, penetraramos de novo na matta, encontrando de espaço a espaço o regato que corria entre pedras, reflectindo o espesso arvoredado, os troncos annosos, os cipoaes

que pendiam, as largas folhas das plantas aquaticas, as nuvens que nas clareiras atravessavam o céu ou os troncos que alli e acolá se destacavam na queimada, e as nossas figuras a cavallo, cuja sombra tremia nas aguas, e o passaro que atravessava rapido o ar, com as azas abertas, desferindo um grito, canto selvagem, de susto talvez pela approximação do homem.

Estivemos ahi uns tres dias, eu, repousando, e o dr. Nominato muito satisfeito d'aquelle socêgo patriarchal que se casava ao seu temperamento tranquillizado pela lucta da vida. N'uma tarde, os pretos das fazendas proximas haviam chegado a fazer-me seus cumprimentos, á moda d'elles, entoando as canções costumeiras, dansando no terceiro á sombra da folhagem... Fizera-lhes um discurso em estylo apropriado, no que fôra acompanhado pelo meu amigo, e garantira-lhes que a nossa Patria, de que elles eram agora cidadãos, cuidaria dos seus direitos. Tinham-se ido embora muito contentes com o "moço".

— Realmente, são grandes os nossos compromissos para com esta gente, pondero no salão á sociedade, em que estavam muitos correligionarios que tinham vindo visitar-me.

— Mas espera-se muito do doutor, diz-me com gentileza uma das senhoras.

— Ah! minha senhora, respondo, fazem mal. Eu não posso esperar tanto de mim. Emfim, farei o possivel.

Momentos antes abraçara o dr. Torquato Villares, honrado medico, influencia local, nosso excellente companheiro. Um d'esses espiritos educados no socêgo provinciano, forte de corpo, habituado á independente e nobre

profissão de medico do campo, a minorar os males alheios com sacrificios que lhe valiam a amizade geral.

Eis-nos continuando a viagem, buscando o Mar de Hespanha, antigo arraial do Cágado. Porque assim chamaram a esta pequena cidade, não sei. Um dia quizeram mudar-lhe o nome. Um amigo do throno propoz que se chamasse *Isabelopolis*, em honra de Isabel. Mas um correigionario patusco:

— Se assim é, eu prefiro que se guarde a tradição, e que se accrescente a particula grega ao antigo nome. . .

Risos, como são os risos do povo, e a princeza deixando de dar o seu nome a uma cidade.

Esse nome Cágado, talvez recordação de algum vagaroso amphibio, ahi primitivamente encontrado, dava lugar a embarços de linguagem. Assim, na revolução de 42, querendo o major Galvão arengar ao povo do lugar, começou:

— Cidadãos cá . . .

E a cacophonia fatal a atrapalhar-lhe a perlenga monarchica.

Mar de Hespanha, a 450 metros acima do nivel do verdadeiro mar, recebeu dignamente a propaganda republicana. Esperava-me na estação o dr. Gonçalves Ramos, que me convidara a falar ahi; e seguimos até a povoação em *trolly*, que atravessava as plantações, pela estrada de barro vermelho, pelo meio do morro. Conferencieei sentado; a fraqueza não me permittia ainda ter-me de pé, e o esforço e as emoções do discurso além da viagem e da marcha a pé pelas ruas fizeram-me mesmo peorar de uma perna, onde as injecções que me haviam feito tinham produzido feridas ainda não cicatrizadas. Felizmente um grupo de filhos de Hippocrates composto dos drs. Ramos, Costa Reis,

Caldas, Necezio Tavares, ahi estava para minorar-me o soffrimento, aliás ligeiro.

Todos elles eram republicanos, o que verifiquei depois ser commum entre os medicos mineiros, emquanto que os advogados, como em toda a parte, conservam-se na expectativa. Singular, esse estudo de Direito que não consentira ainda a seus discipulos acertarem com a linha exacta da politica do Paiz! E' que o espirito metaphysico dos nossos cursos juridicos, a organisação escolastica das academias, e a obediencia cega e jesuitica, ahi exigida pelos lentes, para com a Congregação, a Constituição, e as instituições juradas, tiravam aos cerebros pouco aptos á duvida e á revolta a clarividencia de um juizo seguro sobre as cousas; e a independencia de apreciação e de procedimento na vida. De resto, havia sempre no horisonte do bacharel a perspectiva corruptora de uma cadeira de juiz, que só o conselheirõ X lhes podia assegurar, a trôco de um voto certo, ou de uma cadeira de deputado, para a qual valia tudo a votação que o commendador Lopes e o coronel Mello podiam garantir, com o compromisso de que a localidade lhes ficaria sob o mando, desde o sino da igreja até as armas do quartel. Para isso era preciso não se incompatibilisar com o sr. conselheiro Sariva ou com o sr. Barão de Cotegipe, conforme a situação lósse conservadora ou liberal. Eram assim as cousas, em regra, infelizmente; e por outro lado, não tinham a maior parte dos referidos politicos a coragem para combaterem directamente os republicanos. Esperavam... Mais vale quem Deus ajuda que quem cedo madruga.

Agora chegamos ao Guarany. E' uma pequena freguezia,

onde o meu amigo Nominato tem a familia, e onde ser genro, o dr. Martinho Rocha dirige o partido. Em caminh encontramos muitos correligionarios, e nos recordamos com prazer do discurso de Mar de Hespanha, assistido pelas senhoras, e da palestra do jantar, com os amigos tados, e mais, o dr. Roquette, o dr. Leal da Cunha, e outros, na intimidade da vida mineira. Aqui o homem é simples, natural, franco e forte.

A cozinheira do meu amigo Martinho Rocha põe-me em contacto especial com os acepipes d'esta terra, onde Brillat Savarin encontraria os germens geniaes da sua difficil e importante arte, tão variavel de paiz a paiz, não obstante a invasão dos mestres francezes.

Assim, se em São Paulo é tradicional o virádo de feijão, acompanhado do picadinho de carne com couve, aqui é cousa especial e não pouco gostosa o angú, feito de bôa farinha de milho, que se come agradavelmente com um guisado de carne convenientemente partida em pequenos pedaços, e acompanhada de um caldo apimentado. Enão ha rivalisar com estes fornos, no bem saberem tostar um leitão que se lhes apresenta quente e saboroso, com as patas ao ar em attitude de supplica, o corpo salpicado de rodellas de limão, e o focinho estirado, em que a bôcca aberta d'onde sáe um ramo de salsa, mais parece declarar o desespero do seu fallecido proprietario que o desejo de ingerir aquella verdura que por escarneo alli lhe põem como ornato. Mas eu não quero encher-lhes a bôcca de agua ao descrever-lhes estes acepipes, como a mim me acontece só em lembral-os; nem quero cahir em pleonasmos descriptivos falando-lhes do tradicional queijo de Minas.

Parece que tinham ahi o proposito firme de cevar-me, n'uma engorda que os meus adversarios não deixariam de assignalar como uma defecção dos bons principios politicos, porque o coronel Ladeira, nosso correligionario, offerencia-me tambem, n'uma bella manhã seguinte, um lauto almô-n, na sua fazenda.

Para ficar, porém, em paz com a consciencia, depois de ter dado ao corpo o que elle exigia, com o appetite de um convalescente que gosava as saudades da mesa, entretenho-me a vêr o systema de trabalho e o modo por que o Coronel inaugurava o regimen colonial na sua fazenda.

Alguns pretos que se haviam retirado, sem cerimonia de despedida, á franceza, como nós dizemos; voltavam ao serviço; mas o fazendeiro esperava mais forte auxilio da parte dos colonos italianos que introduzira, e que, como vi, estavam muito satisfeitos.

— É minha opinião, dizia-me, que esta é a nossa melhor immigração. Esta gente habitua-se facilmente aos nossos costumes, apprende depressa a lingua do paiz e supporta perfeitamente o clima.

— É natural. É da mesma raça latina e habitam os climas do sul da Europa. E os nacionaes?

— São um auxilio, mas não podemos contar exclusivamente com elles. Nunca soffreram a miseria, teem poucas necessidades, poucas aspirações, e por isso desde que ganham algum dinheirinho vão gastal-o. Olhe, aquelle que alli está, logo que apanha vintem vae para a *venda*.

— Resultados da escravidão. Foi um horror para nós essa instituição maldicta: estragou os brancos e os pre-

tos. É preciso, porém, ter paciência e ir aproveitando os libertos.

E dirigindo-me a um grupo de pretos, que estacionava á parte, separado dos italianos :

— Rapazes, vocês são brasileiros, e por isso devem trabalhar na nossa terra para tirar vantagens d'ella. Hoje vocês trabalham para si mesmos, não trabalham mais para nenhum senhor. Devem ser amigos d'esses homens que veem de outros paizes, mas devem trabalhar ainda mais que elles; do contrario vocês é que hão de soffrer. Elles virão para aqui em porções, os fazendeiros hão de gostar mais d'elles, e vocês ficarão sem trabalho.

Um, mais intelligente, levantou o olhar, e disse:

— Isso é verdade, *sinhó*.

Volto ao Guarany, e leio a minha correspondencia, que chega do Rio.

N'estas paragens do interior é sempre um prazer receber algumas linhas de um amigo, ou lêr os jornaes. As novidades locais não são bastantes á nossa curiosidade, mesmo porque não existem.

D'entre as cartas que recebi, uma, de Quintino Bocayuva, anima-me a continuar a propaganda. "Applaudo a abnegação com que continúa no seu apostolado republicano, dizia-me o illustre membro do Conselho Federal. Que lhe não falte a saude é o que de coração lhe desejo.,

E contava-me seu estado melindroso de saude, o que o obrigava a desejar entregar ao proximo Congresso a jurisdicção que por molestia do velho chefe lhe passara ás mãos, e "recolher-se á sua guarita jornalística, onde, como sentinella republicana e guarda voluntario, continuaria a

prestar os serviços possíveis á causa que tanto nos merecia.,,

Era de lastimar a situação da direcção official do partido, e ella obrigava cada soldado a um maior esforço. Assim o comprehendí, tendo-o aliás previsto de longe.

— É ir para deante, diz-me o dr. Nominato.

II

DO GUARANY A PONTE NOVA

— O Silva Jardim?

— Sim, senhor, elle mesmo.

— Pois venha de lá esse abraço, homem!

Quem assim me falava era o dr. Camillo de Moura Estevam, medico em Ubá, chefe republicano e homem notavel por mais de um titulo. Tinha vindo visitar-me, no Guarany, e voltaria no mesmo dia á sua cidade, afim de preparar alli a conferencia republicana.

Nossa agitação estabelecia um sentimento de communicabilidade excepcional entre os habitantes d'estas povoações ligadas pela estrada de ferro. Eu era sempre acompanhado por cinco e seis correligionarios, alguns dos quaes tornava a vêr depois, de surpresa, n'outra localidade. Alguns faziam mesmo o sacrificio de deixar as suas lavouras para virem vêr-me e acompanhar-me. Estavamos, demais, na região da Matta, em que o clima é mais humido e mais quente, a vegetação mais exuberante e os homens mais ardentes. A vida não é muito intensa nas cidades,

em regra pobres de construcção, mas em compensação é activa nos campos, nas fazendas. O mineiro faz pouca questão da exterioridade; é rustico, economico, sobrio, pouco amigo de novidades desnecessarias. Tem o sentimento politico muito desenvolvido e o espirito de amor á terra natal proximo, ás vezes, do chauvinismo. Entretanto n'esse momento corria a provincia uma lufada de sentimento geral, patriotico, para a redempção da patria inteira.

Camillo de Moura era um homem gordo, baixo, louro, musculatura de ferro, barba espessa e descuidada, cabellos mal tratados cahindo-lhe sobre a frente, tez vermelha, olhos castanhos. Um sorriso constante de forte pairava-lhe sempre na physionomia, trazendo-lhe os labios meio descerrados. Era um revolucionario, temperado pelo desejo da victoria, e pela vida dura do interior. Clinicava, e como tal, era o pae da pobreza; tinha tambem uma lavoura. Sua gloria era a estima que o povo lhe votava, principalmente o povo de Ubá, "o seu paraíso", como chamava á cidade.

Tinha uma maneira rustica e decidida de falar, sem reboços, mas não despida de certa astucia e finura. Construiu espontaneamente para seu uso um vocabulario especial. Falando-se de alguém de cuja firmeza politica elle duvidava:

— Jardim, aquelle sujeito não é um character, é um *character*.

E assim definia o individuo.

Contava-se d'este homem um acto de excepcional generosidade que lembrava os tempos de heroico cavalheirismo

e de alta fidalguia. Um inimigo atacara-o á traição, n'um caminho deserto, disparando-lhe um tiro.

Camillo corre atrás do assassino, atira-o ao chão, consegue subjugal-o mesmo gravemente ferido, e vae matal-o em justa defesa. O miseravel, porém, implora-lhe perdão.

— Vae-te, desgraçado, brada-lhe elle, arrojando de si o infeliz. E exausto de fôrças, cae para o lado, banhado em sangue, quasi morto, até que os amigos, os clientes, a população toda, sabendo do facto, viera buscal-o.

— Como se foi você de Rio Novo e Pomba? perguntou-me, já com familiaridade.

— Bem. Em Pomba fui muito bem recebido. Fizeram-nos um bello acolhimento, e a conferencia correu muito applaudida.

— Esteve magnifica, atalhou o dr. Nominato.

— E o Dutra Nicacio?

— Esteve comnosco. Falou. Tem qualidades oratorias. É um rapaz aproveitavel.

— Você gostou da cidade?

— Gostei. É de estylo antigo, mas bem situada. Visitei á tarde os arrabaldes, e á noite entretivemo'-nos a vêr a bibliotheca e a ouvir as bandas de musica que tinham vindo saudar-nos. Ficámos encantados com o povo.

— E como correram as cousas no Rio Novo?

— Bem, do mesmo modo, mas com menos enthusiasmo. Fômos em companhia do Dutra, e com elle vimos a cidade. O dr. Jacob Paixão recebeu-nos com muita gentileza. Não houve opposição alguma á conferencia. Visitei tambem uma eschola primaria de meninas. Parece-me que em materia de instrucção publica, segundo as informações da

professora, e pelo que pude observar, vocês estão muito atrasados.

— Uma miseria! disse o Camillo. Uma miseria como tudo o mais. O que quer você que se faça com governos d'esta ordem, com esses politiquinhos que vivem sómente a encher a barriga, deixando o povo na pobreza e na ignorancia?

— Faz-se na verdade muita politica entre nós, disse eu.

— Qual politica! O que se faz é uma politicagem muito réles, descuidando-se das necessidades publicas. Vamos vê se com a Republica isso melhora.

— É de esperar.

— Se vocês não endireitarem essa historia, estou outra vez na opposição. A proposito, você sabe que é o nosso candidato na proxima eleição?

— Já me disseram isso. Mas não seria melhor escolher alguém do lugar?

— Não, senhor, está decidido, será você. Tem estado na frente e precisamos de si na camara para combater o governo em regra e em toda a linha.

— Bem ; isto é lá com vocês. Eu estou na propaganda. Você sabe que a Bahia me apresenta n'esta eleição?

— Li isso. Mas o partido lá é fraco.

— É uma candidatura de propaganda apenas. Comtudo, escrevi de Rio Novo a minha circular, e enviei-a á imprensa e aos amigos bahianos.

— Em que termos a redigiu?

— Aproveitei o ensejo de ser pela primeira vez apresentado candidato, para declarar-me inimigo franco do parlamentarismo, que é cousa muito diversa do regimen

representativo, de que sou adepto. E, embora o Brazil tenha hoje um *Parlamento*, em que se pratica um regimen v~ao em que se fazem e se desfazem ministerios e em que se atrapalha a administra~ao, se disputo ahi um logar, é para destruir a um tempo as duas instituicoes — parlamento e throno.

D'ahi seguimos para Ubá. Lá encontrámos de novo o Camillo.

Á conferencia compareceu Cesario Alvim. Conversámos largamente. Não se resolvêra ainda a declarar-se republicano, e entretanto era essa a aspiração de todos os seus amigos. Comtudo, via-se que suas tendencias de opposicionista e os desgostos que a politica imperial lhe haviam causado, o levavam já a inclinar-se para o nosso partido. Não obstante, dizia confiar ainda no Senhor D. Pedro II.

— Apreciei muito aquella sua idéa de realisar conferencias federalistas pela provincia, lhe disse eu. Prepararam o espirito do povo para a nossa propaganda. Notei mesmo que depois muitas camaras municipaes de Minas acompanharam as de S. Paulo no apoio á camara de São Borja.

O grupo republicano é já numeroso em Ubá. Camillo era auxiliado pelo dr. Mares Guia e por outros. Era um trabalhador infatigavel, e extendia sua influencia até á cidade do Rio Branco, e localidades circumvizinhas. O eleitorado respeitava sempre as suas decisões.

— Quem o acompanha até Rio Branco é o Verissimo, disse-me Camillo.

O Verissimo era o pharmaceutico Verissimo Lage, um rapaz muito habil, excellente conversador, entusiasta, exag-

gerando ás vezes mesmo os recursos com que pudesseamos contar.

Havia pouco tempo que se tinha realisado um congresso republicano em Ouro Preto, capital da provincia, baluarte monarchico, e o cidadão Verissimo tomára ahi a palavra em estylo ultra-revolucionario contra o throno.

Não encontrei obstaculo algum na cidade do Rio Branco, antigamente chamada Presidio, e que é uma pequena localidade. Ahi conheci o dr. Sousa Lima, pernambucano, que a habitava de velha data, e que dirigia o partido, presidindo o directorio local. Em regra, em cada villa ou cidade havia um *comité* republicano, presidido pela personagem mais influente do partido. Era um meio de disfarçar a auctoridade do chefe, e de contrapôr uma organização mais democrata á organização auctoritaria dos liberaes ou dos conservadores.

Fazia um calor desmedido, calor de fevereiro em pleno campo. A conferencia realisou-se sob esta temperatura ardente, n'uma pequena sala. O auditorio era quasi todo composto de homens da roça, simples e sinceros; acompanharam-me toda a tarde, mesmo no hotel para que me retirei.

— Veja isto, dizia eu ao cidadão Verissimo, mostrando-lhe alguma cousa d'entre os meus papeis, quando descansava, a trabalhar de gabinete. É um projecto de bandeira republicana.

— Ah! é necessario estar tudo preparado para o dia, responde com enthusiasmo.

— É um esbôço ainda. A bandeira que Julio Ribeiro idealisou e que o Club de S. Paulo e o Club Tiradentes

adoptaram, é simples, mas muito monotona; uma successão de listas que fatiga o olhar. A idéa das vinte e uma estrellas, para significar as vinte e uma provincias, não me parece boa, porque, naturalmente, com o tempo, nós modificaremos a divisão politica, e será preciso estar a modificar a bandeira, que de sua natureza deve ser uma cousa fixa. Melhor idéa vi em Campos, em casa de Pedro Tavares; sobre o escudo actual, levemente alterado, elle puzera o barrete phrygio. No meu projecto, que obedece á evolução historica da humanidade e do Brazil, o páu da bandeira, como vê, termina por um condor — é a tradição romana modificada na America; o panno da bandeira contém no fundo, em tinta pouco viva, as côres correspondentes ás tres raças — a preta, a vermelha e a branca, que compõem ethnographicamente a nossa nacionalidade. Sobre este fundo, o escudo brasileiro, tal como na bandeira actual; significa o espirito de defesa, e é rodeado da canna e do café, nossas culturas do norte e do sul; tem no centro o globo, e atravessando-o, uma ancora, que representa a fôrça maritima, e ao mesmo tempo o commercio, como o escudo significa especialmente a fôrça publica de terra. Pode-se ainda collocar de um lado do escudo o cavallo, e do outro o boi, representando a industria pastoril do sul e norte. Todos estes symbolos são das fôrças conservadoras e estaticas da Nação. Sobre o escudo, e para significar a fôrça progressiva, de movimento popular, o barrete phrygio, caracteristico proletario.

— Muito bem! muito bem!

— Vê por ahi que as tres raças, a classe militar de terra e mar, a classe agricola e pastoril, o commercio, são re-

presentados, ao lado do passado latino e americano, da mesma arte que o mundo inteiro, pela idéa que o globo inspira. Resta realisar o desenho que lhe mostro, e ver o effeito que produzirá em grande.

— Vejo que pensa em tudo...

— Assim é preciso, meu caro. Seria triste que a Revolução nos encontrasse desprevenidos. Sabe que não se perdôa ao capitão que diz “eu não cuidei.”

D’ahi seguimos para Ponte Nova, onde já eramos esperados, e onde tive occasião de conhecer chefe do Partido, um cidadão cujo nome a memoria me repelle, Vieira, talvez, mas cujo semblante guardo; um bom e dedicado correligionario, homem sensato e cavalheiroso; e o dr. Benevenuto Lobo, filho sobrinho de Aristides Lobo, ardente revolucionario.

Como sempre, tudo correu entre applausos, flôres, festas, e adhesões.

Ao voltar, deixámos o trem de ferro, e concluimos a cavallo a viagem até Rio Branco. Eramos um grupo numeroso. Havia para o meu espirito um certo encanto em galopar pelos campos, assim, á fresca do crepusculo, aspirando largamente um ar puro, ou seguir ao passo do animal, conversando politica com o dr. Carlos Reis e outros, n’aquelle socêgo da roça, vendo ao longe um animal que tresmalhava, aqui um trabalhador que voltava á casa com a enchada ao hombro, e além as ultimas nuvens de fumo da queimada que se extinguia.

— Máu habito este que os fazendeiros teem tomado, de pôrem fogo ás mattas, sem as replantarem, ponderei eu. Abusam, pensando que a floresta virgem jamais se exgot-

tará. Já em 1823 José Bonifacio predizia grandes seccas provenientes da devastação das florestas.

— É o que falta aos nossos lavradores, uma educação scientifica, responde-me o meu companheiro. E dizer que uma provincia como Minas não possui uma eschola agricola, onde se ensinem aos moços os novos processos d'essa arte, as noções das sciencias naturaes que lhes são indispensaveis, e o mais!

— Que quer? O Imperio nos tem doutorado e bacharelizado a todos; e só quando o rapaz vadio ou estúpido não entra na Academia é que volta para o trabalho da roça, a seguir as mesmas praxes que o paiz encontrou do avô...

III

DE PONTE NOVA A SÃO PAULO DE MURIAHÉ E AO PATROCINIO. CORRESPONDENCIA ENTRE REPUBLICANOS.

TAPIRUSSÚ, 8 de março de 1889. — Meu distincto correli-gionario e amigo, dr. *** — S. Paulo de Muriahé. — Conforme seu desejo, dou-lhe noticias do nosso movimento aqui.

A propaganda continúa muito bem. Soubemos ha dias que Minas acabava de eleger um novo deputado republicano. É o dr. Lamounier Godofredo, advogado na capital de São Paulo. Esperamos que elle honre nossa idéa na Camara. Sua eleição foi muito disputada, mas afinal venceu por uma boa maioria.

O Silva Jardim aqui chegou, hospedando-se em casa do

dr. Costa Reis, de cujo sitio muito gostou. Fez grandes elogios á natureza de Minas, referindo-se aos logares por onde passou. Falou com enthusiasmo das paizagens que se gosam na estrada de ferro que leva á Ponte Nova, d'onde se desfructa em grande altura um enorme horisonte. Comparou a impressão de majestade que ahí sentiu á que teve quando de Petropolis para o Rio descendo a serra, avistava ao longe o mar, de uma grande elevação. Referiu-se tambem com elogio ás margens da Estrada de Ferro de Leopoldina, entre Ubá, e Cataguazes. Elle gosta de distrahir o espirito com a contemplação das bellezas naturaes.

Em Cataguazes os nossos correligionarios fizeram-lhe uma grande manifestação. Como sabe, o partido é ahí poderoso, o que se deve á intelligente direcção do dr. Gama Cerqueira. Temos mesmo um jornal, *O Povo*, muito bem redigido por um moço talentoso, um Estevam de Oliveira, que nos tem prestado bons serviços. Entre os rapazes que mais o auxiliaram, cita o Julio Borja. O Jardim está muito bem impressionado com os nossos costumes, e com a generosidade do nosso povo. Os correligionarios mineiros, sabendo que elle não é homem de fortuna, e que tem já feito sacrificios de dinheiro na propaganda, não o deixam fazer quasi despesa. Além de que elle é sempre acompanhado de uma comitiva.

O Nominato, de quem é muito amigo, deixou-o em Cataguazes, e o Gama Cerqueira acompanhou-o até aqui.

Nossos correligionarios acompanham-n'o para evitar que se faça alguma violencia ao propagandista. Constou-nos que de um ponto a outro do comêço da excursão fôra seguido por espiões do governo, que, depois de descobrir

tos, o abandonaram. Elle, porém, pouco se preoccupa com isso, e anda sempre desarmado.

Em Leopoldina quizeram offerecer-lhe difficuldades á conferencia, e o peor é que esses embaraços, embora puramente moraes, vinham dos proprios correligionarios. Consta haver uma tal ou qual divergencia de vistas entre o propagandista e alguns chefes fluminenses; elle, porém, jamais se refere a isso, e fala sempre dos collegas com sympathia. A direcção do partido em Leopoldina declarou-lhe em Cataguazes que desde que elle não vinha em character official ella não podia dirigir a conferencia officialmente; mas Silva Jardim respondeu-lhe que nunca pedira licença a ninguem para fazer a propaganda da Republica, que sabia que em Leopoldina teriam prazer em ouvi-lo, e que dispensava qualquer concurso official: que para lá seguiria, alugaria uma sala, e realisaria a conferencia. Em vista d'esta firme resolução, — porque o nosso homem é teimoso — desappareceram as objecções, e o dr. Ottoni e outros estiveram a seu lado durante o discurso que foi muito applaudido. O dr. Gabriel Magalhães, que tinha principalmente os escrupulos que te referi, estava ausente. Attribuo essas preoccupações mais a uma idéa falsa do trabalho do propagandista, que a má vontade para com elle. O que nós queremos é a Republica, pouco nos importando quaesquer questões de chefia.

Silva Jardim visitou a *Irradiação*, jornal do dr. Theophilo Ribeiro. É uma folha em cuja typographia trabalham as proprias filhas do dr. Theophilo, que é muito das idéas norte-americanas. As môças occupam-se tambem dos trabalhos de redacção. O Jardim teve muita satisfacção em

conversar com ellas, em lêr ahi jornaes dos diversos pontos do paiz, em conversar com o Theophilo, etc.

Desejo que Você me diga como teem corrido as conferencias ahi. Nós aqui só teremos noticias d'ellas de torna viagem, pelos jornaes do Rio. Aperte a mão ao sêu correlligionario e amigo obrigado,

S. P.

POST SCRIPTUM. — Esquecia-me noticiar-lhe uma circumstancia curiosa. Quando o propagandista desembarcou n'esta estação, veiu ao seu encontro uma menina, filha do Leoncio Costa, vestida a character, symbolisando a Republica, e offereceu-lhe um *bouquet* de flôres. Ia-lhe muito bem o barrete phrygio na cabeça. Foi uma idéa feliz, que commoveu o nosso Orador.

Amigo e correlligionario. — Fico-lhe muito obrigado pelas noticias que me dá da nossa propaganda. Estou vendo já proximo o dia em que nas montanhas mineiras havemos de levantar o brado da liberdade, mas d'esta vez completa, por inteiro. Minas ha de ser sempre a terra de Tiradentes, a terra que recebeu Pedro I ao toque de sinos pela morte de Badaró, a terra da revolução de 42.

O nosso orador, segundo cartas que recebi, esteve em Capivara, onde lhe fizeram uma recepção triumphal. Dizem-me que a rua por onde passou estava juncada de flôres, e que a freguezia estava illuminada. O homem ganhou até a sympathia do vigario da localidade, e n'um discurso

á mesa do banquete appellou para o padre a que o acompanhasse no brinde que ia levantar á Egreja livre no Estado livre. Mostrou, com o applauso dos mesmos catholicos, que a religião se desenvolveria mais sem o auxilio do Estado, do que a elle sujeita. Mas bem sei que não ficará na divisa de Cavour, e onde quer chegar; o que elle deseja é a plena liberdade de consciencia. Estou de accôrdo: não comprehendo republica com religião official.

Passou rapidamente pelo Patrocinio, e segue para Tombo de Carangola e Santa Luzia. Aqui falou com exito. Imagine você que o proprio delegado de policia foi, armado do seu fitão, recebê-lo á estrada de ferro! Decididamente a propaganda leva tudo de vencida.

Á noite offereceram-lhe um baile. O propagandista é um pouco tambem homem do mundo; divertiu-se a dansar, a conversar com as senhoras, a chamar a sua adhesão para que façam os maridos republicanos. Todos estes recursos deixam muito boa impressão.

Foi muito auxiliado pelo dr. Figueiredo Ramos, pelo dr. Oliveira, de S. Manoel, e pelo dr. Lacerda Werneck, seu antigo collega de Academia. É o que tenho a responder-lhe, em resposta á sua.

Seu correligionario e amigo,

L. S. T.

S. Paulo, 11 de março de 89.

DO MEU DIÁRIO :

TOMBOS DO CARANGOLA, 11 de março, á noite. Continúo a minha peregrinação. Andei por Meia-Pataca (antigo nome de Cataguazes) por Feijão Crú (Leopoldina), e eis-me agora nos Tombos.

É uma pequena freguezia, de uma só rua. Casas terreas, de construcção simples e rustica. Approximo-me novamente dos limites da provincia do Rio de Janeiro. Nosso principal agente de propaganda aqui é o dr. Modesto, um distincto medico. Ha boas influencias agricolas em tórno d'elle, e entre estas o cidadão Sebastião Castro, o *Bático*.

O discurso foi ouvido com curiosidade pelo povo que estava parte no salão, parte na rua. Como em alguns logares, o respeito e o habito de ouvir em silencio, impedem a exuberancia de applausos. Talvez tambem o receio de compromissos. Agora é que as povoações centraes do Brazil vão tendo uma idéa da Republica, e d'este processo politico de doutrinação ; até aqui a vida civica limitava-se para elles ao direito do voto, sempre de accôrdo com as inspirações do chefe local. Infelizmente isto continuará por muito tempo. Não é que o povo não seja intelligente ; mas o que menos tem preocupado os homens politicos é a instrucção dos seus deveres e direitos.

Á tardinha de hontem, fui vêr o Salto do Carangola. É majestoso. O rio despenha-se de uma elevação extraordinaria, n'um lençol de espuma, em quatro ou cinco saltos ; é por isso que chamam *tombos* a esta cascata monumental. Ella vem rugindo d'aquella altura, até á planicie.

Um retratista, que está, ha algum tempo, na localidade,

offerece-me uma photographia do sitio. Vae para a minha collecção, já grande, de *bouquets*, flôres, vistas, retratos, etc.: uma especie de museu republicano. Convida-me tambem a retratar-me, o que farei em grupo com os companheiros, assim mesmo como estou, em traje de viagem.

SANTA LUZIA, 12 de março, á noite.—Venho da casa da Camara Municipal, onde realisei a conferencia. Puz a principio duvidas em falar ahi; a camara é um edificio commum, sem côr politica; demais é um predio official. Respondem-me que tinha sido construido a expensas do povo, e não do governo, e que não havia outro logar, d'onde pudesse falar. Emfim, cedo, tanto mais quanto quem insta sobre todos é o dr. Pedro Ramos, seu presidente, e nosso cor-religionario.

Sou hospedado por um distincto medico, nosso companheiro. A cidade é pequena, sem belleza, mas a população é muito sympathica: os ruidos de perturbação da conferencia desappareceram.

Infelizmente, desde o mesmo instante, organisa-se o grupo adversario, que avoluma. Quando chego ao hotel, e subo ao primeiro andar, vejo da janella o povo que vocifera. Era-me necessaria esta provação para minha experiencia: ver a massa revoltada contra mim. Ponho-me tranquillo, a observar, impassivel aos foras, aos gritos, braços que se erguem, injurias que se atiram, e descubro os dois chefes do motim. Eram um mulato e um portuguez...

Sampaio Ferraz estava indignado, e foi preciso appellar

muitas vezes para o seu espirito de ordem, afim de contel-o. É verdade que elle conhecia talvez melhor o character da população que eu.

Queria levar as cousas por bem: receava que essa serie ininterrompida de conflictos fizesse mal á propaganda, precipitando antes de tempo a revolução, que era preciso bem preparar, e afugentando os espiritos timoratos. Meu illustre companheiro rendeu-se a estas considerações.

Desço, a parlamentar com os dois capatazes.

— Venha cá, cidadão, digo eu dirigindo-me com intimativa ao portuguez.

Elle aproxima-se, descobrindo-se.

— Ponha o seu chapéo, replico-lhe.

— Não, senhor. Eu tiro o meu chapéo quando falo a pessoas de respeito.

— Mas você não me respeita, porque está ahi a gritar, amotinando o povo contra mim. Que mal lhe fiz eu?

— Nenhum: mas é a sua fama...

— Que fama, homem?

— Não sei, não, senhor. Vá perguntar aos outros.

— Que outros? os que o mandaram aqui, não?

Elle fez silencio. Começava a ceder.

— Saia d'ahí! Não fale com elle, com o falso propheta! gritou o mulato.

E tomando do braço do outro, afastou-o brutalmente.

O falso propheta! Era bem uma phrase de gente carola.

— Façam chamar os chefes monarchistas do logar, digo eu. Digam que desejo falar-lhes.

Apresentam-se os srs. Aureliano Mourão e o dr. Gualdino das Neves.

— Os senhores vão ser os responsaveis pelo que succeder. Nós vamos sahir e se nos atacarem, atacaremos. Estamos no nosso direito. Os senhores vão acompanhar-nos até o theatro, durante a conferencia. Do contrario são os senhores os auctores de tudo isto.

O dr. Gualdino das Neves, chefe liberal, declarou:

— Estou disposto a estar a seu lado, e defender a liberdade da tribuna.

— Eu não posso acompanhal-o, disse o chefe conservador. Não posso conter esta multidão.

— Ah! respondi, comprehendo. Bem; nós deliberaremos.

— Sigamos para o theatro, gritam os nossos.

— Mas o theatro está fechado. O guarda foi-se com a chave.

— Arrombaremos as portas.

— Não, objecto. O theatro é propriedade da provincia, e não podemos atacar a propriedade de ninguem.

— Dizem que o vigario é que dirige essa gente.

— Vão chamal-o. Peçam-lhe que chegue aqui.

O mensageiro volta, dizendo que o reverendo não queria falar-me.

A situação complicava-se com a intervenção d'este elemento clerical. Evidentemente, além do chefe conservador, e de um outro, seu correligionario, o padre era um dos motores do ataque aos republicanos. Contavamos entre nós um sacerdote, que se indignava contra aquelle attentado: eu receava magoal-o... Além d'isso qualquer violencia nossa podia ser explorada como acinte ao clero, o que nos seria prejudicial, attento o espirito religioso da provincia.

Ámanhã voltarei pela mesma estrada. Tenho de falar no

Patrocínio, e d'ahi seguir para Augusterra, onde dizem que se preparam grandes festas.

PATROCÍNIO, 13.— Limitei-me a poucas palavras na conferencia, extendendo-me no banquete. Aqui encontro um distincto padre, o Vigario Lobato, espirito adeantado, e sympathico á nossa causa. Não renega o principio da separação da Egreja do Estado: colloca-se no seu ponto de vista de sacerdote, que crê sinceramente na victoria de sua fé. Ao correr do banquete, que me é offerecido por alguns correligionarios da proxima freguezia da Lage, chegam-me noticias de que a conferencia de Augusterra será gravemente perturbada.

IV

DE PATROCÍNIO A ANGUSTERRA E AO RIO DE JANEIRO
TRES CONFLICTOS SUCCESSIVOS

A 13 de março estava na estação de S. Luiz, em casa de Monteiro Manso. Deviamos partir na manhã seguinte para Augusterra, antiga Madre de Deus do Augú, afim de realisar a conferencia do costume.

A tarde passara-se entre o descanso e a conversação. Pelo meio da noite, estavamos em repouso, quando batem á porta. Era um mensageiro que nos trazia más noticias d'aquella povoação.

É preciso conhecer a vida politica do Brazil para vêr quanto nas aldeias é pessoal a politica, e como desenvolve odios que, ligados a questões de interesse privado, como sejam a posse de terras, e outras, passam de paes a filhos, de familia a familia, abrindo luctas invenciveis de parte a parte. Sem duvida o caso não é novo na historia dos povos. Mas o mais triste é que ás vezes essas luctas dividem as mesmas familias, armam irmãos contra irmãos, tiram o respeito dos paes para com os filhos, e desunem os casaes.

A abolição da escravidão viera, além d'isso, semear no espirito dos libertos uma noção de liberdade bastante proxima da anarchia. Elles suppunham-se com o direito de não trabalhar, mas de serem sustentados por seus antigos senhores. Tudo isto era natural, mas o perigo era que tal sentimento de revolta permanecesse e se alastrasse. Infelizmente, havia almas assás pervertidas para fazerem do preto o instrumento das suas vinganças politicas. Pobre raça! A exploração dos seus filhos não tinha ainda acabado!

Era uma tempestade produzida por taes elementos a que ameaçava de rebentar em Angusterra. Pode ser que o enthusiasmo republicano tambem a tivesse excitado. Grandes sommas haviam sido subscriptas para os festejos, e a nossa alegria enchia de furores os adversarios.

A carta que recebemos annunciava graves desordens se a conferencia se effectuasse.

— O que respondemos? pergunta Monteiro Manso.

— Que a conferencia não pode deixar de realisar-se, disse eu. No estado actual das cousas, o menor signal de fra-

queza nossa inutilizará todos os esforços empregados, e nos impossibilitará a marcha futura. Com energia e prudencia havemos de vencer as difficuldades. Vou escrever-lhes que realisem o programma combinado, vindo até aqui, buscar-me. Do contrario, iremos nós.

E tornámos a dormir.

A senhora de Monteiro Manso passou a noite em claro.

— Que coragem a sua! dormir na vespera de tanto perigo! dizia-me na manhã seguinte.

— Não ha de ser nada, minha senhora. Vae vêr que são carêtas.

Eram já dez horas da manhã, e não viamos vir pessoa do lado de Angusterra.

— A cavallo! propuz a Monteiro Manso. Partamos!

Em breve, um grupo de doze homens montava os seus animaes. Estavam todos armados. Havia um carro á minha disposição.

— Não, disse, vou a cavallo tambem.

— Mas nós guardaremos o carro.

— Não importa. Quero ir como os senhores, além de que acho uma conducção perigosa.

Essa resolução salvou-me talvez a vida.

Em caminho começam a juntar-se-nos mais companheiros.

— Ahi vem um portador, gritam.

Este chega, e entrega-me uma carta do dr. Theophilo Ribeiro e de seu irmão Gustavo em resposta.

“A conferencia poderia realisar-se, sob condição, porém, de que viesse auctoridade ou fôrça bastante para garantir a ordem. Tinham escripto ao delegado de S. José pendido

garantias: este ia pedir fôrça ao seu collega de Leopoldina, que a seu turno a pedira ao chefe de policia de Ouro Preto. Tudo isto era porém muito fallivel, pela grande distancia, e pouca vontade do governo em garantir-nos os direitos. Á uma hora da madrugada, a casa de um correligionario, o capitão Militão, por pouco que não fôra atacada. “O grupo, que ainda passeia pelas ruas, resava a carta, é pelo menos de uns tresentos libertos, e a cada instante novos contingentes chegam. Obtivemos do vigario a sua intervenção no sentido de apazigual-os. Prometteu-nos fazel-o.,”

“A opinião aqui, emfim, é que sem tropa de linha, que garanta completamente a ordem, é imprudente fazer a conferencia.»

Mas não era no meio do caminho que haviamos de voltar. Communiquei o conteúdo d’esta carta a dois ou tres amigos, e continuámos a nossa viagem. Eramos já uns cincoenta cavalleiros. Como chegassemos a uma explanada:

— Meus senhores, disse, attenção, façamos alto. Nós vamos talvez luctar com grandes difficuldades na entrada de Angusterra. Precisamos, portanto, de toda a coragem, mas de muita prudencia, e sobretudo de muita disciplina. Se ha ahí alguém que não se sinta capaz de bater-se, de conter os seus impetos, e de obedecer ao que se combinar, retire-se.

— Houve um silencio geral.

— Bem, continuei, nós entraremos no povoado a passo. A ninguem será permittido um viva, um olhar, um unico signal de provocação, nem mesmo em resposta a outro. Ainda que disparem alguns tiros, se elles ferirem apenas os animaes, nós continuaremos do mesmo modo. Se ferirem

algum companheiro, então cahiremos sobre os assaltantes com os nossos cavallos e com as nossas armas. Estas, porém, devem estar occultas.

— Todos estamos armados, dizem.

— Mas os senhores dois, não podem seguir assim, com essas espingardas. Pode parecer uma provocação. Nós não estamos em guerra civil. Guardem-n'as.

— Não temos onde pôl-as e ficaremos desarmados.

— Pois atirem-n'as ao campo, e ponham-se no meio de nós.

— Mas...

— Não temos outra cousa a fazer; ou do contrario, nada se fará.

Submetteram-se.

— Estamos, pois, todos de accôrdo?

— Estamos de accôrdo, doutor. Ordene e nós obedeceremos.

E um, do meio do grupo :

— Viva a Republica!

— Viva a Republica! respondo.

Seguimos. Pelo caminho fomos encontrando mais alguns amigos e tambem pretos armados de foices, e cacete. O carro caminhava vazio na retaguarda do grupo.

Nós seguimos em ordem de marcha, dois a dois. Na frente, a meu lado, estava Monteiro Manso.

Quando nos approximámos da população corria a nós um preto.

— Sou da musica! gritava elle.

Era dos nossos. Queria que esperassemos para que fôsse buscar a sua orchestra. Signifiquei-lhe que não o desejava.

Insistiu e poz o animal a galope. Esporeei o meu cavallo, e tomei-lhe a dianteira.

— E' a vontade do povo, disse elle.

— O povo tambem está aqui, e não quer um conflicto. Se insiste, volto.

Obedeceu.

Entrámos assim, lentamente.

Cousa curiosa! a coragem do antigo escravo é raramente uma coragem de frente e leal. Essa raça acostumou-se á astucia e á traição. Elles viam-nos entrar, viam-nos resolutos e olhavam-nos indecisos. Faltava-lhes um branco, a dirigil-os...

Um grupo, porém, avançou para o carro.

— Que é do homem? que é do homem? perguntaram ao cocheiro.

— O homem já está dentro da freguezia, responde este assustado.

De facto, ao penetrar na praça, a um signal meu, lançamos os animaes a galope, espalhando um ajuntamento que nos impedia a marcha, e eu apeava-me em casa do correli-gionario Militão.

— Alli estão elles, dizem-me, quando chego á janella.

— Chamem-me o chefe.

— Rapaz, disse-lhe eu, o que quer você?

— Nada, senhor. Mas dizem que esse discurso é para nos escravisar outra vez, e que vossemecê quer matar a Princeza.

— Rapaz, deixe-se d'isso. São historias que lhes teem mettido na cabeça. O melhor é vocês ficarem socegados e irem depois trabalhar.

— Vossemecê pode fazer a sua conferencia. Mas o que nós não queremos é que se finque a bandeira da Republica no largo.

— Rapaz, ninguem costuma fincar a bandeira da Republica no largo. Mas se quizessemos fazel-o, não seriam vocês que nos haviam de impedir. Você não vê que é tanto do seu direito como do meu pôr uma bandeira na praça?

Elle coçava a cabeça, meio desconcertado.

— Ninguem quer matar a sua princeza. A Republica é para o bem de todos nós. Pode ir-se embora.

A conferencia realisava-se, em um salão. Um grande numero de senhoras estava presente. Admirei n'esse dia o heroismo das mulheres mineiras. Os pretos estavam do lado de fora, deitados na relva, recostados, a ouvir. Eu falava n'uma tribuna alta proximo a uma janella, de modo a acompanhal-os com o olhar.

— Veja! diz-me um amigo puxando-me o paletot: . .

Olho: um preto dispunha-se a armar a sua espingarda. Se o tiro viesse apanhava-me directamente o tronco.

Voltei-me rapidamente.

— Se vir que elle desarma, tome-me pelo paletot e atire-me ao chão, disse.

De facto, elle preparava-se a apontar-me a arma.

Continuei a falar. . . dizendo phrases decoradas, quasi inconscientes, para não alarmar todo o auditorio e produzir um conflicto horrivel. . . ; mas fitei com toda a fôrça possivel de meu olhar o assassino. . . N'aquelle momento falava só para elle. Tinha-o bem em face. O infeliz, subjugado, fitava-me tambem; não conseguia despregar o seu olhar do meu, e a arma tremia-lhe na mão. Um companheiro,

atrás d'elle, estimulava-o; mas a certeza de que era visto dominava-o. . . E allí ficou, meia hora ainda, com a arma ao lado, estupidificado, temendo já talvez o castigo. Assim era, porque, no dia seguinte pela manhã, veio pedir-me perdão.

Pelo meio da noite, durante o baile, ameaçam atacar a casa, mas a nossa prudencia evitou o desastre. Limitaram-se a destruir algumas arvores que ornavam a rua. Já então eu conseguira pôr do nosso lado um grupo de negros. O chefe da musica fizera um discurso muito applaudido pelos da sua raça, aos quaes haviamos convidado a entrar e a comer. . .

O facto é que elles comiam de um banquete vindo todo, especialmente, da casa Paschoal, do Rio de Janeiro, com serviço de quinze *garçons*, *menu* impresso, tudo elegante, n'uma simples freguezia do interior de Minas. Custara seis contos de reis esse banquete.

— Elles fôram os primeiros a proval-o, dizia a *maitre-d'hotel*. Roubaram-me hontem dois *perús*.

— Ora ahi está para que o Patrocínio funda a guarda negra, disse eu, a rir da pilheria.

Era a nota comica do incidente.

O golpe monarchico tinha sido dado em falso. Mas elle ia ser reproduzido adeante.

Foi em S. José de Além-Parahyba. Eu tinha vindo da fazenda do coronel Baptista, para onde me dirigira de Angusterra. Passara ahi dois dias, no seio da familia mineira, n'uma bella habitação de uma confortabilidade tradicional. E' alguma cousa que fala ao bem-estar o conjunto de com-

modidades que cerca o hospede de distincção n'estas casas de campo; chegados, o pagem, um moleque, tira-vos as botas, a creoula traz-vos uma chicara de bom café, servem-vos um banho restaurador, ao jantar abundante restauram-vos as fôrças n'um serviço repousado de pratos succulentos: e quando, á noite, depois de uma palestra tranquilla, em que se vos ouve attento, ides repousar, uma bôa cama vos espera, com os seus lençoes de linho muito alvos, cercados de rendas custosas, e sob uma coberta de sêda rica, guardada especialmente para vós, na vossa qualidade de hospede. Algumas vezes a creada vem ainda lavar-vos os pés, n'uma vasilha especial, em agua tepida, tendo n'um dos braços semi-despidos a rica toalha em que as môças da casa, as *sinhás*, teem bordado o nome do chefe da familia em lettras caprichosas. E, quando sahis, pede-se-vos ainda desculpa se alguma cousa vos faltou.

Mas vamos ao facto. Eu chegara a Parahyba, acompanhado da familia do coronel Baptista. Tinha realisado a minha conferencia muito tranquillamente: Fôra recebido pelo dr. Gama Cerqueira sobrinho, e por outros. Discursavamos á mesa. quando subitamente entra-nos pela porta dentro o delegado de policia, o dr. Mauricio, esbaforido, a dizer-nos que os pretos pretendiam invadir a casa em que estavamos, se não consentissemos em retirar a illuminação que exteriormente a ornava. E' bem de vêr que houve um sentimento de revolta geral.

Eu devia, em todos estes casos, ser a palavra de paz, mormente quando tinhamos em nossa companhia um grande numero de senhoras. Contive, portanto, os correligionarios.

— Vejamos, senhores, disse-lhes. Bem vêem que é a mesma auctoridade monarchica que appella para nós como mantenedores da ordem ; é a confissão da fraqueza de um governo que não pode garantir a vida e a liberdade de seus governados. Elle diz que tudo tem tentado para conter os pretos, e que elles atacam a casa. Não sei com que fôrças podemos contar : estamos em um festim cercados de senhoras, e não em campo de batalha. Se quereis ouvir-me, disponde-vos a ficar de accôrdo com esta resolução : nenhum de nós irá retirar as luminarias, mas o senhor delegado é auctorizado a mandar fazel-o.

Assim se faz. Mas alguns companheiros sentem-se indignados. O dr. Leal da Cunha, um excellente republicano, bom orador, um correligionariò ardentissimo, ia n'esse dia perdendo a vida, porque sahiu á praça publica, onde, ouvindo phrases contra nós, teve o arrôjo de repellil-as.

Tudo parecia tanquillo, quando pelas duas horas da madrugada, veem de novo avisar-nos que os pretos exigiam que entregassemos os homens de côr que compunham a orchestra. Elles achavam muito estarem aquelles seus companheiros servindo a nossa causa. Queriam castigal-os.

— Isso é que não, disse eu. Já é de mais. Agora seremos nós que defenderemos os pretos contra os pretos.

Saio á rua.

— Não ha ahi alguém que tenha influencia sobre essa gente ? pergunto.

— Ha ; é o sr. Bricio, que foi chefe abolicionista.

Chamam-n'o.

— Sr. Bricio, disse-lhe, bem vê que esta situação é insustentavel. Estamos sem policia, sem auctoridades. A aucto-

ridade monarchica para nós agora é o senhor, só o senhor pode conter estes homens: a si cabe a responsabilidade de tudo o que elles nos fizerem. . .

Elle protestou, naturalmente.

— Como queira, meu caro; isto pode não ser republicano, liberal, pode ser absurdo; mas é o nosso direito de defesa. Sei que o senhor tem influencia bastante sobre os pretos, do contrario, a lucta vae dar-se entre nós e elles; e o senhor estará entre elles. Estamos decididos a toda a resistencia.

O sr. Bricio — que por signal fôra um dos signatarios do manifesto republicano de 1870, mas que mais tarde achara que o paiz não estava ainda preparado para a Republica — sahiu, a acalmar o seu povo. Realmente, houve um momento de treguas.

Alguns dos nossos dormitavam como podiam sobre as cadeiras. Outros sahiram, a sondar o campo.

— A praça está cheia de pretos, vem um d'elles dizer-me. Os grupos chegam de Angusterra, e vão avolumando o que já está aqui. Estão deitados sobre a grasma. Acabei deprehender a conversação de um d'elles; decidiram atacar o hotel ás onze horas da manhã por occasião da missa, em que esperam ainda mais gente. Querem effectivamente matal-o.

-- Mas eu pretendo tetirar-me no trem das seis, que parte do Porto Novo.

— E' quasi impossivel, porque elles guardam a entrada da cidade. Tambem não querem deixal-o sahir.

— Está bom. Vão chamar o dr. Bricio.

A situação era desesperada. O meu informante, um ir-

mão do distincto poeta Mariano de Oliveira, estava bem seguro do que dizia.

— Sr. Bricio, o senhor vae acompanhar-me até á estação. Tenha paciencia.

— Mas talvez eu não possa conter essa gente. . .

Sahimos, eu, elle, o dr. Paula Fonseca, e mais dois correigionarios e um soldado em um carro. Era pela madrugada. De espaço a espaço viamos ao longe uma cabeça que se erguia da relva e olhava.

— Não desconfiam que sejamos nós, dizem.

Quando avistamos um grupo mais numeroso :

— E' bom ir vêl-os, digo eu ao meu guarda.

Elle sabe, e creio que os convence de que não era eu que alli estava. Passamos, mas mal tinhamos dado alguns passos dispararam alguns tiros sobre nós. Por felicidade nenhum nos attingiu, o que fôra facil, porque iamos de carro descoberto, para melhor sondar o horisonte. A luz da manhã era ainda muito fragil, e um nevoeiro encobria os objectos.

Afinal, chegámos a Porto Novo. Despedi-me do meu companheiro, e segui viagem.

Quem movia toda esta gente? Não posso passar para o papel todos os boatos que então corriam. O que posso é assegurar a exactidão dos factos que observei. Mais tarde mesmo o barão Homero de Mello, meu amigo, e investigador curioso dos pequenos factos de nossa historia, disse-me ter lido uma carta da época de uma senhora a outra, em que se referia uma nova tentativa de ataque que eu ignorava.

Pedi-lhe o conteúdo, e elle enviou-me a seguinte nota de proprio punho :

“S. José de Além Parahyba — Março de 1889. Capanga armado esperando o dr. Jardim na Estação do Porto Novo do Cunha para assassinal-o. Intervieram e impediram, F..., e F... (Aqui o illustre, historiador citou-me dois nomes de adversavarios).” Pode ser: ás veses ateia-se a labareda, e tenta-se apagal-a quando o incendio ameaça de lavrar realmente. E depois, por que razão me matariam? Que mal havia eu feito, em verdade?

Mas algum astro máu percorria o céo, porque n'esse mesmo dia vi-me a braços com um novo conflicto, em Valença, provincia do rio. Chegara á tarde, recebido em trem especial, no meio da festa e da alegria publica. Estavamos todos certos de que nada aconteceria, quando, seguindo para o theatro, começamos de ser apupados por grupos de pretos.

A conferencia não havia ainda começado e já o theatro era atacado. Em breve, trocavam-se tiros de parte a parte.

Faço um homem correr ao hotel, e trazer o meu revólver. Era preciso defender-me. N'esse interim, comecei a dirigir a repulsa contra os que nos atacavam.

N'um momento as portas começaram a ceder.

— Organisemos aqui uma barricada, gritei, tomando um banco.

Porque, se os assaltantes entrassem, podiam do alto dos camarotes, atirar sobre nós que ficariamos sem a defesa. Estavamos reduzidos a um pequeno numero. Um dos nossos, Ottoni, irmão do nosso correligionario de Leopoldina, fôra ferido na mão. Ninguém esperava aquella aggressão.

— Se não organisámos já esta barricada, digo de novo, vou sahir para a rua, aconteça o que acontecer. Vejo a si-

tuação perdida e não me deixarei matar aqui, como um animal.

E dirigi-me para a porte da sahida.

— Iremos juntos! bradaram os amigos que estavam ao lado.

Emfim reanima-se o combate, e conseguimos rechaçar os assaltantes. Estavamos alli, entre outros, João Barcellos, o dr. Urbano Marcondes, o dr. Jacintho Dutra, o dr. Paula Fonseca e mais alguns valentes companheiros.

— Isto parece proposital, penso eu. Aqui anda dedo do governo. É muito assalto accumulado para ser causa accidental...

Recebo um telegramma convidando-me a ir ao Rio defender um cliente na tribuna do juiz.

Parto, chego á capital, e mal descançado ainda, revejo o meu processo e defendo das tres ás seis da madrugada do dia seguinte o accusado de falsificação do testamento do celebre usurario Custodio Bahia, no que sou auxiliado pelo provecto advogado Busch Varella.

Quando ás 7 horas da manhã me despedi do mestre, estava quasi morto de fadiga, tamanhas e tão desencontradas tinham sido as emoções por que passara.

Felizmente, o nosso cliente fôra absolvido. Já era uma pequena compensação.

V

DO RIO A CACHAMBÚ — A S. JOÃO d'EL-REI E A OURO-PRETO —
UM NOVO CONFLICTO

De M.^{me} L. de S. a M.^{me} S. V. Rio de Janeiro

Minha querida. — Aqui estamos n'esta estação de banhos, anciosos pela tua chegada. A terra é pequena, as ruas não são calçadas, mas quando se não tem saude, procura-se onde se pode encontrar, e para effeito as aguas mineraes de Cachambú são realmente maravilhosas. Além d'isso, ha sociedade muito bôa, de familias que veem d'ahi, do Rio, de S. Paulo e de outros pontos. Passa-se o tempo soffrivelmente, a ir tomar agua, a ir aos passeios, etc.

Aqui estão o conselheiro Antonio Prado, ministro, os senadores Barros Barreto, Pinto Lima e Belisario, com suas familias, e muitas outras pessoas. O ministro argentino, D. Henrique Moreno, retirou-se ha dias.

A ultima novidade foi a estada de Silva Jardim aqui. Fomos ao seu encontro e dos que o acompanhavam, a um quarto de legua distante da povoação. Entrou aos vivas á Republica, e no dia seguinte realisou no salão do hotel a conferencia.

Pensavamos encontrar, digo-te com franqueza, um orador terrivel nas suas ameaças contra céos e terra, mas a verdade é que achamos o propagandista muito com-

medido. Dizem entretanto que elle faz isto por manha; quando está deante do povo revolucionario é revolucionario; deante de homens graves e de senhoras é mais sereno.

Assistiram á conferencia muitos cavalheiros, e senhoras; o conselheiro Belisario, que foi cumprimentar o orador, com quem conversou largamente e em particular; (a proposito: depois que está republicano, as senhoras, sei eu que teem muitas sympathias por essa idéa, o que era de esperar tratando-se de pessoa tão intelligente e instruida), M.^{me} Barros Barreto que já conhecia o orador, e os republicanos: o dr. Polycarpo Viotti, chefe do partido, o coronel Martins Ferreira, Silveira Bueno, Mé Junqueira e outros. Estavam tambem o Leoncio Costa do Tapirussú, com a familia, o Martinho Rocha, o dr. Anthero de Magalhães, que como v. sabe é um republicano muito dedicado e um moço de muito talento, o dr. Diocleciano de Sousa, da Parahyba do Sul, e muitos outros. Entro n'estas ninharias porque sei que ellas te interessam, e a teu marido sobretudo, que é ainda mais revolucionario que o meu.

Hontem photographaram-se em grupo muitas familias republicanas, cavalheiros, e o Silva Jardim. N'um jantar que offereceram a este, um moço chamado Carvalho Chaves fez-lhe um discurso, muito commovido, e offereceu-lhe uma verdadeira preciosidade — uma perola, de bom tamanho, em forma de barrete phrygio, sobre um escudo com as armas nacionaes. Sem corôa, já se vê.

Pretendo ir assistir em Bahapendy, que é muito perto, ás festas da Semana Santa que me dizem ser esplendidas ahi. Dizem que se realisam como um drama, apparecendo

na rua tôdas as personagens que acompanharam Jesus Christo, e isto no meio de um silencio sepulcral, indo a enorme massa de povo descoberta e constricta. A cidade, porém, é velha; parece uma ruina.

Bem, minha querida, esta já vae longa. Concluo dizendo-te que ainda se commenta a conferencia republicana aqui. Alguns censuram ao orador a audacia de vir prégar a republica n'este fóco elegante de nobres; mas a maior parte, que é adepta d'elle, apoia-o com calor.

Até mais ver.

Aguas de Cachambú, 26 de abril de 1891.

Tua, do coração

S. DE L.

A freguezia de Prados, situada n'um morro, recebeu com festas a propaganda republicana. Embora fôsse uma pequena povoação, o certo é que ahí estava sempre a postos um independente eleitorado republicano, capitaneado pelo coronel João Luiz, a cavallo, e realizando eu o meu discurso da janella de um sobrado para a rua, onde o povo unanimemente accorde me applaudia.

No dia seguinte dirigi-me a S. João d'El-rei, que devia ser theatro de outro episodio difficil da nossa lucta. Passei por S. José d'El-rei, onde Tiradentes havia vivido, séde do municipio em que elle nascêra. Respondendo a um discurso do dr. Teixeira, na estação, propuz que a cidade se chamasse d'ahi avante a cidade de Tiradentes, que não de nenhum rei! A idéa cahiu no gôsto publico, pois que, quando veiu a Republica, foi adoptado esse nome.

Não nos fôram tão propicios os fados em S. João d'El-rei. O grupo republicano era ahi pequeno, mas destemido, e sentira-se animado com a presença de dois batalhadores de nota, Sampaio Ferraz, cuja popularidade ia crescendo dia a dia, e Aristides Maia, estimado na zona mineira. Elles haviam mesmo realisado no domingo anterior uma conferencia, em que fôra necessario o emprêgo de muita habilitade para evitar um grande conflicto.

Os correligionarios — Sampaio Ferraz á frente — vieram ao meu encontro em trem especial. Alli estavam o dr. Eloy Reis, excellente companheiro, Sebastião, que redigia a *Patria Mineira*, e outros. A mim acompanhavam-me os de Prados, e os mais que se nos iam juntando nas estações.

Primeira tentativa de ataque: haviam-nos cortado os trilhos da estrada. Foi difficuldade que, concertado o caminho, pudemos passar. Se o facto, porém, não fôsse percebido, podiamos alli morrer todos.

A entrada da cidade foi festiva. S. João d'El-rei, nas fraldas da serra do Lenheiro, cortada por dois campos, Tijuca e Agua Limpa, é regularmente edificada, muito commercial, ligada á estrada de D. Pedro II, e portanto á capital, pela estrada Oeste de Minas. Deve ter umas dezeseis mil almas. Não me deram alguns dos seus habitantes ensejo de visital-a, pelo estado de sitio em que me collocaram. — Mas, como dizia, a entrada foi cavalheirosa, e ao nosso entusiasmo correspondia o povo, erguendo-se as proprias lavadeiras que trabalhavam á margem da estrada, e enviando-nos os seus vivas. Ao descer do trem um numeroso cortejo se organisa, em nosso apoio.

Deliberei que a conferencia se realisasse alli mesmo no

hotel, publicamente, o que se fez, com antecedencia de duas horas de annuncio. Todo o mundo foi convidado a assistir.

Quando terminava, rompeu na rua nova assuada. Desprezamo-la. Continuou, não obstante.

Estavamos no banquete, quando a casa começou a ser apedrejada. Um dos nossos que chega á janella vê um padre a ajuntar pedras na batina e entregal-as a alguns homens. Santo destino da veste sacerdotal! Tinham convencido a alguns italianos que deviam voltar-se contra nós, porque a Imperatriz era sua patricia, e esses homens atiravam os projectís, que chegavam ás vidraças de um quarto andar de uma casa de grande altura.

Era um ruido medonho. Fecham-se as portas. Trocam-se tiros. Acalmo as senhoras.

— Aqui só ha esperar, digo eu.

— Fogo! fogo! gritam. Estavam incendiando a casa.

— Façam fogo! digo eu. E afastamos o miseravel incendiario a tiros que lhe cáem do alto da janella e que por milagre erram o alvo.

Ás tres da madrugada, velavamos, quando batem á porta

— Quem é?

— Amigo. Previnam o dr. Jardim de que vão impôr-lhe a retirada da cidade já. Acho prudente que saia; do contrario matam-n'o.

— Diga que venham buscar-me, grito indignado, que os receberei no alto da escada. Ainda temos balas nos revólvers. Armemo'-nos todos, senhores.

Que! haviam de impedir-me até o direito de locomoção!

N'esse momento chamam-nos dos fundos da casa.

— O que é?

— Armas! gritam.

Eram senhoras que nos forneciam revólvers.

Sublime! Foi em Minas e em Pernambuco que encontrei as mulheres brasileiras mais corajosas.

Batem novamente. Era o juiz de direito que vinha aconselhar-me a retirada.

— Se V. Ex.^a me declara por escripto que não pode manter a ordem, eu retiro-me, porque não tenho o dever de defender-me contra a massa. Emquanto, porém, houver autoridade, ella é que é responsavel pelo ataque á minha vida e á minha liberdade. Somos cidadãos. D'aqui não saio antes da hora do trem, em que pretendo seguir para Que-luz, onde é publico que devo falar hoje. . .

— Não posso fazer o que me propõe, diz elle.

— Então cumpra o seu dever, que é manter a paz.

Sahiu.

—Senhores, vamos comer um bocado e dormir um pouco. Morrer por morrer, morramos com bom estomago. Antes de cear com Plutão, ceemos n'este valle de lagrimas. Vejam as portas.

Ceámos tranquillamente, depois do que recostei-me ao lado de um correigionario, e adormeci até ás cinco e meia. A essa hora Sampaio Ferraz desperta-me.

— Então, ainda não morremos? pergunto de bom humor.

Partimos. Havia ainda um forte nevoeiro. Grupos formavam-se, sem coragem de atacar. No momento de pôr-se o trem em movimento, um pobre diabo de jornalista local, escriba monarchico, atira-me cobardemente um insulto.

— Viva a Republica! respondo eu, erguendo o chapéo.

— Viva a Republica! respondem Sampaio Ferraz e os nossos amigos.

— Que quer, doutor, dizia-me um mineiro. Terra de muito padre é assim. A população sensata de S. João d'El-rei não é responsavel por estes actos de selvajaria, e reprova-os.

— É verdade. Soube que havia familias inteiras indignadas.

— Desgraçadamente ha aqui sempre gente capaz d'estas cousas. É uma excepção em Minas. Olhe: n'essa cidade dansaram e comeram sobre a eça que serviu para as exequias do padre Feijó, do Regente...

— Horrivel!

— Sim, senhor. E quando José Feliciano declarou a revolta de 42, esta cidade não lhe obedeceu; quando elle avançou sobre ella, recebeu-o a toque de sino e com foguetes, em festa...

— Influencia dos padres! accrescentou. Pois se aqui é grande cousa saber tocar sinos!

— Não tenho elementos para bem julgar dos factos, digo eu. Mas, emfim, sempre é uma cidade que continua a ser d'El-rei, quando nós vamos para a Republica. Se ao menos fôsse S. João do Imperador!

— Bem achado! bem achado!

Á tarde, estava em Queluz, depois de uma viagem fatigantissima, succedendo a uma noite pessimamente dormida, e toda cheia de emoções. Ia coberto de pó, a face vermelha e intumescida, olhar abatido, o ar fatigado. Consegui orar á noite. Arthur do Nascimento, e Camillo Baeta prepararam-me ahi a conferencia.

No dia seguinte fomos visitar uma fazenda, onde conta a tradição que Tiradentes fizera reuniões de conjurados. Era no antigo caminho de Queluz a Ouro-Preto.

Na minha opinião não eram reuniões que ali se realizavam. Essa casa devia ser uma estalagem, em que diz a historia que o Patriota estacionava, e onde uma occasião o ouviram, do lado de fora, sendo denunciado logo em seguida.

Quando iamos a sahir de Queluz, mostrou-me uma habitação.

— N'este portal, dizem que o conductor do cadaver de Tiradentes descançou a vasilha. Affirmam que a salmoura que esta continha correu aqui...

Seguimos. A casa da fazenda era velha, de telha. Na frente varanda. Sobre as paredes d'esta, muitas assignaturas de visitantes, entre as quaes vejo a de Lopes Trovão.

— Lopes Trovão? pergunto.

Era em verdade a sua lettra.

— Sim, respondeu-me o dono da casa, um velho roceiro. Aqui estive antes de partir para a Europa. Estes são os bancos e esta é a mesa que serviam ao Tiradentes...

— Com sua licença... e cortei um pedaço da madeira.

— Alli, continuou elle, atrás d'aquella pedra, foi posto um poste de ferro, com um quarto do Tiradentes. Dizem que os corvos o comeram em um dia. Sobre a pedra cahia o sangue...

— E este caminho?

— Ficou mal assombrado. Ninguem passou muito tempo por aqui.

Fui até á pedra, e com um martello quebrei-lhe diversas lascas.

Recolhemo'-nos em religioso silencio. Pronunciei algumas palavras de lembrança do santo martyr da nossa independencia.

Depois, tomando de um lapis, escrevi na parede:

“Por aqui passaste, Tiradentes, além morreste, mas por toda a parte deixaste o sentimento da liberdade. Viajante, aqui pára; vive, ou morre além; mas por toda a parte sê livre, isto é, sê homem, e sê cidadão. — 27 de abril de 1889. Assignamos, Nascimento, Baeta, Antunes de Sequeira, Antonio J. da Silva, João Lopes Brandão, e eu, por mim, e pelo nosso pagem, Antonio Geraldo. Eu quiz que o homem do povo commungasse do nosso sentimento.

No dia seguinte, entrei em Ouro-Preto, a capital, ao calor do enthusiasmo da mocidade das escholas.

Realiso á tarde uma conferencia muito applaudida. Quando, prosando, combatia os erros do imperio com a vehemencia que a approvação geral incitava, o trovão troou terrivel sobre os contrafortes em que assenta a antiga Villa Rica. Coincidencia terrivel: eu falava do martyrio de Tiradentes! Á noite, houve passeata popular; o dr. João Pinheiro, que redigia o *Movimento* e que dirigia por eleição do congresso o partido em todo o Estado, fizera um bom discurso. Eu conhecêra-o desde S. Paulo, quando preparador do gabinete de physica na Eschola Normal.

No dia seguinte, com o dr. Antonio Olyntho, um republicano distinctissimo, tão modesto quão trabalhador, visitei a Eschola de Pharmacia, e a de Mineralogia, apreciando as riquezas de suas collecções, e desenvolvimento de seus es-

tudos, devidos em grande parte ao illustre professor Gorceix.

Depois, vi a cidade, quasi sempre coberta de neveiro, de aspecto tristonho, mas de um encanto tradicional, a lembrar todo o nosso passado de colonia; o palacio, que é quasi um castello fortificado, onde vejo um quadro representando o Tiradentes; alli, a casa onde morou Gonzaga; aqui, na prisão, o calabouço onde foi assassinado, ou onde se suicidou Claudio Manuel da Costa; além, a casa onde morrêra Marilia de Dirceu, e ainda a goiabeira silvestre, onde, reza a tradição, era o logar em que ella e Gonzaga fruiam dôces amores! que de lendas e tradições historicas!

Entro na egreja matriz, para admirar-lhe o tecto, de polygonos symetricos, em que estão desenhados os factos da historia santa. Desço a outra freguezia, de Antonio Dias; existe ainda uma rivalidade entre seus habitantes, mais populares, e que se chamam *jacubas*, do nome d'esta alimentação grosseira, composta de farinha de mandioca, agua e assucar, e os habitantes de Ouro-Preto, *mocotós*, que é iguaria mais fina, para aristocratas: — ainda hoje os meninos conservam a tradição, disputando-se fôrças quando se encontram!

Vou a Villa Rica, e penetro n'uma cidade morta em verdadeiras ruinas. Encontrareis ainda por inteiro ruas de casas de que só vereis as paredes ennegrecidas e cobertas de matto. Mais longe, podeis ver os logares onde a mineração primitiva se fazia. E se lançardes os olhares ao horizonte, apresentam-se-vos montanhas sobre montanhas, e no alto, o pico de Itacolumy, apontando o espaço, como

para indicar ao homem, tão pequeno em terra tão grandiosa, esse infinito de prazer só como seu destino! Deus meu! que o homem não corresponde em minha Patria á Natureza!

Deixo a patria do poeta Bernardo Guimarães, o bohemio eterno, de Bernardo de Vasconcellos, o estadista, e sigo para Barbacena, tocando em Caudarchy, pequena freguezia, onde me acolhe o dr. Benjamin Constant, chefe local. Quando atravesso a rua principal, uma pobre velha atira-me de uma janella um punhado de flôres do seu modesto jardim, e grita:

— Viva! viva! Deus seja comsigo!

Commo-me deante d'esta expansão de sentimento feminino, sincero, leal, descuidado. Eu já o encontrara em dois casos; no de uma senhora que rezava aos seus santos toda a vez que eu fazia uma conferencia, e que garantia em consequencia que nada me aconteceria; e no de um cidadão cuja admiração convencida e enthusiastica chegou ao ponto de me pedir permissão para juntar o meu nome de familia ao seu.

— O meu nome, cidadão, como a minha vida, não me pertencem. Pode usar d'elle.

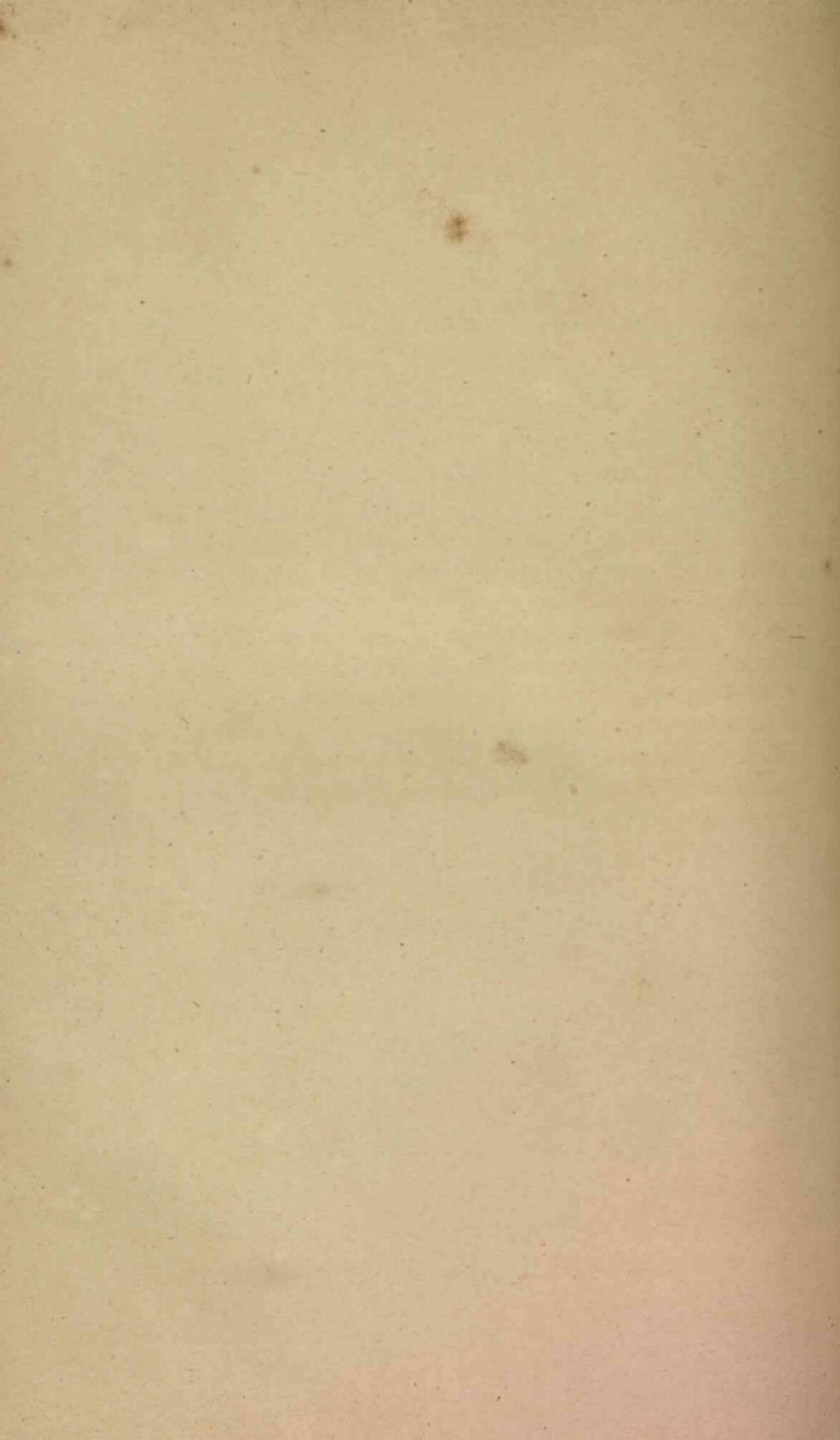
N'essa mesma tarde cheguei a Barbacena. O dr. Antonio Carlos, velho advogado liberal, irmão de Martim Francisco, então chefe republicano, recebeu-me carinhoso, bem como os outros correligionarios. A conferencia correu entre applausos. Martim Francisco, filho de Antonio Carlos, pronunciou um discurso promettedor, na passeata que se realisou.

No dia seguinte visito o *Sanatorium*, estabelecimento com

que os meus correligionarios Costa Reis, Caldas, Gonçalves Ramos, e Henrique Vaz haviam dotado a cidade, e tomando o trem de ferro, atravesso as montanhas mineiras, descendo os planos majestosos da estrada, horisonte largo sempre em frente, depois de ter atravessado as planicies enormes do campo onde o gado abundante pasta, e torno a entrar no Rio de Janeiro.

Foi assim que eu percorri a terra em que havia um seculo o sangue de Tiradentes regara o solo, adubando-o para bem produzir a arvore da liberdade no Brazil.

Paris, 14 de março de 1891.



VI

Dialogo possível entre o auctor e os leitores? — Um banquete e um congresso: nuvens pelo horisonte. — Uma divergencia que se aclara: suas razões; um programma politico. — O grupo dos prophetas menores. — Pelos mares do Norte, a bordo do «Alagôas»: a Bahia; opinião de uma preta sobre o partido liberal. — Alagôas e Pernambuco: Veneza! e seus doges. — Pelos campos, até Palmares, até Goyanna e até Victoria. — Um punhado de bravos, e uma horda de malfeitores: sob a espada... do Poço da Panella. — Dois typos de revolucionarios e de cidadãos. — De volta do Sul: situação dos espiritos: vencer, ou morrer!

O AUCTOR

A's vezes pergunto a mim mesmo, senhores leitores, se esta historia de livro sobre a propaganda republicana vae bem, e se toda esta conversa não é uma conversa... fiada.

LEITOR BENEVOLO

Talvez não entendam os seus intuitos. E' pequeno o numero das pessoas perspicazes, e é ainda menor o das que desejam vêr-nos claramente, como nos apresentamos, crendo na nossa sinceridade.

O AUCTOR

Mas aqui e alli, começando ou acabando um capitulo, tenho, desde o prefacio, procurado dar uma idéa do meu fim, escrevendo estas linhas. De resto, ellas não teem grandes pretensões: em fundo não passam da satisfação do desejo de recordar, desejo ardente quando se está longe da Patria.

LEITOR EXIGENTE

Mas para isso não valia a pena encher paginas e paginas em que nem sempre o estylo é claro e recto, eivado por vezes de repetições que são excrescencia ou monotonias, e persemado de faltas typographicas, de pontuação ou de lettras que affectam o sentido, e quem sabe mesmo se a syntaxe.

O AUCTOR

Pode ser que tenha razão. Mas lembre-se que nos habituamos a usar certas palavras como nos habituamos a ver certas pessoas; ficam palavras amigas. Habituoamo'-nos a omittir outras como a evitar certos individuos. Foi para taes casos que se inventaram os proverbios: o que abunda não prejudica, e a bom entendedor meia palavra basta.

LEITOR EXIGENTE

Um escriptor deve ser rico em vocabolario, deve ler os bons auctores da lingua vernacula.

O AUCTOR

Como? n'aquelles dias difficeis de luctas politicas? sabe que esse cabedal exige renovação contínua.

LEITOR BENEVOLO

Pode cobrir-se com a rapidez com que precisam proceder os que passam o santo dia a bater com a alavanca do trabalho o rochedo do destino, a abrir caminho na vida. . .

O AUCTOR

Obrigado.

LEITOR EXIGENTE

E as faltas typographicas?

O AUCTOR

Ora, meu caro. Para que serve então a intelligencia do leitor que frequentou a eschola? Uma errata? Mas isso é uma correcção no seu reconhecido merito.

AINDA O AUCTOR

Este escripto, repito, é um escripto de coração. Puz de lado a *clamyde* do apostolo ou a *tunica* do politico para conversar com os senhores sem pensamento antecipado, assim, em *veston* ligeiro, cada um na sua *chaise-longue*. Notaram alguma vez a sombra de um desgosto? O sorriso de uma ironia? Á fé que não ha intenção. Mesmo quando um ar de censura paira no periodo, elle não é proposital, e sim talvez o reflexo de justificação de um homem publico por vezes accusado. . .

LEITOR EXIGENTE

Mas eu queria mais verdades, mais explicações sobre os individuos, apreciações. . .

O AUCTOR

?

ELLE

O AUCTOR

Diga: um pequeno escandalo.

Mas não: este é um trabalho de fraternidade. Deante do lado máu ou ridiculo das cousas o espirito do auctor ficou sereno, procurando por toda a parte desprender o bem do mal, e avaliar homens e cousas pelo seu bom aspecto. Ninguem ha condemnavel em absoluto.

ELLE

Mas no que toca á sua personalidade...

O AUCTOR

Ahi não pode exigir mais franqueza. A minha vida ahi está. Se pareço benevolo commigo mesmo é porque o sou com todos.

LEITOR BENEVOLO

Se quizermos fazer uma montanha de todos os nossos pequenos erros e fraquezas, enviar-nos-hemos ao cadafalso ou á fogueira. Quem se suppõe malvado atira-se á agua. A verdade, a verdade que se deve aos que bem a podem entender, a verdade que não prejudique a terceiros que por sua situação não devam ser chamados ao tribunal publico.

O AUCTOR

Bem dicto. E essa verdade ahi está e estará. Querem mais? Todo um estudo de analysta? Ah! então paguem mais caro

a curiosidade; dêem-se ao trabalho de desprendel-a de uma linha de reticencias com etc.:

.....
 que, aliás, ha em tudo que lhes pareça claro, limpido, transparente. Debaixo da camada de gêlo sobre que marchamos; que de abysmòs e aguas turvas podem estar!

LEITOR EXIGENTE

Mas, afinal, não sei para que estes prefacios intercalados...

EU (*concluindo*)

Cada um tem seu systema. O meu é perguntar ao interlocutor noticias sobre a familia, quando é muito longo o discurso que me faz. Descança-se assim. Depois, não era sem tomar fôlego que passaríamos dos combates narrados anteriormente á mesa do banquete, que uma commissão do Commercio de São Paulo offereceu ao propagandista, n'um parenthesis que elle fez na sua excursão mineira, entre os tiros de revólver de Valença e os sorrisos das senhoras de Cachambú.

A NARRAÇÃO PROSEGUE

TODOS

Ainda bem!

*

* *

A idéa do banquete partiu de uns bravos rapazes, Hippolyto da Silva á frente, na sua dupla qualidade de guarda livros e de republicano. Uma boa occasião para relembrar

e desenvolver pontos politicos, *inter-pocula*, produzindo eu um discurso sobre a politica republicana scientifica e revolucionaria, confirmação do manifesto paulista de 24 de maio, referido na segunda parte d'este livro, e da minha attitude de independencia e de concurso perante os mais antigos e conservadores elementos do partido, e mantendo o posto na Vanguarda Republicana.

Além da commemoração de 7 de abril, a festa omittida pelos membros directores do Partido Paulista, destinava-se, segundo o discurso do orador official, a "prestar mais completa adhesão,, á attitude que eu assumira.

E o seu discurso terminara por um brinde á Revolução, personificada generosamente no propagandista.

Este respondêra ao discurso da Commissão dos republicanos do commercio, relembando os deveres da Republica para com o proletariado, explicando o principio da soberania do povo como conciliavel com a soberania dos individuos, ou, melhor, com a sua autonomia, e melhor, substituiavel pelo da superioridade da Patria, permittindo a formação dos *homens*, como organos da doutrina commum. Desenvolveu o combate ao parlamentarismo, accetando entretanto no momento a intervenção nas suas luctas como elemento de destruição. Pedia a Revolução, não militarizada e acampada pelo elemento civil, mas formada aqui e alli, pela repulsa aos ataques do throno, accetando esse ataque, e enfraquecendo a auctoridade monarchica, já illegitima, perante a Nação; e devendo sómente recear-se deante do crime individual, vergonhoso e infamante. Quanto á sua pessoa, declarava, não obstante a adhesão formal pernambucana, não pretender nenhuma chefia official suprema ou

secundaria no Partido, não recusando o conselho a todos os que se collocassem espontaneamente sob sua direcção. “Confessada a vacancia directora da agitação republicana, republicano e brasileiro, dispuzera-se a lutar. A massa republicana acompanhava-o. Seria crime lutar na frente, no perigo? Não o cria. Seria pessoalismo arriscar a propria pessoa, a propria vida e proclamar como divisa *Vencer ou morrer?* Não o cria. Seria auctoritarismo não ceder da opinião de lucta na frente ou da opinião reflectida nas questões theoreticas? Tambem não o cria.”

Essa festa republicana dera logar á revelação de que o nosso ideal penetrava as proprias classes médias, a burguezia commercial, depois de ter alastrado entre os philosophos, os jornalistas, os poetas, os advogados, os medicos, os agricultores, até os militares. Sim: em breve as pontas das mesmas lanças seriam encimadas nas praças pelo barrete phrygio.

Por outro lado, ella visava congraçamentos e explicações, poupando susceptibilidades respeitaveis mas pouco fundadas, que tinham dado logar a boatos, como da existência de obstaculos á propaganda do orador, a phrases em artigos de um correligionario contra elle, susceptibilidades talvez augmentadas pelas censuras de organos auctorisados da imprensa á antiga direcção partidaria, e a opinião exposta em manifesto de um illustre prócere republicano paulista em que se reconhecia ao propagandista as condições, de chefe de movimento revolucionario, “não contestado, antes legitimamente acceto”, pelas adhesões á sua attitude.

A direcção official do partido convocara um congresso do Partido. Essas reuniões realisavam-se de tempos a tempos,

e as provincias vizinhas chegavam mesmo a enviar representantes directos.

Reunimo'-nos. A situação dos espiritos mudara dentro de um mez, ou melhor, tornara-se clara. O pensamento mais dominante era, infelizmente, o de fazer alto nas fôrças antes da batalha final. Para mim, entretanto, um dia de espera era um dia de morte. Do manifesto de combate ao terceiro reinado em todos os terrenos, havia a idéa de permanecer n'uma evolução activa, segundo o pensamento de Francisco Glicerio, pelo processo eleitoral, segundo Campos Salles.

Não pudemos harmonisar-nos em conferencias que tivemos. Eu havia avançado muito, e com o apoio de todos, tinha uma mui grande responsabilidade, para poder parar na carreira encetada.

Demais, parecia-me mal constituido o mesmo congresso, para tão graves assumptos, pela ausencia de representação de muitas provincias, pela representação diminuta das que se apresentavam, pelo local, que me parecia pouco legal, devendo ser o centro do paiz, e pela reserva inutil, que guardavamos. Eu era delegado do municipio neutro, votado em seguida a Saldanha Marinho.

Não podia estar de accôrdo com a negação de uma corrente revolucionaria no paiz. Estavamos, quando muito, em transição, e parecia-me inoportuno attenuar programmas, formulal-os, e mesmo eleger um chefe para o partido, embora de muito opinasse pela concentração das fôrças n'um orgão unico. Como outros, preferia o *statu quo*. Abstive-me de votar; mas, quando foi eleito Quintino Bocayuva saudei-o pelo posto de confiança a que fôra elevado.

— Eu não votarei n'elle, tinha dicto Francisco Glicerio, por que está enfermo, como me escreveu, e o partido carece uma direcção muito activa; o que não impede as nossas relações fraternas, e de estima mútua.

Duas questões me preocupavam sobremaneira: — não recear dos nossos compromissos revolucionarios, e da agitação correspondente; — não nos compromettermos a novos programmas, inoportunos ou não acceitaveis pela totalidade do partido.

Tudo mais que pudesse haver de dolorosamente pessoal n'essa divergencia, eu sabia calar em intimo desgosto, subordinando qualquer revolta de sentimentos que a hypothese de injustiça levantasse ao bem commum de uma causa que era mistér fazer victoriosa.

*
* * *

Um partido constituido aos poucos, n'um periodo de quasi vinte annos, desde 1870, e em diversas épochas, devia forçosamente conter elementos de várias classes, tendencias e educação diversas. Para os primeiros a republica era de habito um ideal, o que levava aos processos evolutivos e pacificos; para os ultimos, e mais numerosos, uma aspiração ardente, a satisfazer de immediato.

Um partido assim antigo não poderia furtar-se ao espirito absoluto inicial que firmava para todo o sempre principios sociologicos e politicos, embora muitos dos fundadores evolvessem para concepções mais práticas, e scientificas. Assim da primeira concepção federalista, como forma

de governo, haviam alguns passado á profissão de fé separatista, ainda que vigando em fim a federação.

De mim, após a acceitação da juventude, por confiança e sem exame da theoria, dos primeiros manifestos, passara, como tantos outros, pela descrença das fórmulas meramente liberaes, e mesmo demagogicas, ao estudo da politica positiva.

Entrando na politica como mero partidario, mantivera o ideal republicano, com restricções quanto aos programmas. Na organização do club de Santos, fizera questão capital da abolição da escravidão. Mas declarara julgar o regimen federal transitorio, pela fatalidade do instincto patriótico, que levava o cidadão ao amor da patria pequena, *um só Estado*, e unido:— declarara acceitar como medidas transitorias o regimen parlamentar;— não ter prejuizos de odio contra os reis e os padres, embora quizesse a eliminação do privilegio de casta e de principio religioso: adiava essas questões como secundarias chronologicamente, mas emquanto o seu modo de vêr não fôsse acceito ou pelo menos tolerado, não poderia considerar-se representante do partido correspondente.

Por occasião em que se davam os factos que narro, nenhuma razão tinha para mudar de pensar. De facto, federar o que, se nada havia separado no Brazil. Separar as provincias para depois federal-as como queria alguém, seria prolongar a era das revoluções, e arriscar-se a não attingir o fim desejado. Separar sómentê, era precoce. O essencial era conservar a união, descentralisar serviços administrativos e financeiros, para no futuro remoto consentir na separação. O principio demasiado federal na sua

prática poderia, ao lado dos erros monarchicos, ser o desmembramento desde logo. E ahi estavam os meus receios : e do ponto de vista liberal muito dispersivo occorriam ainda consequencias que levavam áquelle perigo.

O partido de Pernambuco, guiado por bons espiritos, á frente dos quaes estava Annibal Falcão, tornara claros estes escolhos da politica republicana em um manifesto. Nós haviamos anteriormente conferenciado a esse respeito.

Eu achava apenas que o estado dos espiritos tornava inopportunas, por não elucidadas perante a opinião publica, algumas das concepções mais adeantadas da politica positiva, como a da dictadura, concentradora dos poderes práticos, deixando a todos plena liberdade espiritual.

— A dictadura é cousa que existe fatalmente; desde que existe governo. Mas muitos não entendem que ella não é tyrannia por que a representação nacional e a opinião publica a fiscalisam e equilibram. A palavra é que offende o ouvido, pelo exemplo dos dictadores sul-americanos.

Annibal Falcão, porém, confiante de mais na fôrça da verdade sobre os interesses dos partidos, consagrara-a claramente no manifesto do partido pernambucano, ao lado das idéas que deixei expostas, e que relembra no meu discurso *A Salvação da Patria*, nas conferencias em resposta a Joaquim Nabuco, na circular aos bahianos, no ultimo discurso paulista. Desde que, apoiada por um partido, essa politica surgia inteira, eu devia acceital-a: “Pugnarei pela Republica Brasileira, dissera na minha *Carta Politica*, conforme a bella explicação do manifesto Republicano de Pernambuco. Reservava-me, é bem de vêr, conforme declarei ao meu eminente companheiro, o direito de applicar opportuna e

convenientemente os principios: d'essa politica a minha tarefa era a de um propagandista politico, não a de um apóstolo doutrinario; e depois da acceitação geral á minha attitude, o dever impunha-me ainda mais respeito á Opinião. Em politica deve-se sempre dizer a verdade, mas nem sempre toda a verdade. E a mesma verdade deve-se ás vezes dizer sómente aos capazes de bem apreciar-a.

Em consequencia do discurso official de Quintino Bocayuva no banquete que lhe fôra offerecido em S. Paulo, e do manifesto em que fazia o Partido então entrar novamente na linha exclusiva do manifesto de 1870, e no terreno da evolução pacifica, Annibal Falcão, como delegado do Partido Republicano de Pernambuco, declarou que esse partido continuava a reconhecer a minha chefia, acceita por mim tacitamente; — não por discordancia das idéas, diga-se, mas porque nunca pretendêra nenhuma chefia partidaria official. O sr. José Leão, pelos republicanos do Rio Grande do Norte acompanhou-o n'essa attitude, bem como Sá Valle. Publiquei então o conhecido manifesto de solidariedade com o organo pernambucano, promettendo procurar corresponder aos votos que em nome dos seus correligionarios fazia, quanto á minha obra politica. A posição do chefe do partido como redactor do *Paiz*, jornal então neutro em politica, contribuiu muito para a manifestação d'esta divergencia.

O meu desejo manifestado era “a organização de um partido republicano constructor, preliminarmente revolucionario. A Patria Republicana seria governada por uma Presidencia instituida pela vontade popular, a principio por acclamação, sujeita em eguida ao suffragio universal: Auctoridade, na qual se depositasse uma cautelosa confiança,

inteiramente fiscalizada pela Assembléa Nacional, camara financeira, e pela opinião publica, por meio de todos os seus organos; o nosso programma seria conservador e progressista: *conservar, melhorando*: conciliantes em facto, embora inflexiveis nos principios.

Faziamos questáo de combate o parlamentarismo, da concentraçáo politica, com descentralisaçáo administrativa; da liberdade religiosa, com o casamento civil, o registo civil, a secularisaçáo dos cemiterios; da liberdade da palavra, da reforma do ensino, da independencia do proletariado: e batiamos a idéa da indemnisaçáo.

Por um concurso de circumstancias, nossos intuitos fôram mal entendidos por alguns, e desvirtuados por outros, de sorte que houve dissidencias. Alguns companheiros julgaram dever alliar-se ao elemento mais official do partido, e entre elles velhos amigos, como Alberto Torres e Xavier da Silveira.

Os que sustentavam a politica do chefe eleito em S. Paulo enviaram-lhe telegrammas de adhesáo, e pela natureza dos factos consummados coube-lhe a voz official do partido. O receio de que uma sissáo enfraquecesse as nossas fôrças era geral, impondo o silencio áquelles que mais me sustentavam, embora alguns partidarios desenvolvessem por esse tempo verdadeiros sentimentos de aversáo para com-nosco, collocamo'-nos, em seguida ao incidente em que o ardor da lucta poderia ter determinado certa irritaçáo, na attitude da sympathia geral, despreoccupados das pessoas, e tendo em vista a Republica, como os acontecimentos que se seguiram demonstraram.

Esse sentimento de sympathia procurara affirmal-o desde

o proprio dia do manifesto de divergencia, declarando ao chefe eleito em S. Paulo, respeito pelos seus serviços á propaganda republicana, e estima como a um republicano mais velho, e a quem agradecia o cavalheiroso tratamento pessoal que commigo havia commerciado.

Porém, no meio de tudo isto, a tristeza invadia-me muita vez o espirito perante algumas considerações que emittira, e cuja realisação infelizmente receava.

A situação brazileira, disséra em resumo, era identica á de 1831. Por que razão o 7 de abril degenerara em movimento monarchico? Porque o grupo dos exaltados deixou-se vencer pelo dos moderados. Era mistér evitar a nossa entrega ao liberalismo, sequioso de poder, tornado republicano de um dia para o outro. Era preciso tirar o partido republicano d'este perigo: que a Republica fôsse a monarchia sem Imperador.

*

* *

Tinha chegado ao Recife.

— Desde as seis e meia da manhã, disse-me Martins Junior no bote que nos conduzia, que o povo enche o caes do Ramos a esperal-o. Este caes era o ponto designado para o embarque das commissões que vieram saudal-o. A's sete e meia ellas partiram na flotilha que vê, de dezoito lanchas. Na primeira veiu a direcção central do partido, o Maciel Pinheiro, o dr. Albino Moura, Martiniano Veras e eu.

— Não esperava que o Partido de Pernambuco tivesse elementos para um tão brilhante acolhimento á propaganda.

— Durante a travessia do vapor, e desde que este foi avistado, saudam-nos, e á Republica.

Nós seguimos no escaler da Commissão do Directorio do Partido. Acompanhavam-nos as outras embarcações, que levavam as commissões que tivera o prazer de abraçar a bordo. Os *vivas* elevavam-se ao ar, contrastando com a frieza da entrada do principe. Ao passar a flotilha deante de uma barça que se achava no ancoradouro fronteiro ao caes da Companhia Pernambucana, o patrão da barça havia tido a gentileza de saudar-nos, com a sua bandeira. Um quarto de hora depois chegavamos ao caes, no meio das acclamações do povo Pernambucano, e, ao pômos pé em terra, súbiam ao ar girandolas de foguetes e salvas de tiros, triumphaes.

A Commissão do Directorio offerece-me um bello *coupé*; mas, attenta a massa de povo de todas as classes que queria acompanhar-me, declaro não utilizar-me do carro.

— E' mais prudente tomal-o, dizem-me.

— Mais uma razão para ir a pé, com os amigos.

E organisa-se alli, apesar da chuva, uma enorme procissão civica que desfila acompanhada dos carros, desde a praça de Pedro II, em Santo Antonio, até á rua do Hospicio, na Bôa Vista. Atravessamos as ruas, cujo nome vou lendo, do Rosario, de Cabuga, de barão da Victoria, da Imperatriz, e praça do conde d'Eu. Pelo caminho, dasse o *Norte*, jornal do novo partido, ouvem-se de contínuo os vivos ao tribuno, o chefe do partido republicano brasileiro, á Republica, até á casa do cidadão Ribeiro Brito, que me hospeda no seu lar festivo e cordial, e d'onde, respondendo ás saudações, dirijo a palavra ao publico, agradecido, respon-

dendo-me em nome do Partido Martins Junior, e orando ainda Albino Meira, e o Braz de Mello, em nome do Club Republicano Academico. "Tudo o que a mocidade tem de mais santo, diz-me este no discurso mais tarde impresso, benções maternas e sonhos do ideal; o que ella tem de mais valioso, a alegria do presente e a esperanza do futuro; o que tem de mais forte, o desassombro de duendes de qualquer especie e a confiança em si; risos, lagrimas, coleras, amores, trabalhos, victorias, trovas e cantares, palmas, admirações, respeitos, vontade, intelligencia — a vida, é de si pela causa da Republica; é pois, por vós! E n'este presupposto, os moços do Club Republicano Academico vos saudam,,.

O povo insta a que fale de novo, o que faço, tendo ainda nas mãos o numero dos jornaes de edição especial que me offerecem. Em seguida, o cidadão Ribeiro de Brito convidanos para o banquete, em que toma a palavra á sobremesa, seguindo-se-lhe Maciel Pinheiro, profundo e inspirado, Alfredo Falcão, ardente, Amaro Rebello, entusiasta, em nome dos nossos correligionarios da cidade da Goyanna, Veras, e muitos outros. E alli nos entretemos, depois, em conversação amistosa sobre os factos da nossa politica, em grupo selecto, no qual se destacavam as figuras do dr. Ambrosio Cavalcanti, um typo do velho character pernambucano, Gomes de Mattos, Raymundo Bandeira, Leonardo Cavalcanti, Barros Cassal, o meu velho companheiro de Academia, Clovis Bevilacqua, o companheiro de infancia, e tantos outros, valentes athletas d'esse grupo que abria porta larga á idéa salvadora da Patria, mostrando que o dicto de Voltaire podia aqui tambem applicar-se: "do Norte é que vem a Luz!,,

Realmente, essa luz tinha vindo desde 1817 com Domingos José Martins, até 1848 com Nunes Machado, e ainda até 1870 com a questão religiosa e Saldanha Marinho.

Que de pensamentos se apossaram de mim ao seguir para esse Norte, que era para o Sul do Brazil uma especie de sombra tenebrosa! Eu recordava as tradições politicas em que elle tinha primado, desde 1500 com a descoberta do paiz, as primeiras explorações de Christovam Jacques, a colonisação de Thomé de Sousa, os assaltos dos aymorés em antros indigenas, os ataques dos corsarios inglezes, a occupação dos francezes, a conquista hollandeza, o heroismo de Matthias de Albuquerque, a defecção de Calabar, a abnegação de João Fernandes Vieira, de Antonio Philippe Camarão e sua mulher D. Clara, e de Henrique Dias; até a revolução de 17, a de 24 em que Paes de Andrade proclama a *Confederação do Equador*, e a de 48, em que Nunes Machado morre deante dos muros do Recife! Esse Norte, mal conhecido e mal apreciado, era julgado um reducto da politica monarchica, havia de velha data dirigido os destinos brazileiros de um modo preponderante, despertando mesmo rivalidades no Sul, d'onde eu partira, acompanhado em meu espirito pelas suas glorias: as explorações de Martim Afonso, suas fundações, a catechese de Anchieta, a defesa do Rio de Janeiro contra Villegaignon e mais tarde contra Duguay Troin organizada por Mem de Sá, a tentativa de independencia dos paulistas em 1580, a repulsa aos corsarios, a conspiração de Tiradentes, a collocação da capital na cidade central do paiz, a annexação da banda oriental, a iniciativa da Independencia, o 7 de abril, a revolução rio-grandense de 25 com Bento Gonçalves, a de 42 em S. Paulo

e Minas, e afinal, a criação e desenvolvimento do Partido Republicano. . .

Mas era preciso unir os esforços d'esse Norte aos do Sul, n'uma mesma politica, era mistér preoccupar-se com a unidade da Nação Brasileira, e com a não certeza d'essa aspiração, unidade, que a arbitraria constituição geographica da capitania de Santo Amaro, pela ilha de Santo Amaro em S. Paulo e pela ilha de Itamaracá em Pernambuco, estava apontando como um aviso do passado, um voto dos primeiros paes. Parecêra-me que, propagandista do Sul, que recebêra provas de sympathia d'esse Norte, já pela adesão pernambucana, já pela candidatura da Bahia, era apto a tentar a confirmação d'essa união, filha da unidade moral de todo o povo brasileiro, e estava certo que bastava esse esforço a vêr surgirem do chão as legiões republicanas cujas veias ainda estavam aquecidas pelo sangue dos martyres. Eis por que partira para essa região desconhecida e para muitos tenebrosa, seguindo o herdeiro do throno, "collocando-me ao seu lado. . . ao lado, não, acima! que eu representava alli um pouco do coração do Povo! da intelligencia e da actividade da Patria! da alma da Republica! collocar-me acima e lançar-lhe o cartel de desafio entre a tyrannia e a liberdade. . .", E posso dizer que, embora as difficuldades enormes e ignoradas d'essa campanha, obtivemos o nosso fim: o Norte acolheu digno e brioso a idéa da Republica, e esta idéa depois da guerra do Paraguay, que se transformou na idéa da Patria, foi o movimento mais efficaç para a ligação de todos os corações que pulsam na terra do Brazil. . .

Havia muito que a sós eu pensara n'essa viagem, já pe-

los motivos expostos, já pelo desejo de conhecer essa região historica e tradicional do meu paiz. Demoviam-me porém, sempre de sua realisação, ou os affazeres multiplos da propaganda no Sul, ou a repugnancia dos companheiros que temiam pela minha vida n'aquellas paragens. Mesmo minha esposa, ordinariamente tão corajosa, pela primeira vez procurara obstar um passo meu na propaganda republicana. No momento, porém, eu estava convicto, e com razão, de que elle era o golpe de audacia que ia ferir fundo o throno. Havia de sossobrar o plano de conquistar o Norte para o Imperio, e depois cahir com mão forte sobre o Sul.

— Não sejas fraca, disse-lhe. Seria o primeiro acto teu que te diminuise na minha estima como companheira de um homem politico.

Não lançara os olhos para traz, e partira.

— O Norte! diziam-me os intimos, abanando a cabeça.

Que voltasse, pedia-me tambem em uma carta meu pae, appellando para minha familia, e especialmente para minha mãe. Seria possivel que fraqueasse um instante aquella mulher de aço, aquelle character de ferro e de velludo, aquelle coração energico, sempre confiante no meu criterio que jámais me contradissera nas grandes resoluções da vida, espirito ordeiro que amava a Revolução, crente que acceitava a liberdade de pensamento, desde que a essas idéas ligava-se no seu peito materno a idéa de seu filho?

Partira, pois. Não fôra pequeno o espanto dos membros do gabinete, quando me viram a bordo. As nossas passagens só ahi tinham propositalmente sido compradas por Luiz Pires. O Presidente do Conselho, aliás meu contra-parente,

pois sua esposa era tia da minha, e a quem eu devia a fineza das relações em visitas anteriores á sua elevação ao poder, parecia evitar-me. O ministro da justiça, Candido de Oliveira, meu grande camarada no Corcovado, onde tomava ares, ficando nós algumas vezes de gorro em bôa palestra de opposicionistas, fitara-me sem a honra de um cumprimento. . . Só o sr. Lourenço de Albuquerque, ministro da agricultura, passando pelo nosso grupo, e chamado por Sá Valle, que nos apresentou, não sem certa malicia, tivera o sangue frio para as phrases banaes do estylo em taes casos.

— Fala-se que não nos deixarão partir, diz Luiz Pires.

— Melhor, repliquei. Ficarã feita a viagem. Seria inepto, porque revelaria o terror da derrota. Não acredito.

Do tombadilho vêjo a princeza que chorava, despedindo-se do marido, acenando-lhe com o lenço.

— Ella chora, pensei. Tambem eu tenho uma esposa, e tenho filhos que ficam.

Depois, o portaló que sobe, o vapor que parte, a cidade a apagar-se no horisonte, desde o morro de S. Bento até o do Castello, desde a torre da Candelaria até á da Capella Imperial . . . A fortaleza de Villegaignon que passa, Nictheroy e o campanario de S. João Baptista que desaparecem, o forte de Santa Cruz, o mar com a barra lá fora . . .

O barão de Corumbá, companheiro de viagem do conde, approximava-se. Comprimntamo'-nos.

— Segue sua viagem por todo o norte, doutor ?

— Não, senhor, respondo ao bravo official. Vou sómente até Pernambuco, para onde tomei passagem.

Meu pensamento realmente não era seguir impertinen-

temente o principe até o Amazonas, embora isso fôsse mais espectacular, e sim, o que era de mais resultados, sitiá-lhe a propaganda no centro do Norte, em Pernambuco, de modo que quando voltasse elle encontrasse ahi já vibrante a massa agitada.

Como é grande e triste e profundo o mar, mórmente se tendes na alma o horisonte engrandecido por uma idéa, triste pela saudade, e profunda pela meditação do futuro! Coração humano, tambem tu encapellas a nossa fronte em rugas que são abysmos, tambem tu descerras os labios em sorrisos que são vagas que mutuamente se quebram, tambem tu fazes explosão em lagrimas que são tempestades... Eu tinha direito a deixar-me engolfar em pensamentos desencontrados, emquanto o vento batesse nas enxarcias... Quê! não estava alli, pelo longinquo do oceano, pelo solitario das suas noites, pelo triste mugido das suas vagas a baterem no costado do navio que as rompia?... Não trazia ainda a fadiga de tantas luctas, a saudade do lar, não me sujeitava á possibilidade das leis energicas de bordo, á probabilidade da insidia do espirito do dynasta?... Não era para elle a lembrança da patria agonisante, o remorso da criminosa tentativa de usurpação de um throno, a reminiscencia da má vontade do Sul em terras do Norte?

O principe ora passeava agitadissimo, ora se recolhia. Eu observava-o, sem má vontade, antes curioso de bem o conhecer. Tenho que a observação do physico dos homens, de suas maneiras, e attitude, muito influe para um bom julgamento de suas qualidades moraes.

Vira-o atreado, atropelando quasi os que lhe estavam ao lado, no momento de despedir-se de sua familia. Trajava

um costume ligeiro, um *veston* simples, e cobria-se com um chapéo pequeno, desabado. Todos o sabiam surdo, o que lhe difficultava a communicacão. Pelo espirito natural de independencia do brazileiro, poucos se acercavam de sua alteza. No fundo, porém, não me parecia antipathico, e tinha-me mais ares de bom homem que de outra cousa. O que não estava certamente alli dentro era um estadista.

De mim resolvêra saudal-o, se me saudasse, como lhe competia pela sua superioridade official. Podia mesmo conversar com elle sobre a politica, e dizer-lhe amigavel e imparcialmente que via o seu throno perdido. Não tive occasião para tão salutaes entretenimentos, porque elle evitava olhar-me e não se apresentava á mesa. Mantive uma lucta inalteravel de prudencia. Discutindo pouco a politica, ao envés do que se supporia, fugindo assim a questões irritantes e inconvenientes, o que me valeu boas sympathias. Estudava ou lia poetas: tinham-me feito as delicias da viagem as *Novellas de Florian*, e especialmente o sua-vissimo episodio:

Le beau Nelzir aimait Semire,
Semire aimait le beau Nelzir ;
Se voir, s'aimer et se le dire
Était tout leur plaisir...

que Martins Junior, poeta, me traduziu depois:

Nelzir, o bello, amava ardentemente
Semira, e esta ardia por Nelzir ;
Reunirem-se, amarem-se e dizel-o
Era a ventura de ambos, no existir.

Uma noite — pela noite alta — ficamos a sós no tombadilho, elle a passear de um lado a outro, e eu socegadamente sentado a contemplar o céo. Puz-me então a pensar no destino d'este principe, de uma raça quasi amaldiçoada, expatriada, com a fama de avaro como um judeu, antipathisado por todo o povo brasileiro. Vinha de longe essa antipathia, que devia estender-se a sua esposa, ao throno, e até mesmo á pessoa do velho soberano.

O povo dos campos chamava-lhe o *francez*, e todo o mundo tomava a seu respeito a liberdade de narrar uma quantidade de factos, anedotas, historias mais ou menos verdadeiras, algumas das quaes recordo para bom julgamento do leitor.

Os soldados não o estimavam. Um d'elles, que o acompanhara no Paraguay, dissera-me :

— Aquelle homem é um tyranno. Quando perseguia o Lopes, nós já estavamos extenuados e mortos de fome. Elle tinha sempre a sua provisão de biscoitos e de cognac. Um dos nossos companheiros, exaustos, cáe e diz :

— Não posso caminhar mais. Tenho fome !

— Soldado na guerra não tem fome, grita o principe.

E faz marchar o soldado, que morre pouco depois. Se resistisse, seria fusilado.

O voluntario contava-me isto com lagrimas nos olhos, imitando por habito a pronuncia franceza do principe, carregando nos *rr*.

Falava-se da sua avareza, que se extendia ás menores cousas. Certa vez tinha de seguir viagem de um ponto a outro. Um dos creados adoecêra. Na presença do amo nada dizia, mas deante do medico confessava-se incapaz de ter-se em pé.

O doutor ficou ao seu lado durante a noite. Vendo sobre a mesa do jantar dois ovos, tomou um, e bebeu-o.

Na manhã seguinte é despertado pelas interpellações do amo a um creado a respeito do outro ovo. O pobre creado não tugia.

— Fui eu, meu senhor, que bebi o ovo, viu-se o medico obrigado a dizer.

— Pois então quem perde é o doente, porque este é para mim.

E o pobre homem seguiu viagem n'estas condições.

Deante da propaganda republicana, consta que dissera:

— E' preciso apurar a questão da monarchia e da republica até ao ultimo furo . . .

Falava-se de negocios de concessões de bonds á Copacabana, de empresas no Paraná, em que se recusava a satisfazer aos consocios, coagindo o imperador á intervenção deante da citação judicial, falava-se das casinhas que alugava aos pobres, sendo inexoravel no exigir-lhes o pagamento, citava-se o facto de dar esmolas insignificantes nas occasiões de calamidade publica, contrastando com a liberalidade do sogro, narravam-se episodios do tempo em que servira no exercito hespanhol, em uma palavra, enchia-se-lhe a vida de factos, mais ou menos veridicos ou verdadeiros, que o apresentavam como um espirito pequeno, máu, incapaz da elevação necessaria ao melhor conselheiro da futura imperatriz . . .

Quanto a esta, censurava-se-lhe o amor immoderado das festas, entre a implantação das de batalhas de flôres, a preocupação da musica, e apoiavam-se taes observações com as opiniões dos mesmos homens de estado que acha-

vam tudo isso improprio da gravidade governamental...

O mar ia sendo vencido, e o nosso navio approximava-se da Bahia, cuja bella entrada d'ahi a um instante deviamos ver. Começava a impressionar-me com a differença geographica, entre o norte e o sul, differença que se caracterisava por uma tenacidade do solo em manter-se sempre plano. Por outro lado, a Bahia tinha de longe o aspecto antigo do primeiro centro colonial, o ar de uma cidade portugueza, embora engrandecida pelo espirito da America.

— Em verdade, d'aqui por deante temos um outro paiz, diz-me Bellarmino Carneiro, que seguia até o Amazonas. Entretanto, é preciso manter a unidade nacional.

— Sem duvida.

Como em S. João d'El-Rey, não pude ver a cidade senão através da tempestade das aggressões que nos fôram dirigidas.

— Ha de levar de nós uma impressão má, doutor, dizia-me a esposa do conselheiro Virgilio Damasio.

— Ao contrario, minha senhora. Sei que não se pode tornar a população responsavel pelos actos do governo. Estimaria, entretanto, poder ver bem as duas partes da cidade, a alta e a baixa, que me dizem respectivamente commercial, e centro da residencia das familias. Quizera ver, embora rapidamente, os palacios, a bibliotheca, a escola de medicina, o museu, a alfandega, a Praça do Commercio, e sobretudo o elevador que communica as duas partes da povoação. Queria mesmo provar de novo o vatapá, tão celebre, de que gostei muito quando estive no Espirito Santo.

— Já esteve no Espirito Santo? perguntou-me.

— Já, em 61. Era presidente um amigo meu, o dr. Inglez de Sousa, que me fez acceitar a commissão de ir até lá organizar com elle o ensino primario, e fazer a propaganda do methodo João de Deus.

— Gostou da provincia?

— Muito. Só vi a cidade, mas o character do povo agradou-me. Tambem fiquei suspeito para falar a respeito d'aquella gente, porque me fizeram acolhimentos graciosissimos, festas, etc. Eu era n'esse tempo professor da Eschola Normal de S. Paulo, e quintanista de Direito. Victoria é uma bonita cidade, embora pequena, collocada no alto, no fundo da bahia, cuja disposição se parece um pouco com a de Guanabara. O convento da Penha n'uma grande altura, e a seus pés Villa Velha, a povoação de Vasco Coutinho, são cousas curiosas de vêr-se. Conheci na breteria Pessanha Pova, sempre original, Muniz Freire, um bello talento, Cleto Nunes, e Elyseo Martins, que deixara de ser presidente, e muitos outros cidadãos distinctos. Oh! o Brazil é grande!

Fôra rude a aggressão que tinhamos soffrido. Pela ladeira do Taboão estavam collocadas grandes carroças com achas de lenha que barbaramente atiravam sobre nós. Um momento me vi na rua apenas com o dr. Virgilio Damasio, com Edmundo Gastão da Cunha, do rio Grande do Sul, e Cosme Moreira. Esses bravos rapazes mantinham com sacrificios a propaganda por um jornal.

— Não podemos continuar d'este modo, doutor, dizem-me.

Virgilio Damasio não era uma creança, e sim um homem já edoso, fronte serena, e cheia de bondade, cabellos bran-

cos. Era um dos cidadãos mais respeitados da Bahia, pela sua probidade incontestavel, pelas suas convicções coherentes, pelo seu valor scientifico como professor, viajado, lido e professado na cathedra. Vi n'um momento que não tínhamos o direito de sacrificar, ao lado da nossa, a existencia de um tal homem, além de tudo chefe de numerosa familia. Na propaganda republicana, embora me não dispensasse a offerecer-me ao martyrio se elle fôsse preciso, tinha o cuidado especial de não fazer nenhuma victima. Eu comprehendia o que devem ser os gemidos das mulheres e das creanças; orphãos de esposo e de pae depois de uma catastrophe em que a Revolta abre as azas negras só a meio illuminadas pela Victoria.

Mas o velho chefe do Partido nem um só momento propôz a retirada.

Um grupo dividira-nos. Eu ficara só.

— Onde está este Silva Jardim, que eu quero matal-o? gritava, dirigindo-me a pergunta, um capadocio, homem grande e reforçado, côr de mulato, narinas dilatadas, olhos grandes injectados de sangue, physionomia descomposta, cabellos encarapinhados, trajando apenas calça e camisa, e brandindo uma grande faca, especie de punhal...

Olhei-o sereno. Dizer-lhe que não sabia? Seria negar-me a mim mesmo. Dizer-lhe que era eu? Fôra um estúpido sacrificio. Fiz silencio. Se a sua penetração fôsse maior, estava eu morto.

Podia, porém, morrer n'aquelle momento: apossara-se de mim a insensibilidade moral completa de quem muitas vezes admittira a possibilidade da morte sem terror, e a quem ella só poderia produzir a dôr physica.

O miseravel fanatico passou como um tufão e seguiu em minha busca.

— Para aqui, doutor, diz Gastão da Cunha, tomando-me vigorosamente o braço e atirando-me para dentro de uma casa.

Era um cubiculo, onde um pobre africano vendia a sua quitanda. Elle fecha a porta, á qual fica de guarda, e eis-nos os quatro ás escuras.

Inspeccionamos o local á claridade de um phosphoro.

— Aqui podemos morrer como ratos, disse eu, se nos descobrem. Mais vale sahir corajosamente para a rua, onde podemos tomar outra casa.

De fora perguntavam ao preto se elle nos tinha acoutado. Elle dizia que não, e estava convencido que eramos quaesquer pessoas tomadas pelo tumulto. Mais tarde soube que lastimou o facto, porque elle proprio nos mataria.

Sahimos. Subimos a um primeiro andar. Era uma casa de mulheres de má vida. As pobres raparigas, embora tremendo, facilitaram-nos a entrada, e consentiram que fchassemos a porta da rua.

— Não podemos ficar aqui, ponderei. E' sahir do terrivel para o ridiculo.

Previa todas as hypotheses.

— Não tem sahida esta casa?

— Não.

Mas nos fundos havia um muro alto que dava para uma honesta habitação de algumas lavadeiras.

— Passaremos por aqui.

Ao saltar o muro, a uma grande altura, Virgilio Damasio fere-se.

As pobres mulheres recebem-nos, benzendo-se. Eram gordas mulatas, que usavam na cabeça um toucado feito por uma rodilha de panno branco. Vestiam saias de chita; via-se-lhes o busto coberto da camisa de linho, alvissima, asseada, coberta de lavores, de rendas custosas, feitas na terra. Os braços e o collo ficavam nús, apenas cingidos por pulseiras e collares ricos. Calçavam chinelas que deixavam vêr os pés despidos.

Quando uma d'ellas soube que me tinha em sua casa :

— Virgem Nossa Senhora! exclamou.

— Não se espante, minha velha, digo, com o tratamento que damos ás pessoas a quem queremos tratar com carinho. Arranje-nos ahi uma boa chicara de café, que não ha de arrepender-se.

Serenado um pouco mais o tumulto, sahimos cautelosamente, e tempo depois é que o chefe de policia se offerecia para nos acompanhar a bordo.

Quando entramos no carro, este quiz collocar-me entre si e um militar.

— Deixe-me ir aqui mesmo, disse-lhe. Não tenho medo do povo.

E encostei-me ao postigo.

Havia punhos que se levantavam no ar. O acontecimento espalhára-se pela cidade inteira com a rapidez do raio, e os inimigos avolumavam.

Eu olhava sereno, mas triste, sem provocação, aquelle povo.

Episodio comico :

Quando passámos deante dos guardas, elles apresentaram

armas, suppondo que passava o conde d'Eu. E' que seguimos no mesmo carro que o conduzira.

— Ora aqui está para que fizeram isto, digo. Agradeço o carro e as homenagens.

Estava terminada a comedia da “reacção do povo contra a propaganda republicana!,”

Mas a irritação lavrava fundo contra taes selvajarias, e dias depois eu recebia o seguinte manifesto, assignado por uns cincoenta cidadãos do commercio, o que é importante e que transcrevo, para dar idéa de como seguimos victoriosos, embora as expressões de elogio immerecido que elle contém, só se expliquem pelo entusiasmo pela nossa idéa :

VIVA A REPUBLICA !

“Os abaixo assignados, negociantes e caixeiros n'esta capital, põem ao serviço do partido republicano federal as suas mesquinhas fôrças e arraigadas convicções republicanas, em qualquer emergencia na qual possa ser util o seu concurso, bem como felicitam a distincta e patriótica mocidade academica pela attitude energica, que soube manter em defesa do denodado correligionario dr. SILVA JARDIM, que não trepida em expôr a propria vida pelos interesses da plebe, que o victima ignorantemente, automaticamente. Com os nomes bemditos de WASHINGTON e TIRADENTES pode merecidamente figurar o nome impolluto do grande propagandista brasileiro, para cuja immortalidade falta apenas o martyrio que devia consumir-se aqui por uma horda de selvagens para tal fim assalariada, como solemne desmentido á constituição do paiz, como eterna vergonha do povo bahiano.

“O que ora exprimimos, sabemos, nada aproveita ao partido; é, porém, a manifestação livre, leal, sincera, de moços brasileiros, é um exemplo que deixamos aos nossos collegas e compatriotas, é a expressão de nossos sentimentos patrioticos a que temos direito, é a adhesão a uma idéa grande que havemos de defender conforme as nossas fôrças, de uma idéa que vae triumphar com a onda civilisadora que sobe, que vae realisar-se, porque a nação repelle o terceiro reinado.

“Tudo pela liberdade, tudo pela PATRIA!

“Viva o povo bahiano!

“Viva o dr. Silva Jardim!

“Viva a republica!,”

Chegamos ás Allagôas, cuja capital, Maceió, avistamos a distancia, no meio da planicie. Antes, o extental de areia que não finda, n’uma claridade forte, e as palmeiras, cujas folhas em leque tremem no ar, n’um ruido carinhoso de beijos da natureza. Ao lado, o oceano,

“Verdes mares bravios,,

como disse Alencar.

Pomos pé em terra, e atravessamos a cidade em *bonds* no meio de aclamações. Ricardo Brenaud offerece-nos um lauto almôço. Era um honrado negociante, republicano corajoso, como eram todos os que no Norte me secundavam n’este transe difficil da propaganda. Visito socegradamente a cidade, a igreja matriz, o museu, as escholae, os jornaes, e vamos até o agradavel arrabalde do Bebedouro. Não cessam as aclamações de entusiasmo dos correligionarios,

dos quaes me despeço á tardinha, enviando-lhes ainda expressões de agradecimento e de animação da ponte do embarque.

Alli está agora Pernambuco, o Leão do Norte, e Recife, a Veneza Americana. D'aqui já se divisam as palmeiras, e as carnaubeiras, a arvore do pobre, arvore complexa, que dá a luz, o fructo, e o tecido para a vestimenta. Não foi sem razão que os hollandezes lançaram vistas sobre esta cidade. Aqui o Biberibe e o Capiberibe formam canaes como os da sua Amsterdam, e a agua é abundante, cercando as terras que abrigam. Os bairros em ilhas, ligadas por bellas pontes, como a de S. José, por exemplo. Aqui está a cidade historica por excellencia, a que foi scenario das maiores luctas pela nossa independencia e pela nossa liberdade... Olinda! Guararapes! Que sei... Cada nome é uma joia do museu da historia do meu paiz; cada pedra das ruas conserva a pégada de um heroe e de um patriota!

Tinhamos chegado.

*

* *

Eram esses perigos que eu queria conjurar com a direcção que procurei imprimir á propaganda republicana quando os seus negocios estavam em muito nas minhas mãos, e com a divergencia ultima que tinha sido obrigado a declarar e a sustentar... Sabem os corações republicanos se elles de facto, ou apparentemente — não é occasião de estudal-o — existiram ou não mais tarde, fazendo a tantos perder gradualmente as dôces illusões formadas sobre a prática do nosso ideal...

Infelizmente a minha pouca idade, a minha recente aparição no scenario politico, a natural imprevidencia do espirito brasileiro filha da confiança muito cega no seu destino, um mal applicado espirito de disciplina, fizeram com que essa tentativa mallograsse em parte, restando-me a adhesão geral á minha attitude de combate, pouco explicita deante da voz dos chefes mais velhos, e que appellavam para uma evolução pacifica e para os antigos dogmas. Não importava: tinha-me certamente illudido sobre as fôrças com que podia contar, mas ficava-me forte o apoio de um grupo ainda numeroso de amigos, a adhesão do partido pernambucano, a sympathia do publico, e a convicção do apoio da mesma consciencia no cumprimento de um dever.

Era mal comprehendido, e o tempo e a situação não davam logar a grandes explicações; não esperava que me visse forçado a uma tal divergencia, e pois, na sinceridade propria de uma confiança tranquilla, não preparara uma guerra que jámais desejara. D'ahi talvez, e deante de ataques pouco justos, certa perturbação do primeiro momento, contraria a uma calma até então não desmentida, perturbação que me fez não poupar quiçá o chefe eleito e os seus companheiros, mais do que o fiz.

Falo para justificar-me, é bem de vêr, e não para accusar. Fui censurado em querer a dictadura, e entretanto ella era fatal para a inauguração da Republica; em não querer a federação, e entretanto, até hoje a republica é unitaria e não podia ser plenamente federal desde o primeiro dia; em ser revolucionario, quando se dizia não existirem elementos para isso, e entretanto a Revolução

surgiu mezes depois; e se o nosso programma fôsse apoiado, a dictadura teria o dever explicito, confesso e legal, de manter a liberdade espirital, de organizar a descentralisação administrativa, financeira, o povo e o partido republicano teriam collaborado como factor importante na revolução armada e victoriosa, no golpe unico e decisivo, e a Republica teria sido proclamada pela Nação, e em seu nome. Porque o Exercito e a Armada não eram partes distinctas da Nação.

Tinha tido a sinceridade de formar o programma real do momento, em vez de acenar com os ideaes que só podiam vir mais tarde, a electividade do chefe do Estado, a federação e a paz completa. Não fui comprehendido, e a ferida doeu-me fundo. Comtudo não desanimei; mas quem ha que passe por desgostos politicos equivalentes sem sahir da lucta com a sombra do soffrimento, que, afinal, abate ainda as almas as mais fortes?

Ingenuos ou malevolos houve que suppuzeram aspirar eu a essa dictadura, que se confundia com despotismo, como se os tyrannos de todo o genero confessassem algum dia as suas intenções. Outros me attribuiram uma ambição que não era mais que o desejo de guardar o deposito sagrado da propaganda que as acclamações populares e a voz dos chefes havia collocado em minhas mãos.

Não estava, de resto, esta situação anteriormente esboçada? Não escrevêra no anno anterior nas *Novidades* que “independia e corria? que escrevia ligado subjectiva e objectivamente ao globo dos correligionarios do municipio neutro e das provincias, e aos chefes accetos para cuja auctoridade os contemporaneos tinham contribuido, re-

servando-me embora certa liberdade exterior de movimentos?

Recordo-me que uma noite estando em Itaborahy, com Alberto Torres, em boa camaradagem lhe expuzera nitidamente o meu pensamento. O meu amigo, que mais tarde me suppôz um momento inspirado pelo fanatismo de seita, o que o determinou a retirar-me o seu apoio, perguntara-me se eu desejava chegar ás ultimas soluções da politica positiva.

— Não, lhe respondi. Do abstracto ao concreto, da theoria á prática vae um grande passo. Não podemos formular programmas senão para o momento.

Havia para mim um outro ponto capital da politica republicana e era o que se referia á separação do poder espirital e do temporal, e, preliminarmente ao da separação da Igreja e do Estado. Via velho o antigo batalhador da questão religiosa, e temia que o receio por vezes legitimo em ferir preconceitos, mas que realmente não existiam na nação, obrigasse a outros directores o adiamento da questão magna, sem a qual não ha systema republicano. Porque, para que servia derribar o throno politico e continuar o throno religioso que seria despotismo aos descrentes do theologismo official?

Não podia ainda conformar-me á attitude expectante perante os governos que ganhavam tempo, em prejuizo da nossa causa. Em uma palavra era mistér não ceder uma linha do terreno conquistado, e organizar além do momento da revolução o dia seguinte para que o principio republicano entrasse livre n'uma applicação gradual e triumphante.

Eramos então um pequeno mas valente grupo que sustentava este ponto de vista. A meu lado estavam principalmente Annibal Falcão, Julio Diniz, Teixeira de Sousa, Sá Valle, o cidadão Polycarpo e outros. A communitade de idéas fizera de nós mais que correligionarios, fizera-nos amigos. Restabelecêramos a columna republicana na *Gazeta de Noticias*, e passada a questão partidaria preparavamo'-nos para o combate contra o throno sem lhe dar treguas.

Era no meu escriptorio que ordinariamente conferenciavamos.

O cidadão Polycarpo era um dos mais dedicados apóstolos da Republica. Não vivia senão para essa idéa. Julio Diniz dizia que no dia da proclamação do nosso governo o seu espirito soffreria a impressão do vazio por falta de occupação.

Era um fanatico. Sem grande instrucção, mas dedicadissimo, fazia uma propaganda especial pelos cafés, pelos escriptorios, pelas ruas, onde quer que se pudesse conversar. Pauperrimo, dava licções mal remuneradas, e concertava relógios. Tivera uma casa commercial, que não proseguira, por se ter convertido em centro de palestra republicana.

Certa vez obtivera um excellente emprêgo; mas, como conversasse sobre politica á mesa, observado pelo patrão, despediu-se.

— Se me não dá liberdade de opinião e de manifestal-a, prefiro retirar-me, e soffrer a fome.

E soffreu-a, para ficar coherente com a sua abnegação. Alimentava-se tão mal, na sua miseria gloriosa e que nin-

guem percebia, que adoeceu. Este homem era um dos typos mais completos da dedicação ativa por uma idéa. Podia chamar-se, como o chamavamos "o cidadão".

Com o recurso de algumas relações organisou um jornal, o *Grito do Povo*, redigido por nós outros. Habituará-se gradualmente á disciplina partidaria, perdendo o habito de discutir dogmaticamente com certo imperio, que a idade e os soffrimentos lhe determinaram.

Teixeira de Sousa, de quem por vezes lhes tenho falado, era sempre o eterno theorico, philosopho e poeta. Mais homem de coração que de acção, prompto a esta, entretanto, nos momentos de crise, preocupavam-n'o especialmente as questões scientificas, planeando então uma serie de estudos de psychiatria, com que contava realizar a creação de um instituto.

Julio Diniz, grande, gordo, era quasi a propria serenidade. A sua penna de jornalista tinha sempre uma ironia, como a sua palavra um bom dicto. O seu conselho era sempre reflectido, e a sua voz a voz de amigo confiante e dedicado.

— Temos aqui o grupo dos prophetas menores, dizia eu algumas vezes, alludindo ao grupo official do Partido.

Foi por esse tempo que se annunciou a viagem do conde d'Eu ao Norte. O ministerio Ouro Preto subira ao poder com a intenção formal e explicita de abafar a agitação republicana. O homem de governo que provocara a revolta de Primeiro de Janeiro na capital não podia ser sympathico á população fluminense. Concebi então um duplo plano; emquanto o Presidente do Conselho estivesse em idas e vindas do Rio a Petropolis, residencia imperial, para

a organização difficil do gabinete, eu prepararia e realisaria um *meeting* popular em que o povo protestasse contra a sua chamada ao poder; e quando o principe Consorte seguisse para o Norte a angariar proselytos para a monarchia decadente, embarcaria com elle no mesmo vapor, e seguiria em viagem de uma propaganda incessante. O novo ministro, ou começaria com um acto de fraqueza consentindo o *meeting* annunciado, ou reagiria, tornando-se impopular desde o comêço do seu governo, e a propaganda nortista seria uma victoria completa. . . Não se realisou, porém, a primeira parte d'este plano, porque recusando-lhe a direcção official do partido, completa e publicamente o seu concurso, ella viria sómente accentuar uma scisão lamentavel, em proveito da causa do throno.

A segunda parte jazia em um profundo segredo.

No meio d'isto tudo, tive um momento a idéa de me retirar por algum tempo á vida intima, esperando que passadas as tempestades do momento, pudesse entrar novamente em combate. Era uma fraqueza? Talvez, talvez fôsse a consequencia do canção. Talvez fôsse tambem um bom acto politico. Ha momentos em que, cegos os homens, toda a intervenção é inutil. Então, a inercia é a sabedoria. *Inertia, sapientia.*

Quando li aos meus amigos a declaração que já deixara na *Gazeta de Noticias* nas mãos de Ferreira de Araujo, houve um protesto geral. Já o bom amigo redactor da *Gazeta* me havia lido com tristeza o meu artigo. . .

— Reflecta bem. . ., disse.

— Está resolvido.

Annibal Falcão perguntava-me onde estava em mim,

aquelle justo gráu de ambição que elle achava indispensavel para manter na lucta os homens politicos. O cidadão Polycarpo, no seu ardor de combater os meus argumentos, elevára-se n'uma explosão de lagrimas. Ao sahirnos, Julio Diniz, até então silencioso, dizia-me :

— Isto é uma fraqueza, sr. Jardim ! Veja a situação em que ficamos todos.

Demovi-me. Sabia que a continuação da obra revolucionaria era o accumululo das difficuldades de todo o genero que me ia creando ; sentia-me fatigado, quasi doente, necessitado do repouso do meu lar ; mas ainda o sentimento do dever cego ao meu ideal, dominou um momento de fraqueza, ou uma inspiração que aos outros não parecêra acertada.

Chamando de parte Luiz Pires, o meu dedicado e valente secretario, disse-lhe :

— Então, é preparar as malas, sabe ?

— Prompto, senhor chefe, respondeu, dando-me o titulo que no seu enthusiasmo convicto julgava dever sempre accentuar.

Comprehendemo'-nos todos, e apertámos as mãos. Luiz Pires teve ordem de retirar do jornal a declaração desconhecida de todos, e d'ahi a alguns dias eu estava a bordo do *Alagôas*, na rota dos mares do Norte do Brazil, tendo por companheiro de viagem o herdeiro do throno, o sr. Gastão de Orleans, conde d'Eu, n'esse mesmo *Alagôas* que mezes depois o conduziria ao exilio, ou melhor, á deportação de um paiz que nunca fôra sua Patria.

* *

Tem a palavra o meu secretario, amigo e companheiro de viagem. Para aqui passarei algumas das correspondencias que á *Gazeta* e ao *Correio do Povo* elle dirigiu, na sua prosa simples, mas sincera e verdadeira. Além da fidelidade da narração, a passagem da sua palavra para estas paginas é um preito ao seu devotamento.

A bordo do paquete "Alagôas", 15 de junho de 1889.— Depois de uma boa viagem estamos prestes a dar fundo no ancoradouro da cidade de S. Salvador, da Bahia, visto já termos alcançado a barra, hora em que começo a escrever esta correspondencia, afim de relatar as impressões que temos recebido, e que causou a bordo a nossa partida á comitiva que acudiu ao embarque do sr. Gastão de Orléans.

A noticia, que logo se divulgou, de que o dr. Silva Jardim estava no vapor, e que partia para o Norte em excursão de propaganda, foi uma surpresa para os viajantes, que a receberam agradavelmente, como tambem para a comitiva do sr. conde. Muitos d'estes, mais realistas que o rei, acharam que a viagem do tribuno republicano no mesmo vapor em que ia o principe era um acto intoleravel, uma ousadia, que parecia de pouca conveniencia para o sr. conde d'Eu.

Realmente, teria que ver, se precisassemos dos conselhos de alguns aulicos, ou de licença do sr. Motta Maia, ou

do sr. visconde de Ouro Preto, para viajarmos livremente n'este paiz.

O incidente mais interessante da viagem deu-se quando ainda estavamos na Guanabara e apenas o vapor se punha em movimento.

O dr. Jardim estava no tombadilho, ficando ao seu lado o sr. Gastão d'Orleans, quando um pequeno bote se aproxima de nós, trazendo o dr. Chagas Lobato, distincto chefe republicano da provincia de Minas, que vinha despedir-se, e apenas pôde, agitando o lenço, enthusiastica e alegremente exclamar face a face do sr. Orleans: "*Dr. Silva Jardim, traga-nos do Norte a Republica!*„

Encontrámos com grande satisfação, nossos companheiros de viagem, os distinctos republicanos, nossos correli-gionarios, dr. Pinto Pessoa, lente da faculdade de Direito do Recife, Bellarmino Carneiro, ex-redactor do *Paiz*, e o dr. Costa Lage.

A bordo fomos tratados pelo grande numero de passageiros com as mais altas provas de consideração, reinando a maior fraternidade, e versando a conversação quasi que sobre politica republicana, embora poucas vezes estivesse presente o dr. Silva Jardim, que durante a viagem, afóra a conversação indispensavel, continuava os seus estudos.

O sr. Gastão de Orleans nenhuma convivencia ha tido com os passageiros; tem estado recolhido ao seu camarote, que é o do commandante. Era esperado á mesa e a ella não veio, naturalmente por estar a bordo o dr. Silva Jardim.

Termo, enviando em nome do dr. Jardim e no meu, muitas recommendações aos nossos bons amigos e corre-

ligionarios, de quem nos não despedimos, já pela escassez de tempo, como pela justa reserva que careciã a nossa partida. — *Luiz Pires.*

Bahia, 16 de junho de 1889.

Às 7 horas da manhã o paquete *Alagôas* deu fundo no porto de S. Salvador. Fomos surprehendidos pela noticia de uma recepção festiva, pois não julgavamos que houvesse tempo para preparação de qualquer festejo ou conferencia, entre a nossa partida do Rio e a nossa chegada a esta cidade.

Meia hora depois, chegou a bordo uma lancha, conduzindo cêrca de duzentas pessoas do povo, academicos, commercio, e artistas, que acclamavam o dr. Silva Jardim e a Republica. Em um bote approximou-se então uma comissão do partido, composta dos srs. conselheiro Virgilio Damasio, Diocleciano Ramos, lente da faculdade de Medicina, e Cosme Moreira, que nos transportou á lancha, sendo o dr. Silva Jardim recebido com uma prolongadissima salva de palmas e entusiasticos vivas.

Seguimos em busca do caes da companhia Bahiana onde grande massa de povo esperava o tribuno republicano, que ao chegar foi saudado estrepitosamente por parte do povo e do commercio. Era tal o entusiasmo, que alguns homens, com suas vestes de trabalho vinham abraçal-o. Formado o prestito, caminhámos pela ladeira do Taboão, quando um grupo de mais de cem capadocios, homens de côr, policias disfarçados e armados de cacetes, facas e pedras, começou a dar *morras* á Republica e ao dr. Silva Jardim, e *vivas* á monarchia e ao *partido liberal*.

Um d'elles rasgou o estandarte do Club Republicano.

Silva Jardim aconselhou calma diante do conflicto imminente.

Ao entrarmos na praça dos Tamarindeiros, os membros da *Guarda Negra*, criação do sr. João Alfredo, desenvolvida pelo sr. visconde de Ouro Preto e hoje ao seu serviço, arremessam-se furiosamente contra os republicanos e começam a distribuir barbaramente cacetadas e pedradas, acompanhadas de vivas *ao partido liberal* e *morras á republica!* Os republicanos, completamente desarmados, visto como faziam uma simples manifestação, resistiram emquanto puderam, até que fôram obrigados a refugiar-se em casas particulares.

A attitudo energica e calma do dr. Silva Jardim diante do conflicto foi constatada pelo conceituado orgão *Diario do Povo*, nas seguintes palavras: "O dr. Silva Jardim impavidamente affrontava a ira tigrina da *Guarda Negra*, quando alguém, vendo que podia ser victimado o tribuno republicano, carregou-o nos braços e collocou-o n'uma casa particular, na qual tambem se refugiaram os drs. Virgilio Damasio, Cosme Moreira, Gastão da Cunha e Diocleciano Ramos.

"Grande parte dos republicanos foram espancados. Não se descreve a barbaria, a selvajaria sem nome dos miseraveis assalariados, atacando republicanos inermes que festejavam o grande propágandista.,,

Devo notar que Silva Jardim, pela fôrça das circumstancias, ficara em plena rua sómente com os companheiros acima citados, isolado dos outros que se batiam, tendo diante de si o chefe dos capadocios, que convidava a altos brabos o seu *povo* a matal-o. Durante a lucta, que durou

cêrca de uma hora, a policia do democrata visconde sr. de Ouro Preto, primou pela costumada ausencia, deixando visivelmente provada a sua cumplicidade n'aquelle acto de vandalismo, de que de nenhum modo pode ser responsavel o illustre e adeantado povo bahiano, já manifestado pela opinião publica, como pelos seus organs mais respeitaveis.

Diz o *Diario de Noticias*:

“No emtanto releva notar:

“O attentado que denunciámos não pede ser attribuido á população d'esta capital: foi obra de um grupo, em sua maioria, constituido de individuos que não primam pelo sentimento de ordem e moralidade. É bom que fique isto consignado para honra da mansuetude dos nossos costumes e do gráu de adeantamento em que nos achamos.”

Ainda, assim se exprime o respeitado organ *Jornal de Noticias*:

“De todos esses deploraveis acontecimentos resaltam, digamol-o com franqueza, duas tristes verdades: que a nossa policia descuroou-se inteiramente de prevenir os disturbios e de reprimil-os para garantia da ordem publica, e alguém houve, pelos bastidores, que preparou as vergonhosas scenas.”

Pelo que fica dicto, está evidentemente provado que nada partiu do povo. É tambem verdade que reclamadas as providencias pelo venerando cidadão dr. Virgilio Damasio, respeitado lente da faculdade de Medicina, compareceu o sr. chefe de policia, offerecendo um carro aos drs. Damasio e Jardim. Este acceitou o offerecimento, por não querer expor-se a perder a viagem, declarando que o seu assentimento ao que tinha direito e ao que era dever da auctori-

dade, não importava a convicção de que o governo não tivesse parte directa, pelo menos por omissão de providencias, n'aquelle acto contra a liberdade, não já de pensamento, mas de simples locomoção.

Resultou da lucta serem feridos o dr. Virgilio Damasio, muitos academicos e pessoas do povo.

A faculdade de Medicina, um edificio publico, foi barbaramente atacada, dirigindo os assaltantes um official de policia.

A mocidade reagiu bravamente. O conselheiro Freitas, lente da faculdade, sabendo que nenhuma providencia era dada no sentido de proteger os academicos, dirigiu-se ao director da eschola pronunciando a seguinte phrase :

— Mande-me ao menos dar as chaves do meu gabinete para me armar e aos meus estudantes, uma vez que o governo não dá providencias, ante tantas vidas ameaçadas!

O dr. chefe da policia recebeu uma estrondosa vaia dos estudantes.

Terminado o conflicto foi offerecido ao dr. Silva Jardim, pelo dr. Virgilio Damasio, um lauto almôço, comparecendo algumas senhoras, cuja valentia e entusiasmo pela causa da republica são dignos de elogio. Ao *dessert* fôram levantadas muitas saudações ao dr. Silva Jardim pelos drs. Virgilio Damasio, Cosme Moreira, Gastão da Cunha e Magalhães Reis, deputado conservador, que, apesar de suas idéas politicas, saudou a bravura e dedicação pela republica, do denodado tribuno republicano.

Reinou grande entusiasmo e animação. Fôram saudados pelo nosso distincto correligionario dr. Deodato, os nossos dedicados e valentes companheiros de lucta, drs.

Annibal Falcão, Julio Diniz, Teixeira de Sousa e Raymundo de Sá Valle. Em brilhantes e eloquentissimas palavras agradeceu o dr. Silva Jardim, salientando a coragem dos correligionarios bahianos e especialmente a abnegação cívica do dr. Virgilio.

Durante o dia foi visitado por grande numero de correligionarios e de populares.

Á tarde embarcámos acompanhados de grande numero de amigos, e fomos com satisfação e contentamento recebidos pelos nossos companheiros de viagem, que, devido a muitos boatos espalhados, julgaram que estavamos perdidos.

Entre os boatos curiosos e tragico-comicos, destacarei os seguintes: que Silva Jardim tinha pisado e rasgado a bandeira nacional; que estava a ferros; que a bordo levava o tempo a implicar com o sr. Gastão de Orleans, e que ficara prêso na Bahia. Fôram estes os boatos espalhados pelos agentes do governo e transmittidos pelo telegrapho para diversos pontos.

O sr. Gastão de Orleans foi recebido simples e unicamente pelo officialismo, seguindo para o palacio da Victoria, d'onde não sahiu.

Consta que ao voltar para bordo fôram lançadas duas pedras ao seu carro na ladeira da Montanha. Tinha antes declarado ao presidente da provincia que não embarcava, senão com acompanhamento da fôrça publica.

Para terminar relatarei um episodio muito significativo que se deu quando o dr. Jardim estava acolhido na casa particular de uns pobres operarios. Uma velha preta exclamou:

— Eu bem disse que ia haver uma guerrinha . . . Esse partido liberal já fez a guerra do Paraguay. Olhem agora a revolução lá fora!

E a velha benzia-se.

Está mal o sr. Gastão de Orleans e mais o sr. Ouro Preto. As pretas da terra do vatapá conhecem-lhe a chronica.—
Luiz Pires.

*

* *

Do meu *Diario*:

RECIFE, 25, *rua do Hospicio, á meia noite.* Devo partir amanhã cedo para Nazareth, Timbauba e Goyanna.

Conforme tenho apontado n'estas notas, os dias tem-se passado aqui muito agradavelmente. Os incidentes provocadores da primeira conferencia, e a selvajaria dos tiros ás janellas da casa em que estou, não alteraram a realisação do meu programma. A morada do cidadão Brito tem-se convertido em um bom circulo de palestra politica, principalmente á noite.

O nosso Pires vive muito contente. Na mesa é que é gôsto vê-lo, expondo suas bravuras, aliás sinceras e reaes, e recordando os episodios de bordo, dos quaes occulta sempre a pouca disposição que sentia para escrever, muito preoccupado com a conversação de uma familia, a que tinha adherido, pela propaganda infallivel de certos olhares. Na sua pachorra de homem grandemente fornecido de carnes e musculos, elle quedava-se silencioso, a embriagar-se aos accentos da voz feminina, como um fumador oriental de opio . . . Devo constatar que essa embriaguez era passageira.

Hoje, á hora do trabalho, pela manhã, demos balanço aos nossos negocios. Encarreguei-o de pôl-os em ordem, o que fez, organisando especialmente a lista das nossas despesas, do ponto em que tomou a si a funcção de economo. Por que nós temos uma especie de caixa do partido.

De passagem annotarei que o meu primeiro discurso foi publicado a expensas da caixa de São Paulo; o segundo pela de Campinas; o terceiro e o quarto por contribuição dos republicanos de Santos e a minhas expensas. A minha primeira excursão pelas provincias de São Paulo e Rio foi feita com a quantia de quinhentos mil réis com que entrei para a caixa paulista, como entrada da subscrição na reunião intima do Congresso para esse fim;— quantia que depois me foi entregue para a dita excursão, de que passei e de que se me passou o respectivo recibo, e a que juntei de meu bolsinho duzentos mil réis, gastos no mesmo fim. As minhas despesas de estada no Rio de Janeiro teem sido feitas á custa de umas economias, e do meu trabalho de advogado. A excursão de Minas foi tambem realisada á minha custa, devendo notar que a despesa foi minima, attenta a gentileza dos correligionarios já no hospedarem-me, já no adquirirem a minha com as suas passagens. Na subscrição que abri para indemnisar a Sociedade Franceza de Gymnastica contribui com duzentos mil réis, e egual quantia despendi com a publicação no *Paiz* da minha *Carta Politica* de 6 de janeiro, além de outras, como aluguel de theatro para conferencias. D'ahi por deante formei então uma pequena caixa para o Partido, caixa de que é thesoureira a casa do meu amigo dr. Nominato Lima, e de que o Pires deu hoje balanço, que me apresentará completo ao

chegarmos ao Rio. Até aqui tem sido esta a minha unica acção financeira na propaganda. Uma vez organizei para levantamento de fundos uma reunião no hotel do Globo, sendo subscriptos cêrca de tres contos de réis, dos quaes dois generosamente doados pelo Barão de Araujo Maia; mas esse pequeno capital, gasto com as despesas de tribuna e com a columna do *Paiz*, ficou sob a guarda do thesoureiro do Partido, o honrado Esteves Junior. Quanto á redacção dos meus trabalhos e sua distribuição, ella tem sido sempre gratuita. Disse ao Pires:

— Dou importancia a que estas contas andem bem exactas. Um homem politico precisa prevenir tudo. Quando a gente é sincero, não pensa mal; porque só

Onde reina a malicia está o receio
Que a faz imaginar no peito alheio,

como disse Camões. Mas os adversarios não teem escrupulos na escolha das armas. Como escreveu um biographo de Danton, o qual foi até accusado de roubo de joias !) O homem honesto por um justo orgulho, ou por descuido deixa de defender-se das accusações as mais baixas, e durante esse tempo a calumnia vae fazendo carreira. Porque elle não olha a lama sobre que passa, vê-se n'um dado momento com os sapatos sujos. Um dia cáe, só, ou com o seu partido, ou morre, e está deante dos contemporaneos ou da posteridade como um réo que não preparou a sua defesa. Ou é condemnado á revelia, ou, se fala, não o acreditam. É preciso esmagar a vibora da calumnia no nascedouro da simples maledicencia. Pois já não começam a di-

zer que eu vivo á custa dos lavradores? Decididamente ou elles são muito pobres, ou eu sou muito modesto . . .

A proposito de lavradores e de outras cousas tivemos hontem com alguns correligionarios larga conversação. Eu narrei-lhes episodios abolicionistas do Sul, e dei-lhes noticia do quelombo do Jabaquara, de Santos, em cujas paredes exteriores lêem-se només dos abolicionistas que prestaram serviços aos pobres pretos. Lá estão, entre outros, o de Oliveira Braga Filho, o de Martins, o meu . . .

— E depois chamam-n'o orgão da lavoura escravista, interrompe-me o dr. Brito.

— Em que? E' preciso que digam alguma cousa. Pois sou socio-benemerito da Sociedade Emancipadora — 28 de fevereiro, fundada pelo major Xavier Pinheiro. Os lavradores sabem perfeitamente que fui abolicionista. O commendador Domingos Theodoro, de Valença, admirava-se que parte dos pretos me combatesse agora. Elle dizia-me:—Ora, o senhor, que trabalhou pela liberdade d'elles . . .

Se não fiz mais, foi por que não pude: a minha profissão de educador e a minha argumentação philosophica e outras circumstancias impediram-me a acção mais directa. Não peço logar entre os primeiros abolicionistas, mas disputo o titulo de soldado raso d'essa causa. O proprio Patrocínio recebeu-me nas columnas do seu jornal n'essa qualidade. E depois do 30 de dezembro os libertos de Santos enviaram aos jornaes um protesto contra os ataques da Guarda Negra. E' verdade que esta tinha-me uma raiva especial.

— Queriam matal-o!

— Dizia-se isso. Dias depois do mesmo dia 30 correu a noticia de que minha casa ia ser atacada. Eu não acreditei,

mas, Alberto Torres e Candido Mariano, da Eschola Militar, foram dormir na minha residencia. Eoi uma noite de algum susto para a familia.

— O Ruy tambem denunciou pela imprensa que os libertos pretendiam no dia 13 de maio fazer uma matança dos republicanos mais salientes.

— E' verdade. Talvez que por esse aviso ao publico se intimidassem. Eu tive de passar esse dia com a familia fora de casa. Quanto a mim permaneci no meu escriptorio, com o Annibal, o Polycarpo, e outros, e passei pela rua do Ouvidor. O certo é que me lançavam olhares ferozes.

Já quando estivera doente no Corcovado elles espiavam-me a casa, segundo me contaram alguns amigos. Mas com o tempo tudo creio passará.

Falando-se da possibilidade da Revolução:

— Ella virá, disse eu.

— Mas com que elementos militares contamos?

— Já lhes disse as minhas opiniões sobre o Deodoro, o Vandenkolde e outros, além do triste caso do Madureira. Espera-se muito do Custodio José de Mello e mesmo do Floriano Peixoto, que dizem estar muito desgostoso. Emfim, estou certo de que, quando a nossa propaganda tiver penetrado todas as massas, o exercito estará comnosco. Deixal-o por ora em incubação.

Além d'isso, ha no Rio muitos elementos fortemente revolucionarios ao menos em esperanza, e ainda desconhecidos. Alguns são impacientes: tenho recebido com cautela mais de uma proposta de revolução. Ouço, tomo as minhas notas, e declaro aos individuos que ao seu tempo utilizarei a boa vontade que manifestam.

— E da maçonaria, o que me diz?

— Que é uma instituição que fez seu tempo, e com a qual não podemos contar. O segredo religioso não determina compromissos nos nossos dias. A proposta de nos fazermos maçons para levar as lojas a uma conspiração republicana, tem-me sido mais de uma vez apresentada, mas não tenho pensado em pôl-a em execução. Lembro-me que quando em São Paulo Luiz Gama quiz dar á loja America, de que ambos faziamos parte, uma orientação abolicionista, encontrou obstaculos que não pôde vencer; entretanto esse era o espirito inicial da loja. Estive com os que o combateram n'esse momento, por achar máu o processo, e trazer compromissos futuros de uma direcção metaphysica á causa do proletariado. Não gosto muito d'esses *tours de force*, embora comprehenda que em certos momentos devem ser usados todos os meios dignos.

— Então o senhor é maçom?

— Fui na Academia. Depois da minha orientação positiva retirei-me das lojas, guardando embora sympathia e respeito por essa instituição, já pelo seu passado, já pelas suas intenções actuaes.

Depois falou-se da chefia do Partido.

— Longe de desgostar-me, ponderei, com a união das forças em tórno do sr. Quintino Bocayuva, aprecio essa concentração. Já é alguma cousa termos sahido da concepção metaphysica que repugnava um chefe para o partido. A elle agora cabe a responsabilidade principal da acção. Quanto a mim, continúo, como antes, a fazer a propaganda independente e concorrentemente. Eis o que aconselho a todos,

— Mas teem-n'ó desgostado . . . Ouvimos que quizeram, embarçar a sua propaganda em Minas e por meio de cartas e que transcreveram em São Paulo artigos contra si . . .

— Paciencia. Faço todo o possível para esquecer essas questões, e empregar minhas fôrças na realisação do nosso fim. O nosso inimigo é a monarchia, e eu não quero dar-lhe o direito de rir-se de nós.

Nazareth, 26 de junho.—A manhã estava esplendida. Sol bellissimo, temperatura amena.

Aqui no norte, o clima parece-me mais regular e menos variavel que no sul. Perfeita primavera, agora, em junho.

Deixámos pelo caminho, as mattas, mais doces que as da minha terra, onde a vegetação é selvagem, as casas dos pequenos lavradores cercadas de plantações; atravessámos estações onde os curiosos nos observavam; deixei mesmo atraz a cidade de Páu d'Alho, na margem do Capiberiba, d'onde partiu o exercito revolucionario em 48. Ao prazer da frescura matinal que me enche a alma, junta-se a delicadeza dos amigos politicos; n'uma das estações uma menina vem offertar-me flôres, e, cousa curiosa, condul-a pela mão um guarda da policia do logar; e em Páu d'Alho corresponde ás saudações dos correligionarios.

O Pires deve chegar ahi hoje á tarde. Encarreguei-o de visitar os nossos partidarios d'esta cidade, e, se lhe fôr possível, ensaiar-se na Oratoria, realisando uma conferencia, que será a sua estreia. Realmente, uma das cousas que me preoccupa por vezes é a necessidade de preparação de um bom pessoal politico, de propagandistas, de agitadores, e mesmo de homens de governo.

Carlos Falcão, irmão de Annibal, substitue o Pires n'esta

excursão nas funcções de meu secretario. Tambem veiu comnosco o dr. Albino Meira, que já conhece a cidade, onde mesmo falou. Maciel Pinheiro encontrar-se-ha amanhã comnosco, quando fôrmos a Timbauba.

Nazareth é pequena povoação de 4:000 habitantes; no Rio, em Minas e em São Paulo talvez não passasse de uma villa. E' ligada ao Recife pela estrada de Ferro. Casaria sem belleza, mas bem situada, n'um terreno alto, pedregoso, accidentado; bons pontos de vista. A conferencia correu soffrivelmente, no salão de uma bibliotheca. Nem applausos excessivos, nem ataques: sympathias.

Timbauba, 27. Estou quasi nos limites de Pernambuco com a Parahyba. Cheguei, mui bem recebido, e realisei a minha conferencia.

Antes, porém, percorri a cidade, pequena, e pobre. Noto uma enorme desproporção entre estas cidades e a do Recife. Emtanto que esta é a segunda cidade do Brazil, aquellas são populações relativamente insignificantes, a ellas comparadas. Dizem-me que, em verdade, quanto a centros, Pernambuco é o Recife, que absorve tudo o mais. Goyanna, que é a segunda cidade da Provincia, não se lhe approxima em população e progresso, segundo me informam.

O que sobretudo me impressiona é a pobreza enorme, vizinha da miseria. Á porta do modesto hotel em que a bondade dos correligionarios me agasalha, estadia um grande numero de individuos, homens e creanças descalços, quasi em trapos, aproveitando aquella especie de festa para pedir esmola. Ser-nos-hia impossivel attender-lhes a todas as solicitações.

Entretanto, passeando a cidade, vejo serem insignificantes a cadeia e outros estabelecimentos publicos, e reflecto que um simples serviço de obras publicas bem organizado daria trabalho a todo este proletariado sem pão. Este espectáculo, que nunca tinha visto, entristece-me, fazendo-me intimamente sorrir dos que falam emphaticamente das nossas riquezas. Theouros inexplorados não correspondem, no mundo material, a cousa superior ás boas intenções, na ordem moral. O que eu vejo e o que a monarchia não vê, é o Povo com fome.

Curiosidade local: quasi todos os homens do povo, trabalhadores agricolas, boiadeiros, etc., que veem á cidade fazer seu pequeno commercio, na *feira*, em dia certo, conforme ainda se usa aqui, trazem a camisa de algodão fora das calças. Juiz houve que quiz modificar costume tão rustico, de apparencia mesmo pouco decente, pois a camisa de que fazem por esse modo de blusa não differe da camisa commum; mas encontrou a mais decidida opposição do populacho, que preferia ir para a cadeia a mudar de habitos. De resto, esse vestuario simples, assim levado, e que é o unico que sobre si collocam, está de accôrdo com as condições do clima.

28, manhã. — Antes de partir para a Goyanna, realisa-rei uma nova conferencia, em attenção aos pedidos, e á indicação de Maciel Pinheiro. Um popular, que mesmo com a camisa fora das calças assistiu ao meu discurso, sahiu fazendo o seguinte tocante commentario :

— Nunca vi missionario prégar tão bem !

Para elle eu sou um missionario. Talvez tenha razão.

Na verdade era o que eu parecia, orando em estylo apro-

priado a este povo ingenuo, simples e bom, que quasi derramava lagrimas quando eu lhe promettia com a Republica uma terra de Promissão, ao menos uma Patria melhor. Assim seja: se bem que na intimidade digo que me darei por contente se os primeiros dias do novo regimen não inspirarem saudades dos ultimos da monarchia, ruins mesmo como elles são. Então, porque trabalha tanto por essa forma de governo? perguntar-me-hão. Não está o paiz preparado para ella?

— Está, responderei; mas as reformas sociaes não se fazem com a rapidez das transformações politicas. Porque trabalho? Porque vejo principalmente o futuro, e sei que sem a eliminação do privilegio da hereditariedade da casta real não daremos um só passo para o progresso. Tudo virá da amputação d'esse membro gangrenado; se nós soffrermos, nossos filhos gosarão.

Goyanna, 30, duas horas da manhã. Uma insupportavel enchaqueca, fortemente pronunciada antes da conferencia e continuada depois d'ella, sómente interrompida por uma valente dose de antipyrina, acaba felizmente de abandonar-me ha meia hora, depois do largo banquete a que assisti. Sinto que o meu organismo começa a soffrer as reacções dos esforços a que o abrigo; quando não agora, mais tarde pagarei estes excessos . . . patrioticos. Um medico já me predisse mesmo molestias na larynge, fraquezas do systema nervoso, etc. Mas, emquanto o páu vae e vem, folgam as costas.

O banquete, a que acabo de assistir, foi animadissimo. Os goyanenses são entusiastas, como pernambucanos que tiveram em seu seio Nunes Machado, cuja casa de morada

vi á tardinha. Esta é tambem a patria do sr. João Alfredo, ex-presidente do conselho. Mas o silencio com que vejo cerrar-se o nome do illustre ministro abolicionista prova-me que ninguem é propheta na sua terra.

Goyanna é cidade muito importante. Apenas a vinte e poucos kilometros da costa, é porto, pela via de um canal, no momento em que o visito bastante descurado. Tem lavoura de café, canna de assucar e fumo. Seus habitantes, incontestavelmente civilizados, e dos quaes se destaca uma sociedade alta e elegante, pretendem rivalisar com os do Recife. A cidade deve ter umas vinte mil almas: as ruas são largas e a construcção não é má.

A nossa entrada aqui foi um triumpho. Tinhamos vindo do engenho do velho Rebello, pae de Amaro Rebello, um joven ardente, entusiasta e convicto, como o progenitor, chefe de familia numerosa, avançado em idade, typo de patriarcha e de patriota. O ancião recebêra-nos com uma galhardia que recordava a antiga opulencia pernambucana, na sua fazenda, engenho, como aqui se chama. Ao jantar, um banquete, embora adoentado, rejuvenescido pela fé republicana, saúda a boa nova politica. Parecia-me vêr a sombra de um passado de heroes saudando o advento dos filhos ao solar do edificio da Patria.

A viagem de Timbauba até o Engenho fôra feita, parte em trem de ferro, parte a cavallo. Scenarios pittorescos se tinham apresentado em caminho: ora, na planicie, viamos os cannaviaes que se alongavam, n'um farfalhar silvestre, voltando ao sol a face de suas folhas finas e compridas, e rutilantes como espadas, n'um gemido surdo como o de heroes selvagens prestes a explodir em furias vingadoras;

ora, nos altos, e especialmente n'uma eminencia em que parámos surpresos pelo grandioso da natureza, viamos um horisonte que não findava — montanhas e montanhas que a distancia tomava azues, e de espaço a espaço, n'uma aberta, como um corte feito na folhagem, casas com fazendas, brancas, com as janellas abertas a simularem olhos n'aquelle dia claro, e dominando o campo de um verde mais dôce, onde os animaes pastavam silenciosos, cabeça baixa, n'uma submissão de escravos fatigados. N'esse alto uma pequena população habitava n'uma só rua de choupanas, que iam ter a uma egrejinha . . . Felizes na sua pobreza! Elles tinham de contínuo deante do olhar o scenario maravilhoso da criação que inspira o amor do bello, mais que tudo grato á alma! Uma mulher com o filho enganchado á cintura, cantava docemente uma canção popular. Como não? . . .

Quando entrámos na povoação, de carro, depois de ter deixado os animaes, n'um ponto em que á nossa cavalgada se juntava a que viera receber-nos, as ruas estavam embandeiradas, n'esse comêço da cidade, mais moderna, porém mais simples e pobre.

Os habitantes chegavam ás portas, em mangas de camisa, a olhar com um sorriso de sympathica curiosidade. De passagem eu via no interior das casas a classica rêde do norte, leito e conversadeira de quasi todo o mundo.

O dr. Pereira de Lysa é aqui o nosso chefe. Dedicado e convicto, junta aos trabalhos de sua profissão de medico os de propagandista. A *Gazeta da Goyama* é o nosso organ.

O *meeting* tinha sido annunciado para uma praça publica,

em frente a uma igreja. Adversarios malignos tinham incitado um pobre homem, louco de ha muito, a perturbar-nos. Na hora marcada para a reunião elle enchia a praça de uma vozeria infernal.

— É impossivel falar aqui em taes condições, disse.

Alguns queriam retiral-o á fôrça. Protestei.

— Elle tem tanto direito a falar como qualquer de nós.

A praça é publica.

— É um louco.

— Porém manso, e desde que o consentem sôlto é que não perturba a ordem. Sejamos sobretudo correctos.

Orei, em consequencia, no salão de uma sociedade que se obtve no momento.

Musica, foguetes, discursos, flôres, vivas.

Instam commigo a que vá a Itambé, d'onde me felicitam, limite com a Parahyba. Não posso. Contam-me que n'essa cidade até hoje os portuguezes não podem passar uma noite. Antigas historias.

Iguarassú, 1.º á meia noite. — Que hei de fazer n'este silencio completo, quasi sepulcral, sem somno, sem livros, sem assumpto urgente a meditar, senão escrever minhas impressões de viagem? Verdade é que tenho mais vontade de garatujar no papel palavras sôltas, nomes proprios, algarismos, desenhar lettras, lançar firmas, pintar bonecos ou casinhas. Este processo preliminar descança o espirito e desperta a meditação. Accendo um cigarro, — retomei no Recife o habito de fumar, — necessidade da minha economia organica — e disponho-me a escrever.

Tenho no meu haver do dia dois discursos. O primeiro foi pronunciado antes de sahir da Goyanna, no mo-

mento da despedida. O segundo, aqui, onde cheguei á tardinha.

Vim da Goyanna em diligencia, por uma estrada larga, de rodagem muito bem cuidada. Panoramas esplendidos. O conductor, homem do povo, interrompe n'um dado momento a nossa conversação:

— O senhor, ainda que mal lhe pergunte, é o dr. Silva Jardim, o que veio com o conde de Eu?

— Para servil-o, cidadão.

— Para servir a Deus. Ha muita gente por ahi do seu partido. Ainda outro dia um sujeito me disse que se não fôr nomeado para um emprêgo, passa-se para o seu lado.

— Não ha de ser por isso, cidadão.

Uma das preocupações do povo pernambucano era fazer a comparação entre qualquer talento oratorio que eu possuísse com os do dr. Joaquim Nabuco, muito estimado na provincia.

— Quem você tem ouvido dizer que fala melhor? pergunta-lhe familiarmente Martiniano Veras, que me acompanhara durante toda a excursão.

— Dizem que o dr. Nabuco nem se encosta para a sua banda... E se se encostar nem se confessa...

— O que diz elle? interrogo.

— Isto é uma maneira especial de falar, explica-me Veras. Elle quer dizer que o Nabuco não discutirá com você, e se discutir que morre sem tempo de confessar-se.

— E' boa!

O illustre parlamentar desculpar-me-ha a publicação da pittoresca anecdotia.

Em certo ponto fizemos alto. Era um pouso. Estava cheio de gente que ia á feira.

— Cidadãos, diz-lhes Veras, viva a Republica!

E continua arengando-os. Alguns conversavam:

— Escutem a falação! grita o chefe para o seu povo.

Todos escutaram, e gritaram afinal:

— Viva a Republica!

Quando me enviaram o seu grito de saudação:

— Obrigado, cidadãos! Viva o povo de Pernambuco!

Aperto a mão do chefe.

Alto, magro, tez angulosa, tostada pelo sol, nariz adunco, cabello crespo, cahindo-lhe em anneis, calça de zuarte, camisa de algodão branco, chapéo molle erguido ao ar pelo braço musculoso, enorme faca prêsa ao cinto de côr, onde guardava o dinheiro, botas e esporas.

— Viva! exclamou.

Sempre pela estrada as redes no interior das casas, e muitas vezes, ao calor da sesta, um homem a repousar. A mulher costurava sentada na soleira da pórta, e as creanças quasi despidas patinhavam no terreiro, como um bando de aves, misturadas ás gallinhas que cacarejavam aos cantos, aos bacorinhos que farejavam o chão, a dois ou tres cães magros, de raça mesquinha, e aos gatos que saltavam dos telhados á terra...

— Este povo precisa perder o habito d'estas rêdes, que enervam.

— Impossivel. E' uma necessidade e um luxo. Ha-as muito lindas.

— E os casaes?

— Dormem tambem em rêde, na mesma.

N'um pequeno povoado, uma pobre mulher fazia rendas á entrada da casa.

— E' uma industria do paiz.

Não tinha a intenção de demorar-me em Iguarassú. Pretendia jantar e seguir a viagem até o Recife, mas a tarde cahia rapida. Em todo o caso, enquanto se preparava a nossa refeição, quiz dar um passeio pela cidade.

O nosso hotel era uma velha casa de campo; do outro lado de um riacho estava a cidade. Subimos por uma ladeira ingreme, de calçada antiga, cercada de edificios vetustissimos, ennegrecidos pela acção do tempo. N'uma esquina havia qualquer cousa a guisa de um antigo castello, quasi em ruinas.

Era á tardinha, o sol punha-se no occaso, e a natureza nortista tomava um aspecto de extranha melancholia n'aquella solidão. Que o era. Parecíamos marchar por uma cidade deserta. Realmente Iguarassú, a primeira povoação da provincia, testemunha de assaltos contínuos de indios durante o periodo colonial, é muito pouco habitada.

Canticos suavissimos chegam aos nossos ouvidos. Partiam do côro de um convento proximo, collocado n'aquella altura para dominar o horisonte, onde ao longe se destacava a ilha de Itamaracá, a segunda parte da capitania de Santo Amaro, e celebre pela excellencia das suas fructas, especialmente das da arvore da mangueira. Era uma musica religiosa, um hymno da igreja entoado n'aquella solidão por umas pobres freiras que se viam ás vezes a braços com a fome. N'aquella hora eram alguma cousa de divinal, aquelles accordes, cantados com voz plangente e unguida, especie de lamento de virgens retidas no seu amor

pelo mundo, voltados sómente os seus affectos para com um deus frio, morto; crucificado, incapaz de realmente estender-lhes os braços n'um amplexo puro e fecundante de esposo. A harmonia do organ, esse admiravel instrumento creado pela Edade-Média, augmentava o encanto d'aquelle spectaculo antigo, tão extranho e inesperado n'esse momento para o meu espirito, prêsa da agitação mundana, e convidava-o a uma *reverie* sem fim, n'uma meditação tranquilla, pelos seculos afora, transportado do mundo da acção para o do ideal...

Silenciosos, alli ficamos muito tempo, eu e o meu companheiro... Já o luar cahia em cheio sobre o campanario. Seguimos: agora era uma ruina que se nos apresentava á vista. Uma antiga igreja que a falta de fé, e de recursos, fizera abandonar. Era a primeira vez que eu via ruínas em meu paiz. Tres paredes sustentavam-se erguidas, tendo cahido quasi toda a da frente, que servia de entrada, conservando ainda entretanto o portal, de um raro lavor. O tecto era o céo, azul e estrellado, sobre as nossas cabeças. Havia sombras moveiças, especie de phantasmas, creados pela oscillação da folhagem recortando-se aos clarões da lua, e alguns insectos rastejavam pelas folhas sêccas. Um como que ar de mortos bondosos se espalhava em tórno, não sem accordar na alma o pavor natural que inspira todo o passado lugubre.

Voltámos. Jantámos modestamente o peixe pescado havia pouco no rio proximo, adubado segundo o modo do lugar, e recolhemo'-nos. Eu escrevo estas linhas cheio das recordações curiosissimas da tarde que passei n'esta cidade, que é uma ruina civilisada, com alguma policia, justiça, e

o resto que impede o collocar-se na entrada da povoação a lapide: *aqui jaz...*

Pretendo amanhã, antes de partir, visitar de novo estes logares, e o antigo convento de padres, onde ha cousas do tempo antigo, quadros com *milagres* da guerra hollandeza, homenagem de corações agradecidos para com a Virgem que os salvou d'esta ou d'aquella molestia, e tudo o que desperta uma especie de saudade de um tempo que não queremos que volte...

RECIFE, 2 de julho.—Entrei de volta, por Olinda. Decididamente no fim da excursão, entrei no dominio da historia e dos museus. Porque Olinda, é outro museu, como Iguaraséu.

Silencio absoluto em algumas ruas; mas em todo o caso um movimento incomparavelmente maior que o da povoação de Duarte Coelho.

Olinda,—“oh! linda situação,”—(phrase do donatario), avista de uma altura o mar, bordado por praias ornadas de palmeiras.

Toda uma tradição, a cidade. Viu-se incendiada pelos hollandezes, viu-se resistindo a todos os ataques, viu-se uma das bellas e opulentas cidades brasileiras. Continuou os seus ares civilisados, mantendo os seus edificios, com vida official á parte, embora a população dirigente seja quasi toda composta de funcionarios publicos que passam o dia no Recife.

Seminario, collegio de jesuitas, um convento em ruinas, outros ainda conservados, recolhimento de freiras, estação

de estrada de ferro, casa de camara onde se vêem quadros celebrando as batalhas com os hollandezes. N'um arrabalde o espectaculo curioso de formação geologica especial em uma furna immensa, que ao longe se afigura uma serie de edificios em ruinas. Legendas funebres de almas penadas, medo do povo, em consequencia.

Percorremos toda a cidade. Vi a casa onde morou Fernandes Vieira, que se distingue por uma placa. N'um arrabalde visitámos tranquillamente antigas chacaras, e tomamos familiarmente café em uma pobre casa cuja primeira sala, de visitas, estava cheia de pequenas imagens de santos. Veras chama a minha attenção para um certo ponto:

— Foi por aqui que Darwin quiz entrar na sua excursão de naturalista, zangando-se porque a proprietaria da habitação lhe impediu a passagem. Nas suas memorias queixa-se elle do facto, attribuindo-o a ser o Brazil um paiz de escravos...

— No fundo não tinha razão. Era uma propriedade particular. Em qualquer logar do mundo acontecia-lhe o mesmo.

Hoje falei aqui, commemorando o 2 de julho, o grande dia bahiano, em attenção aos rapazes d'aquella provincia que cursam a faculdade de Direito. Fôram de uma delicadeza commovedora para commigo. E o mimo que me offereceram é um cartão com dizeres amaveis.

Eil-o:

Ao Cidadão Silva Jardim

Os Academicos de Direito Republicanos da Bahia

"Deus acompanhe o peregrino audaz."

Recife
2-7-89

Commoedora, esta citação de Castro Alves. Mas falarei d'isto depois. Descreverei tudo o que se refere ao Recife englobadamente.

*

* *

AGITAÇÃO REPUBLICANA NO NORTE

(Correspondencia de Luiz Pires)

RECIFE, 11 de julho de 1889.— No dia 6 seguimos para a cidade de Palmares, acompanhados dos srs. drs. João de Oliveira, representando o Directorio Republicano do Recife, Carlos Falcão, o Norte, e outros correligionarios.

Ao passarmos pela cidade da Escada, em frente da *Atalaia*, muitas senhoras e grande numero de cidadãos republicanos saudaram entusiasticamente o dr. Silva Jardim e a Republica.

Na Estação de Aripihú, muitos correligionarios, homens de côr e libertos, vieram comprimentar o denodado e in-

cançavel propagandista, levantando-lhe continuados vivas e ao partido republicano.

A's duas horas da tarde chegámos á Estação de Una, na cidade de Palmares. Grande numero de correligionarios e povo, com uma banda de musica, esperavam o valente tribuno republicano e receberam-n'o ao som da *Marselheza* e de repetidas acclamações.

Formado o sequito, caminhámos, em direcção da residencia do cidadão Jeronymo de Castro.

Durante o trajecto por diversas ruas da cidade, subiam ao ar grande numero de foguetes e a banda de musica tocava continuamente a *Marselheza*.

Duas horas depois o dr. Silva Jardim realisava a sua conferencia na praça publica, perante numeroso auditorio, sendo a cada instante interrompido pelos applausos entusiasticos. Depois da conferencia foi servido o banquete, offerecido pelo Partido Republicano Palmeirense, ao dr. Silva Jardim, sendo levantados grande numero de brindes e saudações aos drs. Jardim, Annibal Falcão, Teixeira de Sousa, Diniz, Maciel Pinheiro, Martins Junior, Almeida Fagundes, Sá Valle, Leopoldo e cidadãos Jeronymo de Castro, Camara e muitos outros, fazendo o brinde de honra o dr. Jardim á Republica. No dia seguinte, com acompanhamento numeroso e a banda de musica, seguimos para a estação e partimos entre as acclamações entusiasticas do povo de Palmares.

Chegámos á Escada ás duas horas da tarde, onde cêrca de 600 pessoas aguardavam a chegada do illustre excurcionista.

Apenas este deixava o wagon, delirantes e prelongadas

acclamações partiram *a una voce* da grande massa de povo, e a *Marselheza* échoava vibrantemente. Acompanhado da multidão n'uma explosão de applausos ao grande evangelizador da Liberdade brasileira, chegou o prestito á casa do dr. Hermenegildo de Castro, que estava lindamente embandeirada, cercada de grandes arcos de folhagens e flôres.

A' porta uma ala de gentis senhoras com lindas cestas de flôres, esperavam o dr. Silva Jardim, e o cobriram de flôres.

N'este instante soaram estrepitosos applausos, vivas e acclamações, e uma longa salva de palmas vibrou fortemente no espaço.

Depois de um bellissimo discurso de apresentação pelo digno e illustrado dr. Martins Junior, tomou a palavra o dr. Silva Jardim, que falou durante uma hora ao povo que o applaudia incessantemente.

Após a conferencia, seguiu-se o esplendido banquete, oferecido ao excursionista pelo Directorio Republicano Escadense.

Em roda da mesa de 100 talheres, tomaram assento grande numero de senhoras, manifestantes e convidados.

Ao *dessert* iniciou os brindes o dr. H. de Castro, que saudou o dr. Silva Jardim, seguindo-se mais :

Do dr. Ambrosio Machado, em nome do Directorio de Ipojuca ao dr. Silva Jardim ; do dr. Lobo á esposa e filhos do propagandista ; do dr. Jardim ao sr. Levino Lins e aos drs. Castro e Brandão da Rocha ; do mesmo ás senhoras pernambucanas ; do dr. Martins Junior aos srs. coronel Marcionilo Lins e Gonçalo de Mello ; do sr. Alves de Barros ao

dr. Martins Junior; do auctor d'esta correspondencia ás senhoras bahianas, alagoanas e maranhenses, dignamente representadas no banquete; do dr. Martins Junior ao barão de Jundiá e capitão Santos Dias, ausentes; do sr. Campello ao dr. Maciel Pinheiro; do dr. Jardim á Republica.

Ao banquete succedeu uma animadissima *soirée* que se prolongou até ás 3 tres horas da madrugada.

Durante todo o dia e noite tocou a banda de musica, e diversas senhoras tocaram ao piano, varios trechos de operas. Foi durante todo o dia o dr. Jardim complimentado e visitado por muitas pessoas.

A's 10 horas da manhã de domingo, 6, foi novamente servido um grande almôço de 50 talheres, sendo ainda erguido grande numero de brindes a diversos correligionarios e a diversas classes.

A incessantes pedidos de representantes do commercio da Escada, o dr. Jardim pronunciou um eloquente discurso, sendo muito applaudido pelos membros da classe commercial. Approximando-se a hora da partida, foi o dr. Jardim acompanhado por grande numero de correligionarios até á estação.

Alguns homens de côr que tinham ido a mandado perturbar a conferencia, o que não conseguiram attenta a habilidade e a eloquencia do orador, e á prudencia dos republicanos, tornaram-se adhesos á Republica e muitos d'elles fôram complimentar o dr. Silva Jardim.

Quando este já estava no wagon, um grupo de senhoras novamente o cobriu de flôres, e fôram-lhe feitas grandes acclamações.

Fôram, pois, imponentes e extraordinarias as festas ao

propagandista republicano, o que prova que a gloriosa provincia de Pernambuco, ainda guarda o fogo sagrado da idéa republicana e sabe honrar suas sublimes tradições, embora alguem para diminuir o brilhantismo das manifestações populares passasse telegrammas falsos para *O Paiz*, que, infelizmente, illaqueado em sua bôa fé, os inseriu nas suas columnas.

RECIFE, 19 de julho.— No dia 9 do corrente seguimos para a cidade da Victoria, onde devia o dr. Silva Jardim realizar a sua ultima conferencia da excursão pela provincia de Pernambuco. O Directorio do Partido Republicano da Victoria, muitos correligionarios e povo esperavam o evangelizador da causa republicana.

N'esse mesmo dia foi-lhe offerecido um banquete pelos coroneis João de Sá Cavalcanti Lins, Manuel Cavalcanti de Albuquerque e dr. Luiz Caldas Lins.

Durante o dia o tribuno republicano foi visitado por grande numero de correligionarios e pessoas do povo.

No dia seguinte, ao meio dia, perante grande auditorio, o dr. Silva Jardim realisou a sua conferencia, sendo muito applaudido e complimentado.

.....

LUIZ PIRES.

Estava terminada a nossa excursão pelo interior.

*

* *

NO RECIFE

Pernambuco é chamado, não sem motivo, o leão do Norte, e Recife, a Veneza Americana.

Impressiona realmente o observador não sómente a pujança do velho departamento brasileiro, como também o cunho especial da sua cidade cabeça, e o seu característico differente de todas as outras cidades do Brazil.

A America está no sul da nossa Patria, mesmo no Rio de Janeiro; o Norte, primeiro povoado, mais tradicional, é a Europa, pela natureza, mais dõce, pelos costumes, pela opulencia passada e pobreza presente, pela construcção architectonica, por tudo.

Como não teria Pernambuco direito a uma certa eminencia no movimento nacional, se a sua historia é por vezes a historia do mesmo heroismo, do mesmo valor da nossa nacionalidade? D'ahi um nobre orgulho, talvez resquicios de um velho feudalismo, de cujos defeitos nos recordamos hoje, mas cujas grandezas queremos esquecer.

O mais habil dos donatarios na conquista e na manutenção do poder conolial foi Duarte Coelho. Os cahetés ligados aos tabayares não conseguiram vencel-o, e, espirito organisador, a sua capitania foi a que teve um melhor systema administrativo. O seu prestigio conservou-lhe os privilegios tirados aos outros donatarios por occasião da creação do governo geral do Brazil. A viuva continuou-lhe a direcção, auxiliada por Jeronymo de Albuquerque, cujo filho, do mes-

mo nome, e mais ainda o de Maranhão, pela victoria ahi obtida sobre os francezes, foi o mais antigo heroe brasileiro.

Pernambuco colonizou a Parahyba, colonizou o Rio Grande do Norte, defendeu-se contra os hollandezes; ufanoso de fidalguia, orgulhoso de bravura, fez guerra aos *mascates*, (os portuguezes), predominou sobre o Ceará, arrastou Alagôas e aquellas outras provincias á revolução de 17, fez em 24 a *Federação do Equador*, a revolta dos cabanos, e afinal, a revolução praiera.

Ahi formou-se de longa data uma nobreza, creada por familias importantes, de grande influencia politica e commercial.

Essas tradições ficaram. Ainda hoje se encontram os seus signaes no dominio dos Cavalcanti, de origem italiana: o proverbio diz que alli "quem não é cavalcante é cavalgado. Os *Leões* são preponderantes como elemento fidalgo, aos quaes se antepõem os *cachorros*, o elemento popular. Eu sou cachorro, eu sou cachorra, diz-se com orgulho igual ao dos leões e leões.

Os cachorros são o terceiro estado, o povo, que se formou violento, forte, revolucionario.

O Recife é a unica cidade do Brazil em que ha verdadeiramente um proletariado.

O Recife é uma cidade europêa. No Rio encontrarão Lisboa no quarteirão dos Benedictinos, como Paris desde a rua do Ouvidor até Botafogo. Recife é homogenea; encontrarão alli sempre uma Lisboa moldada por Amsterdam; uma Lisboa limpa, casaria alta, de muitos andares, mas branca, olhando os canaes, que os barcos singram; tirante

o gêlo que empece a marcha e o carvão que ennegrece tudo. Uma bellissima cidade.

Deixei-me muitas vezes vagar pelas suas ruas, onde o vestigio hollandez se apagou de todo nos nomes, bem como se apagou na sociedade; visitando os logares historicos, o muro em que Nunes Machado foi ferido, o convento atacado pelo povo na questão religiosa; cheio ainda das recordações do interior, Palmares, onde a memoria do Zumbi evoca a aspiração de liberdade, e os campos dos Guararapes, que se avistam da estrada de ferro, n'uma collina suave, por onde o sangue dos nossos maiores correu vigoroso em nossa defensão.

Eu habitava ultimamente a Capunga, em casa de Barros Canal. A Capunga era um bairro popular, como a Cabanga, de população de pescadores era um bairro proletario, como o de Santo Antonio, o de S. José e o da Bôa Vista eram bairros burguezes.

Ha ainda na cidade ruas escuras, estreitissimas, do antigo agrupamento de judeus. Deixei-me certa noite perder por esses cantos, a estudar na solidão um povo na sua vida intima.

La só, e meio incognito; meio, por que de tempo a tempo, uma figura de moço ou de popular tirava-me o chapéo. Chovia; familias proletarias cosiam á luz da lamparina; na rua a solidão; um ou outro ruido de vozes no interior das tabernas, e no adro das egrejas mendigos que dormitavam ao ar, pejado de gôttas da chuva fria, que não terminava...

Lembrei-me das descripções de Guerra Junqueiro na *Morte de D. João*. Realmente havia miserias desconhecidas no meio da riqueza brasileira, miserias de cuja existencia

se duvidaria, como uma lenda dos poetas das civilizações gastas de um mundo velho... O Novo Continente... A America... expressão dos compendios de Geographia; por toda a parte, ou o Occidente, que mergulha momentaneamente no occaso para renascer mais forte, ou o Oriente que se ergue selvagem para apprender a lição do Occidente, na eschola geral da regeneração da Humanidade pela Sciencia, e pela Industria, depois da escravisação dos deuses e das guerras... *Successit Humanitas...*

Essa massa proletaria, sem officio certo, forma na cidade nortista uma cohorte de bravos, capaz de morrer por um capricho de submissão por um homem, mesmo mais que por uma idéa. Ella tem o instincto da revolta contra todas as prepotencias e tyrannias, mas é susceptivel de sacrificar a mesma liberdade quando mal guiada pelos especuladores políticos. No meio das luctas que inconscientemente uma parte d'ella ia apresentar-me, vieram-me á memoria os versos de Claudio José Nunes:

«Depressa, que, senão, morre, em suicidio novo,
O porvir popular ás proprias mãos do Povo!»

Com uma faca de Pasmado na mão esses homens são capazes de todos os arrojos. A bravura é para elles uma religião, e a lucta singular um habito. Se um valente sabe da existencia de outro, dicto mais valente, convida-o a experimentar fôrças. A's vezes atira para o lado a faca terrivel e avança para o outro, desarmado; impavido; toma-lhe da arma, bate-lhe com ella o corpo e solta-o: — é a suprema affronta. Se a lucta se empenha, o mais forte abandona o

vencido quando lhe vê a flôr do sangue... Por esta expressão poeticamente sinistra elle quer significar a golfada do sangue produzida pela ferida certa no pescoço, que antecede n'uma suffocação de moribundo a agonia derradeira.

Tive de operar n'este meio, e infelizmente tive de encontrar, ao lado da geral sympathia popular, as resistencias do mais acclamado dos chefes demagógicos, José Mariano. Audaz, valente, experimentado na intriga politica, prestigiado pela adversidade, espadeirado ao lado do povo uma vez nas ruas do Recife, eliminado fraudulentamente do Parlamento no Rio uma outra, o caudilho pernambucano abandonara as tradições revolucionarias de sua terra, para' cedendo ao pedido do governo, receber com festas o herdeiro do throno que dias antes da ascenção do gabinete liberal elle condemnara em phrase energica e insultuosa mesmo, mais que todas quantas a propaganda republicana empregou.

E' verdade que nas vespervas da minha chegada, o *Norte*, orgam do nosso partidõ, publicava carta sua em que "constava como inexacto o telegramma da cõrte que lhe era attribuido, ; affirmava não ser "capaz da violencia denunciada no telegramma", entendia que o dr. Silva Jardim devia ser respeitado pelo povo pernambucano em sua passagem por aquella capital *como um propagandista consciencioso*, e esperava assim succedesse, dando a cidade do Recife brilhante attestado do seu espirito eminentemente liberal e tolerante,.

Tranquillizador ; e a primeira conferencia, realisada no Recife, assistida de uma multidão compacta, pôde terminar sem incidente grave, embora no seu decurso se trocas-

sem ameaças em ápartes e chegasse mesmo a tirar do bolso revólvers de disposições assassinas que obrigaram á nossa intervenção conciliadora, e ao pedido do presidente da provincia, a que mantivessemos a ordem. Sua Excellencia foi servido, e o *meeting* terminou por uma manifestação entusiastica, em que o povo acompanhou o orador até á sua residencia.

Porém, o nosso bom exito, já na capital, já no interior, desgostou os adeptos da situação dominante. O mesmo signatario da carta acima, que fôra a receber o representante do terceiro imperio e lhe levantara saudações, não comparecêra á primeira conferencia republicana; e por outro lado, os jornaes que a opinião attribuia soffrerem a sua inspiração, não nos poupavam ironias quasi insultuosas, ao lado de artigos de uma imparcialidade duvidosa, n'uma ambiguidade de jarros que a nova politica não podia certamente lisonjear, nem acolher.

Em pouco a conspiração estabeleceu-se de tal arte que ficámos sem local para os nossos trabalhos. Os proprietarios de theatros começaram a nol-os negar, receosos das perturbações dos agentes provocadores do chamado gabinete liberal. O segundo discurso em que desenvolvi o nosso programma de governo, estabelecendo as bases da politica republicana positiva, foi realisado ao ar livre, no vasto pateo da casa do cidadão Ribeiro de Brito, pela insufficiencia dos seus salões, embora espaçosos, para conter a multidão. Esta agrupou-se pittorescamente sob as arvores onde a tribuna popular se ergueu, e, a modo dos antigos christãos que para orarem viam-se obrigados ao refugio nas catacumbas; foi alli, n'uma propriedade particular tornada pu-

blica, em plena natureza, sob o bello céu do norte, que a nossa palavra se levantou no meio dos applausos para pronunciar uma éra nova e determinar-lhe a verdadeira linha de orientação.

A esta segunda conferencia compareceu José Mariano, garantindo de novo o seu apoio á liberdade de tribuna. Parece que havia grande interesse da parte dos seus amigos em dal-o como mantenedor da palavra republicana em Pernambuco, pelos telegrammas que se publicavam no Rio, affirmando-o, o que não era exacto, pois de facto, essa liberdade era estorvada pelos seus proprios partidarios, que impediam os proprietarios de salões de theatro de nol-os cederem. Vi-me obrigado á desmentir taes affirmações por intermedio de Luiz Pires: mesmo quando fôsse real esse apoio, a propaganda republicana só poderia acceital-o do chefe revolucionario, quando francamente amigo, e não com a attitude que o proverbio popular define perfeitamente com a collocação de duas velas em cada altar... uma a Deus e outra ao Diabo.

A que grupo se attribuir, então, o ataque de que dias antes, fôra victima a casa do cidadão Ribeiro Brito? Estavamos á mesa do chá, na conversação descuidada da familia, quando sentimos o ruido de tiros que se disparavam, de vidros quebrados, de gritos. Prestes, tinhamo'-nos erguido, tomado dos nossos revólvers e aberto as janellas, n'um impeto de valor, a que as senhoras haviam correspondido com admiravel sangue frio; mas os assaltantes haviam tomado a fuga, ao que parece, em canoas, pelo rio proximo, pois que se não via viva alma por toda a extensão da nossa rua, a rua do Hospicio.

Em todo o caso, durante esse periodo de meia tregoa, a propaganda continuara.

A 2 de julho, voltando de Olinda, tivera occasião de me dirigir aos academicos de Direito republicanos, naturaes da Bahia. A brava mocidade queria apagar do meu espirito qualquer impressão má que me tivesse ficado dos acontecimentos de que a sua terra fôra testemunha, e fazia-o por uma reprovação calorosa e sincera.

“Governo de corrupção, que fizeste? dizia o manifesto da commissão. Armastes-vos contra vós mesmo. Semeastes o sangue, e o sangue é a semente fecunda da Liberdade. Gloria, pois, á Bahia ensanguentada! Gloria... etc.,”

E as assignaturas eram de moços dedicados, como Antonio Barbosa, Manuel Bettencourt, de uma actividade e zêlo raros, Philippe Monteiro, Manuel Mendes e Sabino Pinheiro. Eu respondêra-lhes n'uma oração sobre a situação politica, ao mesmo tempo manifesto á provincia de que eram filhos, e appêllo a todo o Norte. Recordara os meus sentimentos de sympathia pela mocidade, as glorias bahianas desde 1802 até então, os martyres de Pirajá, a Republica Bahiense e, em peroração, fizera votos para que o Norte operasse a ligação majestosa dos Andes e do Atlantico em abobada de um novo céu onde echoassem os hymnos triumphaes da patria redimida...

Ainda a 14, dia do inicio do grande abalo occidental, encerrara a reunião do Partido, presidida por Martins Junior. A colonia franceza confraternisou n'esta festa patriotica.

Era preciso, porém, que, antes de deixar Pernambuco, realisasse um discurso verdadeiramente popular; e ao nosso desejo juntou-se o dever, pela provocação insensata d'aquel-

les mesmos que se diziam promptos a sustentar a nossa palavra. Os acontecimentos provavam que bem tinhamos feito em não crer em falsas promessas, nem deixar-nos parecer protegidos por inimigos disfarçados. Era preciso que fôssemos muito ingenuos para não conhecermos as velhas manhas da politica monarchica. Aos constantes ataques de que eramos alvo pela nossa nobre separação de elementos mais compromettedores que fortes, juntou-se mesmo em jôgo franco o desafio formal a que orassemos em publico, promettendo-se-nos em lettra redonda que Pernambuco veria n'esse caso a maior das carnificinas de que tivesse memoria. . .

Então? . . . Era preciso acudir a tal desafio. Um manifesto foi por nós lançado ao povo, documento em que asseguravamos a firme intenção de discursar a 22 do mez que corria, na praça Saldanha Marinho.

Appellamos para o nosso direito, pois a propaganda que faziamos era o maior serviço que n'esse instante se podia prestar á Patria. Tornamos claro o plano do Principe em fazer do Norte o baluarte de suas ambições, depois do repudio do Sul; baseamo'-nos no direito publico, onde não encontravamos lei que nos impedisse de falar nas praças; e appellamos para o povo. Dissemos com altivez, que honra o nosso passado como um bello signal dos tempos, e com energia que denota a grossaria e intensidade dos ataques de que eramos alvo:

“Havemos de protestar em nome do povo pernambucano contra a centralisação da monarchia que trata uma grande provincia como a uma feitoria enviando-lhe um senhor so-

mente para corrompê-la em eleições; e havemos de protestar contra um regimen eleitoral em que o povo, o pobre povo, não vota; em que os homens do trabalho não teem direito a intervir. Havemos de dizer todas as verdades que julgamos devem ser dictas.

Que os falsos liberaes, que acenam ao povo e obedecem aos acenos do sr. Gastão de Orleans nos mandem assassinar! Teremos prazer em que o nosso sangue os manche para todo o sempre. Como o seu amo, o sr. de Ouro Preto, dizemos aos inimigos da Liberdade: *Mãos á obra, senhores!* como o seu dono, o sr. G. de Orleans, dizemos: *E' preciso apurar a questão de monarchia e de republica até o ultimo furo.* Sim! Apuremos a questão do throno e do povo até o ultimo furo.

Não provocamos, não desafiamos, mas não tememos.

Acreditamos que o governo não tenha a imprudencia de realisar as suas ameaças. Mas estamos firmes e serenos. Estamos fortes. Além da fôrça do nosso braço e da nossa energia, nós a possuímos! certamente! essa grande fôrça vencedora, da convicção, que dá a certeza do applauso da Patria presente, e principalmente da Patria futura!,,

E assignámos com fôrça e firmeza:

Isidoro Martins Junior.

Martiniano Veras.

Dr. Ribeiro de Brito.

Annibal Falcão.

Barros Cassal.

Silva Jardim.

Estava-se em plena guerra civil e achavamo'-nos sob a espada do Poço da Panella, onde morava o caudilho; poderíamos ser victimas da nossa generosidade; mas o *Imperio do Norte* não se formaria para submeter a *Republica do Sul* sem protesto d'esse mesmo Norte. O Principe seria afinal vencido, bem como os seus sequazes.

Não nos enganamos. Esse *meeting*, embora não realizado, foi a demonstração da maior fôrça moral para o nosso partido; e, de torna viagem, o sr. Gastão de Orleans fazia um discurso aos estudantes, na Academia, garantindo que a monarchia seria a liberdade, e que cederia no dia em que as urnas exigissem a Republica. Elle reservar-se-hia, certo, o direito de dar ás urnas um duplo feudo. Mas uma constituição que se defende do poder é uma constituição que cáe, dada especialmente a natureza do regimen monarchico.

*

* *

Pois que era um verdadeiro combate que iamos ter, tomamos providencias.

Reuniamo'-nos nas vespervas do *meeting* annunciado, já na residencia de Barros Cassal, o meu velho amigo da Academia, já na de Alfredo Falcão, já na de D. Guilhermina, sua mãe, e de Annibal, de Argemiro, de Carlos e de Alberto.

Uma familia privilegiada, a familia Falcão. Filha do trabalho e da bravura.

D. Guilhermina era o typo da velha pernambucana. Amava com ardor os filhos, mas apontar-lhes-ia com energia o caminho do dever civico, se os visse um momento desvia-

dos d'elle.—Quero que sejam “homens,” dizia-me. Ser homem, para ella, era ser forte e patriota.

Nos tempos do abolicionismo a sua morada era um refugio dos escravizados, que ahi encontravam um agasalho, um carinho, pão para a bôcca e consôlo para o coração ulcerado. Certa occâsão a policia veio dar-lhe busca;— conseguiu dar sahida ao foragido, e depois abriu as portas á auctoridade dizendo-lhe com um sorriso que o procurasse...

Alli tudo era para todos. Não havia luxo, a maior simplicidade reinava nos móveis antigos, mas havia uma abundancia honesta. Aquillo era um quartel sempre prompto a combater, uma hospedaria para matar a fome, e um hospital para os doentes. Os infelizes achegavam-se áquella sombra, pagando em dedicação os beneficios recebidos.

Argemiro estava n'uma cama, victima de um aneurisma que o mataria em breve. Ainda assim aquelle valentissimo rapaz conservava uma energia imperturbavel. No dia da minha chegada ao Recife dispuzera, no estado em que estava, os elementos para a defesa republicana, caso fôsse necessaria.

Alfredo era mais poeta e artista que politico, mas não menos patriota. A familia notava no excellente rapaz, a quem uma forte sympathia me ligara, uma grande excitação patriótica depois da minha chegada. Era um espirito litterario, alma de sonhador, amando a bôa casa, a bôa mesa, a bôa toilette, as flôres, os prazeres dôces, as comçoões suaves. Casara-se recentemente.

Alberto acompanhava o entusiasmo de seus irmãos. Carlos era o mais violento, de modo a nos ser precisc con-

ter-lhe muita vez os impulsos de linguagem, as tentativas de um character um pouco brigão.

Annibal chegara do Rio havia dias e dera-se-lhe conta do estado das cousas.

— Com que, a cousa vae ser séria? perguntavamos em casa de Cassal, na Capunga, no quarto em que elle me hospedara, depois do incidente dos tiros da rua do Hospicio. Porque eu não quizera de modo algum trazer em alarme a familia do nosso bom Ribeiro de Brito, apesar dos seus protestos e dos de seu filho.

— Parece, é quasi certo, mas temos tudo preparado.

— Com quantos homens contamos?

— Aproximadamente cento e cincoenta. Tratados uns cem, pelos diversos chefes; mas grande parte do povo estará connosco.

— Não todos os assistentes?

— Não. O José Mariano tem muita gente comsigo. O seu grupo tem inventado horrores contra nós.

— Ainda hoje, diz-me um dos amigos, vi um sujeito dizer que tinha estado comsigo, que “*inté* o moço era muito sympathico,” que “lhe tinha apertado a mão,” mas que, o mataria mesmo,.

— Safa! Então não ha recurso senão travar a lucta?

— Não ha.

— Mas não nos deixarão falar?

— Não. Chegaremos, e atacar-nos-hão.

— ? . . .

— Mas a praça já estará guardada por nós, diz Cassal. Estudei hoje o local. Segundo a combinação feita, Annibal e Alfredo ficarão a seu lado nos degraus superiores da entrada

da igreja, que é d'onde José deve falar; eu ficarei no meio do povo.

— Innocencio!

— Senhor!

— Onde estão os teus homens?

— Estão á disposição, sim, senhor.

— E' preciso que esta noite elles estejam todos reunidos.

Innocencio era um bravo que me servia de creado, e acompanhava-me por toda a parte. A situação tinha chegado a tal ponto que eu não deveria sahir só, principalmente á noite. Certa occasião, alguns minutos de entrada mais cedo em casa impediram-me de ser atacado á porta. O assaltante chegara mais tarde e perdêra uma noite á espera, enquanto eu dormia socegado.

Este *meeting* foi para nós todos uma provação. Estavamos em verdadeiro estado de sitio. Foi-nos preciso manter muita calma, dispender esforços de todo o genero, inclusivé de dinheiro, para poder manter a nossa palavra.

Barros Cassal desenvolvia uma actividade unica, no alliciar gente, no dispôr todos os elementos de successo.

Sua mulher era de uma serenidade excepcional. Estava a par de todos os incidentes, sabia o marido pelo menos ferido no dia seguinte, mas não fraqueava um instante. Uma heroína.

Realmente, no dia e hora annunciado, sahimos definitivamente da redacção do *Norte* para cumprir o nosso compromisso publico. Os mais aterradores boatos estavam no ar, e o peor é que tinham o cunho da maior verdade. A demagogia *tyrannica* do liberalismo de terceira ordem es-

tava disposta a lavar-nos em sangue, antes que a consentir que usassemos de um direito sagrado. O Presidente da Provincia sentia-se sem fôrça nenhuma para combatel-a. Limitara-se a supplicar-lhe que não perturbasse a ordem, porém sem nada conseguir.

Annibal perguntou-me :

— Está você bem certo de que faremos bem, realisando o *meeting*?

— Estou. Não podemos recuar.

Maciel Pinheiro, que chegara havia dias do interior, para onde se retirara a tratar da saúde abaladissima pela molestia que a todo o momento se esperava o levasse ao tumulto, dizia-me :

— Fomos victimas de um laço. Esta questão, afinal, não é com vocês; não é com a Republica; é com o *Norte*, por ter desvendado as traficancias dos syndicatos politicos que exploram esta terra.

E pedia-me que não me sacrificasse.

— Não ha recuar, respondi.

Chegou a dizer-me que publicaria um manifesto declarando que era elle quem prohibia o *meeting* na sua qualidade de chefe de partido.

— Não creio quo ponha a nossa disciplina em tal prova. Entretanto, aqui o senhor é o chefe: e eu o soldado. Se o fizer, porém, obedeço; mas desligo-me do compromisso de dirigir o partido republicano.

— Não, não, o chefe é o senhor; mas não posso consentir na sua morte certa. . .

Era um momento de lucta horrivel.

— Bem, meus senhores, disse eu aos circumstantes, n'um

movimento de decisão ultima. Sigo para a praça. Quem entender dever acompanhar-me, siga-me.

Todos se prepararam a partir.

— Ahi está o delegado de policia que lhe quer falar, interrompeu Veras.

— Que entre.

O delegado pedia-me que não realisasse o *meeting*. Declarava que a lucta ia ser sangrenta.

— Já sei, respondi; mas resistiremos. Tambem temos amigos e estamos com o nosso direito. A V.^a S.^a cabe cumprir o seu dever.

Insistiu novamente.

Reflecti.

— Ha um unico caso em que não realisarei a conferencia. E' se o senhor doutor, como auctoridade, declarar que não pode manter a ordem.

— Não posso fazel-o, diz.

— Então é inutil estarmos a parlamentar. O seu dever será estar lá para impedir as desgraças que me annuncia.

— Mas, afinal, responderam-lhe, o que o senhor está fazendo é mesmo confessar que não pode manter a ordem.

— Não posso, realmente.

— Porque não o declara então?

— Como quer que declare? pergunta-me.

— Por escripto.

Elle tomou da penna e escreveu o documento, que correu a imprensa, em que me pedia e aos seus amigos que não realisassem o *meeting* annunciado. E assignou.

— Será bom accrescentar — delegado.

— Bem se vê, diz elle, que se aqui estou é como dele-

gado, como auctoridade. Come particular, estaria debaixo da cama.

Na linguagem pernambucana isto queria dizer que julgava taes os perigos que se fôsse simples particular não sahiria a publico em taes conjuncturas.

Fiz lavrar um documento assignado pelos presentes, em que se declarava terem visto o delegado entregar-me um pedido para que não realisasse o *meeting* annunciado.

Em seguida cheguei á porta do *Norte* e arenguei ao povo, convencendo-o da prudencia da nossa medida, que resalvava, entretanto, toda a dignidade do Partido Republicano.

Tomei depois o meu *bond*. Alguns amigos queriam impedir-me de fazel-o.

— Isto agora só a mim diz respeito, declarei. Se me atacarem, defender-me-hei.

E gritei ao cocheiro.

— Toque o *bond*.

Este seguiu. Atravessei a multidão inimiga na praça Saldanha Marinho. Nenhum movimento hostile. Maus olhares que sustentei firmemente, e mais nada.

Terminou assim este dia doloroso. Publicámos em seguida um manifesto expondo os acontecimentos, e preparei a minha retirada para o sul, passando no Recife ainda alguns dias depois da sua publicação, á espera do punhal assassino.

*

* *

O Partido Republicano de Pernambuco não era extraordinariamente numeroso, mas possuía um valente corpo director. Depois das ultimas tentativas revolucionarias, a mocidade mantivera as tradições livres, salientando-se n'esse esforço o *Diabo a quatro*, jornal de critica valente, sob a penna de Generino dos Santos, Annibal Falcão, Sousa Pinto e de outros. Sousa Pinto e depois Martins Junior fôram bons depositarios da nossa fé, até organização partidaria definitiva, sob a direcção de Maciel Pinheiro, e o auxilio de Gomes de Mattos, Raymundo Bandeira, Veras, e muitos outros.

MACIEL PINHEIRO

era, no physico, um homem de estatura regular, corpulento, barba inteira, olhar de pensador, grande, fronte pallida, de apostolo, cabellos pretos, compostura grave e energica. Quando o conheci, já estava a morrer dia mais, dia menos. A impressão que elle produzia era a de uma sympathia enorme, de uma estima inapagavel, de um respeito proximo á veneração. Seu abraço era reservado e sincero; seu apêrto de mão leal e seguro.

Pauperrimo, mas honestissimo. Um nobre: elle seria capaz de morrer em nome da sua fé, da sua patria, da sua palavra, da sua honra.

Fôra magistrado, e guardara da profissão a attitude de juiz; mas tanto coração tinha, que se via que o juiz seria austero em nome da lei e misericordioso de si mesmo.

Educado á antiga, assimilara todo o novo pensamento politico. Liberal, a democracia era-lhe um culto; republicano, comprehendia que a ordem era a condição essencial do progresso.

Redigia o *Norte*, guiava o partido, emquanto não ia ao tumulo. Trabalhava para o futuro, porque elle não esperava vêr a Republica.

Grande luctador: que a tua memoria receba a homenagem de um homem que contigo conviveu alguns dias, os bastantes para vêr na tua alma a alma de um estadista, nos dias da paz, como a de um patriota revolucionario no dia da lucta!

Como eu, admirava-o

ANNIBAL FALCÃO

que conhecia de longa data do Rio de Janeiro, pela sua filiação ao gremio positivista, de que, como eu, depois se separou, sem abandonar um momento os immortaes principios da eschola. A' sua luz, meditou a evolução da nossa historia. Devia ser especialmente publicada em livro a sua *Fórmula da civilização brasileira*; a concepção esthetica do positivismo desenvolveu-lhe a natureza de artista; os amigos conhecem-lhe as producções litterarias de um gôsto exquisito, novo, lembrando o passado sob uma nova feição.

Tachygrapho, mestre na sua arte; bacharel em direito, accidentalmente advogado, escriptor. Nada orador, mas capaz da eloquencia politica reflectida e desimpetuosa na forma, embora violenta mesmo no fundo. Viajado do norte

ao sul brasileiro, sem poder dizer até hoje se reside no Recife ou no Rio; — conversador agradável, pensador, silencioso, tudo o que queira ser.

Foi elle quem redigiu o manifesto do Partido de Pernambuco, e quem lhe conservou por uma inercia por vezes arriscada, a intransigencia dos principios.

Sempre a suppôr-se muito doente, fraco realmente de saude, com momentos de abatimento physico e moral, resurgindo no dia seguinte mais disposto ao combate feito á sua moda, sem systema, em forma de guerrilheiro, tiro aqui, tiro além, mas tiros que matam sempre. Um Rochefort doutrinado pela moderação scientifica.

MARTINS JUNIOR

era um poeta, um escriptor, um litterato, um professor de direito, um jurisconsulto, mais que um temperamento de homem politico. Orador. Meigo, alegre, com uma ponta de melancholia na conversação, melancholia que se lhe estendia á physionomia pallida, que realçava a cabelleira basta e preta, o olhar negro que brilhava através das *pince-nez* Activo, infatigavel, redigia o *Norte*, conferenciava no interior, organisava o partido. O braço forte de Maciel Pinheiro, e o continuador do pensamento politico do manifesto do Partido.

OUTROS

Martiniano Veras, de quem tenho falado; pharmaceutico instruido na sua arte, e na litteratura e historia revolucionaria. Pequeno, baixo, moreno, com sangue que dir-se-hia de indigena, cabeça grande, olhar penetrante.

Raymundo Bandeira, exuberante de enthusiasmo, ardente, typo de bello rapaz, olhar dôce e brilhante, perito na sua profissão de medico. No dia do *meeting* referido anteriormente dispuzera toda uma bateria cirurgica para auxilio dos ferimentos.

Albino Meira, professor de Direito.

Carvalho Pinto Pessoa, egualmente lente na Academia.

Honorio Silva, operario influente.

O dr. *Gomes de Mattos*, tão republicano, quanto catholico.

Ambrosio Machado Cavalcanti, antigo typo pernambucano, de coragem reconhecida, victima do conflicto eleitoral de Santo Antão em que cahira atravessado por balas; lavrador.

Soares Quintas, livreiro, entusiasta, cuja loja era um foco de palestra republicana.

Os *Ribeiro de Brito*, pae e filho, já citados, capazes de todos os sacrificios pela nossa idéa, sendo que o segundo já provara a dedicação inexcedivel, no dia 30 de dezembro, no Rio.

O dr. *Leonardo de Albuquerque*, deputado provincial; formavam a valente pleiade do partido pernambucano, no Recife, que contava no interior homens de muito merito, já citados n'este livro.

*

* *

— Então não vae até o nosso Ceará, perguntava-me João Cordeiro no banquete que lhe offerecemos em Pernambuco, na sua volta do Sul.

— Não posso, e sinto muito. Queria vêr a terra da luz,

disse-lhe sorrindo, conhecer Barbosa Lima, e outros, e moços da Eschola Militar que Candido Mariano, desterrado do Rio, me informa ser nossa partidaria. Nem poderei mesmo ir ao Rio Grande do Norte, onde Pedro Velho me espera, e onde Luiz Souto, o irmão do nosso correligionario José Leão, pretende hospedar-me. O mesmo acontece quanto ao Maranhão, Pará e Amazonas, onde tudo estava prompto para receber-me.

— Sabe que se fala na sua candidatura pelo 8.º districto de Minas?

— Sei, e já que assim é, devo estar mais proximo do theatro dos acontecimentos.

— Aconselho-lhe que não toque na Bahia. Seria sujeitar os nossos correligionarios d'alli a um novo conflicto, e expor-se a uma morte certa. Os bateleiros estão todos colligados para afogal-o no mar, na travessia.

— Não serão ameaças vãs?

— Não, não são.

— N'esse caso irei directamente.

— Então, as cousas estiveram sérias aqui no *meeting*?
O que fez o José Mariano?

Narrámos-lhe os episodios.

— O manifesto que publicamos produziu uma excellente impressão no povo. Vi muito homem de pé descalço a lê-lo e a commental-o ahi pelas pontes. Na assembléa os nossos adversarios gritavam contra elle, julgando-o uma provocação.

— Mas o José Mariano falou?

— Depois que resolvemos não realisar o *meeting*, cujo effeito já estava produzido pela declaração do delegado de

policia, elle fez uma arenga em que, segundo informações que tive, me atacou a valer dizendo-me orgam da lavoura e levando a questão para o lado estreito do bairrismo. Que Pernambuco não precisava de propagandistas do Sul, que a republica era a desordem no paiz, e quejandas . . . Mas a opinião sensata do povo, do commercio, ficou do nosso lado.

— E a tropa ?

— Tambem tinhamos n'ella muitas sympathias. O Casal sustenta que o melhor seria que realisassemos o *meeting quand même*. Mas creio que fizemos melhor sendo prudentes.

— Diga-me alguma cousa sobre o 14 de julho e sobre o tiro no Imperador.

— Isto do tiro foi comedia habilmente organizada depois de um incidente sem valor politico. O rapaz que disparou o tiro fel-o por estroinice n'uma aposta com outros, depois de cearem á farta, e de beberem soffrivelmente. E' o que corre como certo. Em seguida exploraram o caso, preparando a reacção contra os republicanos.

— Estou de accôrdo com o que diz, tanto que aqui resolvemos desprezar o incidente, sem tomar attitude n'elle. Seja, porém, como fôr, é significativo. Não creio que tivessem preparado o tiro. Seria arriscado e inepto, por que, afinal, mostra quanto o mesmo Imperador vae perdendo em prestigio; exploraram-lhe os resultados; eis tudo.

— Quanto ao 14 de julho, vimo'-nos em difficuldades sérias ao sahir de um discurso do Lopes Trovão. Eu tive que defender-me na rua do Ouvidor. Parece que estão decididos a dar-nos cabo do canastro.

— Está realmente em vigor a prohibição de dar vivas á Republica?

— Está; mas a rapaziada ridicularisa com muito espirito o edital, gritando: — Viva a Re... E quando o urbano olha, conclue... particular...

— E' boa!

— O Ouro Preto desenvolve grande actividade na concessão dos auxilios aos lavradores. Pretende ganhar as eleições de qualquer modo. Infelizmente tem conseguido acalmar parte da irritação contra o governo.

— E' natural. Ha sempre em todos os partidos um elemento fluctuante. Mas no nosso, e actualmente, creio que elle é reduzido.

— E'; mas afinal o Ouro Preto estoura...

Fui da mesma opinião ao chegar ao Rio. A machina monarchica estava quente de mais para que não arrebentasse, e todas as valvulas de segurança estavam tomadas por um concurso de fatalidades historicas e de momento.

A molestia do imperador, a propaganda separatista, a iniciativa de São Borja, a idéa da federação, as questões militares, a victoria abolicionista, a irritação agricola, a minha propaganda, os protestos do commercio contra os impostos, as eleições republicanas, o incidente da eschola em que o ministro da guerra se vira desrespeitado por um estudante, a impopularidade do conde de Eu, e de sua mulher, eram factores que, resultantes todos da repulsa americana contra o poder monarchico, levariam em breve á queda d'este, sem que lhe valesse a reacção violenta do novo gabinete. Todas as reacções são vespéras de revolu-

ção, e o poder torna-se tyrannico quando se sente fraco na opinião.

Assim, embora o abatimento fluminense, não desanimava. Enquanto o ministerio Ouro Preto se organisava eu tivera a idéa de enfraquecel-o no berço, convocando um *meeting* em que o povo do Rio protestasse contra a chamada ao poder de um homem que o opprimira com um imposto que o levava á revolta. Era um recurso de guerra muito justificavel, e que poria o governo, ainda não constituido, sem mesmo ter chefe de policia definitivo, na contingencia, ou de reagir desde logo contra o direito de reunião, impopularisando-se, ou de consentir no exercicio d'elle, deixando pois, que a torrente republicana seguisse victoriosa. Porém, apesar dos esforços conciliadores de que n'esse momento foi organ Annibal Falcão, nada se pôde conseguir do elemento do partido que o chefe recém-eleito dirigia, eximindo-se mesmo esses correligionarios de um modo publico, de toda a responsabilidade dos acontecimentos. Em taes condições, preferi como sempre a inacção, a qualquer attitude que revelasse sérias divergencias, sómente prejudiciaes ao nosso triumpho politico.

Forte, pelo nosso silencio, o ministro apresentava-se dias depois ás camaras, erguendo o grito de "Viva a Republica., que o Padre João Manuel levantara, e elevando o outro de "Viva a Monarchia.,

— Para mim, dizia, o Ouro Preto sobe fraco. Esta violencia é o desespero da causa, e a prova de que o throno joga a ultima partida.

Abraçar a familia e os amigos e estudar a situação foi o que fiz logo depois da chegada á capital. Encontrei os bons

correligionarios em lucta desesperada, e mantendo fogo vivo no *Correio do Povo*, que havia pouco Sampaio Ferraz e Chagas Lobato haviam fundado. O *Correio* funcionava modestamente na rua do Hospicio; a redacção fazia-se n'uma especie de agua furtada, escura e pobre, ligeiramente mobilada. Parecia por essa feição um jornal academico; mas que de patriotismo, de enthusiasmo, e de vigor nos artigos eloquentes de Sampaio, o redactor principal, nas chronicas ferinas e causticas do Padre João Manoel, no humor de Julio Diniz! Teixeira de Sousa, Xavier da Silveira e outros auxiliavam os esforços de Sampaio e Lobato n'essa tarefa cheia de sacrificios. Depois o jornal passou á propriedade principal do Alfredo Madureira e instalou-se na rua nova do Ouvidor, até que afinal, feita a Republica, apresentou-se opulento, na mesma rua do Ouvidor.

Sampaio fôra a alma d'este jornal. De ha muito que em todas as reuniões do partido elle pugnava pela creação de um grande orgam para as nossas idéas. Eu tinha hesitado sempre em acceitar esse alvitre, pelo receio de que a existencia de um jornal republicano alienasse a sympathia das outras folhas que se iam inclinando á nossa propaganda, jornaes aliás já feitos, e lidos por toda a parte, emtanto que o nosso orgam ficaria limitado aos nossos arraiaes. Correligionarios experimentados nas luctas da imprensa, como Bocayuva especialmente, eram da mesma opinião.

Mas Sampaio insistira na sua idéa, e afinal fundara em boa hora o *Correio do Povo*.

Tenho muitas vezes feito referencias a este bravo companheiro da propaganda republicana. A sua physionomia

politica é porém de tal modo característica, que eu chamo de novo para ella a attenção do meu leitor.

Já era então bem conhecido o futuro chefe de Policia da Capital. Uma natureza de escolha, no corpo e no espirito; um rapaz alto, gordo, forte, elegante, athletico; côr bronzeada, de caboclo, como elle se chamava, cabello preto tirante a azul carregado, um tanto hirto e revôlto; olhos grandes de uma doçura energica, um ligeiro bigode a deixar vêr os labios vermelhos, a barba em forma de leque, a compostura desempedida e correcta, a toilette escolhida...

Uma conversação agradável e cautelosa, um espirito alegre, e commedido, tão expansivo na intimidade, quanto reservado deante do mundo; uma intelligencia lucida, capaz de n'um relance abranger as questões, embora o incompleto das leituras e dos estudos, uma palavra facil, quente e persuasiva.

Fôra promotor publico, e n'esse cargo portara-se com um criterio e segurança dignos de todo o encomio. Nem o rigor excessivo de um Minas, nem a fraqueza indigna de um orgam da justiça social. Sampaio era um rapaz bem equilibrado, um bom cerebro solidamente formado em um sangue robusto.

Chamava-se *caboclo* na conversão, quando queria dizer-se homem decidido, capaz de sacrificios pelo seu ideal. D'ahi veio que espontaneamente formassemos um nucleo de boa e sã palestra, que denominámos *Club dos caboclos*. Eram caboclos sob a presidencia do caboclo-mór Xavier da Silveira, o padre João Manuel, o Annibal, o Julio, o Teixeira de Sousa, eu, e mais uns dois ou tres cidadãos. O caboclo

era sobretudo brasileiro, e os caboclos reuniam-se amavelmente em tórno da mesa, preparada segundo as modas culinarias da nossa terra, distinguindo-se especialmente a feijoada, que punha á prova o estomago para a admissão ao premio . . . Era essencialmente republicano, revolucionario no momento politico que se atravessava, preparando-se a ser ordeiro no dia da Republica, amigo da boa mesa sem excesso, da boa palestra, da pilheria sã, embora ligeira, e, sobretudo, da mais completa correcção nas relações sociaes e nos costumes. Uma excellente instituição, e o modo de discutir alegremente os serios assumptos que nos preoccupavam por esse tempo.

A situação era realmente critica para nós, e via-se que o sol da propaganda oscillava no apogeu, em direcção a um occaso. Vespera da noite, da treva, da tempestade, para o resurto de uma luz nova, de uma nova aurora? Assim o esperavamos, mas poucos.

Entre os bons auxilios que n'esse momento me não faharam devo citar a pessoa de Ferreira de Araujo. Comquanto a *Gazeta de Noticias* se reservasse uma liberdade de apreciação dos actos governamentaes, como jornal *neutro* que era, contudo a minha columna de franca propaganda ahi funcionava continuadamente, sem que a folha tivesse outra recompensa além da minha collaboração. Já alludi ao papel politico da *Gazeta* na obra republicana; mas devo consignar aqui especialmente esse apoio excepcional, que jámais faltou, vindo de uma personalidade de politico moderado, alma tranquilla, de artista, amigo da vida no que ella tem de sã e de forte, e sobretudo coração aberto ao impulso generoso de todos os bons tentamens.

Esperando que a caldeira monarchica fôsse aos ares, es-crevia serenamente os meus artigos na *Gazeta*, advogava, e punha em ordem os serviços de propaganda. Um dia pedi a Luiz Pires notas exactas da nossa situação financeira no norte, e dei o balanço aos nossos fundos. Tenho prazer em publicar aqui a nossa liquidação de contas.

Foi em seguida á minha *Carta Política* de 6 de janeiro, que organizei uma especie de caixa republicana. As primeiras despesas fôram as de indemnisação dos estragos no edificio da Sociedade Franceza de Gymnastica, por occasião da conferencia de 30 de dezembro. Sá Valle, Aristides Maia, o commendador Domingos Theodoro, o dr. Geraldo Martins, e Ubaldino do Amaral haviam concorrido cada um com a quantia de duzentos mil réis, ao todo 1:000\$000; Barata Ribeiro, Rodolfo de Abreu e José Eugenio de Azevedo, seu socio, com cem mil réis cada um, ao todo tresentos, o que junto tudo faz um conto e tresentos; Candido de Andrade, T. Wernech, Deslandes, Americo das Chagas Wernech, dr. Joaquim Teixeira de Mesquita e Olympio Correia Netto, com cincoenta mil réis cada um, portanto, tresentos, que juntos ao conto e tresentos acima, fazem um conto e seiscentos. Por occasião da minha excursão mineira, o Club de Augustina enviou-nos um conto de réis, e o de Santa Theresa de Valença dois; o sr. Mé Junqueira duzentos e cincoenta mil réis para o jornal; o que somando com duas pequenas contribuições de dez mil réis cada uma fazem um total de 4:870\$000 réis. Eis tudo quanto em diversas occasiões recebeu essa caixa republicana, cujas quantias ficavam depositadas na casa commercial do nosso correligionario dr. Nominato Lima.

Gastámos, conforme os documentos que guardo :— indemnisação á Sociedade Franceza de Gymnastica, um conto de réis : publicação das conferencias em resposta a Joaquim Nabuco, na *Gazeta de Noticias*, quatrocentos setenta e cinco mil réis ; publicação, em folheto, da Carta Politica de 6 de janeiro, duzentos mil réis ; publicação d'esse trabalho no *Paiz*, duzentos ; uma nova edição da *Republica no Brazil*, cincoenta ; publicações diversas na *Gazeta* (avisos de excursões, circular á Bahia, *a pedidos* etc.), duzentos ; publicações no *Paiz* (o discurso *Salvação da Patria* e outras), duzentas e sessenta e dois mil novecentos e quarenta ; duas edições do *Remorso*, de Medeiros e Albuquerque, noventa ; publicações na *Gazeta* e publicação especial, em folhetos, das conferencias em resposta a Joaquim Nabuco, tresentos e sessenta e oito : ainda publicações na *Gazeta*, cento e cincoenta e tres ; despesas geraes de propaganda, como remessa de folhetos para o interior, transcripções, gratificação a encarregados, etc., duzentos e oitenta e oito mil tresentos e vinte réis ; despesa de meu secretario, Luiz Pires, no norte, e despesas de propaganda, correio, telegrapho, passagens de ida e volta ao Rio, e no interior de Pernambuco, não incluindo as minhas e sua subsistencia, quinhentos e trinta e um mil réis ; despesas com o *meeting* republicano do Recife, sustento de homens, etc., duzentos e trinta mil réis ; publicação da *Republica no Brazil* na typographia do Norte, no Recife, tresentos mil réis ; sêllos, circulares eleitoraes, frete de publicações vindas do estrangeiro, cincoenta e seis mil ; publicações na *Gazeta de Noticias*, correspondentes á eleição do oitavo districto de Minas e outras, duzentos e cincoenta mil e cem ; publicação em folheto, que não

chegou a sahir por advir a proclamação da Republica, do manifesto em Pernambuco, pelo *meeting* de 22 de junho, cem mil; despesas feitas no dia da revolução, oitenta e oito mil réis; ao todo 4:794\$360, que confrontados com os 4:840\$000 produzem uma differença approximada de 25\$640, a qual ficou em meu poder e foi gasta em serviço social, em dádiva a pobres.

Não era descabida esta preocupação de minucias financeiras n'um meio estragado pelo regimen monarchico, em que as melhores intenções são suspeitadas, e os actos mais lizos calumniados.

Felizmente, tudo levava a crer que estava mui breve o dia da libertação definitiva da Patria.

O ministerio empregava esforços extraordinarios, no sentido de desenvolver o jôgo bancario, afim de que a orgia financeira fingisse riqueza, e o paiz se suppuzesse feliz quanto aos recursos materiaes. Politicamente, a maior oppressão e concepção pareciam triumphar da propaganda republicana. As eleições de 31 de agosto tinham sido por toda a parte uma serie de escandalos e de violencias. Nos districtos pelos quaes me tinham apresentado amigos sollicitos, não obstante rivalidades e estimulos muito nobres de mais de um candidato do mesmo partido, conseguiria eu a victoria eleitoral, se não fôra a defraudação evidente, pela qual um juiz de direito eliminou uma grande somma de votos que me pertenciam, caso este que largamente expuz em artigos.

A victoria do governo fôra de facto geral, porque a liberdade de voto tinha sido de todo sophismada. Por outro lado, o governo irritava o elemento militar, sendo o incidente

acontecido ao tenente Pedro Carolino o primeiro signal de alarma a que devia responder Benjamim Constant com o celebre discurso da Eschola Militar, e a que devia seguir-se dias depois a proclamação da Republica.

Estavamos, pois, perto da Victoria.

Paris, abril de 1891.

**Discurso pronunciado pelo dr. Silva Jardim
no dia 19 de abril de 1891, em Bourg-la-Reine (França),
por occasião do quarto anniversario
da festa de Condorcet em resposta a um toast
do dr. Robinet á Republica Brasileira**

Les paroles que M. le Dr. Robinet vient de consacrer à l'avènement de la République brésilienne et à la mémoire de Benjamin Constant m'imposent le devoir de l'en remercier. Vous excuserez mon audace si j'ose parler dans cette belle langue universelle, familière à tous les grands esprits, si étrangère pour moi.

Oui, certes, notre République a donné au monde le premier exemple d'une transformation politique radicale s'accomplissant sans le moindre trouble, mais cet heureux privilège, jusqu'ici unique dans l'histoire, elle le doit à la France. Notre mérite et notre gloire, à nous, est d'avoir su mettre à profit l'expérience de vos révolutions et les en-

seignements de vos hommes d'Etat; d'avoir, compris que les transformations politiques opérées au prix du sang ne peuvent plus aboutir, de nos jours, qu'à ouvrir des plaies inguérissables, en perpétuant la guerre civile, en éloignant le régime de l'activité pacifique.

L'exemple de l'ordre dans une République stable que vous offrez aux autres peuples a certainement été pour beaucoup dans la façon dont s'est effectuée notre évolution politique.

En vérité, Messieurs, je le dis bien haut, nous sommes un peuple essentiellement français, et on peut à juste titre nous appeler les Français, d'Amérique.

Dès 1789 nous obéissons à votre impulsion révolutionnaire par la conspiration de Tiradentes, le premier martyr de notre émancipation républicaine; en 1831 nous subissons le contre-coup de la révolution bourgeoise de juillet, le peuple de Rio de Janeiro dépose D. Pedro I^{er}; en 1848 l'héroïque patriote Nunès Machado se fait tuer à la tête des révolutionnaires de Pernambuco; enfin l'avènement de votre troisième république a eu pour résultat de donner une nouvelle impulsion à notre effervescence républicaine en inspirant le manifeste du 3 décembre 1870, point de départ du mouvement qui, sous la direction révolutionnaire de Saldanha Marinho, complétée plus tard par l'orientation positive de Benjamin Constant, a abouti enfin à la proclamation du régime nouveau.

Voilà notre filiation historique, voilà notre force.

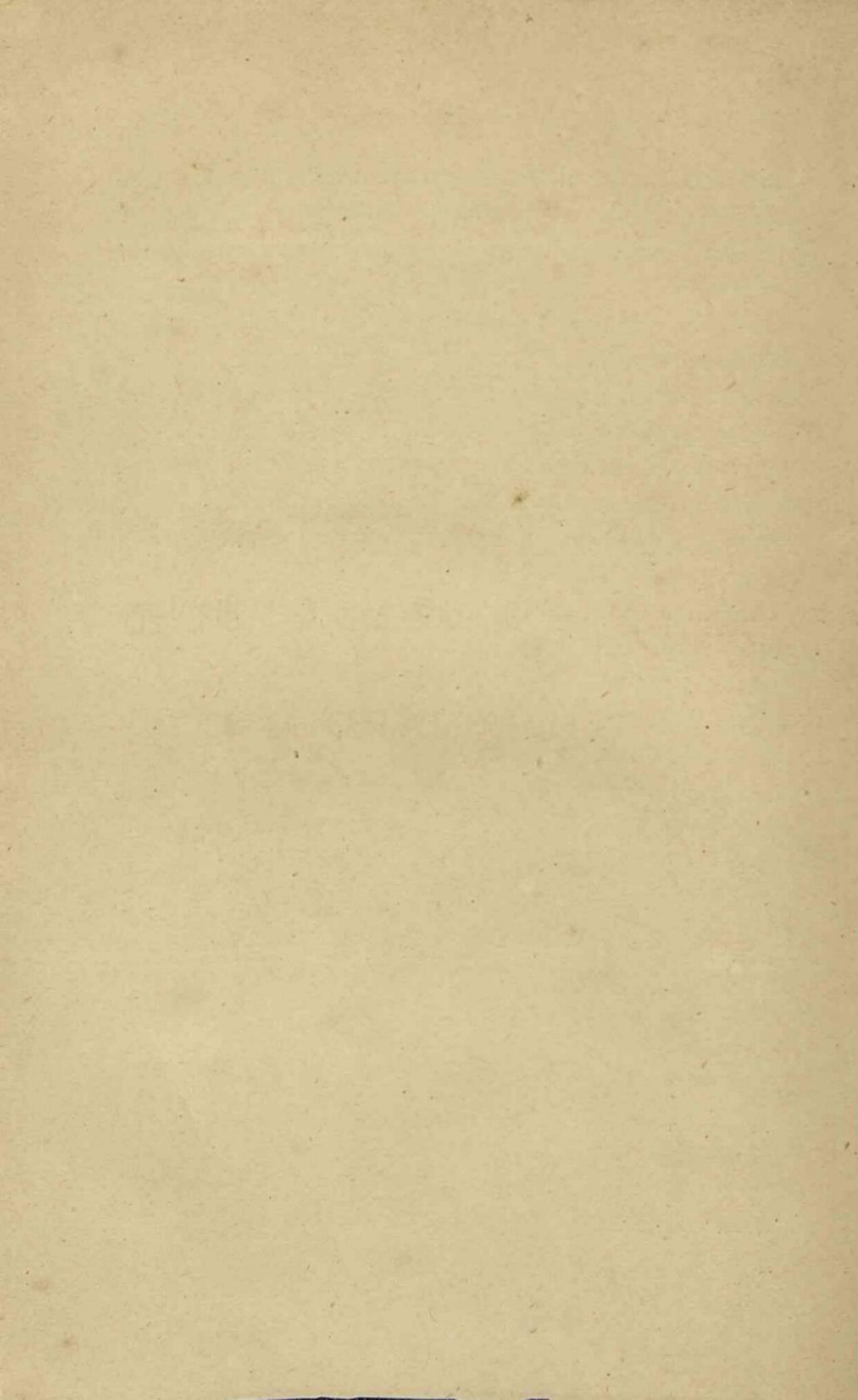
Amérique et Europe ne sont que des expressions géographiques, car, en deçà et au delà des mers, les peuples accomplissent leur évolution d'après leurs affinités occi-

dentales. Issus des Latins, par notre origine portugaise et espagnole, nous sommes, nous demeurons des Latins avant tout dans notre participation à la vie commune de l'Humanité.

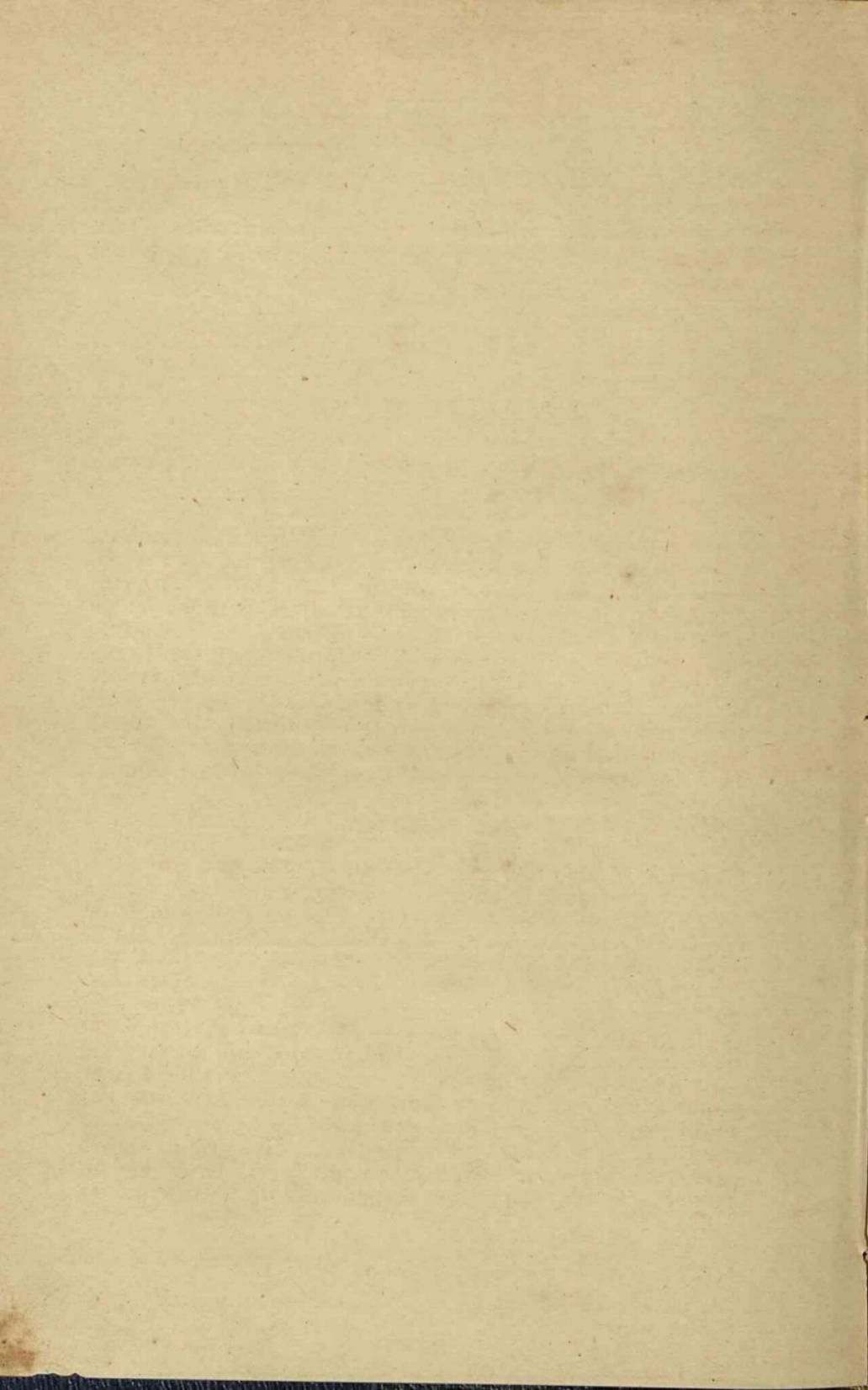
L'esprit organique qui a présidé à l'installation de notre république par la prépondérance de Benjamin Constant est le secret de son avènement pacifique. Grâce à cette impulsion première, je crois pouvoir vous assurer que jamais dans mon pays, quoi qu'il arrive, les compétitions politiques n'aboutiront à des luttes fratricides. *Les vivants sont gouvernés par les morts!* et la mémoire du grand patriote qui, inspiré par l'amour de son pays et éclairé par les lumières supérieures de la philosophie positive, a fondé la République, nous préservera toujours de tout égarement.

En effet, selon la belle remarque d'un de mes compatriotes (1) Benjamin Constant a été le premier homme d'Etat qui ait appliqué au gouvernement les principes de la sociologie positive. Permettez moi donc de saluer, en la personne de M. le Dr. Robinet et de M. Pierre Laffite, les disciples d'Auguste Comte, en buvant à la noble patrie de ce grand génie, à la généreuse nation française, à la République.

(1) Oscar d'Araújo *Le Fondateur de la République au Brésil*, Nouvelle Revue n° du 1^{er} août 1891.



ARTIGOS
Consagrados pela Imprensa Europea e Brasileira
Á MEMORIA DE
SILVA JARDIM



A *Nouvelle Revue* de 15 de julho de 1891, na sua carta sobre a politica exterior:

J'ai commencé ma lettre par la confidence d'une angoisse; je la termine par le récit d'un chagrin. La mort de M. Silva Jardim m'a d'autant plus douloureusement impressionnée que je croyais à sa mission. Jamais homme ne me parut mieux préparé à exercer une influence considérable dans un pays où la passion des réformes peut faire rejeter à un parti puissant le contrepoids de la modération. M. Silva Jardim, quoique très jeune, avait compris merveilleusement que lorsque, par la Révolution, on a arrêté la marche en avant de ses adversaires, et creusé un abîme dans les institutions, il faut jeter de-ci, de-là quelques ponts.

Tout à tour professeur, avocat, homme politique, il avait les qualités réunies du théoricien, du débateur d'affaires et de l'homme de gouvernement. A la fois idéaliste et pratique, il pouvait soulever les masses par sa parole ardente, puisée aux sources les plus classiques de nos traditions latines, et stupéfier ses adversaires par la soudaineté, par l'imprévu de ses attaques.

Courageux jusqu'à l'excès, car c'est un excès de courage qui lui a fait trouver une mort à la fois tragique et poétique au Vésuve, son sang-froid avait en mainte occasion désarmé ses ennemis. D'autres que moi diront plus tard ici, en parlant de son œuvre, combien avait été remplie déjà la carrière de ce jeune homme de trente ans. J'ai voulu seulement adresser, par quelques lignes, un adieu ému à celui qui eût été peut-être la plus grande figure parmi les hommes d'État futurs du Brésil. Conscient du danger que fait courir aux républiques de l'Amérique du

Sud l'esprit révolutionnaire, il eût groupé les efforts des républicains les plus sages, fait appel à la puissance des méthodes politiques et sociales que le parti démocratique du Brésil est à même d'étayer sur ses idées positivistes, et il eût contribué à arracher son pays à la fois aux périls de la désagrégation et à ceux d'un centralisme favorable aux *pronunciamentos*.

Dans le spectacle de la République Argentine et des vains efforts d'un homme de valeur, de M. Pellegrini, pour arracher les provinces argentines à l'affolement dans lequel les jettent l'ambition effrénée des partis, dans le danger que les intrigues des républicains de l'Amérique du Nord font courir aux républiques du Sud, il y a un avertissement et une leçon que le Brésil est tenu de méditer.

La doctrine de Monroé, si menaçante, en Amérique, pour les dernières influences européennes, devrait, comme contre-partie, attirer l'attention de la France vers un pays trop négligé par la presse, vers le Brésil, dont les richesses naturelles, le degré supérieur de civilisation, mis en œuvre par l'intelligence et la haute culture d'un peuple résolument libéral, font une nation destinée à se développer pacifiquement, à grandir et à lutter contre l'ambition sans limites de l'Amérique du Nord.

La révolution du 15 novembre 1889, acceptée si philosophiquement par l'empereur Dom Pedro, nous ayant occupés un instant, devait éveiller notre attention sur les similitudes nombreuses qui existent entre le Brésil et la France. Même évolution politique, dérivant de notre grande Révolution, même culture littéraire et scientifique, même assimilation lente et définitive des partis monarchiques détournant de la République les dangers de la compétition des prétendants, tout enfin jusqu'à certaines allures des hommes actuellement au pouvoir à Rio-de-Janeiro, et qui évoquent en nous le souvenir du 16 mai, devient intéressant pour nous chez ceux qu'on appelle, dans le nouveau monde, les Français d'Amérique.

Comme en France, la situation politique créée par la réaction est passagère. C'est la dernière lueur de la lampe qui s'éteint. Les chefs des groupes républicains ne montrent aucune impatience, certains que l'avenir est à eux seuls. Ils croient utile de démontrer aux vieux partis leur insuffisance, et ils profitent de leurs derniers loisirs pour étudier les questions à résoudre, les réformes à faire, pour fortifier le programme que le pays attend d'eux. Bientôt

l'opinion publique, qui déjà la réclame, imposerait la présence des républicains au pouvoir, si le maréchal Deodoro da Fonseca n'avait pas compris qu'il devait accomplir, de sa propre initiative, l'évolution nécessaire. Il n'y a pas un homme d'État au Brésil qui veuille ou qui puisse résister au courant d'une opinion publique très patiente, exprimant d'abord des vœux, mais implacable pour ceux qui essaieraient d'enrayer la marche progressive des idées par des questions de personnes et compromettraient les intérêts vitaux du pays.

JULIETTE ADAM.

A Revue Occidentale de setembro de 1891:

L'idée républicaine a eu au Brésil deux grands serviteurs : Benjamin Constant, que notre Constitution a si exactement surnommé le fondateur de la république, et Silva Jardim, dont l'on pourrait dire, à juste titre, qu'il en a été le précurseur.

Ces deux patriotes, qui s'étaient voués au triomphe de la même cause, sont cependant restés presque étrangers l'un à l'autre, quoique se connaissant et s'estimant réciproquement. Issus d'une même école philosophique, ils en avaient également repoussé les aberrations que certains voudraient faire prendre au Brésil pour la vraie expression de la pensée du Maître ; animés d'un même amour de la patrie, ils la voulaient servir tous deux par des moyens identiques ; poursuivant un même idéal, ils ont travaillé à le réaliser presque en même temps. Mais la différence d'âge, les circonstances et les milieux dans lesquels ils ont vécu, ont empêché une intimité qui aurait été sans doute hautement profitable à la république et au pays.

Benjamin Constant réalisa ce que Silva Jardim avait annoncé : l'avènement de la république par la révolution ; l'un a été l'âme du mouvement dont l'autre avait été le messie.

Ils ont disparu tous deux avant d'avoir pu réaliser tout ce que la patrie était en droit d'attendre de leur savoir et de leur grand amour de la république.

Silva Jardim a été de ces hommes qui représentent à une époque donnée l'expression vivante des sentiments de tout un peuple. Il personnifia l'idée républicaine au moment historique où la république était l'aspiration véhé-

mente de tout le Brésil, il s'en fit l'apôtre et il en fut un peu le martyr.

C'était en 1888, la propagande en faveur de l'abolition de l'esclavage avait atteint son apogée. Le triomphe des abolitionnistes était prochain. Le trône, jusque-là récalcitrant, allait céder en décrétant l'abolition immédiate et sans restrictions. L'impulsion révolutionnaire que cette propagande avait donnée au pays ne se calmerait cependant pas pour si peu. La monarchie avait trop tardé à sanctionner la liberté des esclaves, l'agitation s'était prolongée trop longtemps pour pouvoir cesser tout à coup. La loi du 13 mai était si tardive que les propagandistes n'en seraient plus reconnaissants à la couronne, ils savaient qu'elle ne capitulait que devant le danger de sa propre conservation, et les intérêts lésés ne s'en montreraient pas pour cela moins irrités. Il fallait s'emparer de cette crise au profit de la république, il fallait recueillir les efforts de tout l'apostolat républicain qui avait prêché la bonne parole depuis 1870, pour l'identifier avec l'émotion sous laquelle s'agitait le pays, il fallait justifier la continuation de la campagne en profitant de tous les incidents de la marche d'un régime irrémédiablement compromis dans l'opinion, il fallait formuler explicitement les vœux nationaux pour la république. Voilà la situation où est surgi Silva Jardim. Voilà la mission qu'il s'était imposée.

Les symptômes précurseurs de la tempête qui menaçait de renverser les institutions se succédaient avec une incroyable rapidité. Le mécontentement des planteurs atteints dans leurs intérêts matériels par l'abolition, la désaffection de la monarchie dans l'armée constamment oubliée et systématiquement malmenée, l'aversion populaire pour le prochain avènement d'une princesse bigote et peu sympathique, étaient autant d'éléments de désorganisation et de ruine qui depuis longtemps minaient la monarchie. Silva Jardim prit sur ses épaules l'entreprise colossale de coordonner tous ces éléments divers pour mieux précipiter la chute du trône, répandant dans l'âme populaire l'idéal républicain, qu'il porta avec sa parole éloquente jusqu'aux couches les plus profondes de notre société, à travers tout le pays, parlant aux paysans de Minas et aux prolétaires de Pernambuco, aux planteurs de São-Paulo et aux citoyens de Rio-de-Janeiro, la capitale.

Initié de bonne heure à la religion de l'Humanité, il avait retenu surtout, de son dogme les grandes conceptions so-

ciales, de son culte l'amour de la patrie, de son régime l'ardeur civique. Et comme au Brésil la république était la base de tout progrès, c'est à l'obtenir qu'il consacra tout son talent, tous ses efforts, toute sa vie en un mot.

Silva Jardim est né le 18 août 1860 dans la ville de Capirary, de l'ancienne province de Rio-de-Janeiro. Son caractère a dû se tremper dès son jeune âge dans la lutte avec les difficultés de l'existence matérielle. La pauvreté lui apprit à ne point négliger les problèmes pratiques de la vie et le préserva des aberrations du pédantisme académique, le sauva de la vaine fatuité de nos bacheliers.

Très jeune encore, il montra des aptitudes peu communes par sa collaboration au *Labarum Litterario* et par son opuscule sur Tiradentes, où perçaient déjà ses convictions républicaines et l'enthousiasme du futur propagandiste. Un peu plus tard, il fit partie de la rédaction de la *Nova Aurora* de Quissamã avec Clovis Bevilaqua et Francisco Pecanha.

Tout en préparant ses examens de licence à l'École de droit de São-Paulo, où il fut un élève brillant, il cultiva les études philosophiques, collabora à la *Provincia de São-Paulo*, l'organe républicain de la province, à la *Tribuna Liberal*, à la *Evolução* et à la *Revista de Direito e Letras*, et publia plusieurs volumes de critique littéraire; en collaboration avec Valentim Magalhães, le livre: *Idéas de Moço* et une brochure sur le *General Osorio*, hommage au triomphateur du Paraguay; de cette même époque est encore le volume *Critica de escada abaixo*, en réponse aux critiques malveillantes du *Cancioneiro alegre* de Camillo Castello Branco sur la littérature brésilienne.

Nommé en 1880 professeur d'une chaire de l'enseignement élémentaire, au cours annexé à l'École normale de São-Paulo, il l'occupa jusqu'en 1883.

En mai de cette année, il se maria avec une des filles de M. le conseiller Martim Francisco Ribeiro de Andrade Machado e Silva, le promoteur de l'indépendance brésilienne. Silva Jardim trouva dans celle qu'il avait choisie pour compagne de son existence toutes les qualités de la femme brésilienne réunies au civisme d'une héroïne romaine.

Dans les journées terribles de la propagande républicaine, quand la vie de Silva Jardim était mise à prix, quand à chacun de ses discours on craignait un attentat contre sa personne, la conduite de M^{me} Jardim fut vraiment admirable; courageuse et ferme, elle ne cessa de refouler au

plus profond de son cœur son affection d'épouse pour ne songer qu'au devoir social qui était échu à la femme d'un tel patriote.

L'occasion de se jeter dans la lice lui fut fournie par l'acte audacieux des conseillers municipaux de São-Borja, petite ville de Rio-Grande du Sud, demandant aux Chambres de décréter la consultation du pays sur l'opportunité de prononcer d'ores et déjà la déchéance de la monarchie, à la mort de Dom Pedro, "attendu que, disaient-ils, l'héritière du trône était une princesse fanatique, mariée à un prince étranger, M. le comte d'Eu."

L'émotion produite par le vœu du modeste conseil municipal de province, que le télégraphe s'était chargé de transmettre aux quatre coins du Brésil, fut énorme. Le gouvernement résolut de sévir, les journaux s'emparèrent du fait et discutèrent la légalité de l'initiative prise par les conseillers municipaux. Silva Jardim en profita pour commencer la campagne qu'il s'était promis de faire et il réalisa à Santos son premier meeting républicain le 27 janvier 1888.

Il s'y révéla, ce qu'il fut toujours, orateur éloquent, plein de flamme, en même temps que politique habile à conduire et à entraîner les foules. Son meeting, auquel le gouvernement n'osa s'opposer, fut un triomphe; il fit adopter à l'unanimité un ordre du jour de félicitations aux conseillers municipaux de São-Borja et d'adhésion à leur idée.

Dès lors, il se lance dans cette campagne sans trêve de meetings, de conférences, de manifestes, d'articles de journal, qui restera comme un admirable type de ce que peut un grand cœur pour le service d'une noble cause.

Nos adversaires politiques comprirent aussitôt qu'ils se trouvaient en présence d'un homme capable d'enrégimenter les forces du parti républicain, de leur imprimer la cohésion et l'unité qui leur manquaient pour donner l'assaut régulier et définitif aux institutions monarchiques. Aussi eurent-ils recours à tous les moyens pour entraver l'exécution de cette campagne: menaces de mort, assauts à main armée, désordres provoqués dans les meetings, tous les procédés en un mot dont se servent en pareille occasion les gouvernements aux abois.

Dans l'espace d'un peu moins de deux ans, de janvier 1888 au 15 novembre 1889, date de la proclamation de la république, Silva Jardim trouva le moyen de parcourir des provinces entières, allant de ville en ville, porter la bonne

nouvelle, encourageant les coreligionnaires; convertissant les indécis et quelquefois même les adversaires déclarés de la veille.

Il fit entendre sa parole aux populations de plus de soixante villes disséminées sur la surface de régions plusieurs fois étendues comme la France, à travers toutes les fatigues, toutes les difficultés, tous les dangers. Ni les distances ni le mauvais vouloir de certaines fractions du public, ni les menaces des monarchistes, ni les violences des policiers ne purent l'arrêter.

La monarchie se sentant ébranlée de toutes parts tente un suprême effort pour essayer de reconquérir le prestige et l'autorité qui lui échappent de plus en plus. M. le comte d'Eu, époux de la princesse héritière, va s'embarquer pour une excursion dans les provinces du nord, dont le but semble évident. On attribuait à ces provinces bien à tort des sentiments monarchiques et l'on prêtait à M. le comte d'Eu l'intention de faire dans son voyage du nord monarchique un boulevard contre le sud républicain. Silva Jardim résolut de porter l'attaque dans le champ ennemi; il s'embarqua sur le même bateau qui devait emporter le prince et il le suivit jusqu'à Pernambuco, faisant partout un meeting, une conférence ou une contre-manifestation sur le passage du prince en réponse aux discours et aux réceptions officielles par lesquelles la monarchie s'était promis un voyage triomphal pour son représentant. L'effet produit par l'audacieuse initiative de Silva Jardim fut tel que le prince dut faire à Pernambuco cette déclaration restée célèbre que "le jour où la famille impériale reconnaîtrait que le système monarchique aurait cessé d'être celui que la nation désirait, elle s'inclinerait devant la volonté du pays."

Mais les choses en étaient arrivées à un tel point que ce langage ne pouvait plus suffire à concilier au prince les sympathies sur lesquelles il comptait sans doute. On lui fit remarquer même qu'il confirmait en quelque sorte par ces paroles le rôle actif qu'on lui attribuait dans les affaires de l'Etat, que ce n'était pas à lui à prendre des engagements au nom de la monarchie brésilienne, lui prince étranger, à qui sa situation commandait de se restreindre au rôle effacé de prince consort.

La lutte entre le propagandiste de la république et les défenseurs de la monarchie était devenue si vive que chacune des conférences de Silva Jardim représentait un acte

d'héroïsme. Plus d'une fois il ne dut la vie qu'à sa présence d'esprit et à son impertubable fermeté.

A Bahia, un misérable salarié s'adresse à lui, armé d'un poignard, au milieu de la bagarre que font les agents provocateurs de la police et lui demande :

— Où donc est-il ce Silva Jardim que je le tue ?

Heureusement, interprétant mal le silence de Silva Jardim, qui le regarde dédaigneux, ce forcené suit son chemin à la recherche de celui qu'on l'avait chargé d'assassiner et qu'il venait de manquer sans le savoir.

Dans une autre occasion, comme on le menaçait de mort au moment où de la tribune il attaquait la monarchie :

— Qu'elle vienne, cette balle, dit Silva Jardim, que j'attends depuis que je suis à cette tribune, ma mort fera bien plus pour la république que tous mes discours.

A Pernambuco il allait prendre la parole à un meeting populaire sur la place publique où il savait que les adversaires l'attendaient, disposés à lui donner la mort, et il ne renonça à parler que devant une déclaration écrite du préfet de police. dans laquelle ce magistrat lui assurait que sa présence et ses premières paroles seraient le signal d'un carnage qu'il s'avouait impuissant à éviter.

Une surtout, entre toutes les conférences de Silva Jardim, resta célèbre par les violences des amis du gouvernement, celle qu'il réalisa le 30 décembre 1888 dans le salon de la Société Française de Gymnastique, à Rio-de-Janeiro. Elle finit au milieu d'une véritable bataille.

Ces violences étaient prévues et la veille on disait même que Silva Jardim n'en sortirait pas vivant. Ces bruits prirent une telle consistance que des amis et des républicains dévoués se rendirent tour à tour auprès de lui pour lui demander de renoncer à son projet.

Il resta inébranlable et réalisa sa conférence. Comme l'on s'y attendait, l'édifice dans lequel il parlait fut assailli par une horde de forcenés aux gages de la monarchie, qui mirent les amis du conférencier dans la nécessité de se défendre le revolver à la main, tandis que lui restait à la tribune avec la même sérénité, attendant la fin de la bagarre pour reprendre son discours au point où il avait été interrompu.

Le moment était arrivé de passer de la propagande à l'action pratique et effective. Il se concerta avec M. le colonel Madureira, officier d'un grand savoir et de beaucoup de prestige, un républicain convaincu. On combina un plan

d'émeute à la fois civile et militaire qui s'emparerait des ministres et de l'empereur et organiserait une dictature non militaire ; mais la mort de M. Madureira, survenue sur ces entrefaites, empêcha Silva Jardim de mettre ce plan à exécution. On sait que Benjamin Constant le réalisa peu de temps après.

Les choses s'étaient précipitées de telle façon que, un an et demi après avoir commencé sa campagne, Silva Jardim vit clairement que la monarchie était irrémédiablement perdue et que son agonie ne pouvait plus durer longtemps.

L'avènement de la République n'était plus douteux pour personne. La réaction même que le gouvernement allait bientôt tenter en était la meilleure preuve. Aussi Silva Jardim songea de plus en plus à préparer le parti républicain, à prendre le pouvoir au lendemain de la chute de la monarchie.

Il fallait éviter que la République ne fût la monarchie sans l'empereur. Telle a été la préoccupation qui dicta les derniers efforts du propagandiste pour la constitution d'un groupe de républicains inflexibles quoique conciliants. Son remarquable sens politique lui avait fait prévoir ce que nous réservait l'avenir dans une république sans républicains, mais les circonstances conspirèrent contre lui et il fut frustré dans ses desseins.

Le 15 novembre. M. Silva Jardim a été de ceux qui, avec MM. José do Patrocínio et Annibal Falcão sauvèrent la révolution des hésitations de la dernière heure, en proclamant la république à l'Hôtel-de-Ville. Cette proclamation, portée au chef véritable du mouvement militaire, Benjamin Constant, a été pour celui-ci un appui précieux.

Le propagandiste a donc eu la satisfaction de voir fondée à jamais la République au Brésil, mais il ne réussit pas à faire triompher son idéal, notre idéal à tous, dans la mesure de ce que lui promettait la somme d'énergie qu'il avait mise à son service.

Éloigné momentanément du Brésil, par les hasards de la politique, Silva Jardim s'occupait, dans la société des républicains et dans la récapitulation intime de sa vie publique, à retremper son esprit pour la campagne que les circonstances nouvelles de la patrie allaient exiger de lui. Méprisant l'érudition banale des visiteurs de musées et des touristes du boulevard, il cherchait dans le commerce de ses hommes éminents la leçon pratique de la vie politi-

que et intellectuelle de ce grand peuple français, initiateur de l'idée républicaine.

Et, en même temps, dans un livre qu'il laisse achevé et que je l'espère, le public français pourra bientôt lire dans une traduction, il récapitulait au jour l'histoire de ses espoirs, de ses luttes et de ses mécomptes mais non pas celle de ses désillusions; car Silva Jardim ne connut point les défaillances qui sont le privilège des faibles. Bien au contraire, sa foi allait jusqu'à l'illusion et son courage jusqu'à la témérité, et une témérité nous l'a ravi.

L'action qu'il a exercée a été certainement des plus décisives, l'effet de sa parole est pour beaucoup dans le développement de la pensée républicaine dans notre patrie. On n'a qu'à relire ses discours pour s'apercevoir combien a dû être immense leur portée au moment où ils ont été prononcés. Nous y retrouvons de plus la marque de la doctrine positiviste et la preuve du rôle qu'a joué ainsi la religion de l'Humanité dans l'accomplissement de la transformation politique qu'a subie le Brésil. Silva Jardim avait, en effet, su emprunter au Positivisme plus que la plupart de ses formules, son esprit sociologique, pour l'appliquer à la solution du cas concret qu'il avait à considérer. Le Brésil perd en lui un de ses fils les plus illustres. Son nom restera un des plus populaires de la République, comme un exemple de courage civique, comme une tradition du plus pur patriotisme, comme un exemple de dévouement à la cause publique.

OSCAR D'ÁRAUJO

A *Nouvelle Revue International* de 15 de agosto de 1891 :

M. Silva Jardim, qui vient de mourir d'une façon si dramatique, était, incontestablement l'homme le plus populaire du parti républicain brésilien. Son dévouement à la cause de la Révolution, le talent qu'il avait mis à la servir, lui avaient valu dans tout le Brésil une très grande et très légitime réputation. Raconter sa vie c'est lui faire le meilleur et le plus complet des panégyriques.

M. Silva Jardim naquit le 18 août 1860, à Capyvary, dans la province de Rio-de-Janeiro. Ses parents étant très pauvres, M. Silva Jardim dut, tout jeune, surmonter de grandes difficultés matérielles pour pouvoir poursuivre ses études.

Comme s'il avait eu le pressentiment de sa fin prochaine, il collaborait déjà à divers journaux, à un âge ou d'autres

ne songent qu'aux plaisirs. En effet, dès 1876, il publiait dans le *Labarum Litterario*, plusieurs travaux dont une étude sur Tiradentes, le héros de la première tentative républicaine au Brésil, que montre bien quelles étaient déjà les convictions du jeune écrivain.

Il entra à l'École de Droit en 1878, et, tout en poursuivant la préparation des examens de licence, il collabora dans la *Provincia de São Paulo*, l'organe du parti républicain de cette province, et il publia trois volumes de critique littéraire.

En 1880, il fut nommé professeur d'une des chaires de l'enseignement primaire à l'École Normale de São Paulo, chaire qu'il occupa jusqu'en 1883. L'année d'après il fut appelé à occuper la chaire de langue portugaise à la même école. En 1886, il renonça à cette chaire pour se consacrer entièrement au barreau et à la politique. Il quitta São Paulo, chef-lieu de la province de ce nom, et s'établit à Santos, ville commerciale et principal port de mer de la même province.

Déjà, nous l'avons vu, pendant le cours de ses études, il avait fait preuve de ses sentiments et de ses convictions républicaines. Initié de bonne heure à la philosophie positive d'Auguste Comte, il en avait surtout retenu les grands enseignements sociologiques et moraux. Son patriotisme ambitionna de les appliquer à son pays, et il y travailla, dès lors, sans relâche. La forme républicaine étant la base de tout progrès politique et social au Brésil, c'est à l'obtenir qu'il consacra tous ses efforts.

L'occasion d'entrer dans la lice avec éclat allait bientôt se présenter à lui. Le Conseil municipal de São Borja, petite ville de la province de Rio Grande du Sud, émit, vers la fin de 1887, le vœu qu'une consultation direct fût faite au pays, sur la question de savoir si le troisième règne convenait à ses intérêts, alors que, "l'héritière du trône était une princesse fanatique, mariée à un prince étranger," M. le Comte d'Eu.

Le Gouvernement impérial, comme bien l'on pense, fit suspendre les conseillers de leurs fonctions.

M. Jardim réalisa, aussitôt à Santos, un meeting populaire, pour protester contre la mesure prise par le gouvernement, et appuyer l'attitude et le vœu des conseillers municipaux de São Borja.

Dans un livre, auquel il mettait la dernière main au moment où il nous fut si malheureusement ravi, et dans le

quel il fait l'historique de sa compagne de propagandiste il draconte ainsi comment il fût amené à entrer en campagne :

“La nouvelle de l'initiative, nous dit-il, prise par le Conseil municipal de São Borja, transmise par le télégraphe à tous les points du pays, produisit une émotion profonde parmi les républicains de Santos. Dans le gros de la population pensante, commerçants et membres des divers partis, on avait trouvé amusante et heureuse l'idée de ce petit bourg obscur. Comme il arrive souvent, quoique quelques esprits en eussent compris toute la profondeur, le premier mouvement fût d'en rire. Cet esprit de moquerie est un des côtés de notre caractère national. Les conceptions qui ont atteint le plus haut degré de maturité n'y échappent point. Il faut s'attendre à être en butte à ses attaques, au début de toutes les entreprises et de toutes les propagandes. Ce rire, s'il est quelquefois sain, n'est souvent que purement destructeur ; c'est le rire d'un peuple encore jeune, mais déjà en pleine possession de l'esprit de critique qui ronge la civilisation occidentale, le rire d'un peuple entaché d'une bonne dose de scepticisme, mais intrépide et sérieux devant les plus grands dangers sociaux, parce qu'il, a la conscience de sa force, de ses ressources et de la grandeur de son avenir. Les nouvelles mesures de répression, prises par le gouvernement, révélèrent que le cabinet, qui dirigeait alors les affaires publiques, avait pris la chose au sérieux et l'envisageait comme un symptôme profond de répulsion pour le trône, comme une suggestion dangereuse et communicative qui, d'ailleurs, n'était pas un fait isolé, quoique sans lien apparent avec ceux dont il apercevait les affinités autour de lui, dans la capitale même du pays. On commençait à le discuter dans la presse de Rio-de-Janeiro, et les journaux prenaient parti pour l'autonomie municipale ou la combattaient comme contraire aux institutions.

— “Cependant un courant électrique s'était établi entre tous ceux qui professaient les mêmes croyances politiques.

“Plus entraîné que d'autres par ce courant, l'idée m'est venue de l'exprimer et de l'augmenter.”

M. Jardim réalisa son meeting sans que le gouvernement osât y mettre la moindre entrave, et il put proposer, aux applaudissements unanimes de l'assistance, un ordre du jour d'adhésion au vœu du Conseil municipal de S. Borja. Ceci avait lieu le 28 janvier 1888. Quelques jours après, M.

Jardim faisait, avec non moins de succès, à Campinas, petite ville d'environ 33,000 habitants, dans la province de São Paulo, un second meeting républicain, pour protester contre la mesure dont le gouvernement venait de frapper les conseillers municipaux de São Borja.

Dès lors son plan politique était tracé. Il résolut d'être l'agitateur populaire, de parcourir tout le pays, allant de ville en ville porter la propagande républicaine, faisant des conférences publiques, organisant des meetings, encourageant ses coreligionnaires, ralliant les indécis et quelquefois même les adversaires.

Une première campagne embrassa les provinces de São Paulo et Rio-de-Janeiro. M. Jardim parla dans vingt-sept villes dans l'espace d'environ un mois, véritable tour de force, vu les distances considérables à franchir, les difficultés et les fatigues sans nombre, et, surtout, les dangers qu'il lui fallut courir et surmonter dans plus d'une occasion.

Les adversaires de la République comprirent, en effet, dès le début de cette campagne, la valeur de l'homme qui l'avait entreprise, et mesurèrent sans doute l'essor immense qu'elle allait faire prendre à l'idée républicaine, en la faisant passer du domaine des aspirations théoriques dans le terrain pratique de l'action, en donnant au parti la cohésion et l'orientation dont il avait besoin pour livrer l'assaut définitif et irrésistible à la monarchie que s'écroulait. Aussi, eurent-ils recours à tous les moyens pour entraver l'exécution de cette campagne : menaces de mort, assauts à main armée, désordres provoqués dans les meetings, tous les procédés, en un mot, employés par un gouvernement aux abois, en pareille occasion.

Après cette première campagne, M. Jardim vint se fixer à Rio-de-Janeiro, où il présida plusieurs meetings républicains. Un, surtout, resta célèbre. Il eut lieu de 30 décembre 1888, dans le salon de la Société Française de Gymnastique. Dès la veille, on assurait que M. Jardim serait assassiné, des coreligionnaires vinrent le prier de ne pas se rendre à ce meeting, mais il ne voulut pas se laisser convaincre par leurs raisons. Le meeting eut lieu et finit par une véritable bataille entre les républicains et les agents provocateurs de la police, à coups de revolver et à coups de pierres, aux cris de : tuons Silva Jardim ! poussés par les assaillants.

C'est à ce moment que M. Jardim songea à passer de la parole à l'action, de la propagande à la conspiration. Il

s'aboucha avec le colonel Senna Madureira, un officier de grand avenir et un républicain dévoué. On arrêta un plan d'émeute, à la fois civil et militaire, et il fut décidé, d'après le désir même du colonel Madureira, que la dictature, qui prendrait le gouvernement après la déposition de don Pedro pour organiser la République, ne devait pas échoir à un militaire. La mort de M. Senna Madureira, survenue peu de temps après, vint couper court à ce plan.

Néanmoins M. Jardim ne perdit point courage ; il entreprit une nouvelle campagne à travers la province de Minas, en attendant le moment de revenir à son plan d'émeute. Il parcourut vingt et une villes ; souvent au péril de sa vie, sachant que ses adversaires ne reculeraient devant rien et qu'ils saisiraient la première occasion pour l'assassiner dans un des complots qu'ils provoquaient sur son passage. Mais sa présence d'esprit, son calme et son tact le firent vaincre toutes ces difficultés.

A son retour de Minas, il apprend que le Comte d'Eu a résolu de faire un voyage dans les provinces du Nord, dans le but de les rallier à la cause monarchique. Une opinion assez répandue, quoique peu fondée, représentait d'ailleurs ces provinces comme très peu contaminées par l'idée républicaine, de telle façon que l'on a pu attribuer au représentant du trône la pensée de consolider l'empire du Nord en faire le quartier général de la monarchie d'où il ferait le siège du Sud républicain. Quoiqu'il en soit, M. Jardim résolut de s'embarquer sur le même bateau que le Comte d'Eu, et il le fit, comme il l'avait résolu.

A Bahia, il faillit être assassiné par un pauvre diable, qui s'adressa à lui dans la bagarre et lui cria :

— Dites-moi donc où est ce fameux Silva Jardim, que je le tue.

M. Silva Jardim se contenta de le regarder sans répondre.

L'assassin s'en alla à la recherche de sa victime. S'il avait été un peu plus intelligent, il aurait compris ce que signifiait le silence de son interlocuteur.

A Pernambuco, après avoir parlé dans plusieurs villes, M. Jardim ne renonça à prendre la parole dans le meeting auquel il avait convié le peuple de Recife, chef-lieu de la province, qu'après avoir obtenu du préfet de police la déclaration écrite de son impuissance à maintenir l'ordre et empêcher que le sang ne coulât.

On sait que le 15 de novembre de 1889, une révolution

militaire renversa enfin la monarchie. M. Jardim fut de ceux qui, avec MM. José do Patrocínio et Annibal Falcão, proclamèrent la République à l'Hôtel de Ville, assurant ainsi le régime nouveau contre toute hésitation de la dernière heure.

Il eut donc la satisfaction de voir réalisée la transformation politique pour laquelle il combattait depuis deux ans avec tant d'ardeur, mais il lui fut impossible de donner suite à ses aspirations et d'imprimer à la république la marche qu'il aurait voulu lui voir prendre.

“La situation brésilienne, dit M. Jardim dans son livre, était identique à celle du 7 avril 1831, à la déposition du premier empereur. Pourquoi l'émeute qui renversa D. Pedro I^{er} s'était-elle convertie en un mouvement monarchique? Parce que le groupe des exaltés s'était laissé dominer par les modérés. Il fallait éviter de nous livrer au libéraux, assoiffés de pouvoir, qui s'étaient faits républicains d'un à jour l'autre; il fallait sortir le pays de ce danger: éviter que la République fût la monarchie sans l'empereur.”

Par ces paroles on voit quel était le rôle que Silva Jardim s'était tracé et comment il avait jugé la situation dans l'accomplissement de la tâche qu'il s'était imposée; il fut admirable de courage et d'abnégation, c'est pourquoi, dans un laps de temps très court, il avait conquis une situation si importante parmi les hommes politiques de notre pays. Son talent et son prestige l'appelaient à rendre encore les plus grands services à la patrie. Sa mort est pour tous les républicains un sujet de profonde douleur. Le Brésil perd en lui un de ses fils les plus illustres.

OSCAR DE ARAUJO.

O *Rappel* de 6 de julho de 1891:

Le nom de Silva Jardim est à peu près inconnu en Europe. C'est cependant celui d'un homme qui, à l'âge où tant d'autres cherchent encore leur voie et ne savent quelle cause servir, avait accompli de grandes choses. Silva Jardim, qui vient de périr si misérablement sur le Vésuve, aura une belle page dans l'histoire de l'Amérique du Sud et notamment du Brésil, car il était Brésilien. Je l'ai beaucoup connu et je puis dire qu'il m'a été rarement donné de rencontrer un républicain à la foi plus ardente et admirant autant, aussi fanatiquement, les Français de 1789.

Si la République du Brésil existe aujourd'hui, c'est bien

grâce à lui. A peine sorti des bancs de l'école de droit de São-Paulo où il avait brillamment conquis son diplôme d'avocat, il parcourut le Brésil pour porter partout la parole républicaine. A ce moment, l'empereur dom Pedro paraissait à tous solide sur son trône et peut-être l'était-il réellement. Mais Silva Jardim, qui enviait pour son pays la constitution d'un régime libéral, sut persuader à ses compatriotes que cet empire qu'ils croyaient si puissant n'était qu'un colosse aux pieds d'argile.

Il avait, du reste, tout ce qu'il faut pour convaincre. Lorsqu'il parlait, on oubliait qu'il était de petite taille, tant ses yeux lançaient d'éclairs, tant sa figure surmontée d'une chevelure hirsute et encadrée d'une barbe noire rayonnait, tant sa parole colorée et vibrante remuait l'auditoire. D'instinct, il prenait la défense des faibles contre les forts; c'est pourquoi il a été au Brésil, si je puis m'exprimer ainsi, l'apôtre de la démocratie.

A ce point de vue, sa carrière, quoique courte, a été remarquable. Pendant deux ans, alors que tout le monde s'inclinait devant les mesures impériales, il a couru toutes les provinces brésiliennes pour faire de la propagande républicaine. Le vote du conseil municipal de São Borja lui avait donné l'éveil. Ce conseil avait émis un vœu invitant les Assemblées provinciales à examiner la question de savoir s'il n'y avait pas lieu de remplacer l'empire par la République. A juste raison, Silva Jardim en conclut que l'idéal républicain se trouvait dans le cœur de beaucoup de Brésiliens.

Et alors il se mit en campagne. L'empire, dont il avait bien jugé la faiblesse, n'osa pas l'emprisonner. Il se borna à envoyer le comte d'Eu, gendre du souverain, dans les provinces du nord pour essayer de ramener les populations à la monarchie. Que fit Silva Jardim? Il s'embarqua à bord du paquebot sur lequel le comte d'Eu avait pris passage et partout où le mari de la princesse héritière s'arrêtait, il fit des conférences républicaines. On tenta de le faire assassiner. Silva Jardim échappa miraculeusement à deux ou trois tentatives de ce genre. Il n'interrompit son voyage que le jour où les républicains de Pernambuco lui interdirent, au nom de la cause commune, de continuer sa croisiade.

Ses compatriotes l'ont mal récompensé de son dévouement. Lorsque la République brésilienne a été proclamée, il n'a pas pu être élu député parce qu'il a été combattu par les dictateurs militaires qui gouvernent le Brésil au

jourd'hui. A l'éloge des Brésiliens, il convient toutefois de dire qu'ils avaient compris leur erreur, et que déjà ils l'opposaient au maréchal Deodoro da Fonseca et qu'ils voyaient en lui le futur président de la République. Or, Silva Jardim avait à peine trente ans.

J'ai vu hier M. Joaquim Carneiro de Merdonça, qui l'a accompagné en Italie et qui a échappé miraculeusement sur le Vésuve au terrible accident dont lui, Silva Jardim, a été victime. Silva Jardim était allé en Italie pour étudier les antiquités latines. Le 1^{er} de ce mois, il était encore à Naples, avec son ami, plein de vie et de gaieté, faisant des projets pour l'avenir.

L'idée lui vint de faire l'ascension du Vésuve après avoir visité Pompéi. Au lieu de prendre le funiculaire bien connu des touristes, il s'acharna à faire son excursion en voiture. Lui et M. Mendonça partirent à trois heures pour Pompéi. De là, précédés d'un guide, ils montèrent au volcan. Ce pauvre Silva Jardim, qui bien certainement ne croyait pas être si près de la mort, plaisantait à chaque pas. "Si, disait-il à son ami, une irruption survenait, la lave, à l'endroit où nous sommes, nous atteindrait infailliblement et ce serait fait de nous."

A toute force, il résolut d'approcher des bords du grand cratère. M. Mendonça le suivait. Il était à peu près sept heures du soir. Il faisait un temps magnifique. De l'endroit où se trouvaient les excursionnistes, on voyait la belle baie de Naples, toute bleue, s'étendre jusqu'aux limites de l'horizon. Des fumerolles blanches, bleues e rouges, s'échappaient du volcan, montaient en volutes dans le ciel.

Tout à coup, M. Mendonça s'écria: "Jardim, le sol tremble; reculons!" Il n'en put dire davantage et c'est à peine s'il étendit la réponse de son compagnon. Une crevasse venait de se produire. M. Mendonça s'accrocha comme il le put; le guide épouyanté passa rapidement près de lui et inconsciemment lui donna la main. Ce secours imprévu suffit à M. Mendonça, mais lorsqu'il fut debout sur une terre plus solide, c'est en vain qu'il chercha son ami. Le bord du cratère, où il était quelques secondes auparavant, s'était écroulé et une colonne de poussière et de fumée, sortant de laves et de cendres incandescentes, indiquait seul l'endroit où se trouvait le corps de Silva Jardim.

Fous de désespoir, M. Mendonça et le guide dégringolèrent le long de la montagne. Le premier ne sentait même pas les brûlures qu'il avait aux mains. A l'heure actuelle,

ni l'un ni l'autre ne savent comment ils sont arrivés à Naples.

Silva Jardim laisse une femme, mère de trois enfants et à la veille d'en avoir un quatrième. La pauvre veuve ignore encore la mort terrible de son mari, et elle est sans fortune. Ce n'est pas l'argent qui lui manquera, car une souscription est déjà ouverte. Mais est-ce cela qui compensera l'affection de son mari, pour lequel elle avait un profond amour ?

CHARLES BOS.

Les Matinées Espagnoles de 15 de Julho de 1891 :

Il était en passe de devenir un vrai Parisien, cet infortuné Silva Jardim, le journaliste brésilien, englouti dans le Vésuve, comme Empédocle, à deux pas de son ami et compatriote, M. Joaquim Mendonça.

C'était aussi — et ni plus ni moins, dans la ville de Paulus et de Kam-Hill (où nous ne savons rien de ce qui dépasse Asnières) — un Rochefort brésilien dans le journalisme, un Gambetta d'outre-mer parlant au peuple.

La République du Brésil fut pour une grande part l'œuvre de ce tribun de 30 ans, son Président désigné pour succéder à M. de Fonseca ; une belle nature de lutteur politique, cœur chaud pour la défense de sa chimère : la Liberté ; avec une intrépidité calme devant le danger dans l'ordinaire de la vie. Sa trop courte carrière avait été semée d'aventures.

Aujourd'hui, tout le jeune Brésil pleure Silva Jardim.

Ici, à Paris, sa veuve attendait le retour du mari avec la promesse d'un quatrième fils . . .

Devant la montagne de dépêches venues d'outre-mer, impossible de taire la catastrophe horrible qui foudroie son bonheur, met dans sa vie brisée l'irréparable, et d'un coup fait quatre orphelins.

Mais M^{me} Silva Jardim est de vaillante race. Son grand-père, José Bonifacio de Andrade Machado e Silva, fut le Bolivar du Brésil et le promoteur de l'Indépendance en 1821.

Des souscriptions populaires assurent dès maintenant le sort matériel des enfants de Silva Jardim qui n'avait pour fortune que sa plume et sa parole.

MM. Oscar d'Araujo et Joaquim Mendonça, deux amis du journaliste brésilien qui fut un familier de cette Revue, me donnent un petit détail.

M^{me} Silva Jardim rentrait de Villers à Paris, avec ses enfants, orphelins déjà sans le savoir!

Dans le train, un voyageur lui offre un journal à gros titre; "La catastrophe du Vésuve.", Elle remercie l'inconnu; mais un des enfants a ouvert la portière, un coup de vent enlève le journal, au grand ennui de la jeune femme, confuse.

Et c'était, par la providence du coup de vent et la main innocente de l'enfant, quelques heures de gagnées pour le désespoir de la mère.

JEHAN SOUDAN.

A Illustration de 11 de julho de 1891:

On sait l'accident affreux dans lequel un homme politique brésilien, M. Silva Jardim, a trouvé la mort. Dans une ascension du Vésuve qu'il faisait le jeudi 1^{er} juillet en compagnie de M. Carneiro de Mendonça, M. Silva Jardim voulut à toute force, malgré les recommandations de son ami et des guides qui les accompagnaient, approcher du grand cratère. Tout à coup une crevasse s'ouvrit sous ses pieds, et M. Jardim disparut dans le gouffre. Seule, une colonne de poussière et de fumée indiquait l'endroit où il venait d'être englouti.

M. Silva Jardim était un des hommes politiques les plus éminents de la jeune république des Etats-Unis du Brésil tant par son talent et le prestige de sa parole que par la somme de services rendus à la cause républicaine.

Sa carrière politique commence en 1888; mais, quoique courte, elle a été des plus brillantes. De janvier 1888 au 15 novembre 1889, date de la proclamation de la République, il trouva moyen de parcourir successivement les provinces de Saint-Paul, Rio-de-Janeiro et Minas, allant de ville en ville porter la propagande républicaine, faisant des conférences publiques, organisant des meetings, encourageant ses coreligionnaires, ralliant les indécis et quelquefois même les adversaires.

Plusieurs fois il fut menacé de mort, mais il ne craignait aucun danger, nous disait notre distingué confrère, M. Oscar d'Araujo, à l'obligeance de qui nous devons ces renseignements.

Revenu à Rio-de-Janeiro où il exerçait la profession d'avocat avec beaucoup de distinction, il ne cessa de travailler à la propagande républicaine. Le jour de la révolu-

tion, il fut de ceux qui, avec MM. José do Patrocínio et Aníbal Falcão, proclamèrent la république à l'Hôtel-de-Ville. Son nom, d'abord indiqué pour un portefeuille dans le gouvernement provisoire, fut cependant écarté au dernier moment. Il se trouva d'ailleurs bientôt en désaccord avec le gouverneur de l'Etat de Rio-de-Janeiro, dans lequel il se présenta aux élections pour la Constituante avec une liste d'opposition qui fut battue en bloc.

A la suite de cet échec, il était venu en France pour étudier de plus près nos institutions républicaines. Sa mort sera ressentie au Brésil comme un deuil national.

O *Temps*, de 7 de julho :

M. Joaquim Carneiro de Mendonça, qui accompagnait M. Silva Jardim dans la malheureuse ascension du Vésuve, où ce dernier a trouvé la mort, est de retour à Paris. Nous nous sommes rendus ce matin chez M. Mendonça qui a bien voulu nous donner les renseignements suivants sur l'accident et sur la personnalité de M. Jardim.

«Après avoir visité Pompéi, nous dit M. Mendonça, l'idée nous vint de faire l'ascension du Vésuve. M. Jardim refusa énergiquement de prendre le funiculaire et voulut faire l'excursion en voiture. Nous partimes vers trois heures de l'après-midi, et, précédé d'un guide, nous montâmes au volcan ; M. Jardim plaisantait sur le danger que nous courions : «Si, disait-il, le volcan faisait irruption. Ce serait fait de nous!», Mon malheureux ami voulut à toute force approcher du grand cratère ; je le suivis ; il était à ce moment sept heures du soir.

«Tout à coup, je sentis sous mes pieds une forte secousse, je m'écriai : «Le sol tremble ; fuyons!», Je n'en pus dire davantage et je n'entendis pas la réponse de mon ami. Une crevasse venait de s'ouvrir sous mes pieds, je tombai et je me raccrochai au bord comme je pus. Le guide, qui à ce moment passait près de moi, me tendit la main, je me relevai. J'appelai mon ami, je le cherchai, mais ce fut en vain. Le bord du cratère s'était écroulé sous les pas de Jardim et, seule, une colonne de poussière et de fumée indiquait l'endroit où était tombé mon pauvre ami. Je n'ai pas vu tomber Jardim, mais notre guide affirme l'avoir vu disparaître dans le gouffre portant les deux mains à ses oreilles.

«Silva Jardim, qui laisse une femme. mère de trois en-

fants et enceinte de huit mois, était sans fortune. Il était âgé de trente ans; ce fut un de ceux qui ont le plus contribué à l'avènement de la République brésilienne. Il était né dans la province de Rio-de-Janeiro.

“Avocat et professeur à l'École normale de São-Paulo, il profita d'un vœu émis par le conseil municipal de São-Borja qui avait voté le projet de “soumettre au pays la proposition de prononcer la déchéance de la princesse héritière, attendu qu'elle manifestait des sentiments religieux exagérés, qu'elle était d'une incapacité notoire et mariée à un prince étranger, peu sympathique, le comte d'Eu, fils du comte de Nemours,„ pour prendre l'initiative d'une série de meetings populaires où il soutint le vœu du conseil municipal de São-Borja. C'est ainsi qu'il parcourut les provinces de São-Paulo, de Rio-de-Janeiro et de Minas.

“Il donna alors sa démission de professeur et vint s'établir comme avocat à Rio-de-Janeiro, où son talent d'orateur ne tarda pas à lui acquérir une grande réputation. Il organisa dans cette ville plusieurs meetings, où sa parole ardente prêcha la foi républicaine.

“Lorsque le comte d'Eu s'embarqua pour faire un voyage dans les provinces du Nord dans le but de rallier ces provinces à la monarchie et de préparer l'avènement du troisième règne, il s'embarqua sur le même bateau que lui et le suivit dans chaque ville où il s'arrêtait, organisant partout des meetings républicains, où il faillit être assassiné plusieurs fois.

“A Pernambuco il avait préparé un meeting sur la place publique et malgré les menaces de mort proférées contre lui et publiées dans les organes du gouvernement monarchique, il se disposait à prendre la parole lorsque le préfet de police de la ville vint le voir et lui remit une déclaration écrite dans laquelle il exposait à Jardim qu'il était impuissant à maintenir l'ordre et que s'il persistait dans l'intention de faire son meeting beaucoup de sang coulerait. En présence de cette déclaration Jardim n'hésita pas, il renonça au meeting en disant qu'il ne voulait causer la mort de personne. Jardim possède dans ses papiers à Paris, la déclaration écrite du préfet de police de Pernambuco.

“C'est alors que le parti républicain lui imposa de ne pas poursuivre cette campagne, où il trouverait sûrement la mort.

“Jardim suivit ce conseil et attendit les événements.

“Lorsque la République brésilienne fut instituée Jardim se présenta aux élections législatives contre le gouverneur de l’Etat de Rio. Il fut battu. C’est alors qu’il vint en Europe pour étudier de plus près les institutions républicaines françaises et attendre l’occasion de reprendre la lutte politique.

“Dernièrement il avait été rappelé au Brésil, par une pétition signée de 3.000 électeurs au moins, qui réclamaient sa présence parmi eux. Il avait résolu de se rendre à cet appel dès le mois de septembre prochain, lorsqu’il entreprit son fatal voyage en Italie.

“M^{me} Jardim, qui est arrivée hier à Paris avec un de ses enfants, ignore la mort de son mari. Un ami de la famille, qui s’est rendu près d’elle, la prépare à apprendre la terrible nouvelle, en lui faisant comprendre que son mari est gravement malade en Italie.”

O *Journal des Debats*, de 6 de julho de 1891.

La mort de M. Silva Jardim, ce Brésilien qui vient de périr, il y a quelques jours, en faisant l’ascension du Vésuve, causera certainement une vive émotion dans son pays.

Silva Jardim, quoique à peine âgé de trente ans; était un républicain de la veille; sous l’empire, étant étudiant en droit à Saint-Paulo, il faisait partie déjà du petit groupe des républicains. Sans fortune il donnait des leçons, écrivait pour vivre et payer ses frais d’études.

Cependant il faisait, dans les journaux, dans les meetings une propagande infatigable, en faveur de la République. Reçu avocat, il s’établit à Santos et se mit à prêcher l’abolition de l’esclavage. Enfin, il entreprit, dans tout l’empire, à travers les campagnes, les grandes et les petites villes, une tournée d’apôtre républicain et abolitionniste. Doué d’un véritable talent d’orateur populaire, il passionnait les foules. A maintes reprises, son courage, incontestable, fut mis à une rude épreuve: tantôt c’était les “fazendeiros”, propriétaires d’esclaves, qui le menaçaient, le poursuivaient, le faisaient attaquer par des hommes soudoyés; tantôt, durant ses campagnes républicaines, c’étaient les anciens esclaves qu’on soulevait contre lui en leur persuadant que la République, prêchée par Jardim, les livrerait à leurs anciens maîtres.

Silva Jardim, la République fondée, fit partie de la com-

mission chargée d'élaborer la loi électorale; il était venu en Europe pour y poursuivre ses études politiques.

Il laisse quatre enfants en bas âge; sa veuve est la fille d'un ancien ministre de la monarchie.

O *Figaro*, de 4 de julho de 1891:

M. Silva Jardim, dont nous avons il y a quelque temps annoncé l'arrivée en Europe, vient de trouver la mort à Naples dans des circonstances particulièrement émouvantes: il a été englouti par une éruption du Vésuve. Nous n'avons pas besoin de rappeler à nos lecteurs le rôle important que M. Jardim avait joué dans les derniers événements politiques du Brésil.

O *Seculo* de 12 de julho de 1891

Chamava-se Antonio da Silva Jardim.

Magro, estatura de Thiers, pallido de argila, barba inteira, rente, ponteaguda, vestindo correctamente, parecia, á primeira vista, uma d'essas nullidades elegantes, a que a natureza, satisfeita por afeminar-lhes o aspecto, regateia logar no espaço. Bastava, porém, reparar na flexão das suas sobranceiras espessas, na expressão imperativa do seu olhar para descobrir dentro d'essa mingua organica um homem, um caracter em cerne vivo.

A fortuna nunca lhe sorriu; foi o operario de si mesmo.

Nascido na antiga provincia, hoje Estado do Rio de Janeiro, veiu adolescente para a capital brazileira e entrou pela secretaria de Instrucção Publica, na época dos exames, lembrando um passaro selvagem, a voejar a esmo n'uma tonteira de luz. As suas notas foram verdadeira conquista, tamanho era o seu atrevimento no ataque ao ensino official.

Feitos os preparatorios, entrou na Faculdade de direito, em S. Paulo, como um invasor, quebrando os velhos moldes academicos, apavorando os mochos do clacissismo com o clarão aurorial da philosophia positiva. Ficou algum tempo só, aguia pairando no isolamento da sua excentricidade, mas, pouco a pouco, outros talentos, outras energias se lhe congregaram, e Silva Jardim tornou-se um centro de prestigio academico. Quando se doutorou já o seu nome era repetido pela estima publica.

Parece que sentiu então necessidade de concentrar todo

o ardor juvenil para amadurecer o espirito. Em vez de entregar-se logo á politica, recolheu-se ao magisterio; ensinou historia na Escola Normal, convertendo os discipulos em outros tantos amigos e fazendo-se respeitar como professor modelo.

A cadeira official era, porém, uma prisão e Silva Jardim precisava de toda a sua liberdade; a sua palavra, como a de Jesus, aspirava a um dorso de montanha, uma tribuna para a multidão. Demittiu-se, pois, e foi armar tenda em Santos, berço do patriarcha da independencia brazileira, cidade emancipada de todos os preconceitos e de todos os servilismos pela vida commercial.

Foi ahi que o ouvi pela primeira vez, á noite, ao clarão de archotes, no momento em que se recolhia uma passeiata civica de abolicionistas. A sua voz atenorada, monotona, produziu-me a impressão de uma labareda immovel, aquecendo forte, mesmo a distancia, mas de onde não escapava uma fagulha para ateiar incendio. Silva Jardim era então positivista orthodoxo e evangelisava, segundo a sua igreja. O seu discurso não tinha uma aresta; era uma onda mansa que espumava, de quando em quando, sem estrepito, uma aspiração popular.

Confesso que foi grande a minha decepção; contava com um agitador e deparava com um pedagogo.

Perdemo-nos de vista até maio de 1888, data em que o partido republicano de S. Paulo deliberou entrar em phase revolucionaria, declarando guerra sem tregoas ao terceiro reinado.

Silva Jardim começou então a ser o *primus inter pares*.

Na reunião de 24 de maio de 1888, convocada pelos republicanos paulistas para formar a caixa revolucionaria, capitalistas presentes assignaram quantias relativamente ridiculas. Silva Jardim era pobre, tinha já cargo de familia, porque allia-se a uma das illustres descendentes de José Bonifacio, mas, para dar exemplo de dedicação ás suas idéas, comprometteu-se por somma maior. Valeu alguma cousa o estimulo, mas apesar d'isto, elle verificou mais tarde que não era possivel confiar n'esse recurso como o principal instrumento de exito revolucionario. Deliberou, pois, agir por si só, sem pedir conselho, sem receber ordens dos chefes.

Querendo revolucionar, começou revolucionando-se. Agora já não era o orador, calmo e frio, o philosopho emfim, era o propagandista impetuoso, violento, sanguinario. Os seus

discursos estrellejavam chammás, como um ferro em temperatura branca. Parecia uma maré de fogo, avançando contra o throno.

Tendo começado o incendio em Santos, estendeu-se á provincia de S. Paulo inteira, á capital do imperio, ás provincias do Rio e Minas Geraes. Fallava em tres e quatro cidades no mesmo dia, com o relógio na mão, para obedecer ao horario das estradas de ferro. Após o seu discurso, apparecia no logar um centro republicano.

O imperio, molle e bonacheirão, encolheu, a principio, os hombros: Que fallasse; outros haviam feito o mesmo; porém, a inercia popular, a mór parte das vezes, e outras o couce d'arma do exercito tinham bastado para impedir que a semente republicana germinasse.

A propaganda de Silva Jardim, tomou, entretanto, tamanhas proporções, era tão evidente a sua efficacia, os seus resultados eram tão immediatos, que a monarchia tomou a deliberação de resistir-lhe.

Consequencia da organização revolucionaria do partido republicano foi a formação da *guarda negra*, organização anti-revolucionaria dos libertos e dos descendentes da raça negra.

O partido republicano, que nunca se julgou obrigado a fazer sua a causa dos escravos, accéitava agora como sincera a conversão dos antigos senhores, e dando-lhes, em troca da força que estes lhe emprestavam, todo o prestigio partidario, commetteu o erro de ameaçar, não immediatamente o throno, mas o reinado da mulher, que tinha tido a extraordinaria coragem de decretar a lei da abolição da escravidão.

Apezar de republicano, foi um dos que combateu este erro e dos que justificaram a attitude dos libertos. Entendi, como entendo até hoje, que só os antigos senhores tinham o direito de revolução contra a princeza, que os privou do gozo immoral da escravidão; os libertos tinham o dever de manter aquella que os havia salvo da tyrannia dos senhores.

Silva Jardim, porém, só olhava para o effeito da sua propaganda sobre a consciencia publica, e acreditando que todas as questões que decorriam da revolução humanitaria de 13 de maio, podiam ser resolvidas pela Republica, multiplicou de esforço desde que appareceram as primeiras resistencias.

Os adversarios passaram das ameaças á realidade.

Cada vez que o orador republicano assomava á tribuna, corria imminente perigo de vida; pedradas, tiros de revolver, tumultos, luctas á mão armada, interrompiam-lhe o discurso, e elle, calmo, de pé na tribuna, com os braços cruzados, o sorriso nos labios, esperava que a tormenta passasse, e continuava. Quando era de todo impossivel dominar o tumulto e se dissolvia a reunião, Silva Jardim só se retirava arriscando tanto a vida como o mais humilde dos seus correligionarios.

E' muito conhecido o episodio da viagem do conde d'Eu, esopo da herdeira da corôa, ás provincias do norte.

Como sua alteza se embarcasse a bordo do paquete *Alagôas*, o mesmo que devia transportar para a Europa a familia imperial banida, Silva Jardim tomou passagem no mesmo paquete.

A viagem principesca tinha por fim avigorar no norte, abolicionista, a fé monarchica que a lei de 13 de maio havia abalado no sul até os seus alicerces.

O tribuno republicano apercebeu-se do manejo e resolveu contrapôr, com risco de vida, uma corrente republicana á forte corrente monarchica, que ia inundar o norte.

Só uma provincia, a da Bahia, poude ouvir Silva Jardim, mas ahí mesmo, atacado á mão armada desde o momento do desembarque, e obrigados os republicanos a travar lucta, de que resultaram ferimentos e mortes, força foi interromper essa viagem em Pernambuco. Os republicanos d'essa provincia, ainda que se sentissem com força para garantir a palavra a Silva Jardim, considerando que se daria fatalmente grande effusão de sangue, de que resultaria uma revolução, que, sendo parcial, não aproveitava immediatamente á causa republicana em toda a patria, conseguiram o silencio do tribuno, publicando um protesto colectivo.

Avalia-se, porém, o effeito d'esse golpe de audacia temeraria, pela declaração que o principe itinerante se viu obrigado a fazer publica e solemnemente. Sua alteza, em nome da familia imperial, declarou que a monarchia não pretendia resistir á opinião publica; ao contrario, compromettia-se a submeter-se ao pronunciamento d'ella, feito pelos meios regulares.

Dois ou tres mezes depois d'este incidente, a monarchia era deposta, em 15 de novembro de 1889.

Para os que acreditam na Europa que o advento da Re-

publica foi exclusivamente devido ao pronunciamento militar d'esse dia, sirva este rapido bosquejo da vida de Silva Jardim para despersuadil-os. A Republica estava feita nas consciencias, precisava apenas de ser consagrada na lei.

Proclamada a Republica, a figura de Silva Jardim ganha ainda maiores proporções na sua historia. O futuro historiador, quando tiver de julgar as allianças partidarias que o grande trabalhador celebrou para dispôr de um partido, poderá ser rigoroso, mas ao ver tanto devotamento esquecido, tanto sacrificio mal aquinhado, e ao mesmo tempo tanta altivez da parte da victima, ha de lembrar-se d'estas palavras de Guizot:

“Duas coisas tão grandes, quanto difíceis, são necessarias á gloria d'um homem: supportar o infortunio, resignando-se com firmeza; crêr no bem e confiar n'elle com perseverança.”

A Republica, a que Silva Jardim sacrificára a sua vida, não teve um cargo de confiança para dar-lhe. Para não deixar trahir-se a sua justa queixa, o sacrificio voltou costas á patria e veiu para a Europa pedir ao estudo maior força de resignação e de patriotismo.

Morreu tão tragicamente como tinha vivido e ainda no ultimo momento affirmou a sua extraordinaria força de vontade, muitas vezes témeraria.

Queria ver de perto o Vesuvio. Estava em erupção; tanto melhor, assim era mais bello.

Em vão o seu companheiro e amigo reclama; em vão o guia aconselha; em vão o solo, queimando já as plantas dos caminheiros lhe faz muda advertencia. O homem das grandes audacias caminha sempre, até que uma garganta, subitamente aberta, vomitando fumo, engole-o. Ainda n'este momento supremo, o heroe não se trahe por um grito, limita-se a levar as mãos á cabeça, como unico testemunho da sua agonia silenciosa.

Bella sepultura o vulcão, extraordinario destino o do grande brasileiro; até para morrer converteu-se em lava.

JOSÉ DO PATROCÍNIO.

Do *Paiz*, de 20 de julho de 1891.

Produziu uma extranha impressão em toda a Europa a morte tragica de Silva Jardim. Havia muito que o homem não travava estas lutas medonhas com a natureza. Pare-

cia que ella compassiva e muda assistia ás lutas dos homens com as obras das suas proprias mãos. Era elle que se encarregava de crear os colossos que haviam de esmagal-o, os braços terriveis das machinas que o haviam de enlaçar no seu amplexo atrás, a triturar-lhe os ossos, e dar-lhe a horrivel morte. O proprio oceano como que se limitava a receber no seu seio as victimas dos grandes conflictos dos monstros marinhos ideados e fabricados pelos homens, e que esbarram uns com os outros na amplidão dos mares. O naufragio tem benevolencias inesperadas, a onda já acaricia mais do que engole os desgraçados que sossobram. Out'ora a Historia tragico-maritima não falava senão dos galeões que se perdiam no mar alto, que batiam nos rochedos de uma costa inhospita, e cujos mareantes se viam perdidos, longe de todo o soccorro humano, na solidão immensa dos mares ou na aridez dos longos desertos.

A Historia tragico-maritima da auctualidade já não fala senão em desastres provenientes do encontro do homem com o homem nos páramos do oceano. Dantes a apparição de uma vela era saudada com alvoroço, com alegria pelos desajudados naufragos; hoje a noticia da approximação de um navio não inspira senão terror e angustia. Os desastres maritimos são quasi sempre os abalroamentos ou as colisões, como hoje se está dizendo á ingleza. Dantes eram ainda os deuses que fabricavam uns monstros excepçionaes, como o que matou Hippolyto, e que de tão má vontade foi trazido á terra pelas vagas, segundo Théràmène conta na tragedia de Racine:

Le flot qui l'apporte récule épouvanté.

Hoje são os monstros fabricados pelos homens que sulcam as ondas em todos os sentidos, e que esbarram uns com os outros, golphando pelas bôccas escancaradas fogo e fumo, escapando á mão do homem que pretende dirigil-os, e despejando nos mares uma immensa canastrada de victimas.

Em terra que importam os vendavaes, as tempestades de neve, as avalanchas? O que dá a morte são esses hippogryphos de fogo que ascendem ás mais altas montanhas, que percorrem no mais doido galope as planicies e que esbarram tambem uns com os outros como os seus congeneres do oceano, que desfazem debaixo do pêso da sua massa multiplicada pela sua velocidade as pontes trementes, e que dão a morte aos viajantes.

O proprio raio já não ousa fazer victimas. O raio não é senão a electricidade no estado selvagem, e, desde que na America o raio domestico dá a morte simplesmente quando o executor de uma sentença carrega n'um botão, não seria ridiculo que o raio bravo fizesse um estradalhaço extraordinario de trovoadas e de tempestades para executar um viandante qualquer?

A morte pelo raio é uma especie de lei de Lynch meteorologica, e os elementos muito mais disciplinados do que os cidadãos da grande republica norte-americana já se não atrevem a fazer por sua conta execuções illegaes.

*

Por isso, quando constou que Silva Jardim fôra engulido pela terra, pela cratera do Vesuvio, como que nos sentimos voltados aos velhos tempos em que a natureza travava com o homem as suas lutas medonhas, sem que ninguém pensasse em lhe adivinhar os caprichos ou em lhe domar as violencias. Hoje a natureza sente-se espiada, illaqueada pelo homem. O Vesuvio deve saber que tem um observatorio que lhe não permite fazer um movimento sem que o sabio Palmieri o communique immediatamente a toda a terra. Firma-se um tufão no extremo Oriente, e vem por esses mares fora, n'um caminhar furioso, desenfreado, ameaçando semear de naufragios o oceano, as costas de destroços, os portos de descozidas pranchas. Chega e não encontra senão navios á capa, completamente abrigados, fortemente amarrados, que desafiam impunemente as suas estereis furias. Não sabe este pobre tufão antiquado que ha uma fôrça mais rapida do que elle que o precede como um correio mysterioso, que pulsa nos fios do telegrapho e que por toda a parte espalha a noticia da sua approximação. Assim tambem os cyclones do Atlantico não conseguem chegar á Europa sem que sejam annunciados por todos aquelles que passam a vida a espreital-os, como aquelle velador nocturno do *Agamemnon* de Escylo, que espreitava para além do Archipelago a chamma que lhe havia de annunciar a queda de Troya e o regresso do vencedor.

*

Ora foi n'um tempo assim em que tudo são precauções e commodidades, em que os caminhos de ferro funiculares dispensam as ascensões, em que a rapidez do trajecto faz

desapparecer os perigos das viagens, que de repente re-soou em toda a Europa a noticia da morte de Silva Jardim devorado pelo Vesuvio. O que! tinhamos, pois, voltado aos tempos legendarios em que Empedocles se precipitava na cratera do Etna ou ás épochas sinistras da historia romana, em que Pompeia desapparecia suffocada pelas cinzas do Vesuvio, em que Plinio, o antigo, o naturalista, o almirante, arrastado pela insaciavel sêde do saber, pela curiosidade ardente do explorador, cahia victima tambem das coleras do vulcão! Com mais facilidade ainda succederá que um bello dia nas alturas de S. Bernardo algum viajante, surprehendido pela neve, cahirá no somno traiçoeiro que precede a morte, e será salvo por aquelles cães das gravuras, que levavam pendente do pescoço a campainha que chamava por soccorro, e o frasco de aguardente, que reanimava os entorpecidos. E todos esses romanticos episodios de viagem que o passageiro de um *sleeping-car* tem tranquillamente n'um comboio do Sud-Express ou do Orient-Express tornarão a ser realidades no meio da nossa civilização, no meio das nossas infinitas precauções! Era como se um tigre nos saltasse ás guelas em pleno Chiado, como se se moresse de sêde em Paris a pouca distancia de uma fonte Wallace, ou como se se fôsse devorado por um bando de cannibaes em Trafalgar-Square.

Por isso tambem quando Carneiro de Mendonça e o guia vieram, aterrados, pallidos ainda dos perigos que tinham corrido e da tragedia a que tinham assistido, contar para Napoles que Silva Jardim morrera devorado pelo vulcão, a policia riu-se e prendeu-os! Que phantasista era este que vinha impingir á policia um capitulo de um romance de Alexandre Dumas para encobrir a historia vulgar de um assassinio e de um roubo? A policia achava naturalissimo que um homem assassinasse outro homem á beira do Vesuvio, mas que o proprio Vesuvio fôsse o assassino, isso é que a policia não engulia. A policia bem sabe que na Italia do sul só o Vesuvio é que não está filiado na Camorra ou na Mão Negra. Pobre vulcão calumniado!

*

Eu conheci Silva Jardim em Lisboa. Seguindo com interesse desde muito a historia do que se passa no Brazil, conhecia bem a propaganda ardente que elle fizera a favor da causa republicana. Posto que não partilhasse as suas

idéas, rendia homenagem á intrepidez d'aquelle espirito. Parece que alguma coisa semelhante se passava na sua alma, porque Silva Jardim procurou conhecer-me, e, quando a pouca distancia do Tejo, sahindo elle do Hotel Atlantico, o vi dirigir-se para mim, acolytado por um amigo commum e estender-me, com uma verdadeira expressão de sympathia, a sua mão aberta e franca, senti-me prêso tambem por aquelle olhar tranquillo e firme, por aquella physionomia que não tinha o ardor e a aspereza dos energeticos, mas que tinha a serena doçura dos perseverantes.

La partir para uma viagem na Europa. Voltaria a Lisboa, e então conversariamos mais largamente. Entramos em relações com um aperto de mão, separámo-nos com um abraço. Não voltou mais. O Vesuvio curioso quiz saber d'elle como é que irrompem dos grandes vulcões sociaes, d'essas crateras que se abrem surdamente na terra da politica, essas erupções medonhas de lavas e de cinzas, de fogo que tudo purifica, e de lama que tudo mancha, que se chamam Revoluções!

*

Quando chegou a lamentavel noticia, eu e o amigo a quem me referi, o eminente escriptor Fernandes Costa, trocámos ao encontrar-nos as expressões do natural espanto que tão extranho acontecimento nos causava e da dôr que nos fazia experimentar. E foi então que elle me contou o facto que vou referir e que não contribuirá pouco para explicar os factos que se deram em Napoles, á beira da cratera do Vesuvio.

Fernandes Costa, que tem uma filha interessantissima, fôra com ella, com Silva Jardim e com a esposa d'este illustre brasileiro passear a Cascaes. Como era natural, a sua primeira visita fôra para a Bôcca do Inferno, logar que tem sido ultimamente assignalado por alguns desastres impressionadores; como é aquelle o sitio mais pittoresco de Cascaes, ao domingo muitas familias alli vão passear alegremente, approximam-se um pouco temerariamente da fimbria dos rochedos. Escorrega-lhes um pé ou não teem força para resistir á onda que bate com violencia, e que, ao refluir como que resabiada pela energica defeza dos rochedos fugosos e immoveis, arrasta comsigo os incautos espectadores.

Qual não foi o espanto de Fernandes Costa quando viu Silva Jardim, impavido e ligeiro, saltar de penhasco em

penhasco com a ligeireza de um gamo e a segurança de pé de um cabrito montez! Lembrou-lhe que corria um sério perigo, procedendo assim, porque a rocha era escorregadia e porque a vaga podia vir inesperadamente surprehendel-o no meio dos seus saltos á Léotard. A esposa de Silva Jardim, tranquilla e como que orgulhosa, ria-se do terror que se revelava no rosto amigo de Fernandes Costa, e Silva Jardim, sereno e descuidoso, respondia:

— Oh! não ha perigo! sou bom gymnastico! Foi educado assim.

Esta narrativa de Fernandes Costa lança luz completa nos mysterios da tragedia do Vesuvio. Contava com a sua agilidade, com o seu sangue-frio o intrepido viajante. Elle que convivera e luctara com a grande, com a magestosa natureza americana, não podia recuar diante das rabugices d'este velho vulcão do velho continente! Pois o Vesuvio imaginava que podia metter medo a um americano! elle que ficara exaustão com a submersão de Pompeia, com a destruição de Herculano e de Stabie! elle que via, sem protesto, humildemente, estarem alli aos seus pés a desamortalhar da sua cinza e da sua lava Pompeia — a sepulta! Elle, que está reduzido ao humilde papel de ser mostrado aos viajantes como uma curiosidade da terra! simples gigante, a quem é permittido fumar, e que d'aqui a pouco tempo será obrigado, se não bastar a sua exhibição, a fazer habilidades para chamar gente!

E enquanto ha europeus que ousam transpor a grande maravilha americana — a cataracta do Niagara, sem se importarem nem com os seus rugidos que ensurdecem, nem com a sua espuma que cega, elle, um americano, havia de hesitar diante da tosse e dos escarros do Vesuvio, dos calafrios da montanha e dos bocejos da terra quente! Encolheu os hombros o intrepido brasileiro, seguiu ávante e morreu!

*

Quando se submergia, viram-n'o os seus companheiros tapar os ouvidos com as mãos como se escutasse um ruido medonho.

“O ouvido attento, diz Soares de Passos.

No silencio das campas nada escuta.”

O que ouviria elle n'aquella enorme rampa rugidora, que foi ha dezenove seculos o tumulo de Plinio?

A *Gazeta de Noticias* de 4 de julho :

À distancia de alguns kilometros de Napoles, n'uma planície tristonha, resequida, despida de vegetação, e cujo exame incute na alma do observador uma inexplicavel impressão de saudade do que se não conheceu, um invençivel torpor de espirito, um infundado pavor não se sabe bem de que — n'esse sitio tocado de um colorido especial, de uma tristeza tranquillã e serena, assesta-se a cidade morta de Pompeia. Acima da extincta cidade levanta-se o gigante do Vesuvio.

Todos os viajantes e *touristes* que descem até ao extremo da península italiana e chegam até Napoles, são fatalmente attrahidos por aquella baforada de fumo, que durante todo o dia se escapa pela bôcca escancarada do vulcão, semelhantemente á chaminé de uma poderosa locomotiva, condemnada á immobilidade e á consumpção perenne e inutil de um milhar de toneladas de carvão . . .

À noite, labaredas enormes destacam-se do elevado pico, simulando uma interminavel fogueira, inextinguivel e constante, ateadã mesmo nos altos páramos, pondo a duvida no espirito do observador se aquillo é a terra a que pegou fogo, se é o proprio céu que se abraçou.

De todos os pontos da viva e alegre cidade de Napoles é visto o elevado monte; toda aquella população sabe de cór a historia do vulcão, a vasta hecatombe que assignalou a passagem da lava encandescente, nas vezes em que a cratera disforme escancarou a fauce e lançou cá para fóra e morro abaixo a morte corrente e deslisante, alastrando-se por toda a parte, cobrindo cidades, enchendo os vallados, petrificando as arvores seculares, fazendo recuar o proprio mar, sacudindo os navios ao longe, tangidos por uma vaga formidavel que não vinha das correntezas oceanicas, mas da revolta da terra, por uma vez e excepcionalmente senhora e dominadora da situação.

Os napolitanos vêem aquillo como se vê um quadro horrivel de batalha — horrivel sem consequencias, porque a sciencia ensina que os vulcões activos têm um derivativo na propria actividade, e aquelle ferver constante da temivel fornalha subterranea, aquelle vomitar ininterrupto de lava incandescente, é a garantia bastante, para os que habitam as suas proximidades, de que a erupção com o caracter de cataclysmo difficilmente surgirá.

Demais, mesmo junto á cratera do Vesuvio ha um obser-

vatorio que, de cinco em cinco minutos, recolhe observações relativas aos movimentos, ao existir, ao *modus vivendi* do monstro *sob e subterraneo*; sabe-se se a quantidade de lava expellida augmentou, se desceu ou subiu a temperatura, se o terrivel vulcão ruge com mais fôrça, se mais apaziguado se mostra . . .

E os *touristes* attrahidos pelo espectaculo admiravel, pela tradição historica, pelos Baedeker tão indispensaveis como os passaportes, não podem resistir á seducção, e eil-os a caminho da Torre del Greco, da Annunciada e ahi em Castellamare, a duas leguas de Napoles, onde chegam por via ferrea, depois de visitarem Pompeia, que vive na sua morte, exhibindo toda a existencia da cidade no momento em que flagrantemente colheu-a a inundação da lava ardente — não se sentem com fôrça de regressar sem subir á montanha, indo acompanhados de um guia vêr de perto o Vesuvio, o grande Vesuvio historico, o tristemente celebre vulcão, que, como um animal feroz depois de haver cevado toda a sua voracidade sobre quatro povoações inteiras, ainda ruge ao lado e a cavalleiro da maior das quatro, como que montando guarda á mais rica das suas presas, á mais bella das suas victimas . . .

Foi ahi, que, segundo um telegramma que hontem recebemos de Roma, succumbiu Silva Jardim.

Difficilmente poderiamos traduzir diante do publico a impressão dolorosa que nos feriu a alma, ao lêr as palavras com que o telegramma, transmittido em lingua italiana, dava-nos a tristissima noticia.

“Silva Jardim cahiu na cratéra do Vesuvio. Seu compaheiro Mendonça salvou-se milagrosamente. O ministro F. Cunha dirigiu-se ao marquez de Rudini, ministro de estrangeiros, pedindo-lhe que ordenasse a pesquisa necessaria para o encontro do cadaver.”

O inesperado d'esta morte desastrosa consternou-nos a todos. Cidadãos de todas as classes, mal acreditando na triste nova, commentavam o lamentavel successo, ao lerem o telegramma que em original affixámos em nossa porta.

E de par com os commentarios, as exclamações legittimas e sinceras que a perda d'esse illustre moço e grande patriota devem forçosamente acordar na alma de todos, que n'estes ultimos tempos estudam os negocios d'esta patria, dos que se interessam pela vida do nosso paiz, dos

que sabem avaliar os caracteres d'aquelles que mais trabalharam, mais se esforçaram pela implantação do regimen que, dentro de pouco tempo, deve assegurar a perfeita liberdade do Brazil pela victoria completa dos principios democraticos.

E entre estes, não ha negar: cabe um logar entre os primeiros a Silva Jardim.

Era um forte, na justa accepção do vocabulo. Um forte, com todos os requisitos para o ser: talento, audacia, ambição.

Talento, que illustrou lendo muito, preparando-o e educando-o na escola positivista, de que se afastou apenas nas exigencias da orthodoxia, libertando-se d'isso pela propria revolta innata do seu caracter.

Audacia desmedida; audacia que o incitava a provocar os adversarios, a ir buscar-os nas suas trincheiras, atirar-lhes alli mesmo o cartel de desafio, falando de republica nos mais ferrenhos arraiaes da monarchia, celebrando conferencias por toda a parte, conferencias que eram guerrilhas, conferencias em que elle conferente ia armado de revolver e os seus adeptos acercavam-se d'elle, igualmente armados e prevenidos, esperando a cada hora uma aggressão e um conflicto.

Ambição, desmesurada; ambição nobilissima, de ser chefe, de commandar, ambição de dirigir o movimento, cargo e responsabilidade para que tinha especial tendencia e a que era incontestavelmente talhado pelos attributos notaveis de que dispunha: ordem no trabalho, minuciosidade no detalhe, supremacia com os inferiores, dignidade para os seus pares, regularidade de correspondencia, estudo de caracteres, superioridade de animo, uniformidade na obra.

O Silva Jardim fez-se para aquillo. Nasceu propagandista, e propagandista devia morrer. A republica veiu surprehendel-o em meio do seu ingente trabalho: para elle teria sido melhor a republica pela revolução, uma republica feita após um abalo social, ainda que custasse o sangue, a vida de alguns.

E não seria elle quem se furtasse a pagar esse primeiro tributo: ainda quando a idéa da republica era apenas uma utopia, já elle offerecia a sua vida em holocausto, já a ariscava em favor da sua idéa dominante, da sua idéa fixa. Em Valença queriam matal-o; elle não fugiu. Em 30 de dezembro, n'esta capital, quizeram arrancal-o da tribuna,

no salão do Club Gymnastico: elle conservou-se sereno, tranquillo junto á mesa, a prégar a palavra da fé republicana, tendo por acompanhamento os tiros de rewolver e o barulho dos projectis atirados pelos asseclas dos inimigos dos republicanos.

Em Angustura, em Minas, quando viu diante de si uma horda de selvagens ameaçando-o de morte, apontando a seu peito as armas carregadas, elle disse muito calmamente:

“Atirem, matem: para mim, a morte é um accidente da vida.” E essa phrase salvou-o.

E’ difficil, é impossivel traçar o perfil notabilissimo d’essa individualidade que entre nós acudiu ao nome de Silva Jardim.

Elle foi, pela sua pertinacia, pela sua tenacidade, pela sua insistencia, o republicano que mais influu para a quêda inesperada da monarchia no Brazil.

O que lhe faltava no physico para commandar, suppria elle habilmente pela somma de auctoridade que a si mesmo se arrogava. Vivia unicamente para a sua idéa, e para a sua pessoa como propulsor e guarda da sua idéa.

D’ahi o orgulho do seu eu, a natural eleição que de si mesmo fazia para o primeiro posto não só entre os combatentes, mas já entre os vencedores; e d’ahi tambem os atritos que teve com os seus proprios correligionarios, ás vezes feridos pela aspereza com que elle exercia a sua auctoridade de chefe.

Character purissimo, integro, inquebrantavel; coração meigo para a familia, incorruptivel e nada indulgente para os casos politicos em que se via envolvido; republicano de uma só fibra, unica, inteiriça; patriota quasi exaggerado, semi-louco; Silva Jardim deixa um nome respeitavel para nós os de hoje, e que será motivo de séria meditação para os que depois vierem...

Elle que tanto trabalhou pela republica, elle que se fez o paladino da idéa, que soffreu os apodos, que arcou com as calumnias, que se constituiu o alvo dos remoques e dos ataques dos que combatiam o partido hoje vencedor, o que teve elle, o que lhe coube depois que o imperio do Brazil se transformou, por uma adhesão extensa, — tão extensa que veiu do Amazonas ao Prata — na grande republica federativa dos Estados Unidos do Brazil?

A resposta a esta interrogação, a ser justa, não offende

a sua memoria; macúla e deturpa os sentimentos de justiça dos que hoje dirigem os destinos d'esta patria.

E o grande batalhador, que agora passa á historia succumbindo como Plinio o Naturalista, alliando o seu nome ao nome do Vesuvio, morreu pobre, pauperrimo, deixando sua familia, mulher e quatro filhinhos, em Paris, para onde os havia conduzido quando entendeu de ir espairecer as suas máguas, e de ganhar novas fôrças, retemperando o animo e adquirindo melhores conhecimentos.

Não é uma offensa, nem é um desrepeito á sua memoria dizer que em Paris elle vivia graças á pensão de 1,000 francos, que um espirito superior e seu admirador e amigo allí lhe fornecia . . .

Quer isso dizer que Silva Jardim deixa em más condições os seus quatro filhos; quer dizer que o grande patriota e esforçado trabalhador da republica tem direito a um justo aprêço dos seus coevos, para que os nossos posteros não nos accusem de ingratidão ou de ignorancia.

A *Gazeta de Noticias* abre em suas columnas uma secção para deposito de contribuições com que os patriotas queiram concorrer para esta obra de justo reconhecimento, em favor dos filhos do operoso trabalhador da patria; o deputado Nilo Peçanha associando-se á nossa idéa, solicitará de seus collegas da representação nacional a contribuição que cada um quizer fornecer. O sr. Rodolpho d'Abreu, conhecido banqueiro e republicano empregará identicos esforços.

O Jornal do Commercio de 4 de julho:

Causou grande consternação n'esta cidade a noticia da tragica morte do dr. Antonio da Silva Jardim, que nos fôra communicada pelo telegrapho.

Nas duas casas do Congresso a infausta nova repercutiu dolorosamente. No Senado o sr. Quintino Bocayuva requereu que se lavrasse em acta um voto de pesar pela perda de tão distincto servidor da patria; na Camara, os srs. Sampaio Ferraz e Annibal Falcão, em orações cheias de brilho e emoção, requereram que se lavrasse em acta igual voto e se suspendesse a sessão.

Na massa popular a mágua não foi menos sensível e para exprimil-a surgiu logo a idéa de render á sua memoria significativo preito. Uma commissão, a cuja frente se acham os srs. drs. Sá Valle, Aristides Lobo e Sampaio Ferraz,

projecta para o setimo dia de seu passamento uma commemoração funebre.

O sr. deputado Nilo Peçanha abriu na camara uma subscrição — que foi immediatamente coberta de assignaturas — destinada a auxiliar a familia do illustre morto, e a idéa de se decretar á sua distincta esposa uma pensão, aventada pelo sr. Sampaio Ferraz, foi tão bem recebida, que é provavel seja apresentado o respectivo projecto de lei no princiro dia de sessão.

De varios pontos do interior, tem o sr. dr. Sá Valle amigo intimo do morto e seu companheiro de trabalho como advogado, recebido grande numero de telegrammas de condolencias.

— Taes demonstrações de sentimento exprimem bem quanto o paiz confiava do valente propagandista. Era ainda o dr. Silva Jardim muito moço, pois contava apenas trinta e um annos; e na vida politica não havia surgido ha mais de quatro. Apenas formado, contrahira matrimonio com uma distincta filha do finado conselheiro Martim Francisco. Continuou por algum tempo o exercicio do magisterio, de onde tirára recursos para concluir o curso juridico; mas dentro em pouco, resolvido a encetar o exercicio da sua profissão, foi para Santos, onde abriu banca de advocacia com seu cunhado o Dr. Martim Francisco Filho. Fôra sempre republicano; mas relevado ao segundo plano. Ahí em Santos, estudando a situação que se creára para o Brazil com a lei da abolição, meditando e reflectindo, teve a intuição, que se pudera dizer prophetica, de que estava proximo o advento da republica, de que ella seria proclamada por um golpe de mão e de que esse golpe se daria n'esta Capital. Estas tres proposições encontram-se frequentemente enunciadas como axiomas nas conferencias que de 1887 a fins de 1889 pronunciou na peregrinação que emprehendeu por quasi todo o paiz. Rompeu abertamente com as tradições e com os processos do seu partido e pré-gou ás escancaras a sua imprestabilidade, affirmando que a republica não poderia vir pela evolução parlamentar, mas sómente pela revolução. Foi um reflexo d'essa prédica o manifesto paulista que promettia combate ao terceiro reinado *em todos os terrenos*.

A sua propaganda ficou memoravel; houve n'ella affirmações temerarias, de coragem, de audacia, de vehemencia auctoritaria. Quando elle pensou que se approximavam os tempos do successo que previa, transferiu o seu domicilio

para esta cidade e teve a satisfação de assistir á realisação da sua prophécia. Dentro em pouco exilava-se amargurado, se não desilludido, e quando annunciava aos amigos que regressaria á patria em setembro, depois de breve excursão pela Italia, encontrou a morte na cratera de um vulcão.

Em tão rapido periodo, empregado na colossal tarefa de demolir instituições de tantos annos firmadas, não teve tempo nem ensejo de participar de feitos que se relacionam com a vida governamental da patria; mas havia em certo momento consubstanciado uma idéa, que venceu, e revelava então taes qualidades de espirito e de character, que justo é que se lamenta o muito que se perdeu no muito que elle promettia.

O Paiz de 4 de julho :

Segundo telegramma affixado por dois illustres collegas, falleceu em Napoles, ante-hontem, o dr. Silva Jardim, devorado pela cratera do Vesuvio, na qual desastradamente cahira.

Essa noticia terrivel correu rapidamente por toda a cidade, communicando a todas as almas um fremito de horror e uma indizivel tristeza.

Voluntariamente exilado da patria, afastado por leguas e leguas de oceano do nosso convivio social, alheiado por circumstancias complexas da immediata collaboração na politica do paiz, não estava entretanto esquecido o dr. Silva Jardim, e o Brazil muito confiava no seu talento e muito esperava do seu patriotismo.

Não ha brasileiro que lhe desconheça o nome e ignore os seus inestimaveis serviços á republica.

Dir-se-hia que um funesto presentimento apressara o nosso inditoso patricio a escrever as suas memorias politicas.

A auto-visão, quiçá inconsciente, do seu proximo termo, levou-o — quem sabe? — a contar lealmente aos seus concidadãos todos os esforços que empregara, todas as luctas que teve de travar, todas as amarguras que padeceu, todas as victorias que alcançou para implantar na terra do seu berço a fórma republicana.

Applacada a surpresa dolorosa d'essa noticia fatidica, serenado, o espirito de quantos sentiram essa desgraça — e todos foram — adquire-se a triste convicção de que o inditoso moço teve o destino fatal, embora cruel, de todos aquel-

les que têm desempenhado a missão social que elle preencheu no Brazil.

E de facto a missão de Silva Jardim completou-se no momento historico em que o pavilhão republicano se desdobrou glorioso n'este largo trecho da America.

Elle foi um propagandista, um precursor, um arauto; veio na frente, ousado, sósinho, forte pela sua fé, grande pela sua coragem, invencivel pela sua calma, ateando de terra em terra, de logarejo em logarejo, de cidade em cidade, através dos odios, dos escarneos, da incredulidade e dos gelos da indifferença, o incendio lento da idéa republicana.

Não descansava por não conhecer a fadiga; não parava porque era arrastado pela força insustavel de uma grande idéa; não descreia porque todo elle, alma e corpo, era da sua fé; não desanimava porque andava cego pelo esplendor do proprio entusiasmo.

Era ainda cedo para justamente avaliar a grandeza d'essa obra.

Mas o seu fim prematuro veio encurtar subitamente a distancia de tempo que era necessaria para medir-lhe o vulto. O grão fecundo que elle semeara germinou, graças a outras causas, e os seus fructos surgiram improvisamente n'uma subitanea eclosão fantastica. O trabalho do sapor estava findo, e terminada a missão do arauto.

Na esphera politica não póde um só homem exercer duas funcções diversas, e uma só actividade não comporta o messiado e a execução de uma idéa.

Assim se explica, talvez, o relativo insuccesso de Silva Jardim nos primeiros trabalhos de reorganisação da patria, e o seu subsequente afastamento d'ella.

Isso, porém, não apequena de nenhum modo a grandeza dos seus serviços á democracia, nem lhe veda o ingresso glorioso no Pantheon dos seus benemeritos.

O seu nome, que um espantoso desastre acaba de incrustar imperecivelmente no bronze da historia, aureolando-o com a poesia mysteriosa e terrivel de um dos fins mais tragicos que ella tem registrado, o seu nome ha de fulgurar e arder através das edades, nos fastos sociaes e politicos d'este paiz, como as lavas phantasticas que lhe devoraram o corpo.

Filho de paes honrados e pobres, nasceu Antonio da Silva Jardim na villa de Capiravy, na ex-provincia do Rio de Janeiro, aos 18 de agosto de 1860.

Após grandes sacrificios, vencidos pela sua ferrea energia, matriculou-se na faculdade de direito de S. Paulo om 1 de abril de 1878.

Foi brilhantissimo o seu tirocinio academico. Sem descurar dos estudos juridicos, publicou (em collaboração côm Valentim Magalhães) as *Idéas de moço* e *O General Osorio* e escreveu depois o pamphleto critico *A Gente do Mosteiro*, que levantou enorme celeuma, e a *Critica da escada abaixo*; collaborou na *Provincia de S. Paulo*, passou de revisor a redactor da *Tribuna Liberal* e fundou e redigiu ainda em companhia do seu referido amigo e collega *A Comedia*, pequeno jornal que pôz uma nota revolucionaria na imprensa paulista.

Formado em 1882 desposou em maiô do anno seguinte uma das filhas do fallecido conselheiro Martim Francisco Ribeiro de Andrada.

De 1883 a 1886 dedicou-se com brilhantismo ao magisterio; transferindo n'esse anno a sua residencia para Santos, alli advogou até 1888.

Data a sua carreira politica de 19 de janeiro d'esse anno, dia em que fez a sua primeira conferencia publica, erguendo brado patriotico de reforma da constituição.

D'ahi, até 15 de novembro de 1889, são tão recentes e conhecidos os seus trabalhos e serviços, que, relembra-los, fora ocioso.

Ausente da patria, viajando pelo velho mundo, não deixou, comtudo, de trabalhar e, ao fallecer, tinha varias obras em preparação, entre as quaes as suas *Memorias e viagens*.

Silva Jardim deixa na orphandade tres filhos, dos quaes apenas o mais velho estava com seus paes na Europa.

O *Diario de Noticias* de 4 de julho.

Bem poucos nomes n'estes ultimos annos gozaram de tanta popularidade e foram pronunciados com tantos applausos como o d'este arrojado moço que a morte acaba de arrebatá-nos de modo tão tragico.

A noticia telegraphica que nos annunciou o termo da existencia de Silva Jardim echoou dolorosamente em todos os corações brazileiros, gratos ao propagandista por excellencia e um dos mais fortes cooperadores da victoria da democracia em nosso paiz.

Ninguem no Brazil ignora o nome de Silva Jardim; nin-

guem no Brazil ignora a sua propaganda, ás claras, cercado de mil perigos, lutando contra todos os elementos, a má vontade dos governos do imperio, a ignorancia do povo, que elle procurava chamar ás suas idéas, e as arriscadas viagens pelo interior do paiz, principalmente aquella que em junho emprehendeu em companhia do conde d'Eu, fazendo a propaganda republicana nas cidades onde este saltava, acompanhando-o como implacavel sombra, destruindo com a sua presença o effeito produzido pela do principe consorte.

A indomavel força de sua vontade, a magia de sua palavra, sempre inspirada, tudo venciam.

Elle foi um luctador. Elle foi um heróe. Mais feliz que muitos, teve a ventura de assistir á victoria de suas idéas em 15 de novembro de 1889.

Tinha defeitos? Quem não os tem?

Era orgulhoso dos seus serviços, e esta qualidade não pouco concorreu para que muitas vezes se visse em lucta com os seus proprios correligionarios.

Ninguem, porém, poderá jámais contestar os immortaes serviços por elle prestados á Republica.

O seu nome é uma legenda.

Moço e em toda a virilidade da sua grande intelligencia e do seu grande coração de patriota, a morte colheu-o fóra da patria e quando ainda esta muito d'elle esperava.

Morreu do modo mais tragico. O convencionalismo dos sete palmos de terra cobertos por uma fria lapide, não foi feito para o grande agitador. Aquella vida tempestuosa, cheia de combates, de lutas e de sacrificios, findou na cratera de um vulcão.





